

# FIDEL

O tirano  
mais amado  
do mundo



Humberto Fontova

leYa

# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros, disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.Info](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

*Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível.*



# Ficha Técnica

Copyright © Humberto Fontova, 2005

Tradução para a língua portuguesa © Texto Editores Ltda., 2012

Título original: Fidel – Hollywood's Favorite Tyrant

Diretor editorial Pascoal Soto

Coordenação editorial Tainã Bispo

Indicação editorial Leandro Narloch

Coordenação de produção Carochinha Editorial

Tradução Rodrigo Simonsen

Preparação de texto Frank de Oliveira

Revisão de provas Daniela Sumyk, Débora Tamayose, Mariana Tomadossi,

Maurício Katayama e Simone Oliveira

Índice Simone Oliveira

Capa Gilmar Fraga

Créditos das imagens

Doug Colier/AFP • AP Photo/Glowimages • AFP • Rex Features/Keystone • Timothy L. Flowers/Departamento de Defesa dos EUA • Ann Johansson/Corbis/Latinstock • RT/AP Photo/Glowimages • AP Photo/Glowimages • AP Photo/Glowimages • Saul Loeb/AFP • TopFoto/Keystone • AKG-Images/Album/Latinstock • Pictal/Glowimages • Alan Diaz/Reuters/Latinstock • Lucy Nicholson/Reuters/Latinstock

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Fontova, Humberto

Fidel : o tirano mais amado do mundo / Humberto Fontova ; tradução Rodrigo Simonsen. – São Paulo : Leya, 2012.

ISBN 9788580444995

Tipo de suporte: e-Book

1. Castro, Fidel, 1926- – Opinião pública 2. Comunismo – Cuba – História 3. Cuba – Condições sociais – 1959 4. Cuba – Opinião pública norte-americana 5. Cuba – Política e governo 6. Cubano-americanos – Atitudes 7. Direitos humanos – Cuba – História – Século 20 8. Meios de comunicação – Objetividade – Estados Unidos 9. Opinião pública – Estados Unidos 10. Políticos – Estados Unidos – Atitudes I. Título.

12-10770 DD-972.91064092

Índices para catálogo sistemático:

1. Castro, Fidel : Ditador cubano : Biografia : História 972.91064092

2012

Todos os direitos desta edição reservados à

TEXTO EDITORES LTDA.

[Uma editora do grupo Leya]

Rua Desembargador Paulo Passaláqua, 86

01248-010 – Pacaembu – São Paulo – SP

[www.leya.com](http://www.leya.com)

À maior geração cubana: os combatentes da liberdade, vivos e mortos, da Brigada 2.506, da Revolta de Escambray, e todos aqueles que lutaram contra o comunismo; e aos pais que sacrificaram tudo para trazer-nos aos Estados Unidos, especialmente aos meus pais, Humberto e Esther Maria.

# PREFÁCIO

Cuba está a apenas 145 quilômetros dos Estados Unidos, mas pouquíssimos americanos sabem que uma tirania comunista que rivaliza com a da Coreia do Norte – e que teve armas nucleares décadas antes daquele país – está logo ao largo da costa da Flórida. A história da Revolução de Fidel Castro é conhecida  *pessoalmente* por todos na Little Havana, em Miami. Mas é desconhecida fora dali – ou ao menos a verdade sobre ela é ignorada. Então, a mídia de esquerda e a Hollywood de esquerda saem com as mais ultrajantes mentiras sobre Cuba e os cubano-americanos. Este livro destina-se a destruir seus mitos com a verdade.

Este também é um livro para expressar gratidão aos milhares que arriscam suas vidas para lutar contra o comunismo em Cuba – e aos Estados Unidos, que nos deram, como exilados, as mais calorosas boas-vindas que alguém jamais recebeu. O processo de se tornar americano não foi fácil para nossos pais, que chegaram sem dinheiro, sem perspectivas e sem saber falar inglês. Eles tiveram de sucumbir a barbarismos, como o abandono da *siesta*, jantar antes das 22 horas e – *Dios mío!* – ver as filhas terem encontros sem suas damas de companhia. Mas seus filhos foram poupados dos horrores, das humilhações e dos aviltamentos – os pelotões de fuzilamento e os campos de prisioneiros – da vida a que estão sujeitos os comunistas. Nos Estados Unidos de hoje, esses pais cubanos são contados às centenas de milhares. Vocês podem chamar a mim e a meus contemporâneos cubano-americanos de “geração mais *sortuda* dos Estados Unidos”; nossa liberdade, prosperidade e felicidade foi resultado dos sacrifícios de duas diferentes (porém sempre consideradas irmãs) gerações que estão entre as melhores do país: nossos pais e os americanos provenientes da geração que participou da Segunda Guerra Mundial, que nos acolheram. Este livro é um modesto jeito de agradecer.

Humberto Fontova  
Nova Orleans, Louisiana



Refugiados cubanos tentam alcançar os Estados Unidos a bordo de um bote (1994).

# O MASSACRE DO REBOCADOR

Na escuridão, antes do amanhecer de 13 de julho de 1994, 74 cubanos desesperados – jovens e velhos, homens e mulheres – embarcaram escondidos em um decrepito mas confiável rebocador no porto de Havana e partiram para os Estados Unidos – e para a liberdade. O nome do barco era *13 de Março*, denominação que permanecerá infame para todos os cubano-americanos – e para todos os amantes da liberdade e da decência.

O vento uivava naquela noite feia. Fora do porto, na penumbra, um mar agitado aguardava. Mas essas pessoas desesperadas não podiam se dar ao luxo de cancelar ou adiar a viagem. Planejar a fuga havia levado meses. A polícia infiltrada de Fidel e seus diversos delatores não tinham percebido o plano.

O pesado veículo deixou o porto. Ondas de um metro e meio começaram a espancar o rebocador. Mães, irmãs e tias silenciavam as crianças apavoradas, algumas com apenas um ano de idade. Voltar estava fora de questão.

Com o *13 de Março* já tendo avançado alguns quilômetros no mar turbulento, Maria Garcia, uma mulher de 30 anos, sentiu algo puxando sua manga. Olhou para baixo; era o filho de 10 anos, Juan. “Mamãe, olhe!”, ele apontou para trás deles, na direção da costa. “O que são aquelas luzes?”

“Parece um barco nos seguindo, filho”, ela gaguejou enquanto alisava o cabelo do menino. “Fique calmo, *mi hijo*. Tente dormir. Quando você acordar, estaremos com seus primos em um país livre. Não se preocupe.”

O pequeno Juan não foi o único a ver as luzes. Outros ficaram em pé na popa do barco apontando e franzindo as sobrancelhas. Logo, mais dois grupos de luzes apareceram. “Mamãe! Tem mais!”, Juan ofegou. “E elas estão chegando mais perto! Olhe!” O garoto continuava puxando a manga da mãe.

“Não se preocupe, filho”, ela gaguejou novamente. Na verdade, Maria suspeitava que as luzes pertencessem à patrulha de Fidel, que vinha interceptá-los. E elas se aproximavam rápido. Logo haviam alcançado o pesado rebocador.

Eram de fato barcos da patrulha de Fidel – barcos de bombeiros, tecnicamente, armados com poderosos canhões. Os fugitivos imaginaram que iriam voltar para Cuba, provavelmente para a cadeia.

Mas, em vez disso, bam! O barco de patrulha mais próximo bateu na traseira do rebocador com sua proa de aço – os passageiros foram derrubados no deque como pinos de boliche. Um acidente, certo? Mar difícil e tudo o mais.

“Ei, cuidado! Temos mulheres e crianças a bordo!” Para demonstrar isso, as mulheres levantaram as crianças, que berravam.

Os castristas acharam que elas seriam bons alvos para seus canhões de água. O jato entrou violentamente no rebocador, varreu o deque e derrubou os fugitivos, jogando alguns contra as anteparas e outros para fora do deque, direto nas ondas.

“*Mi hijo! Mi hijo!*”, Maria gritava enquanto o jato de água batia nela, arrancando-lhe metade das roupas e tirando de seu alcance o braço de Juan. “Juanito! Juanito!” Ela se movia freneticamente, ainda cega pela torrente. Juan havia rodopiado pelo deque e agora se agarrava em desespero ao corrimão do barco, três metros atrás de Maria, enquanto ondas gigantes molhavam suas pernas. “*Dios mío!*”

Essas pessoas cresceram em Cuba. Então, diferentemente do *New York Times*, do *The Nation*, da CNN, da CBS, da NBC, da ABC e de boa parte de Hollywood, nunca confundiram Fidel Castro com São Francisco de Assis. Mas, ainda assim, poderia ser verdade que mulheres e seus filhos estivessem sendo deliberadamente usados como alvos?

Os fugitivos se prendiam a mastros, trilhos, braços, pernas, qualquer coisa para evitar cair. Maria e um tripulante conseguiram agarrar Juan e puxaram a criança soluçante para dentro. O canhão ainda varria o deque, enquanto homens jogavam mulheres e crianças na cabine do rebocador. Logo, os dois outros barcos da patrulha estavam lado a lado.

Um dos barcos de aço se virou bruscamente e bateu no rebocador pelo lado. O outro se chocou pela frente. O de trás bateu de novo. O rebocador estava cercado. Os choques não eram acidentais. Os barcos de Fidel estavam obedecendo ordens.

“O que estão fazendo?”, o homem raivoso gritou do barco destruído. “*Cobardes!* Temos mulheres e crianças a bordo! Nós vamos voltar, certo?”

Os castristas responderam ao apelo com novas batidas. Dessa vez, o golpe da proa de aço foi seguido pelo som de algo se partindo no rebocador de madeira. Em um segundo, ele começou a se desfazer e a afundar. Gritos abafados vinham de baixo. As mulheres e as crianças que tinham corrido para a cabine em busca de segurança estavam em uma tumba inundada. Com o barco se desfazendo, a água invadia seu entorno. Alguns conseguiram agarrar os filhos e nadar para fora. Mas nem todos.

Logo, a água encheu por inteiro a cabine. “Eu fiquei completamente cega!”, lembra-se Maria. “Estava totalmente embaixo da água, agitada, tentando agarrar qualquer coisa perto de mim, tentando achar Juan. Estava submersa, então meus gritos pareciam os de um pesadelo, como quando você grita de terror, mas não sai nenhum som. Logo, agarrei um braço e senti outros braços e pernas se enrolarem em meu pescoço e em meu peito. Nesse momento, subimos à superfície. Era o pequeno Juan que agarrava meu corpo por trás!”

“Segure firme, *mi hijo!* Segure firme!”, Maria gritou enquanto tossia água do mar para fora. “Não solte!” Juan estava tossindo e vomitando, mas ainda assim segurava a mãe com força, quase sufocando-a.

Maria encontrava-se no meio de um turbilhão. O marido estava ali também, em algum lugar. Ela abria caminho pela água freneticamente, com suas últimas reservas de força, quando sentiu uma mão forte agarrá-la. Concentrou o olhar através da água e viu mais ou menos dez pessoas se segurando em uma caixa de gelo. Um

homem se afastou do grupo e puxou-os exatamente quando uma explosão do canhão de água os acertava. Os três barcos haviam ligado os canhões.

Os barcos de Fidel começaram a circundar o rebocador que afundava – mais rápido, mais rápido, levando os motores a um horrendo rugido e criando um imenso redemoinho no processo. “As pessoas gritavam por todo lugar a minha volta”, relembra Maria. “Uma mulher na caixa de gelo, que teve a filha ainda bebê arrancada dos braços pela explosão, estava chorando, chorando, chorando!”

A mulher histérica largou a caixa de gelo e mergulhou em busca da filha. Nenhuma das duas retornou das águas turbulentas.

O rugido dos canhões de água, o ruído dos motores criando o redemoinho mortal, todo esse barulho infernal abafava a maior parte dos gritos. Logo, Maria foi arrancada da caixa de gelo por outro golpe de água. “Juanito já não estava segurando com muita força nessa hora”, ela soluçou, “ele estava tossindo muito, tossindo água do mar. Finalmente, senti que ele amoleceu. Então, o jato nos atingiu. Fiquei submersa de novo e voltei gritando: ‘Agarrem Juan! Agarrem meu menino! *Por favor!*’ Mas estavam todos atrapalhados diante do estouro da arma. Meu filho! Meu filho!”

Mas Juan nunca voltou à superfície. Maria Garcia perdeu o filho, o marido, o irmão, a irmã, dois tios e três primos no massacre marítimo.

Ao final, 43 pessoas se afogaram, 11 delas crianças. Carlos Anaya tinha 3 anos quando se afogou; Yisel Alvarez, 4; Helen Martinez, 6 meses. Felizmente, um cargueiro grego que ia para Havana se deparou com a chacina e correu para ajudar. Apenas nesse momento, um dos barcos de Fidel jogou alguns salva-vidas e cordas e começou a puxar pessoas para bordo.

Trinta e um sobreviventes foram finalmente retirados do mar e levados de volta para Cuba, onde foram todos presos ou colocados em prisão domiciliar. Mas alguns escaparam mais tarde de Cuba em jangadas e chegaram a Miami, por isso temos o testemunho revoltante de Maria Garcia. Ele foi apresentado às Nações Unidas, à Organização dos Estados Americanos e à Anistia Internacional, que expediram “queixas”, “relatórios”, “protestos”, tanto faz.

Nenhum governo poderia perdoar, muito menos ordenar diretamente, uma coisa dessas, certo? Não. Um dos bravos operadores dos canhões de água foi até mesmo condecorado por Fidel em pessoa. Nada era feito pela Guarda Costeira de Fidel sem ordens superiores. Como sempre, havia um método na loucura assassina do Líder Máximo. O time de Clinton – particularmente o conselheiro de segurança nacional Sandy Berger – entrou no gabinete determinado a “melhorar as relações” com Cuba. Fidel sabia dessa posição. Ele também sabia que refugiados cubanos eram um assunto sensível a tratar com Clinton. Em 1980, os criminosos libertados do Porto Mariel (apenas alguns dentre todos os fugitivos) foram despachados para Fort Chafee, no Arkansas, sob o olhar do governador daquele estado, Bill Clinton.<sup>1</sup> Após terem sido informados de que seriam enviados de volta para a Castrolândia, os *marielitos* ficaram loucos, revoltaram-se e queimaram metade do acampamento.

Os eleitores do Arkansas ficaram chocados. Quando tentou a reeleição, o governador Clinton, o homem que aceitou os *marielitos*, foi trucidado.

Alguns dizem que a atrocidade com o rebocador foi a forma de Fidel dizer a Clinton que não permitiria o êxodo em massa de cubanos enquanto este fosse presidente. “Bill Clinton morre de medo de Fidel”, disse o comentarista político Dick Morris. “Ele olha por cima do ombro esperando jangadas da mesma forma como Fidel está sempre olhando por cima do ombro esperando uma invasão da Marinha.”<sup>2</sup>

De fato, dois meses depois do massacre do rebocador, Fidel fechou um acordo de imigração com a benevolente administração Clinton. O que hoje chamamos de política do “pé molhado/pé seco” entrou em vigor. Se chegar até a costa, você fica, mas não se qualifica automaticamente para asilo político. Nós o interceptamos no mar, e você volta para a Castrolândia.

Em sua defesa, o Serviço de Imigração e Naturalização dos Estados Unidos condenou fortemente o massacre do rebocador. Mas não consigo deixar de pensar que, se Ronald Reagan fosse presidente, teria feito mais do que apontar o dedo para assassinos comunistas.

Qual foi o resultado líquido de todos os protestos contra o massacre feitos pela Organização das Nações Unidas (ONU) e por outras organizações “multilaterais”? Bem, pouco mais de um ano e meio depois, Fidel recebeu um convite para se dirigir às Nações Unidas como convidado de honra.

E o massacre de Fidel pôs fim à tagarelice de esquerda sobre que cara ótimo ele é? Você deve estar brincando. Em vez disso, o peixe-boi de estimação do partido Democrata, Michael Moore (um “americano admirável”, segundo o próprio Fidel), fez o que progressistas gostam de fazer: atacou as vítimas.<sup>3</sup>

“Esses exilados cubanos”, ele afirma, batendo no peito com seu terrorismo, “são apenas um bando de covardes. Isso mesmo. Covardes! Quando você não gosta do opressor de seu país, fica lá e tenta derrubá-lo. Você não troca de lado e foge como esses cubanos. Imagine se os colonos americanos tivessem todos fugido para o Canadá e então afirmado que os canadenses tinham a responsabilidade de derrubar os britânicos aqui nos Estados Unidos!... Os cubanos vêm aqui esperando que nós lutemos a luta deles. E, como idiotas, nós lutamos.”

Moore continua: “Esses cubanos não dormiram um minuto depois que juntaram suas coisas e foram para a Flórida”.

“Juntaram suas coisas”, amigos. Vamos nos deter um pouco nisso. Ele se refere às roupas que os refugiados cubanos tinham no corpo? Às poucas migalhas que haviam enfiado nos bolsos? Esse imbecil não percebe que Fidel roubou todos os “pertences” deles? Esse idiota não sabe que ninguém pode deixar Cuba levando coisa alguma? Esse estúpido sabe que as mulheres tinham seus brincos arrancados das orelhas por guardas castristas no aeroporto?

Uma senhora de idade insistiu em usar um pequeno crucifixo. O guarda exigiu que ela o tirasse: “Você não pode ficar com ele. Esse pingente pertence a *La*

*Revolución!*”

“Pertence o diabo!”, ela gritou de volta, em prantos. “Esse crucifixo pertencia ao meu filho – que vocês, porcos, fuzilaram! Eu morro antes de entregá-lo a vocês, assassinos comunistas!”

Ela foi carregada para fora.

Ou talvez as mães que se agarravam aos filhos e às filhas enquanto os assassinos castristas disparavam seus canhões de água estivessem simplesmente “juntando suas coisas” para poder viver como o porco Michael Moore.

Esse foi o “juntar as coisas” quando nós deixamos Cuba, sr. Moore. Alguém falou em “Stupid White Men?”

1 O êxodo de Mariel ocorreu em 1980, quando milhares de cubanos pediram asilo à embaixada do Peru em Havana. Em decisão rara, Fidel permitiu que essas pessoas deixassem Cuba rumo aos Estados Unidos. A eles, porém, o ditador acrescentou doentes mentais e criminosos das penitenciárias cubanas. (N. do T.)

2 Enrique Encinosa, *Unvanquished: Cuba's Resistance to Fidel Castro*, Pureplay Press, 2004, página 192.

3 *Havana Journal*, 10 de agosto de 2004, disponível em [www.havanajournal.com](http://www.havanajournal.com).

Fidel Castro e o cineasta americano  
Oliver Stone em Cojimar, vilarejo  
próximo de Havana (2002).



# O TERRORISTA QUE MORA AO LADO

Na manhã do sábado, dia 17 de novembro de 1962, a sede do FBI em Washington adotou “medidas de segurança máxima”, de acordo com o historiador William Breuer.<sup>4</sup> Não poderia ser de outra forma. Na noite anterior, um enigma da inteligência havia sido por fim decifrado, revelando uma trama que assustou os agentes especiais do FBI. Aqueles agentes não eram facilmente impressionáveis: já haviam frustrado planos nazistas para explodir refinarias americanas de petróleo durante a Segunda Guerra Mundial e combatido agentes soviéticos por duas décadas. A revelação daquele plano, porém, os deixou transtornados.

Sem dormir por 36 horas, os homens do FBI estavam abatidos, com os olhos vermelhos e bastante tensos. A hora para uma ofensiva contra os conspiradores de Fidel Castro se aproximava. Raymond Wannall e Alan Belmont estavam sentados num escritório no final do corredor, próximos ao diretor J. Edgar Hoover. Belmont era o segundo em comando. Wannall era o cabeça da divisão de inteligência. Falavam ao telefone com o agente John Malone, que dirigia o escritório de campo de Nova York. Em outras linhas, conversavam com agentes do FBI em Manhattan, que tentavam montar vigilância sobre os líderes de uma maciça conspiração terrorista.

A informação era de arrepiar os cabelos. Os agentes de Fidel Castro tinham como alvo as estações de metrô mais movimentadas de Manhattan – incluindo a estação Grand Central –, a fim de causar explosões na hora do rush. Não era uma operação militar ou qualquer operação tola. Era algo que os Estados Unidos não conheciam muito bem em 1962: o terrorismo. Os conspiradores planejaram a literalmente inflamada morte e mutilação de milhares de nova-iorquinos. Mais evidências surgiram mostrando que o metrô não era o único alvo: lojas de departamentos como a Gimbel e a Macy’s... 12 detonadores... vários aparatos incendiários... 500 quilos de TNT. “As explosões estão marcadas para a sexta-feira após o feriado de Ação de Graças”, dizia a informação mais recente. Quinhentos quilos de TNT preparados para explodir no dia de compras mais movimentado do ano. Bem no dia em que os pais levam os filhos para conhecer Papai Noel.

“Manter os suspeitos cubanos sob vigilância física naquela noite do dia 17, sem que soubessem que estavam sendo observados, foi uma enorme responsabilidade para os agentes de campo de Nova York”, relatou o agente Raymond Wannall mais tarde ao *New York Times*. “Mas eles conseguiram com grande habilidade.”<sup>5</sup> Funcionários de J. Edgar Hoover, o eterno chefe do FBI, sabiam que não havia desculpas aceitáveis para falhas de inteligência. O velho Hoover simplesmente não as toleraria.

Observe novamente a data: novembro de 1962. Foi apenas algumas semanas depois da crise dos mísseis em Cuba. Os americanos ainda estavam nervosos com

o que parecia ter sido a iminência de uma guerra nuclear.

Com o plano terrorista revelado, o FBI de J. Edgar Hoover percebeu que estávamos olhando para uma ameaça real que partia do mesmo lugar – Cuba. Mas não havia nenhum ruído de sabres da crise dos mísseis cubanos, o que a qualificava como um blefe comunista. Como Ernest Hemingway escreveu em *Morte ao Entardecer*, “touro que esfrega a pata no chão estão blefando a fim de evitar o combate”.

Durante a crise dos mísseis, o líder soviético Nikita Krushev queria paz; Fidel, não. É verdade que em 1957 o formidável *New York Times* tinha passado adiante a sincera mensagem de Fidel: “Você pode ter certeza de que não temos nenhuma animosidade contra os Estados Unidos e o povo americano”.<sup>6</sup> Mas eis aqui o mesmo Fidel Castro confessando em carta a um amigo, meses mais tarde: “A guerra contra os Estados Unidos é o meu verdadeiro destino. Quando essa guerra acabar, começarei outra muito maior e mais vasta”.<sup>7</sup> (Note bem: isso foi antes de qualquer suposta “agressão” dos Estados Unidos. Na verdade, Fidel disse isso enquanto o Departamento de Estado dos Estados Unidos e a Agência Central de Inteligência apoiavam os movimentos dele e até ajudavam a financiá-los.) Depois de desertar em 1964, a irmã de Fidel trouxe uma mensagem inequívoca ao Congresso: “O ódio de Fidel por esse país não pode sequer ser calculado pelos americanos”. Ela testemunhou à Comissão de Atividades Antiamericanas: “Sua intenção – sua obsessão – é destruir os Estados Unidos!”<sup>8</sup>

“Meu sonho é jogar três bombas atômicas em Nova York”, escreveu sem meias palavras Raúl Castro, irmão de Fidel, em 1960.<sup>9</sup> Não se esqueça: desde aquela época Raúl Castro já era considerado o sucessor de Fidel Castro.

Bombas atômicas podem ter sido muita ambição, mas o plano de ataque a bomba de Fidel em 1962 já era sério o suficiente. As explosões de março de 2004 no metrô de Madri, todas as dez, mataram e mutilaram quase 2 mil pessoas. Os terroristas da Al-Qaeda usaram um total de 100 quilos de TNT, aproximadamente dez por explosão. Rafael del Pino, que já havia dirigido as forças aéreas de Fidel e desertado em 1987, confirmou que o plano de bombas do líder cubano em 1962 envolvia 500 quilos de TNT entre outros explosivos e bombas incendiárias.

O líder dos terroristas castristas de 1962 era Roberto Santiesteban. Ele trabalhava – surpresa! – na ONU, onde seus comparsas conspiradores José e Elsa Gómez também operavam. Santiesteban havia chegado aos Estados Unidos no dia 3 de outubro de 1962 com passaporte diplomático, tendo atuado como assessor de Carlos Lechuga, embaixador de Fidel na ONU. Dois outros conspiradores eram Marino Suero e José García, ambos cubanos naturalizados americanos que viviam em Nova York e tocavam uma loja de bijuterias em Manhattan. A loja foi sede de conspiradores e serviu para armazenamento. Suero e García também pertenciam ao Fair Play for Cuba Committee. O FBI já tinha identificado a organização como um “grupo de frente” financiado por Fidel. A composição de seus membros mais tarde teria Lee Harvey Oswald, um nome que todos viriam a conhecer em um ano, bem

como o correspondente da CBS Robert Taber (que se tornou secretário executivo do Comitê), o cineasta esquerdista Saul Landau (hoje professor na Califórnia e “conselheiro” para várias reportagens “especiais” sobre Fidel na PBS e na CBS) e o coproprietário da revista *The Nation*, Alan Sagner (que o presidente Clinton apontou como chefe da Corporation for Public Broadcasting, ou Confederação para a Transmissão Pública, em 1996).

O FBI sabia que os conspiradores cubanos iriam se encontrar naquela noite do dia 17 de novembro na loja de García na West 27th Street, no coração de Manhattan. “Mas, espere um minuto”, você diria, “como o FBI sabia de tudo isso? Como os teria descoberto?” Por meio de agentes infiltrados.

O FBI penetrou no grupo castrista. Os burocratas chamam isso de “HUMINT” (inteligência humana). Era a marca J. Edgar Hoover de investigação. Esse foi o FBI muito antes de a Comissão de Frank Church e Jimmy Carter tê-lo enfraquecido.

“Tenho Suero e García localizados”, reportou John Malone por telefone a Alan Belmont em Washington. “Posso prendê-los facilmente.”

“Sabe de Santiesteban?”, perguntou Belmont.

“Cercamos a área [em volta da ONU], mas ainda não o localizamos”, respondeu Malone.

“Então, espere”, ordenou Belmont.

O FBI queria uma limpeza geral, com os três líderes capturados juntos. E Santiesteban parecia ser o provável líder. Se os agentes prendessem os peões prematuramente, perderiam a oportunidade de derrubar a torre. A trama, é claro, envolvia dezenas de conspiradores e poderia ser reativada. O FBI suspeitava de que outros dez “diplomatas” cubanos que serviam na ONU estivessem colocando em funcionamento uma escola de formação de sabotadores e treinando pessoas no uso de explosivos e dispositivos incendiários.

Duas horas depois, Malone retransmitia relatórios de agentes de campo que indicavam que Suero e García estavam ficando nervosos.

“Esperem”, ordenou Belmont novamente. “Esperemos por Santiesteban.”

“Discutimos essas decisões entre nós”, lembrou anos depois Raymond Wannall. “E todos apoiamos Al [Belmont] na decisão de esperar até que Santiesteban fosse localizado. Mas estávamos felizes por não sermos aqueles que tomariam essa difícil decisão final. Se não desse certo – ah, rapaz –, o sr. Hoover não ficaria nada feliz. Sabíamos que Al podia sentir a pressão invisível vinda do sr. Hoover diretamente sobre seus ombros durante toda a manhã e toda a noite.”<sup>10</sup>

Outra hora se passou, com os agentes de campo movidos a cafeína, mantendo uma vigilância cada vez mais arriscada. Eles observavam Suero, que estava em um carro estacionado no cruzamento da Third Avenue com a East 24th e passava o tempo acariciando apaixonadamente uma mulher desconhecida. Esses não eram nem de longe “homens-bomba suicidas”. Estavam ansiosos pelas recompensas que receberiam em Havana: mansões roubadas, carros roubados, lagosta e champanhe, motoristas, viagens gratuitas e *señoritas* jovens à disposição – as regalias habituais

dos comunistas.

García, por sua vez, preparava-se para a reunião em sua loja. Às 10 horas, Belmont recebeu outra ligação de Malone, de Nova York. “Avistamos o sr. Três”, disse tensamente Malone. “Roberto Santiesteban está andando pela Riverside Drive, indo em direção a um carro com placa diplomática.”

“Agarrem-nos todos”, ordenou Belmont. “Cerquem-nos.”

Os agentes fecharam o cerco, mas Santiesteban olhou para trás, percebeu as intenções dos agentes e – bip-bip! – correu feito o Papa-Léguas. Ele corria pela calçada e pulava barreiras como um verdadeiro atleta olímpico. Enquanto corria, também enfiava papéis na boca e os mastigava furiosamente.

Entretanto, seis agentes do FBI estavam atrás dele. Seus chapéus (obrigatórios, já que não havia trajes à la Starsky e Hutch na época) imediatamente voaram no momento em que iniciaram a perseguição. Os sapatos de couro estalavam no concreto, e suas gravatas se agitavam furiosamente por cima dos ombros enquanto corriam e pulavam atrás do alvo. Por fim, cercaram o suspeito. Ficaram lá, ofegantes, olhando para ele. Por fim, o agente atacou. Santiesteban esquivou-se. Outro agente do FBI agarrou-o; o escorregadio castrista girou e conseguiu se safar. Santiesteban se esquivava e se evadia freneticamente, mas os agentes conseguiram capturá-lo. Santiesteban caiu furioso e xingando, agitando os braços e dando cotoveladas como um maníaco. Agarraram, então, seus braços e o inclinaram para a frente bem na hora em que tentava apanhar a pistola.

Suero foi arrancado de seu carro sem grandes incidentes. A amiga dele foi interrogada e liberada. García estava em sua loja juntando granadas e detonadores no cofre quando ouviu a porta se abrir. “Tão cedo, Roberto!”,<sup>11</sup> disse ele sem se virar. A loja havia sido trancada. Apenas Roberto Santiesteban tinha a chave. Os agentes especiais prenderam García.

Outro grupo de agentes recebeu uma incumbência mais fácil, a de prender a telefonista cubana Elsa Gómez e seu marido José enquanto eles deixavam o apartamento na West 71st Street. Os dois entregaram-se sem resistência.

O FBI estimou que de 25 a 50 outras pessoas poderiam estar envolvidas na trama. Pouco depois, descobriu, por meio de interrogatórios e documentos capturados, que a lista de alvos era ainda maior do que se pensava. Ela incluía o terminal principal de ônibus de Manhattan, refinarias de óleo na costa de Nova Jersey e a Estátua da Liberdade.

Fidel e seus diplomatas da ONU choramingaram falando em “truculência policial” e “imunidade diplomática”. Mesmo assim, no dia 21 de novembro, Santiesteban, Suero e García foram indiciados por sabotagem, conspiração e ação na qualidade de agentes não autorizados de um governo estrangeiro. Cinco meses depois, todos estavam de volta a salvo em Cuba. Foram trocados por agentes da CIA que Fidel mantinha presos desde a invasão da baía dos Porcos.

Caso os terroristas castristas tivessem obtido sucesso em seu plano, o 11 de setembro de 2001 seria hoje lembrado como o segundo mais mortal ataque

terrorista em solo americano. Como o FBI conseguiu frustrar os planos de Fidel Castro? Com táticas muito rústicas: sem computadores, sem satélites e sem pós-graduação em Análise de Sistemas. Em vez disso, usaram escutas telefônicas, subornos e personagens obscuros. Muitas vezes, recorreram à malícia vergonhosa, à traição desenfreada e a esquemas mal-intencionados. Era muito parecido com servir no Congresso. E, claro, foi o Congresso que desmantelou o velho FBI de Hoover, tornando-o incapaz de evitar o ataque de 11 de setembro da mesma forma que conseguiu em 23 de novembro de 1962.

A espionagem castrista continua a existir contra os Estados Unidos. Em junho de 2003, o presidente Bush demitiu 14 “diplomatas” cubanos por operarem “atividades inaceitáveis”. Sete deles trabalhavam – surpresa! – na ONU. No dia 14 de setembro de 1998, o FBI prendeu 14 espiões de Fidel em Miami. Eles eram conhecidos como Rede Vespa.

De acordo com depoimentos ao FBI, esses agentes estavam envolvidos com Fidel e participaram de diversas ações, entre elas:

- reunião de inteligência contra a Boca Chica Naval Air Station, em Key West; a Base da Força Aérea MacDill, em Tampa; e a sede do Comando Sul dos Estados Unidos em Homestead, na Flórida;
- envio de cartas-bomba para cubano-americanos;
- um agente de Fidel, Antonio Guerrero, tinha compilado os nomes e os endereços residenciais de oficiais superiores do Comando do Sul dos Estados Unidos e de centenas de policiais posicionados em Boca Chica;
- dois outros espiões, Joseph Santos e Amarylis Silverio, foram acusados de se infiltrar na nova sede do Comando Sul dos Estados Unidos;
- um terceiro homem, Luis Medina, espionava a Base Aérea de MacDill, a base internacional da Força Armada americana na luta em conflitos de baixa intensidade.

Nas audiências para fiança, a assistente da promotoria Caroline Heck Miller disse que a urgência de agir no caso se dava porque “o acusado fez alusões à possibilidade de sabotagem em prédios e aviões no distrito sul da Flórida”.

É interessante que o *Jane's Defense Weekly*, proeminente autoridade jornalística em assuntos militares, escreveu no dia 6 de março de 1996 que desde o começo dos anos 1990 tropas cubanas estariam treinando no Vietnã para ataques a instalações bem similares às de Boca Chica e de MacDill, com o “objetivo político” de trazer “a realidade do estado de guerra para o povo americano”. Aparentemente, o FBI não viu nenhuma ligação entre uma coisa e outra. O artigo saiu dois anos antes de o FBI prender espiões da Rede Vespa.

Esses espiões também tinham se infiltrado no grupo de exilados cubanos chamado Brothers to the Rescue. Por meio deles, Fidel recebeu os planos exatos que resultaram nos tiros disparados em fevereiro de 1996 contra dois aviões civis do grupo que voavam numa missão humanitária. Os pilotos costumavam sobrevoar o estreito da Flórida para resgatar cubanos que fugiam do regime comunista. Visto que uma estimativa aponta que de 50 mil a 87 mil cubanos morreram nesse

“cemitério sem cruzes”, os pilotos arriscavam a vida para salvar balseiros desesperados de se tornar parte dessa soma terrível de óbitos. No entanto, Fidel, companheiro de pescaria do magnata Ted Turner (Ted o chama de “um tremendo de um cara”), não pôde suportar essa ação. Mandou seus jatos MiG derrubarem os aviões sobre águas internacionais, sem aviso e sem tentar desviá-los do local. Foi puro homicídio. Mesmo o Conselho de Segurança dos Estados Unidos condenou o ataque.

Dos 14 espiões de Fidel presos nos Estados Unidos, quatro escaparam para Cuba, cinco se declararam culpados, e outros cinco se disseram inocentes. No julgamento, em Miami, os cinco que alegavam inocência possuíam testemunhas de defesa vociferantes, como você pode imaginar. O que você não pode calcular é que essas testemunhas de defesa eram dois generais aposentados do Exército americano. Pelo jeito, planejar ataques contra bases militares americanas e ser cúmplices no assassinato de quatro cidadãos americanos não importava muito para os generais Charles Wilhelm e Edward Atkeson. Eles falaram com eloquência e aparentemente de modo autoritário em defesa dos espiões de Fidel. Wilhelm Atkeson tinha sido vice-chefe da equipe da inteligência do Exército. Ambos serviram sob o comando do presidente Clinton e tinham, ao que parece, absorvido a política da administração Clinton de subestimar a ameaça cubana. Eu adoraria saber como o FBI reagiu aos seus adversários de tribunal – generais americanos tentando tirar o crédito do FBI de ter descoberto a maior célula de espionagem desde a Guerra Fria.

Wilhelm testemunhou que havia zombado das repetidas advertências do FBI sobre os espiões infiltrados em seu comando. Ninguém poderia penetrar a segurança infalível de seu grupo, ele insistia. Bem, o júri – do qual cubano-americanos foram excluídos – zombou de Wilhelm e Atkeson e considerou os cinco espiões castristas culpados.

Logo após o julgamento, os generais Wilhelm e Atkeson visitaram Havana para uma sessão íntima com o Líder Máximo Fidel e o Irmão Máximo Raúl. O general Atkeson ainda escreveu um artigo na revista *Army* sobre o encontro: “O comandante *en jefe* apareceu na porta. O uniforme bem apertado, luxuoso e exausto o destacava imediatamente de seus acompanhantes. Havia sorrisos por todo canto, enquanto a força daquele momento se tornava clara”.

Os dois generais americanos pertenciam ao Centro de Informação de Defesa, um centro de pensamento que declarava: “A cada ano, uma delegação de especialistas militares americanos, organizada pelo Centro de Informação de Defesa, reúne-se com militares e políticos cubanos em Havana para explorar maneiras pelas quais os dois países possam cooperar em questões de segurança regional”. Ex-czar da droga de Clinton, o general Barry McCaffrey é membro fundador desse órgão não governamental.

Em 1999, fortemente influenciado por esses generais, o Pentágono emitiu uma avaliação oficial da inteligência, declarando: “Cuba não é mais uma ameaça para

os Estados Unidos”.

“Esse é um relato objetivo feito por pessoas sérias”, proclamou Fidel Castro em Havana. “Cuba já não pode se proteger além das fronteiras de Cuba”, disse o general Wilhelm em louvor ao relatório do Departamento de Defesa. “Não existe evidência que prove que Cuba está tentando fomentar instabilidades no Ocidente.”<sup>12</sup>

Diga isso aos venezuelanos e aos colombianos, general Wilhelm. Mas a punição chegou para esses generais dois anos depois – e dois dias após o 11 de setembro de 2001, na verdade –, quando a mais alta especialista em América Latina do Departamento de Defesa americano, a “especialista em Cuba”, Ana Belen Montes, foi presa pelo FBI como espiã de Fidel. Ela era a autora do relatório de inteligência que dizia que “Cuba não é uma ameaça”, relatório este que os generais astutos tinham tão recente e oficialmente abençoado.<sup>13</sup>

Pior ainda, “Ana Montes repassou algumas das mais delicadas informações americanas sobre Cuba para Havana”, disse John Bolton, subsecretário de controle de armas e segurança internacional do Departamento de Estado.<sup>14</sup>

O capitão de fragata James E. Brooks, porta-voz da Agência de Inteligência de Defesa, disse quase sem fôlego que “ele e seus colegas estavam atordoados com as notícias!” sobre essa espionagem.<sup>15</sup>

Assim como profissionais da inteligência, quatro décadas antes, ficaram “atordoados” ao saber que Fidel era um comunista, “atordoados” ao saber que ele estava colecionando mísseis nucleares e “atordoados” ao saber que Cuba era um grande campo de treinamento para terroristas (o IRA, os Panteras Negras, a Organização para a Libertação da Palestina e Carlos, o Chacal são todos ex-alunos cubanos). Eles ficaram “atordoados” quando foi revelado que Fidel era um grande traficante de drogas e que havia mandado tropas para lutar na África. Fidel está sempre atordoando os oficiais da inteligência americana, que não acreditam que um grande regime terrorista esteja localizado bem em frente à costa da Flórida.

O ditador ainda sonha com o reaquecimento da Guerra Fria. Em agosto de 2001, visitou Teerã para se enturmar com mulás iranianos. “Os Estados Unidos são fracos!”, declarou Fidel na Universidade de Teerã. “Vemos essa fraqueza antecipadamente. Mas não se preocupem, o Rei poderoso cairá! Juntos, Irã e Cuba podem fazer os Estados Unidos se ajoelharem.”<sup>16</sup> A plateia enlouqueceu, como era de se esperar – Fidel tem balançado suas correntes satânicas a apenas 145 quilômetros de distância por quase meio século e tem se safado disso.

No ano anterior, no dia 18 de setembro de 2000, numa entrevista exclusiva para a televisão Al Jazeera, Fidel declarou: “Não estamos prontos para uma reconciliação com os Estados Unidos, e não vou me reconciliar com o sistema imperialista!”<sup>17</sup> Já no ano de 2003, Cuba congestionou transmissões de satélite americanas para o Irã usando tecnologia da China, adquirida durante a administração Clinton.

“Dado seu alto potencial econômico e industrial, o Irã está preparado para colaborar com Cuba em todos os domínios”, declarou o iraniano Gholam-Ali Haddad Adel, em uma reunião com o vice-presidente cubano e presidente do

Comitê Olímpico de Cuba, José Ramón Fernández, em 16 de janeiro de 2005. “A solidariedade entre nossas nações e governos é a chave para superar as pressões hegemônicas americanas. O presidente cubano Fidel Castro é um símbolo da resistência contra os Estados Unidos em todo o mundo”, disse Adel. Fernández, por sua vez, manifestou o interesse de seu país em reforçar os laços com o Irã: “O governo e a nação cubana vão se levantar contra as pressões americanas e permanecerão ao lado da nação iraniana”. Fernández também expressou o apoio de seu país para o direito incontestável da nação iraniana de ter acesso à tecnologia nuclear.<sup>18</sup>

“A natureza unilateral da política dos Estados Unidos em suas relações internacionais deve parar”, declarou Ahmad Edrissian, o embaixador iraniano em Cuba. “Os Estados Unidos não podem continuar a violar a lei internacional e devem respeitar a soberania nacional de outros países. Não há dúvida de que o Irã está a reforçar suas relações econômicas e políticas com Cuba, e existem outras áreas de interesse nessa cooperação. Foi-nos dito que Cuba está construindo uma usina biomédica no Irã para ‘a vacinação contra hepatite B e para a fabricação de interferon’.”<sup>19</sup>

Uma vez que a inteligência americana fica muitas vezes atordoada com Fidel, provavelmente não é de estranhar que Hollywood e a elite de esquerda também se desarmem. “Ele é o Elvis de Cuba” – foi assim que o jornalista Dan Rather certa vez descreveu o amigo Fidel Castro.<sup>20</sup> O cineasta Oliver Stone, outro amigo, descreve Fidel como alguém “muito altruísta e moral” e “um dos homens mais sábios do mundo”.<sup>21</sup> “Um gênio!”, concordou Jack Nicholson. Naomi Campbell disse que sua reunião com Fidel era “um sonho tornado realidade!”<sup>22</sup> De acordo com o escritor Norman Mailer, Fidel é “o primeiro e maior herói a aparecer no mundo desde a Segunda Guerra Mundial”.<sup>23</sup> Jean-Paul Sartre disse: “Fidel é, ao mesmo tempo, os homens, o gado e a terra. Ele é toda a ilha”.<sup>24</sup> Não se deve confundir com o galante Che Guevara, é claro, a quem Sartre chamava de “o ser humano mais completo do século 20”.<sup>25</sup>

A atriz Gina Lollobrigida declarou: “Fidel é um homem extraordinário. Ele é quente e compreensivo e parece ser extremamente humano”.<sup>26</sup> Francis Ford Coppola simplesmente observou: “Fidel, eu o amo. Nós dois temos as mesmas iniciais. Nós dois temos barbas. Nós dois temos poder e queremos usá-lo para bons propósitos”.<sup>27</sup> Harry Belafonte acrescentou: “Se você acredita em liberdade, se acredita na justiça, se acredita em democracia, você não tem escolha senão apoiar Fidel Castro!”<sup>28</sup> Tudo isso por um ditador que planejou um assassinato em massa de americanos maior que o de Osama bin Laden, acontecido em 11 de setembro de 2001.

Os esquerdistas amam o tirano cubano. Em novembro de 1995, Fidel fez uma visita triunfal a Nova York. Foi palestrante e a principal atração na festa do cinquentenário das Nações Unidas – o convidado de honra. “O tíquete mais quente de Manhattan!”, dizia uma matéria da *Newsweek* daquela semana. Ela saudava

Fidel como o “brinde de Manhattan!” A revista *Time* concordou: “Fidel toma Manhattan!”

“Fidel Castro teve, de longe, a recepção mais barulhenta e mais quente na Assembleia Geral das Nações Unidas”, escreveu a *Time*. (As Nações Unidas têm sido afáveis com Fidel há muito tempo e ainda são. Durante uma reunião em abril de 2000, em Havana, o secretário-geral Kofi Annan declarou: “O regime de Fidel deu um exemplo com o qual todos nós podemos aprender”).<sup>29</sup>

Fidel mergulhou na turbulência social de Manhattan, ombro a ombro com dezenas de celebridades, especialistas e intermediários do poder. Primeiro, David Rockefeller convidou-o para um jantar repleto de celebridades em sua propriedade do condado de Westchester.

Para a conveniência de Fidel, o jantar foi transferido para o Conselho de Relações Exteriores Pratt House, na East 68 Street, em Manhattan. Após fazer sala para um Rockefeller extasiado, para o ex-secretário de Defesa Robert McNamara, para Dwayne Andreas (presidente da companhia Archer Daniels Midland) e para Harold Evans, da Random House, Fidel brilhava para o magnata da mídia Mort Zuckerman, quando uma multidão de cabeças falantes, incluindo um Mike Wallace sem fôlego, Peter Jennings, Tina Brown, Bernard Shaw e Barbara Walters, se acotovelou para ouvir os comentários do Comandante, clamando por autógrafos e fotografias. A jornalista Diane Sawyer estava tão dominada pela presença do assassino em massa que correu, invadiu a cena com aquele sorriso cheio de dentes, abraçou Fidel e o beijou calorosamente na bochecha.<sup>30</sup>

E o assassino em massa ainda nem tinha recebido todas as propostas de seu fã-clube. De acordo com o Conselho Econômico de Comércio Estados Unidos-Cuba, naquela visita, Fidel recebeu 250 convites para jantar com celebridades, intermediários do poder, milionários, especialistas e socialites. Eles conseguiam perdoar o terrorista por querer explodir consumidores em Nova York no Natal de 1962 porque, antes de tudo, a maioria provavelmente nunca o vira como um terrorista.

Quando Fidel planejou o ataque a Nova York, o terrorismo era praticamente desconhecido para os americanos. Em 1962, o *New York Times* (e todos os outros jornais) chamou os terroristas cubanos de “sabotadores” ou “potenciais revolucionários”. De certa forma, isso era um progresso, porque, apenas três anos antes, o *New York Times* saudou Fidel como “um humanista, um homem de muitos ideais, incluindo os de liberdade, democracia e justiça social”.

Um dos poucos jornais a cutucar Fidel desde o início foi o semanário nacional *Human Events*, que, como o *New York Times*, ainda existe. Em 17 de agosto de 1957, o *Human Events* publicou um artigo que incluía uma entrevista com Spruille Braden, ex-embaixador dos Estados Unidos em Cuba. Braden desafiava o *New York Times* diretamente. A famosa Dama de Cinza,<sup>31</sup> segundo ele, fora seduzida por um comunista perigoso cujo nome era Fidel Castro.

“Fidel Castro foi o líder de uma revolta sangrenta em Bogotá, Colômbia, em

abril de 1948”, assim começava o artigo no *Human Events*. “Esse levante foi concebido e encenado por comunistas. O governo colombiano publicou posteriormente provas documentais do papel de Fidel Castro como líder. A aparência desse cubano, o chefe da revolta em seu próprio país, pinta a insurreição como comunista.” Enquanto os esquerdistas sem dúvida riam de tal “macarthismo” (Joseph McCarthy havia morrido apenas dois meses antes), foi o *Human Events* que virou a voz profética, e não o relato de Herbert Matthews no *New York Times*. O *Human Events* sabia o que ficara provado com o sangue dos milhares de vítimas que Fidel Castro e Che Guevara haviam enviado ao pelotão de fuzilamento.

“Os gritos de ‘*Viva Cuba libre!... Viva Cristo rey!... Abajo comunismo!*’ faziam as muralhas da fortaleza tremerem toda noite”, escreveu Armando Valladares, que escutava os clamores de sua cela, na prisão de La Cabaña, em Havana, enquanto esperava sua vez na estaca manchada de sangue.

Por sorte, uma saraivada do pelotão de fuzilamento (variando de cinco a dez homens, cada um recebendo 15 pesos cubanos por tiro) nunca atingiu Valladares. Ele serviu durante 22 anos nas masmorras de Fidel, fugiu para os Estados Unidos e escreveu um *best-seller* sobre sua terrível experiência na prisão, intitulado *Contra Toda Esperança*. A esquerda internacional tentou minar a credibilidade de Valladares e destruir seu livro. Mas o presidente Ronald Reagan – assinante de longa data do *Human Events* – leu o livro e imediatamente o indicou para o cargo de delegado dos Estados Unidos na Comissão de Direitos Humanos da ONU. “Quem seria melhor que ele?”, pensou Reagan. Esquerdistas internacionais arrancaram os cabelos em desespero, mas Valladares, trabalhando sob o comando da embaixadora americana da ONU Jeane Kirkpatrick, fez da vida de Fidel na organização um inferno.

Em 1961, ano em que Valladares havia sido arrancado de seu lar durante uma invasão policial e aprisionado com acusações extremamente duvidosas, Fidel fazia seus pelotões de fuzilamento trabalharem em três turnos. “Eles geralmente começavam à uma hora”, diz Gustavo Carmona, ex-presos político. “E os tiros ecoavam pela prisão até depois do amanhecer.” Centenas de patriotas cubanos (e dezenas de cidadãos americanos) eram dizimadas toda semana. Em 1965, os pelotões de fuzilamento se mostravam tão ineficientes que as vítimas eram amarradas à estaca vestindo uma camiseta com um belo círculo preto de 20 centímetros no meio do peito. Sem desculpas para errar o alvo agora, *muchachos*.

Nem todos esses mártires e heróis amarrados à estaca de execução tinham energia para gritar em protesto. Antes de serem arrastados para o *paredón* e amarrados à estaca, muitos tinham a maior parte do sangue de seus corpos drenada. O sangue era então vendido no mercado mundial. Isso é o que diz o dr. Juan Clark, veterano da baía dos Porcos, ex-presos político de Fidel e hoje professor de sociologia da Universidade Miami-Dade. A pesquisa do dr. Clark sobre o mercado de sangue de Fidel inclui entrevistas com dezenas de presos políticos e desertores que confirmaram tal prática. O dr. Clark escreveu extensivamente sobre essa questão, tanto em artigos quanto em livros.

Por que Fidel comercializaria sangue? Porque foi um de seus poucos sucessos econômicos. Ele conseguiu arruinar completamente as indústrias de açúcar, tabaco e gado de Cuba – todos grandes produtos de exportação nos anos anteriores à sua Revolução. O homem aclamado pelo *New York Times* como um “humanista, idealista, um Robin Hood” havia condenado uma nação que já teve o 11º padrão de vida mais elevado – não no hemisfério, não entre os países tropicais, mas do mundo – ao completo desamparo, à total privação de contato com o exterior. Essa é também, aparentemente, uma prática comum entre comunistas. Até hoje, os chineses vermelhos possuem uma política similar de reciclagem de porções úteis de suas vítimas de execução: eles comercializam órgãos de prisioneiros que receberam um tiro na nuca.

Há também outras fontes que se referem ao comércio sanguíneo de Fidel – especificamente, registros de cortes dos Estados Unidos, incluindo aqueles iniciados por uma americana, Katy Fuller, na corte do condado de Miami-Dade. O pai dela foi morto pelos pelotões de fuzilamento de Fidel em 1960. Eis um trecho do processo “O Estado de Robert Otis Fuller contra a República de Cuba”, iniciado em 5 de maio de 2002: “Agentes do governo de Fidel, agindo sob suas ordens, levaram Bobby Fuller a um pelotão de fuzilamento no qual ele foi baleado e morto após ser torturado, tendo seu sangue drenado de seu corpo. Em seguida, foi jogado em uma vala comum não identificada, em um local desconhecido”.

Aqui está mais um processo iniciado por uma família americana contra o “presidente” de Cuba, como era chamado com frequência pelo jornalista Peter Jennings. “Em uma sessão final de tortura, os agentes de Fidel drenaram o sangue do corpo de Howard Anderson antes de enviá-lo para sua morte perante o pelotão de fuzilamento.”<sup>32</sup>

Howard Anderson era cidadão americano, mas residia em Cuba desde a Segunda Guerra Mundial, quando a Marinha o enviou para lá. Entre seus outros amigos, estava meu tio Carl Brumier, um piloto de caça da Marinha americana. Em abril de 1961, os capangas de Fidel arrastaram Anderson de sua casa depois de uma invasão policial. Eles sempre apareciam de madrugada. Quando as pessoas se perguntaram por que tantos cubano-americanos se emocionaram com a invasão policial para enviar Elián González de volta a Cuba, esse foi um dos grandes motivos. Poucas famílias cubano-americanas não tiveram um familiar, amigo ou vizinho levado por uma invasão policial. As lágrimas em Little Havana por conta da invasão ordenada pela procuradora-geral do presidente Clinton, Janet Reno, estavam atreladas a terríveis *flashbacks* de amigos que haviam sido levados em invasões semelhantes para nunca mais retornar.

Howard Anderson foi um empresário de sucesso em Cuba, dono de uma rede de postos de serviço e de uma concessionária de Jeeps. Era um homem de família feliz, com quatro filhos, incluindo uma garotinha loira angelical chamada Bonnie, que tinha 5 anos na época. Era presidente do grupo local da Legião Americana de Havana e adorado por seus vizinhos cubanos. Howard era tudo o que os comunistas

de Fidel odiavam: um atlético e popular veterano da Marinha americana residente em Cuba, um empresário de sucesso e um apoiador dos cubanos anticomunistas apaixonados pela liberdade.

Passando por torturas terríveis, esse homem corajoso se recusou a delatar os cubanos defensores da liberdade. “Morte ao americano!”, gritou o promotor comunista de Howard Anderson em seu julgamento ilusório no dia 17 de abril de 1961. “O promotor era um homem louco”, diz um diplomata suíço que presenciou o julgamento, “pulando em mesas, tremendo, apontando. Ele os chamou de frutos podres e declarou que só serviriam para fertilizar o solo com suas carcaças.”<sup>33</sup>

Anderson respondeu às acusações simplesmente com um olhar.

Dois dias após seu “julgamento”, chegou a vez de Howard Anderson. Dizem que ele se recusou a utilizar uma venda a fim de poder olhar para seus carrascos. Ele provavelmente estava em choque naquele momento por causa da drenagem de sangue. “*Fuego!*” As balas estraçalharam o corpo de Howard Anderson ao amanhecer, e os urubus mergulharam para o banquete.

“Os tiros do pelotão de fuzilamento eram como um sino indicando que o jantar estava pronto para os pássaros”, diz o cubano Hiram Gonzalez, que estava aprisionado em La Cabaña no momento do assassinato de Anderson. “Os pelotões de fuzilamento estavam agindo diariamente desde 7 de janeiro de 1959, o dia em que Che Guevara entrou em Havana. Não demorou para os pássaros se acostumarem: bandos deles haviam aprendido a se acomodar nas árvores próximas e no topo dos muros que cercavam o forte La Cabaña. Após os tiros, desciam de seus postos para debicar os pedaços de osso, sangue e carne espalhados pelo chão. Esses pássaros certamente ficaram gordos.” Outros que serviram de alimento aos animais foram jovens como Rogelio Gonzales, Virgilio Companeria e Alberto Tapia, estudantes da Universidade de Havana e membros do Movimento Católico, nenhum com mais de 21 anos de idade. Eles também se recusaram a usar vendas e pereceram gritando “Vida longa ao Cristo Rei!” Foram apenas três dos 14 mil jovens que Fidel enviou a valas comuns.

O corpo de Howard Anderson foi jogado em uma vala comum, embora sua esposa tenha descoberto o túmulo e se esgueirado para colocar uma cruz ali. A filha de Anderson, Bonnie, tornou-se repórter da CNN. Em 1978, suas funções jornalísticas a levaram para Havana, onde Fidel iria libertar alguns presos políticos. Em uma recepção, Fidel se aproximou de Bonnie Anderson, abriu um largo sorriso e perguntou se ela se lembrava dele e como estava sua mãe.

Bonnie Anderson se sentiu enojada com Fidel e também com seu chefe, Ted Turner, que se aproximava amigavelmente do ditador. No início de 1997, a CNN se comprometeu a dar notícias moderadas sobre o regime de Fidel. Exatamente uma semana após a promessa, o canal ganhou o primeiro escritório em Havana concedido a uma rede americana. No ano passado, a propósito, os Andersons ganharam sua ação contra Fidel – e não, Bonnie Anderson não trabalha mais para a CNN. Ela tinha um motivo muito pessoal para se inteirar sobre Fidel, assim como

os cubano-americanos. No próximo capítulo, darei um curso de atualização sobre o que os apologistas esquecem acerca desse terrorista que mora ao lado.

4 William B. Breuer, *Vendetta! Fidel Castro and the Kennedy Brothers*, John Wiley & Sons, 1998, página 1.

5 Idem, página 2.

6 Herbert Matthews, *New York Times*, 24 de fevereiro de 1957.

7 Essa frase veio de uma carta escrita por Fidel Castro a Celia Sanchez, citada em *Fidel Castro on the United States; Selected Statements, 1958-2003*, Hans Salas-del Valle (org.). A carta não é nenhum segredo; até hoje, faz parte de uma exposição em Havana no próprio Museo de la Revolución.

8 Essa citação vem do depoimento de Juanita Castro para a Comissão de Atividades Antiamericanas, dado em 11 de junho de 1965.

9 Essa citação vem de um telegrama do ex-embaixador americano em Cuba Philip Bonsal ao secretário de Estado Christian Herter, em 16 de junho de 1960. O telegrama foi revelado em 14 de dezembro de 2002.

10 William B. Breuer, páginas 2-3.

11 Andrew Tully, *White Tie and Dagger; How Foreign Embassies Spy On the U.S.*, Pocket, 1968, página 76.

12 Dr. Ernesto Betancourt, 23 de setembro de 2001, disponível em [www.martinoticias.com](http://www.martinoticias.com), seção Radio Martí.

13 bid.

14 *South Florida Sun-Sentinel*, 21 de março de 2004.

15 Dr. Ernesto Betancourt, disponível em [www.martinoticias.com](http://www.martinoticias.com), seção Radio Martí.

16 Iranian Press Service, 10 de maio de 2001.

17 Disponível em [www.cnn.com](http://www.cnn.com), 18 de setembro de 2000.

18 Islamic Republic of Iran Broadcasting, 16 de janeiro de 2005.

19 *Granma International*, Havana, 17 de janeiro de 2005.

20 “The Last Revolutionary”, entrevista de Fidel Castro concedida a Dan Rather, CBS News, 18 de julho de 1996.

21 Myles Kantor, “Oliver Stone’s Cuban Lovefest”, 5 de maio de 2004, disponível em [www.frontpagemag.com](http://www.frontpagemag.com).

22 Marc Morano, “Critics Assail Fidel Castro’s ‘Sickening’ Grip on Hollywood Celebs”, 17 de dezembro de 2002, disponível em [www.cnsnews.com](http://www.cnsnews.com).

- [23](#) Arnold Beichman, “Mona Charen Exposes Menace of Senseless Liberals”, *Human Events*, 17 de fevereiro de 2003.
- [24](#) “Castro: The Great Survivor”, BBC News, 19 de outubro de 2000.
- [25](#) “Poster Killer”, *The Spectator*, 19 de janeiro de 2005.
- [26](#) *Revista Presencia*, La Paz, Bolívia, setembro de 1974.
- [27](#) Ronald Bergan, *Francis Ford Coppola, Close Up: The Making of His Movies*, Thunder’s Mouth Press, 1998, página 53.
- [28](#) Sandra Levinson, entrevista exclusiva com Harry Belafonte sobre Cuba, *Cuba Now*, 25 de outubro de 2003.
- [29](#) *Granma International*, 19 de abril de 2000.
- [30](#) Trevor Armbrister, “Fawning over Fidel”, *Reader’s Digest*, maio de 1996.
- [31](#) Apelido dado ao jornal *New York Times*. (N. do T.)
- [32](#) Anderson v. Republic of Cuba, No 01-28628 (Miami-Dade, 13 de abril de 2003).
- [33](#) “U.S. Family Wins Judgment Against Cuba in ‘61 Death”, *Atlanta Journal-Constitution*, 30 de abril de 2003.

Na sede da ONU em Nova York, oficial do governo americano mostra aos membros do Conselho de Segurança das Nações Unidas fotos aéreas de uma das bases cubanas de mísseis de médio alcance. As fotos foram tiradas em outubro de 1962.



## O FÜHRER CUBANO



Jornalistas sempre foram puxa-sacos de Fidel. “Castro é honesto”, disse a *Newsweek*, em 13 de abril de 1959. “E um governo honesto é algo único em Cuba... Fidel não é nem remotamente um comunista.”

“Podemos agradecer aos céus por Fidel não ser um comunista”, escreveu William Attwood na revista *Look*, em 3 de março de 1959.

“A Cuba de Fidel Castro está hoje livre do terror” – essa frase quem diz é a linda loira Dickey Chapelle (surpreendentemente) na *Reader's Digest*, em abril de 1959.

Até aquele momento, 562 homens haviam sido fuzilados sem julgamento pela Cuba revolucionária. O *habeas corpus* havia sido abolido. E as prisões de Cuba tinham cinco vezes mais presos políticos do que no regime de Fulgencio Batista. Pela primeira vez na história do país, muitos desses presos eram mulheres. Seu crime? Serem mulheres, filhas e mães dos homens executados. A maioria era de origem humilde, muitas eram negras.

“As liberdades civis foram restauradas em Cuba, e a corrupção parece estar se esgotando. Esses são grandes passos para a frente, e eles acontecerão, apesar das condições medonhas”, continuava o artigo de Chapelle.

“Dickey Chapelle sempre descortinava os fatos”, disse Bill Garrett, um de seus editores. “Não importava quanto tempo levasse. Dickey continuava em sua reportagem.”

Eu procurei em vão por alguma novidade de La Chapelle sobre Cuba. A única coisa que pude descobrir sobre essa pioneira jornalista feminista é o interesse da Warner Bros. em produzir um filme sobre ela.

Não é só a mídia. Políticos também foram bajuladores. “Eu acho que Fidel Castro é um bom jovem.” Quem fala assim é o ex-presidente Harry Truman, citado pelo *Washington Post*, em 31 de julho de 1959. “Ele parece querer fazer a coisa certa para o povo cubano, e nós devemos estender nossa simpatia e ajudá-lo a fazer o que é certo para eles.” Harry provavelmente estava confiando nos dourados relatos da mídia quando chegou a essa conclusão. O próprio presidente Eisenhower parecia seduzido. Em uma coletiva de imprensa, disse: “Essas coisas [classificar Fidel como um comunista] aparecem como acusações, mas não são fáceis de provar. O governo dos Estados Unidos não fez tais acusações”.<sup>34</sup> Mais tarde, Eisenhower voltaria atrás.

Era difícil que vozes anti-Fidel fossem ouvidas em meio a toda a glorificação de esquerda em torno dele. Você já ouviu falar de Guillermo Belt? Provavelmente não. Era um diplomata cubano aposentado que avisou os Estados Unidos, em 1958, de que, “se os Castros tomarem o poder, haverá um banho de sangue em Cuba”. Belt estava desesperado para acabar com a castrofilia do Departamento de Estado americano. “Uma revolução social vai acontecer em Cuba”, continuou. “Os

comunistas controlarão o governo de Cuba.”<sup>35</sup>

A verdade sobre Fidel é que ele era um terrorista antes da moda. Começou lá atrás, em abril de 1948, quando participou das revoltas comunistas em Bogotá, Colômbia. Os canalhas liderados pelos comunistas enlouqueceram, saqueando, queimando e matando mais de 5 mil pessoas. Essa revolta deu início a uma guerra civil que durou dez anos, conhecida como La Violencia. Em 1958, 100 mil colombianos haviam sido massacrados. E Fidel – ainda um estudante na Universidade de Havana em 1948 – estava lá desde o começo, ganhando suas credenciais de revolucionário.

Essas credenciais incluíam a admiração por Hitler. O Líder Máximo de Cuba sempre macaqueou, sem vergonha alguma, o *Führer* alemão. *Mein Kampf* era um de seus livros preferidos na faculdade. O próprio título do manifesto de Fidel, *A História me Absolverá*, saiu quase palavra por palavra da famosa defesa de Hitler quando ele foi ao tribunal por sua tentativa de golpe em 1923. “Vocês podem nos condenar”, declarou Hitler em seu tribunal. “Mas a deusa do eterno tribunal da história nos absolverá.”

“Condenem-me. Não importa”, declarou Fidel ao tribunal lotado durante seu próprio julgamento em 1953 (por uma espécie de *putsch*, seu ataque de guerrilha nos quartéis de Moncada – o miserável fracasso militar que levou à sua prisão). “A história me absolverá!”<sup>36</sup>

Até no título oficial de Fidel, Líder Máximo, ele copia o *Führer* (líder) de Hitler. Exceto que, como é típico de Fidel, o cubano teve de superar até Hitler e colocar o “Máximo”, semelhante ao “Generalíssimo” de Francisco Franco, que o distinguia dos meros generais simplórios como Alexandre, o Grande, Aníbal e Júlio César. Fidel também tinha de se distinguir de “líderes” simples, como Hitler.

Outro traço que Hitler partilhava com seu pupilo cubano era este: “Adolf Hitler nunca conversa. Ele prega e vocifera, tratando cada expressão como uma revelação religiosa vinda de cima. Não se pode falar nada quando ele começa”. Assim se expressa o historiador John Toland, citando um amigo antigo de Hitler. A descrição também serve perfeitamente para Fidel. Pergunte a qualquer um que o tenha conhecido.

“Quando Fidel começava, o próprio Che Guevara se encolhia em um canto como um cachorrinho choramingando”, disse Miguel Uría, que o conheceu nos primeiros dias da Revolução. “Especialmente quando Fidel começava a insultá-lo. Era constrangedor. Você nunca ouviria tantos xingamentos, tal abuso selvagem. Eu quase tinha pena daquele argentino imbecil, assassino e (o que ficava cada vez mais evidente) chorão.”

No início de sua carreira como revolucionário e terrorista, Fidel mirava os americanos, mesmo antes de sua Revolução roubar 2 bilhões de dólares dos Estados Unidos e crivar dúzias de americanos com balas dos pelotões de fuzilamento – depois de terem sido torturados, claro. Em 1958, o Movimento 26 de Julho, de Fidel, sequestrou 50 americanos perto da Base Naval americana de

Guantánamo. A maioria era de fuzileiros navais ou homens da Marinha que estavam de folga. Alguns eram trabalhadores civis de uma companhia americana de mineração que se localizava ali perto. Eles estavam em um ônibus, indo em direção ao repouso do fim de semana, quando Raúl Castro e um bando de seus guerrilheiros os detiveram sob a mira de armas. Raúl declarou que os reféns americanos deveriam ser usados como escudo humano. O governo do presidente cubano Fulgencio Batista estava promovendo uma desconexa (e incompetente) campanha contra os guerrilheiros castristas. Daquela vez, porém, temendo que uma bomba ou uma bala perdida pudesse atingir um americano, Batista ordenou um cessar-fogo completo na área, o que, é claro, ajudou os castristas, que receberam de forma desimpedida mais carregamentos clandestinos de armas.

Eventos do outro lado do globo libertaram os reféns americanos. Houve uma crise no Líbano naquele ano. Militantes muçulmanos sunitas (soa familiar?) ameaçaram praticar atos violentos contra o presidente eleito (cristão e pró-Occidente), Camille Chamoun. O presidente Eisenhower enviou 5 mil fuzileiros navais, e a crise diminuiu. Na mesma semana em que nossos fuzileiros navais desembarcavam na costa do Líbano, Fidel libertou seus reféns americanos – coincidência, sem dúvida.

Os castristas são veteranos em outra forma de terrorismo: o sequestro de aviões. Três meses depois de sequestrar americanos de folga, os rebeldes de Fidel fizeram o mesmo com um turboélice da Cubana Airlines que ia para os Estados Unidos e tentaram forçá-lo a descer perto do quartel-general da guerrilha de Raúl, na província cubana de Oriente. Os terroristas eram idiotas que não conseguiam ver que a pista de aterrissagem era curta demais. O avião caiu, deixando poucos sobreviventes. Lembre-se de que, em 1958, “sequestro de avião” não era algo de que se ouvia falar. Mais uma vez, Fidel mostrava-se um pioneiro no que dizia respeito a terrorismo.

E, claro, o que seria do terrorismo sem bombas? Em novembro de 1958, os bandidos de Fidel colocaram *cem bombas* para explodir em Havana (“*la noche de las 100 bombas*”). Eram bombas pequenas, como aquelas três colocadas nos hotéis em 1997. O objetivo de Fidel era fazer barulho, balançar a posição de Batista e forçar sua polícia indisciplinada a repreender brutalmente. Muita confusão, muitos danos a propriedades, alguns feridos e cinco ou seis mortos. Fidel era um “rebelde” na época e ainda bancava o “policiais bonzinho” para os “policiais maus” de Batista. Sendo assim, seu objetivo não era o assassinato em massa de cubanos, como quis fazer mais tarde com os americanos em Manhattan. O grupo rebelde de Fidel, na época, não tinha nada a ganhar com o assassinato em massa de civis cubanos.

O ditador esteve profundamente envolvido com planos de bombas antes de planejar assassinar mulheres e crianças enquanto faziam suas compras de Natal em Nova York em 1962. E ele pretendia fazer pior: documentos soviéticos descartados – e as memórias de Nikita Krushev – mostram que Fidel implorou para que Krushev lançasse um ataque nuclear contra os Estados Unidos.

Em 27 de outubro, Fidel enviou um telegrama codificado para Krushev. “Temos informações seguras da inteligência de que o ataque americano está vindo entre 24 e 72 horas”, ele mentiu. “Ataque primeiro. É um ato de autodefesa – não há outra solução.”<sup>37</sup> Mas, enquanto Fidel pedia um ataque nuclear maciço contra os Estados Unidos e prometia lutar contra “os invasores ianques até o último homem!”, o embaixador soviético em Cuba durante a crise dos mísseis, Alexander Alexeyev, relata que um Fidel “amedrontado” fez reservas com ele para um assento de primeira classe no abrigo antibombas da embaixada soviética.

Alguns acham que a ansiedade de Fidel em puxar o gatilho foi um fator mais importante na decisão de Krushev de retirar os mísseis russos de Cuba do que o dito bloqueio naval contra a ilha, imposto por Kennedy.<sup>38</sup> Cinquenta e cinco navios conseguiram furar o bloqueio durante aqueles dias de crise. Somente um navio foi abordado pelos americanos – e era um navio construído nos Estados Unidos, de propriedade panamenha, com registro libanês e operado por soviéticos. JFK, um microgerente por excelência, escolheu ele mesmo a embarcação. Queria demonstrar a “determinação” dos americanos. O navio carregava sacos de juta.

Quando Krushev retirou os mísseis, Fidel enlouqueceu: chutou paredes e quebrou vidros, janelas e espelhos. O motivo para o ataque de Fidel foi revelado no mês seguinte por seu comparsa e adorável ícone de camisetas, Che Guevara. “Se os mísseis permanecessem”, disse o garoto-propaganda de *campus* universitário e vendedor de vodca ao *London Daily Worker*, em novembro de 1962, “nós os teríamos utilizado contra o coração dos Estados Unidos, incluindo Nova York. Não devemos jamais estabelecer uma coexistência pacífica. Nessa luta até a morte de dois sistemas, devemos conquistar a vitória definitiva. Devemos andar pelo caminho da libertação, mesmo que isso custe milhões de vidas.”<sup>39</sup> (A iconografia de Che segue sendo muito popular em camisetas e pôsteres, especialmente entre ativistas pacifistas e antinucleares.)

Em vez de matar milhões, Fidel conseguiu matar apenas um ianque durante a crise. Segundo Carlos Franqui, ex-membro do círculo íntimo de Fidel, foi o líder cubano quem apertou o botão que disparou o míssil responsável por derrubar, no fim de outubro de 1962, o U-2 americano pilotado pelo major Rudolph Anderson.

Todos conhecem a versão oficial e a hollywoodiana desses “13 dias” de crise dos mísseis cubanos. “A liderança americana foi inigualável na gerência responsável do poder”, registrou o assistente especial de Kennedy, Arthur Schlesinger Jr. “Uma combinação de firmeza, presença de espírito e sabedoria tão brilhantemente controlada, tão inigualavelmente calibrada que espantou o mundo.”<sup>40</sup> “A crise mais perigosa que o mundo já viu”, engasgou o secretário de Estado de JFK, Dean Rusk.<sup>41</sup> “[JFK] combinou debates com planos e firmeza com flexibilidade e coerção.”<sup>42</sup>

“O presidente Kennedy agiu magistralmente durante esses 13 dias críticos [...] e demonstrou uma compreensão excepcionalmente rara na Presidência [...]. Os Estados Unidos e seu jovem presidente foram considerados defensores do mundo

livre por aqueles que amam a liberdade”, disse arrebatadamente Hugh Sidey.<sup>43</sup>

O próprio JFK anunciou: “Nós cortamos as bolas deles fora.”<sup>44</sup>

Felizmente para os americanos (e para a humanidade), os Cavaleiros de Camelot estavam no comando. Suas memórias e as notas dos escrivães e bajuladores da mídia não deixam dúvida. A genialidade de Camelot,<sup>45</sup> sua perspicácia, liderança, determinação e *cojones* salvaram o dia, trazendo-nos de volta da beira do precipício. “Nós resolvemos a maior crise da humanidade”, vangloriou-se JFK.

Uma mentira enorme, devo dizer.

“Nós fomos enganados!”, gritou o chefe de pessoal da Marinha, George Anderson, em 26 de outubro de 1962. Ele havia acabado de ser informado de que JFK tinha “resolvido” a crise dos mísseis. O almirante Anderson era o responsável pelo “bloqueio” naval de Cuba.<sup>46</sup>

“A maior derrota na história do nosso país!”, berrou o chefe de pessoal da Força Aérea Curtis Lemay, batendo com o punho na mesa.<sup>47</sup>

“Nós perdemos o barco principal”, disse o general Maxwell Taylor, após ter ouvido os detalhes da negociação com Krushev.

“Kennedy primeiro fez uma palhaçada de invasão, homenageou Fidel [...] e então deu aos invasores soviéticos direitos sobre o nosso quintal”, disse Richard Nixon.<sup>48</sup>

“Nós trancamos Fidel e o comunismo dentro da América Latina e jogamos fora a chave para tirá-los dali”, disse, chocado, o senador Barry Goldwater.<sup>49</sup>

O velho congressista democrata Dean Acheson concluiu: “Esta nação precisa de liderança”. Ele esteve presente em todas as tensas e importantes reuniões conduzidas pelos homens de Kennedy. “Essas reuniões eram repetitivas e sem direção”, disse Acheson. “A maioria dos membros da equipe de Kennedy não tinha nenhuma experiência militar ou diplomática. As reuniões do ExComm [Comitê Executivo do Conselho de Segurança Nacional] eram uma perda de tempo.”<sup>50</sup>

A superioridade nuclear dos americanos em relação aos soviéticos era tão gigantesca na época – 5 mil ogivas nucleares contra 300 dos soviéticos – que o general Maxwell Taylor, líder da Junta de Chefes de Estado-Maior, admitiu em 1982: “Eu nunca tive a *mínima* preocupação de que existisse *a menor* possibilidade de que uma guerra nuclear fosse o resultado desse confronto”<sup>51</sup> [grifos meus].

Até Arthur Schlesinger confessou, em 1982: “Olhando para trás, me parece que, em outubro de 1962, nós exageramos sobre o risco de uma guerra”. Em 1987, o conselheiro de segurança nacional de Kennedy, McGeorge Bundy, concordou: “Sob a perspectiva correta, eu não acredito que a pressão fosse tão grande quanto o presidente acreditou na época”.<sup>52</sup>

Nikita Krushev escreveu: “Seria *ridículo* entrar em guerra por causa de Cuba, um país a 18 mil quilômetros de distância. Para nós, a guerra era algo impensável. Acabamos conseguindo tudo o que queríamos de qualquer forma – segurança para o regime de Fidel Castro e mísseis americanos removidos da Turquia. Até hoje, os

Estados Unidos têm cumprido sua promessa de não se intrometer com Fidel e de *não permitir que mais ninguém se intrometa com ele* [grifos meus]. Após a morte de Kennedy, seu sucessor Lyndon Johnson nos assegurou de que manteria a promessa de não invadir Cuba”.<sup>53</sup>

Documentos soviéticos recentemente liberados também revelam essa conversa entre Robert F. Kennedy e o embaixador soviético Anatoly Dobrynin. Kennedy disse a Dopezin: “Não podemos falar nada sobre esse acordo publicamente [...]. Seria um constrangimento político muito grande para nós”.<sup>54</sup>

“É uma fábula das relações públicas a ideia de que Krushev fraquejou diante de Kennedy”, escreveu Alexander Haig anos depois. “A lenda do confronto olho por olho inventada pelos homens de Kennedy gerou enorme lucro político. Mas muito do que aconteceu foi encoberto com uma gestão de Estado desenhada para desviar a atenção do público de fatos constrangedores [...]. O acordo Kennedy-Krushev foi um erro deplorável que resultou em estrago político e sofrimento humano nas Américas.”<sup>55</sup>

Esse foi o triunfo diplomático de Kennedy, em relação ao qual Fidel se vangloriou: “Foram feitas muitas concessões pelos americanos sobre as quais não se disse uma palavra [...]. Talvez um dia elas se tornem públicas”.<sup>56</sup> Não pela turma de Kennedy.

No 40º aniversário da crise dos mísseis (em outubro de 2002), o ex-secretário de Defesa Robert McNamara, Ted Sorensen (autor dos discursos de Kennedy) e um idoso contingente dos “melhores e mais brilhantes” foram a Havana para um *workshop* que incluía oficiais russos. Durante todo o evento para a mídia, não houve uma única palavra sobre o desejo de Fidel de apertar o botão nuclear contra os Estados Unidos. Em vez disso, vimos um sorridente Robert McNamara louvando seu encantador anfitrião como um “grande chefe de Estado” por sua conduta durante a crise.

O acordo entre Kennedy e Krushev impedia qualquer libertação de Cuba, não apenas pelos Estados Unidos, mas por qualquer grupo ou nação no Ocidente. Na verdade, se tornou responsabilidade dos Estados Unidos *prevenir* uma libertação. Os “melhores e mais brilhantes” americanos não apenas puxaram o tapete dos militantes pela liberdade cubana, mas também sancionaram a presença de 40 mil soldados soviéticos e capangas da KGB em Cuba. Os mesmos soviéticos já ajudavam no massacre desses defensores da liberdade feito por Fidel.

A Guarda Costeira americana e até mesmo a Marinha Real inglesa (quando os militantes cubanos foram para as Bahamas) protegeram Fidel dos rebeldes em exílio. Na Flórida e nas Bahamas, a Guarda Costeira e a Marinha Real estavam prendendo e desarmando os mesmos exilados que a CIA havia treinado e armado meses antes.

Em outras palavras, Fidel Castro, aquele “bravo e corajoso oprimido” que, de acordo com seus tletes de esquerda, pratica o “machismo-leninismo”, na verdade sobreviveu todos esses anos se escondendo sob as saias das três nações mais

poderosas do globo: os Estados Unidos, a União Soviética e o Império Britânico. Após 28 de outubro de 1962, Fidel aproveitou o novo *status* de Proteção Mutuamente Assegurada. E os exilados cubanos que buscavam lutar pela liberdade de repente passaram a ser detidos por “violar as leis de neutralidade americanas”. Alguns desses homens aturdidos foram presos, outros foram “colocados em quarentena” e proibidos de deixar o condado de Dade, na Flórida. A Guarda Costeira da Flórida ganhou 12 novos barcos e sete novos aviões para ter certeza de que Fidel não seria incomodado por dissidentes.<sup>57</sup>

“Estou muito desapontado com a CIA”, gritou Bob Kennedy para o chefe do escritório de Miami, William Harvey, algumas semanas antes da crise dos mísseis. “Nós nem sabemos o que está acontecendo em Cuba. Vamos colocar alguns homens lá.”<sup>58</sup> Centenas de cubanos exilados se ofereceram imediatamente para missões quase suicidas – apesar de terem sido traídos antes, na baía dos Porcos, por essa mesma administração.

O oficial da CIA Richard Helms esteve nas reuniões com Bobby Kennedy. “Esses garotos cubanos estão se perguntando quais são nossos objetivos”, Helms disse ao jovem procurador-geral. “Eles estão perfeitamente dispostos a arriscar a vida em missões de infiltração que consideram sensatas. E, para eles, sensato significa ações que contribuirão para a libertação de sua terra natal.” Kennedy imediatamente mudou de assunto.<sup>59</sup>

“Eu disse aos meus homens que, em minha opinião, o pessoal de Kennedy não tinha planos sérios para derrubar Fidel.” Foi isso que falou o chefe de um importante grupo anti-Fidel que trabalhava com a CIA no sul da Flórida. “Não queria enganar esses jovens. Eu simplesmente não podia fazer isso. Eles eram corajosos e muito motivados e arriscavam a vida nessas missões. Disse-lhes que o pessoal de Kennedy estava nos usando principalmente para coletar informações secretas. Se eles se sentiam confortáveis com isso, então tudo bem.”<sup>60</sup>

Muitos se sentiam. Enfrentariam tortura e pelotões de fuzilamento se fossem pegos. As baixas nessas equipes estavam em torno de 70%. Mas eles continuaram a se infiltrar em Cuba sob as ordens de Kennedy. Entre os dados preocupantes que transmitiram por rádio ou trouxeram de volta estava uma informação – a primeira obtida pelos Estados Unidos – sobre os mísseis nucleares soviéticos que estavam sendo implantados em Cuba. Os “melhores e mais brilhantes”, no entanto, zombaram dos relatórios trazidos por esses bravos jovens.

O conselheiro de segurança nacional McGeorge Bundy estava particularmente exaltado e desdenhoso. No *Issues and Answers*, programa dominical de entrevistas da ABC, em 14 de outubro de 1962, ele disse que os relatos de mísseis soviéticos em Cuba não passavam de “rumores de refugiados”. “Nada em Cuba representa uma ameaça para os Estados Unidos [...]. Tampouco existe qualquer possibilidade de que soviéticos e cubanos tentem instalar a estrutura para uma grande ofensiva”, ressaltou o desdenhoso Bundy.

O próprio JFK tinha uma ideia de quem estaria plantando esses rumores tolos:

“Existem mais ou menos 50 mil refugiados cubanos neste país, todos vivendo pelo dia em que entraremos em guerra com Cuba, e eles estão soltando boatos como esse”.<sup>61</sup>

Uma semana mais tarde, com os mísseis claros como o dia nas fotos do U-2, JFK anunciou publicamente que eles estavam lá – e o mundo prendeu a respiração.

O que havia acontecido? Por que a mudança? Bem, o chefe da CIA John McCone (um republicano) havia finalmente insistido em voos de U-2 sobre a parte ocidental de Cuba – onde militantes pela liberdade e agentes infiltrados diziam ter visto os mísseis.

Algumas semanas antes, o programa do U-2 americano havia passado da CIA para o Departamento de Defesa, logo o secretário de Defesa Robert McNamara controlava a autorização de voos de U-2 – e proibia repetidamente qualquer um que voasse sobre a parte *occidental* de Cuba. Mas McCone finalmente ganhou a discussão, que ameaçava se tornar uma questão política.

Muitos dos exilados cubanos infiltrados que haviam passado as informações para a inteligência de Kennedy em primeiro lugar – colocando a própria vida em grande perigo – se viram encahalados em uma Cuba infestada de soldados soviéticos após a “resolução” da crise. Dezenas desses jovens heróis chafurdaram nos pântanos ao longo da costa cubana, esquivando-se das patrulhas de Fidel e esperando pela sua prometida “exfiltração” em barcos motorizados de volta para os Estados Unidos.

Sua espera foi em vão. Com a missão completada e a entrega das provas de que genuínas armas de destruição em massa estavam a apenas 145 quilômetros da costa americana (e aos cuidados do regime antiamericano mais doentio da história), esses heróis caíram nas falhas do acordo entre Kennedy e Krushev. Eram dispensáveis.

“Vamos tomar todas as precauções necessárias para impedir esses exilados cubanos de realizar seu ataque, que busca gerar publicidade para estragar esse acordo”, foram as palavras do presidente Kennedy para seu irmão procurador-geral na noite de 28 de outubro de 1962.<sup>62</sup> Lembre-se de que apenas alguns dias antes Robert Kennedy estava chicoteando a CIA para que esta lançasse *mais* ataques.

Os barcos prometidos para os infiltrados cubanos foram cancelados. Esses “refugiados cubanos” morreram em tiroteios suicidas com as tropas de Fidel ou foram capturados, torturados e, finalmente, colocados em frente ao *paredón* sujo de sangue, ossos e cérebro. “*Viva La Cuba Libre!*”, eles gritaram.

Muitos desses homens haviam lutado na baía dos Porcos. Não podiam imaginar que o governo Kennedy os trairia *novamente*. Quando tanques russos e 51 mil tropas comunistas estavam prestes a superar a faminta, sedenta e sem munição Brigada 2.506 do comandante Pepe San Roman, este enviou esta última mensagem para os agentes da CIA próximos da costa: “Como podem fazer isso conosco?” Disse isso em inglês, uma vez que havia sido educado nos Estados Unidos.

Os cubanos capturados na baía dos Porcos foram torturados e condenados à morte. Fidel disse que revogaria essa sentença se assinassem um documento

denunciando os Estados Unidos. Todos recusaram. “Morreremos com dignidade!”, bradou seu comandante, Erneido Oliva, para os torturadores castristas. Esses heróis sabiam que não tinham sido traídos pelos Estados Unidos, mas pelo governo do jovem Kennedy. Um culpado JFK os recolheu de volta apenas para devolvê-los à luta. Quase metade dos 1.200 sobreviventes da baía dos Porcos se alistou no Exército americano em 1963. Eles se voluntariaram para a Guerra do Vietnã. Esses homens haviam visto os comunistas cara a cara e queriam combatê-los em qualquer lugar.

Pergunte a Gloria Estefan. O pai dela foi um desses heróis, ferido enquanto era comandante de um tanque na baía dos Porcos e ferido novamente como segundo-tenente do Exército americano no Vietnã, onde serviu durante duas temporadas. Machucado, teve morte lenta, provavelmente causada por contaminação pelo agente laranja.

Quando menina, Gloria Estefan cuidou do pai doente. Mas, ao contrário da esquerda hollywoodiana, nunca se aproveitou da morte dele para ganhar simpatia ou para criticar os Estados Unidos. “Toda a minha família pagou um preço alto pela liberdade”, disse de forma sucinta. “Meu pai lutou por essa liberdade na baía dos Porcos e no Vietnã. Eu o vi morrer lentamente durante 14 anos. Não vou deixar ninguém pisar nos ideais dele. Sempre acho que as pessoas têm muito pouca informação sobre o que aconteceu em Cuba. Todo mundo sempre acredita na ideia de que os Estados Unidos são responsáveis pela situação de Cuba. Mas o único embargo em Cuba é *o embargo de Fidel contra o povo cubano* [grifo meu]. Então, quando me perguntam, eu conto a eles. Como posso esquecer o que os comunistas fizeram com a minha família e o meu país?”<sup>63</sup>

Se Richard Nixon tivesse pedido uma recontagem em 1960 e exposto a fraude democrata em Illinois e no Texas, meus filhos fariam espanhol, Emmylou Harris (em vez de Gloria Estefan) faria sucesso em Miami, a maioria dos militantes cubanos estaria viva, e Fidel Castro mereceria menos espaço nos livros didáticos que Pancho Villa, menos ainda que Augusto Sandino.<sup>64</sup>

A operação baía dos Porcos havia sido planejada durante o governo Nixon-Eisenhower. Nixon aconselhou Kennedy sobre Cuba: “Entre!” O *Miami Herald* citou Nixon dizendo: “Nós deveríamos ajudar abertamente os militantes pela liberdade cubana. Não faz sentido mantê-los na coleira”. Uma das últimas recomendações de Eisenhower antes de passar o bastão a Kennedy foi: “Nós não podemos deixar que o regime de Fidel dure! Fidel está enlouquecendo [...]. Faça o que precisar!”<sup>65</sup> Bem, nós todos conhecemos o resto da história.

Em um discurso durante a campanha de 1960, Kennedy disse: “Os republicanos permitiram que uma república comunista florescesse a oito minutos de nossa fronteira. Devemos apoiar aqueles que lutam contra Fidel. Até agora esses militantes não receberam nenhum dinheiro de nosso governo [...]. Devemos tornar clara nossa intenção de não permitir que a União Soviética transforme Cuba em sua base no Caribe – assim como nossa intenção de reforçar a Doutrina Monroe”.<sup>66</sup>

“Devemos pagar qualquer preço, carregar qualquer fardo, enfrentar qualquer dificuldade, apoiar qualquer amigo e nos opor a qualquer inimigo para assegurar a sobrevivência e o sucesso da liberdade”, disse Kennedy em seu discurso de posse em janeiro de 1961.

“Nunca vou abandonar Cuba ao comunismo. Prometo lhes entregar essa bandeira em uma Havana livre.”<sup>67</sup> Foi isso que JFK disse aos sobreviventes da Brigada 2.506 no Orange Bowl, na véspera de Natal de 1962. Mas Fidel sabia que era uma mentira. Kennedy havia abandonado Cuba à doce misericórdia do *Führer* cubano.

<sup>34</sup> Essa citação é de uma conferência para a imprensa realizada em 15 de julho de 1959, quando o presidente Eisenhower respondia a acusações do exilado cubano Pedro Diaz Lanz de que a revolução de Fidel seria comunista.

<sup>35</sup> *Gringos in the Revolution 1956-62*, Paul Wolf (org.).

<sup>36</sup> Georgie Ann Geyer, *Guerrilla Prince*, Little, Brown & Co., 1991, página 131.

<sup>37</sup> Michael Beschloss, *The Crisis Years; Kennedy & Khrushchev 1960-1963*, HarperCollins, 1991, página 538.

<sup>38</sup> Fedor Burlatsky, “Castro Wanted a Nuclear Strike”, *New York Times*, 23 de outubro de 1992.

<sup>39</sup> Jon Lee Anderson, biógrafo de Guevara, reporta que este contou a Sam Russell, correspondente inglês do jornal socialista *Daily Worker*, que, se os mísseis estivessem sob o controle de Cuba, teriam sido acionados.

<sup>40</sup> Arthur Schlesinger, Jr., *A Thousand Days: John F. Kennedy in the White House*, Random House, 1965.

<sup>41</sup> *Foreign Affairs*, volume 66, número 1, outono de 1987.

<sup>42</sup> Stewart Alsop, “In Time of Crisis”, *Saturday Evening Post*, novembro de 1962.

<sup>43</sup> Citado em Enrique Ros, *La Segunda Derrota*, Ediciones Universal, 1995.

<sup>44</sup> Michael Beschloss, página 549.

<sup>45</sup> Apelido dado ao presidente John F. Kennedy. (N. do T.)

<sup>46</sup> Michael Beschloss, página 544.

<sup>47</sup> Ibid.

<sup>48</sup> Ibid.

<sup>49</sup> Michael Beschloss, página 556.

<sup>50</sup> *Washington Post*, 19 de janeiro de 1969.

[51](#) Enrique Ros, página 269.

[52](#) Ibid., página 248.

[53](#) Ibid., página 282.

[54](#) Peter Schweizer, “Cuban Missile Crisis: Kennedy’s Mistakes”, *History News Network*, 4 de novembro de 2002.

[55](#) Alexander M. Haig, Jr., *Inner Circles: How America Changed the World*, Warner Books, 1992.

[56](#) Paul Bethel, *The Losers: The Definitive Report, by an Eyewitness, of the Communist Conquest of Cuba and the Soviet Penetration in Latin America*, Arlington House, 1969, página 364.

[57](#) Enrique Ros.

[58](#) Ibid.

[59](#) Ibid., página 199.

[60](#) Ibid., página 193.

[61](#) Michael Beschloss, página 414.

[62](#) Enrique Ros, página 258.

[63](#) Andres Perez, revista *Yara*, Florida International University, 2000.

[64](#) A eleição presidencial de 1960, entre Richard Nixon e John F. Kennedy, foi uma das mais apertadas da história americana. Para o autor, a recontagem nos dois estados poderia ter revertido o resultado em favor de Nixon. (N. do T.)

[65](#) “Bay of Pigs 40 Years After: An International Conference”, Havana, Cuba, 22-24 de março de 2001, National Security Archive.

[66](#) Michael Beschloss, página 28.

[67](#) Haynes Johnson, *The Bay of Pigs; The Leader’s Story of Brigade 2.506*, W. W. Norton & Co., 1964.

Cubanos nas portas de casas em Havana (2006).

## O APARTHEID CUBANO



Em 12 de janeiro de 1960, Fidel causou uma boa efervescência na televisão cubana. Ele falou exaltadamente dos inimigos sinistros de sua *Revolución*. Por alguns segundos, parou de bater nos ianques e atacou a Espanha: “Fascistas!” “Monarquistas!” “A embaixada espanhola é um ninho de contrarrevolucionários!” “Uma colmeia sórdida da CIA!” etc.

Era uma transmissão noturna, e ocorreu que o embaixador espanhol, Juan Pablo Lojendio, estava em casa, de pijamas, assistindo à televisão. Ele viu Fidel, ficou lívido e convocou seu motorista enquanto pegava um casaco. “Para o estúdio de TV. Rápido!”

Se ao menos os Estados Unidos tivessem um embaixador como esse... Todos os dias, durante dez meses, Fidel insultava os Estados Unidos. A equipe na embaixada americana já tinha visto o suficiente e queria revidar, mas o embaixador Phil Bonsal, um esquerdista do Nordeste americano com postura de centro, havia dado instruções rígidas contra qualquer sombra de crítica ou protesto pelos crimes, roubos e falácias de Fidel. A tolerância e o esclarecimento dos americanos deveriam impressionar toda a América Latina.

Já o embaixador espanhol Juan Lojendio não dava a mínima para a tolerância e o esclarecimento. Honra e respeito eram mais importantes. (Lembrem-se, isso era a Espanha há 45 anos.) Ele saltou do carro antes mesmo que este parasse. Entrou furiosamente no estúdio e exigiu: “Onde está o comandante? Onde está o premiê?” Um produtor chocado apontou para uma porta.

Fidel ainda soltava faíscas diante das câmeras quando o enraivecido embaixador invadiu o estúdio. A equipe se espalhou em meio à confusão, tropeçando em fios e derrubando pranchetas. As câmeras alternavam de Fidel para Lojendio, para um produtor que encolhia os ombros e então de volta para Fidel – enquanto o embaixador o confrontava.

“Mentiras!”, gritava um Lojendio de rosto vermelho, o pijama visivelmente escapando debaixo do blazer. “Eu fui insultado! Eu fui insultado! Exijo uma chance de resposta! Você não pode insultar meu governo ou o embaixador do meu governo sem um direito de resposta!”<sup>68</sup>

Fidel ficou de queixo caído. Seus olhos saltaram. Pela primeira vez estava sem fala. De olhos arregalados, recuou e jogou as mãos à frente – não com punhos fechados, mas implorando para se livrar daquilo. Enquanto se encolhia, seu grupo de guarda-costas partiu para conter o embaixador. As câmeras mudaram na mesma hora. Quando voltaram, Fidel pegava sua xícara de café (*brandy*, na realidade) com mãos trêmulas, quase o derramando.

Depois desse episódio, a Espanha ganhou mais respeito nos discursos, mas os Estados Unidos nada aprenderam com Fidel, o leão covarde na televisão.

“Esses americanos”, riu-se na época o presidente brasileiro Jânio Quadros em uma reunião de chefes de Estado latino-americanos, “são como mulheres. Eles têm uma veia masoquista; quanto mais você bate neles, mais você consegue.”

Da Espanha, Castro ganhou uma séria reprimenda. Dos americanos, não recebeu nada – ou, na verdade, recebeu muito. Depois de gritar “Deixe que os ianques invadam! Eu produzirei 200 mil gringos mortos!”<sup>69</sup> (em 15 de janeiro de 1959), depois de classificar os Estados Unidos como “um abutre que preda a humanidade”, “um inimigo de todas as nações latinas” e “o inimigo do progresso de todas as pessoas do mundo”<sup>70</sup> (julho de 1959) e depois de ter confiscado todas as propriedades e negócios americanos, incluindo milhões de companhias de gado e agricultura em Cuba, Fidel recebeu cerca de 200 milhões de dólares em ajuda americana desde o momento em que subiu ao poder, em 1º de janeiro de 1959, até Eisenhower declarar que “existe um limite para o que os Estados Unidos, em respeito próprio, podem tolerar. Esse limite foi alcançado”, e romper as relações diplomáticas com Cuba. Isso ocorreu em 3 de janeiro de 1961.<sup>71</sup> A soma de 200 milhões de dólares foi fornecida pelo inspetor-geral da CIA Lyman Kirkpatrick e consistiu em compras americanas do açúcar cubano por preços muito mais altos do que seu valor mundial no momento.<sup>72</sup>

O grande lucro de Fidel veio pouco depois, no verão e no outono de 1960, e chegou a 1,8 bilhão de dólares em patrimônio americano roubado. Foi o maior assalto de bens americanos da história – e mais do que todas as “nacionalizações” (roubos) de riquezas dos Estados Unidos feitas pelos regimes comunistas e “nacionalistas” do século 20 somadas. Mas Fidel começou a tomar bens americanos já no início da Revolução, depois de pouco mais de dois meses no poder. Em 3 de março de 1959, começou a apropriação em massa ao “nacionalizar” a companhia de telefonia cubana, uma subsidiária da ITT. Três meses depois, sua Lei da Reforma Agrária roubou milhões em terras da United Fruit, Pingree and King e de muitas outras. Isso sem mencionar os milhões de fazendas e sítios de proprietários cubanos nos quais ocorreu uma “intervenção”, como eles chamam.

Muitos cubano-americanos da região de Camagüey se lembram da “intervenção” em um dos sítios de gado mais produtivos da região. Os castristas chegaram e declararam, como de costume, que o sítio agora pertencia a “*la Revolución*”. E eles, sendo oficialmente *revolucionários*, estavam certamente autorizados a almoçar. Na preparação, o *barbudo* na liderança aproximou-se do curral que guardava o premiado touro de procriação do sítio avaliado em 22 mil dólares (em 1959).

“Não esse!”, gritou o proprietário enquanto se movia apressadamente. “Esse é um touro de procriação que vale 22 mil dólares! Não faz sentido...”

Mas ele foi rapidamente interrompido (todos os *barbudos* viajavam em bandos pesadamente armados). O castrista olhou de volta para seus comparsas e gritou ao desengatar a carabina. “Isso não pode ser sério”, o proprietário pedia, olhando em

volta com olhos arregalados enquanto o imbecil fazia mira. “Mesmo sua maldita Revolução tem mais a ganhar com esse touro vivo!”

Bam! O touro desabou com um tiro na testa. Os *barbudos* se dobravam de rir ao mesmo tempo que o proprietário cobria o rosto com as mãos. Os Vermelhos então retalharam imediatamente o touro para um churrasco, tudo isso ao mesmo tempo que ameaçavam o proprietário de fuzilamento por sua impertinência. O valor do touro era irrelevante. E provavelmente os castristas nem tinham fome. O que importava era uma demonstração clara de quem dava as ordens agora em Cuba e qual era o preço da desobediência.

Mantendo a tradição de destacar-se – na verdade, de ganhar Prêmios Pulitzer – durante o relato da “reforma” agrária russa (a Fome Ucraniana de 1931–1933), o *New York Times* aplaudiu fervorosamente o roubo, a brutalidade e a idiotia “revolucionários” de Fidel. “Uma reforma agrária era necessária há muito tempo em Cuba”, apontou um sábio editorial do *New York Times* em julho de 1959.

Que pessoa decente poderia discordar? Nós visualizamos homens diligentes com ares de tropas da paz colocando títulos de terras nas mãos enrugadas dos camponeses com roupas rasgadas, os braços marcados de suor e sujeira, mas a face brilhando. “Alegrem-se!”, nós dizemos. “O sistema cruel que sufocava a produção agrária cubana foi finalmente descartado!” “Alegrem-se!”, dizemos de novo. “Os egoístas, preguiçosos e vis estão finalmente ganhando o que merecem. Os virtuosos e trabalhadores estão finalmente tendo uma chance na vida.”

“Essa promessa de justiça social trouxe um cheiro de dignidade humana para milhões que nunca a haviam visto na antiga economia *quase feudal* de Cuba”, foram as palavras exatas do *New York Times* [grifo meu].

O problema é que, nos anos 1950, os rendimentos de uma fazenda na Cuba “quase feudal” eram *mais altos* que na França ou na Bélgica. E a fazenda cubana média era na verdade *menor* que uma fazenda média nos Estados Unidos (140 acres em Cuba e 190 acres nos Estados Unidos). Em 1958, Cuba, uma nação de 6,2 milhões de pessoas, tinha 159.958 fazendas, 11 mil delas produtoras de tabaco. Além disso, apenas 34% da população de Cuba vivia na área rural.

Esses dados provêm de um documento do Departamento de Comércio dos Estados Unidos intitulado “Investimento em Cuba” (um documento disponível para todos os Jayson Blair e Walter Durantys do *New York Times* da época, devo dizer).

Segundo a Organização Internacional do Trabalho, sediada em Genebra, o ganho médio diário de um trabalhador rural em Cuba em 1958 era de 3 dólares. Se isso soa “quase feudal”, considere que o ganho diário médio na França da época era de 2,73 dólares; na Bélgica, de 2,70 dólares; na Dinamarca, de 2,74 dólares; na Alemanha Ocidental, de 2,73 dólares; e, nos Estados Unidos, de 4,06 dólares. Não vamos nem citar o ganho médio no resto da América Latina, na Ásia ou na África, ainda que hoje os padrões de vida em Cuba possam ser comparados aos do Haiti.

“A impressão geral dos membros da missão”, continua o estudo do Departamento de Comércio dos Estados Unidos, “tirada de viagens e observações *por toda Cuba*, é de que os níveis de vida de fazendeiros, trabalhadores agrários e operários

industriais são mais altos do que para grupos correspondentes em outros países tropicais” [grifo meu].

Um relatório da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) de 1957 diz: “Uma característica da estrutura social cubana é *uma ampla classe média*. Os trabalhadores cubanos são mais sindicalizados (proporcionalmente à população) do que nos Estados Unidos [...]. O pagamento médio por uma jornada de oito horas de trabalho em Cuba em 1957 é mais alto que para trabalhadores na Bélgica, na Dinamarca, na França ou na Alemanha. O trabalho cubano recebe 66,6% da renda do Produto Interno Bruto (PIB). Nos Estados Unidos, esse valor é de 68%. Um total de 44% dos cubanos é amparado por uma legislação social”. Essa é uma porcentagem maior que a dos Estados Unidos na época.<sup>73</sup>

Esquerdistas de hoje e do passado gostam de pensar na Cuba pré-Castro como uma verdadeira colônia americana, um *playground* sórdido com prostitutas e cassinos e horivelmente explorado pelas corporações americanas! O próprio JFK disse isso em uma entrevista para o jornalista francês Jean Daniel em 1963: “Penso que não há nenhum país no mundo, incluindo regiões da África e qualquer outro país sob domínio colonial, onde a colonização econômica, a humilhação e a exploração tenham sido piores do que as que devastaram Cuba, algo que resulta, em parte, da política do meu país”.

“Calúnia... demagogia barata.” Isso é o que um exasperado Spruille Braden, ex-embaixador americano em Cuba, disse após ter lido as afirmações idiotas de JFK nessa entrevista. “Essa ignorância abissal de Washington no que diz respeito a toda a situação cubana permanece.”<sup>74</sup>

Na realidade, apenas 5% do capital *investido* em Cuba em 1958 era americano, e menos de um terço do açúcar saído de Cuba ia para companhias americanas. Cuba possuía um total de nove cassinos em 1958. Gulfport-Biloxi, no Mississippi, tem o dobro desse número hoje. Agora, engulam essa: em 1957, quando foi apregoada como o *playground* americano, Cuba abrigava um total de 272.265 turistas americanos.<sup>75</sup> Naquele ano, *mais cubanos passaram as férias nos Estados Unidos do que americanos em Cuba*. Nós também tínhamos um “*playground*”.

Professores universitários pregam com frequência o mito da opressão brutal entre proprietários de terras e camponeses. Eu mesmo ouvi essa versão de um de meus professores de história na faculdade. Seu nome era Stephen Ambrose. Você poderia achar que o biógrafo oficial de Eisenhower e historiador *best-seller* dos Estados Unidos teria um raciocínio mais refinado. Não quando se tratava de Cuba, assunto sobre o qual o canto de sereia de Fidel colocava sua capacidade crítica para dormir. Professores universitários podem não saber disso, mas nós sabemos que os que não possuíam terra continuaram sem terra de qualquer maneira. Eles se tornaram trabalhadores escravos das *kolkhozes* comunistas (fazendas estatais). Conselheiros soviéticos da Ucrânia passaram a orientar o Instituto Nacional para a Reforma Agrária de Fidel no início da primavera de 1959. Muitos professores e

jornalistas do *New York Times* pensavam que o comunismo funcionava, mas é um tanto difícil discutir sobre isso hoje (para ser sincero, era um tanto difícil discutir isso na época também). O bolchevique Maxim Litvinov disse que “comida é uma arma”, e os comunistas sempre a utilizaram dessa forma. E Fidel brandiu a arma cedo, confiscando fazendas e sítios e impondo seus infames cartões de racionamento.

Em 1958, o povo cubano tinha o terceiro maior consumo de proteína no hemisfério ocidental. Se você acha isso interessante, veja esta tabela<sup>76</sup>, compilada por um intrépido cubano que vivia na Espanha:

	RACIONAMENTO DE COMIDA EM 1842 PARA ESCRAVOS EM CUBA	RACIONAMENTO DE COMIDA DO GOVERNO CASTRO DESDE 1962
Carne, frango, peixe	225 g	55 g
Arroz	115 g	85 g
Trigo	455 g	185 g
Feijão	115 g	30 g

No final, quando dizemos que Fidel escravizou Cuba, perdemos metade da história – na verdade, *minimizamos* a questão. Acontece que os escravos quase mortos de fome no navio *Amistad* comiam melhor do que Elián González come agora. Lembre-se disso quando ouvir Eleanor Cliff dizer que “ser uma criança pobre em Cuba deve ser melhor do que ser uma criança pobre nos Estados Unidos”.<sup>77</sup> Lembre-se disso quando ouvir que “o socialismo funciona. Eu acho que Cuba pode provar isso”, como disse o ator Chevy Chase no Dia da Terra, em 2000, depois de um *tour* guiado pela Castrolândia.<sup>78</sup> Lembre-se disso quando ouvir Danny Glover culpar o (facilmente contornável, basta que se comprem mercadorias do México) “embargo injusto e cruel” dos Estados Unidos pela pobreza em Cuba em vez do sistema comunista.<sup>79</sup> Lembre-se disso quando ouvir Jesse Jackson dizer “*Viva Fidel! Viva Che!*”, como se o povo cubano tivesse algo pelo que saudar Che ou Fidel.<sup>80</sup> Lembre-se disso quando ouvir Steven Spielberg dizer que “conhecer Fidel Castro foram as oito horas mais importantes da minha vida”.<sup>81</sup>

E minha citação favorita de Spielberg: “Eu pessoalmente acredito que o embargo cubano deveria ser revogado. Não vejo nenhuma razão para que *velhos rancores continuem sendo alimentados no século 21* [grifo meu]”.<sup>82</sup> Isso vindo de um homem que se especializou em fazer filmes sobre a escravidão americana, Jim Crow e o Holocausto.

As conquistas extraordinárias de Cuba no campo da saúde e da nutrição fizeram

Havana sediar a Segunda Conferência Interamericana de Farmácia e *Nutrição* em junho de 2003. A Faculdade de Farmácia e Ciências da Saúde de Massachusetts patrocinou essa farsa, e seu presidente deu para um comparsa de Fidel “a mais alta condecoração que a Academia americana confere a personalidades ou instituições que se destacam no campo da saúde e da *nutrição*” [grifo meu].

Dois meses antes, a polícia de Fidel havia enquadrado mais de cem “dissidentes”, os quais foram julgados fraudulentamente e jogados em masmorras. Suas sentenças combinadas somam 1.454 anos. As prisões cubanas oferecem aos presos tratamentos de eletrochoque sem custo e um plano nutricional para a perda de peso. Trinta e quatro dos presos eram jornalistas e livreiros independentes. Seus crimes iam de possuir *A Revolução dos Bichos*, de George Orwell, a acessar a internet. No mês seguinte, a Unesco deu a Cuba seu disputado Prêmio Internacional de Alfabetização.

Alguns meses depois, a escritora ganhadora do Pulitzer Alice Walker – “Eu simplesmente adoro Cuba e seu povo, incluindo Fidel, ele é como uma grande árvore”<sup>83</sup> – visitou Havana por ocasião da Feira Internacional do Livro de 2004. Ela anunciou: “Existe uma correlação direta entre o movimento de direitos civis americanos e a revolução socialista de Fidel Castro. É importante nos colocarmos a favor de pessoas que estão lutando, porque no fim vamos vencer”.<sup>84</sup>

Ela estava, sem dúvida, se referindo aos seus anfitriões (os carcereiros), não aos presos. Os anfitriões de Walker detêm o recorde do mais longo e brutal encarceramento de um preso político negro no século 20. Seu nome é Eusebio Peñalver, e ele esteve por mais tempo nas prisões de Fidel do que Nelson Mandela nas da África do Sul.

“Preto!”, desprezavam seus carcereiros brancos durante torturas. “Macaco! Nós o tiramos da árvore e cortamos seu rabo!”, gritavam os empregados de Castro enquanto o jogavam no confinamento solitário. Será que o Congressional Black Caucus ou NAACP<sup>85</sup> tem uma palavra desagradável para esse regime – um regime branco em que, hoje, 80% dos prisioneiros políticos são negros? Jesse Jackson não tem, é claro. Ele chama Fidel de “o político mais corajoso e honesto que já conheci”. Na última visita de Fidel ao Harlem, em 1996, entre um coro ensurdecido e delirante de pés batendo, “*Viva Fidel!*” e “*Cuba sí!*”, seu anfitrião Charlie Rangel lhe deu um abraço de urso.

Eusebio Peñalver passou 30 anos nas celas de Fidel e permaneceu como o que os castristas chamam de um *plantado* – um desafiador, um inquebrável. “Stalin torturava”, escreveu Arthur Koestler, “não para forçá-lo a revelar um fato, mas para forçá-lo a participar de uma ficção.” Solzhenitsyn notou que “a pior parte do comunismo é ser forçado a viver uma mentira”. Peñalver se recusou a mentir. Rejeitou qualquer “reeducação” oferecida por seus algozes. Sabia que eram eles que precisavam desesperadamente ser reeducados. Recusou vestir o uniforme de um criminoso comum. Sabia que eram os comunistas os criminosos. Danny Glover, a senadora Maxine Waters, Kweisi Mfume (ex-presidente da NAACP), Jesse

Jackson e Alice Walker, todos brindaram aos seus torturadores.

“Por meses, estive nu em uma cela de dois metros por um”, Peñalver relata. “É pouco mais de um metro de altura, então você não podia ficar em pé. Mas eu sentia uma grande liberdade dentro de mim. Eu me recusei a cometer suicídio espiritual.”

Peñalver hoje vive em Miami. No dia 20 de maio de 2003, para celebrar o Dia da Independência cubana, ele se encontrou com o presidente Bush na Casa Branca. “Os bajuladores de Fidel”, Peñalver me disse recentemente, “aqueles que desculpam ou minimizam seus crimes, essas pessoas, sejam elas ignorantes, estúpidas, falsas, não importa, são *cúmplices* dos crimes desse tirano maldito, cúmplices do mais brutal e assassino regime no hemisfério.” Então, Alice Walker, Jesse Jackson, Kweisi Mfume, Danny Glover e Maxine Waters são cúmplices dos malditos crimes de um regime no qual 82% da população carcerária é negra e 0,8% dos membros do Partido Comunista governante são negros.

Alguns negros americanos, entretanto, aprenderam a verdade sobre Cuba. “O comunismo cubano devia ser apagado”, disse Anthony Garnet Bryant, em 1980. “O comunismo cubano é o vômito da humanidade!”<sup>86</sup>

Bryant foi *forçado* a viver na Castrolândia, e não apenas a visitar o lugar. Em 1968, sequestrou um avião que ia para Cuba para escapar da Justiça americana por diversos crimes. Em 1980, após anos de tentativas, e sabendo que enfrentaria muito tempo de sua vida na cadeia nos Estados Unidos, ele voltou para casa. “Estou delirantemente feliz por estar de volta!”, disse com alegria para a magistrada americana Charlene Sorrentino, em uma corte do distrito de Miami. Ela havia acabado de sentenciá-lo a uma prisão de segurança máxima na Flórida. “Eu nunca na minha vida vi um homem sorrir tanto”, afirmou a juíza Sorrentino.<sup>87</sup>

Acontece o tempo todo com pessoas que deixam Cuba, juíza Sorrentino; eles sorriem constantemente, loucamente. Lembre-se do pequeno Elián González – antes que Janet Reno ordenasse a ação que o mandou de volta para a Castrolândia. Lembre-se das cenas do Êxodo de Mariel. Claro, Anthony Bryant estava indo para a cadeia. Mas havia acabado de deixar uma prisão muito mais aterrorizante, a Cuba de Fidel.

“Eu vivo como um cachorro em Cuba!”, diz o ex-Pantera Negra Garland Grant, que sequestrou um avião para Cuba em 1971. “Só quero voltar para os Estados Unidos! Abram a porta da minha cela, e eu entro! Aqui em Cuba, os guardas me bateram demais na prisão, esmagaram um dos meus olhos! Mataram meu amigo, esmagaram a cabeça dele contra uma parede, como se não fosse nada de mais, sem interrogatório, sem nada. Inferno, não tem nada que esses comunistas não tenham feito comigo, exceto pôr uma bala na minha cabeça!”<sup>88</sup>

Um repórter da Associated Press entrevistou Grant secretamente em sua cela em 1977. “Tem mais racismo aqui, na Cuba comunista, do que nas piores partes do Mississippi!... Cuba não é o que as pessoas pensam. Eu preferiria estar preso nos Estados Unidos que livre aqui!”<sup>89</sup>

Dois desses senhores negros se encontraram nas prisões de Fidel pouco tempo

depois de terem entrado em Cuba. Parece que tentaram usar a mesma atitude e linguagem que mantinham com os policiais americanos com os da polícia de Fidel. Perceberam rapidamente que isso era um grande erro.

Além de usar comida como arma, os comunistas não se importam de usar armas reais para matar, mutilar e torturar oponentes do regime, mesmo que eles estejam em exílio. Assim como Stalin mandou seus capangas assassinar Trótski (um assassino finalmente conseguiu enterrar um machado no cérebro de Trótski na Cidade do México, em 1940), também Fidel mandou caçar cubanos exilados. A quadrilha de Fidel acabou com Aldo Rivera na porta de sua casa em Porto Rico, fuzilando-o pelas costas; pegaram Rolando Masferrer com um carro-bomba em sua garagem em Hialeah; e mataram José de la Torriente com uma bala no coração enquanto ele dormia na poltrona de sua sala de estar em Miami. No entanto, quando o assassinato físico se torna complicado, os comunistas sabem que podem contar com a imprensa ocidental para assassinar o caráter. A mídia adora ditadores de esquerda, e Fidel não é uma exceção.

Por coincidência, após cumprir uma pena de 20 anos no México, o assassino de Trótski, Ramón Mercader, mudou-se para Cuba. Fidel indicou-o pessoalmente como inspetor-geral de prisões. Quando Mercader morreu em Cuba, foi enterrado com honras por todos os feitos nas prisões: 15 mil fuzilamentos (cinco vezes mais que Pinochet; a maioria trabalhadores e pessoas do campo) e 50 mil reclusos em *gulags* (a maioria proletários), em um país sem liberdade de expressão e sem direitos trabalhistas, com repressão política e uma organização econômica que impôs fome e escravidão a um povo que um dia teve um dos padrões de vida mais elevados do hemisfério ocidental. Ainda assim, com que frequência a mídia de esquerda condena Fidel ou ainda mais seu parceiro Che, que orgulhosamente assinava como Stalin II? O Leão Covarde de Havana nada tem a temer da adúladora imprensa ocidental. O *New York Times* ensinou-lhe isso desde o início.<sup>90</sup>

Um dia, em maio de 1959, o chefe da Força Aérea de Fidel, major Pedro Diaz Lanz, encontrou-se com seu antigo amigo e colega Eduardo Ferrer. “Eddy, venda seus negócios. Diga a seu pai para vender os negócios. Os comunistas vão tomar Cuba. Os malditos vão confiscar tudo. Eu sei disso. Vou partir para os Estados Unidos logo. Tenho de fazer alguma coisa. Tenho de dizer aos americanos e ao mundo o que está acontecendo aqui e começar a lutar contra esses comunistas. Parece que todo mundo está dormindo. Mas eu vi os Vermelhos trabalhando nos bastidores.”<sup>91</sup>

Uma semana mais tarde, Diaz Lanz abandonou seu posto declarando publicamente que o governo civil de Fidel era um *front* para comunistas treinados pelos soviéticos. Diaz Lanz juntou a mulher e os filhos em um barco e fugiu para Miami. Semanas depois, compareceu a uma audiência pública diante da Subcomissão de Segurança Internacional do Senado (Siss). Era o dia 14 de julho de 1959.

**Jay Sourwine [conselheiro-geral da Siss]:** Você acha que Raúl Castro é o comunista mais forte no regime de Castro?

**Diaz Lanz:** É o próprio Fidel. Tenho certeza de que é ele quem dá as ordens e decide tudo.

**Sourwine:** Fidel é amigo dos Estados Unidos?

**Diaz Lanz:** Não.

**Sourwine:** Mas Fidel Castro disse em diversas ocasiões que é amigo dos Estados Unidos. Você está dizendo que isso não é verdade?

**Diaz Lanz:** Ele está mentindo.

**Sourwine:** Você já viu casos de propaganda antiamericana no regime de Fidel?

**Diaz Lanz:** Sim.

**Sourwine:** Dê-nos um exemplo.

**Diaz Lanz:** O próprio Fidel Castro chama vocês de “imperialistas ianques”. Ele está sempre nos dizendo que vamos precisar lutar contra os americanos e a Marinha e está sempre voltando ao tema. *Ele quer uma guerra contra os Estados Unidos.*

**Sourwine:** Você viu algum caso de propaganda antiamericana ligado a escolas doutrinárias?

**Diaz Lanz:** Sim.

**Sourwine:** Você sabe que se diz com frequência que Fidel Castro não é em si um comunista, mas que é simplesmente um instrumento ou um refém dos comunistas.

**Diaz Lanz:** Eu tenho certeza absoluta de que Fidel é um comunista.

**Sourwine:** Você tem certeza absoluta de que Fidel é o quê?

**Diaz Lanz:** De que Fidel é um *comunista*... Além disso, estou preparado, porque os comunistas têm um sistema bem reconhecido para tentar destruir a reputação dos que discordam deles.

O correspondente do *New York Times* em Havana, Herbert Matthews, pulou em sua máquina de escrever e imediatamente redigiu um artigo de primeira página contra o major Diaz Lanz. “Essa não é uma revolução comunista, em qualquer acepção da palavra”, ele afirmou. “Em Cuba, não existem comunistas em posições de controle.” E “as acusações do major Diaz Lanz são rejeitadas por todos”. Por fim, o assassinato de caráter: “Fontes me dizem que o major Diaz Lanz foi removido de seu posto por incompetência, extravagância e nepotismo”.<sup>92</sup>

Mas a *pièce de résistance* foi esta: “Fidel Castro não é apenas um comunista”, continuou o repórter-estrela do *New York Times*, “como é decididamente anticomunista”.

Matthews tem um longo histórico de notícias a favor do comunismo; fez isso na Guerra Civil Espanhola, colocando os comunistas como “democratas”, partidários da reforma agrária, enfim, o show completo. Mas, assim que o *New York Times* soa sua corneta, todo o bando da mídia segue atrás dele, da CBS News aos maiores jornais nacionais. “É ultrajante que o Congresso forneça uma plataforma para que

um descontente aventureiro cubano denuncie a Revolução Cubana como comunista”, apontou Walter Lippmann alguns dias depois no *New York Herald Tribune*. “Seria um erro ainda maior até mesmo *insinuar* que a Cuba de Fidel tenha qualquer projeto de se tornar um satélite soviético”, escreveu Lippmann uma semana mais tarde no *Washington Post* [grifo meu]. O Pulitzer dado a Lippmann em 1958 destacava “sua distinção como alguém de ampla visão e um analista incisivo da política internacional”.

O *Atlanta Constitution* vociferou em seguida: “O major Diaz Lanz é apenas um mercenário frustrado”. Foi isso o que escreveu seu *publisher* e editor-chefe, Ralph McGill, que estava em Havana conversando amigavelmente com Fidel e Raúl. “Fontes confiáveis me dizem que o major Diaz Lanz compromete-se com atividades financeiras ilegais [...]. Diaz deixou Cuba porque estava envolvido com o mercado negro.” Ralph McGill receberia o Pulitzer nesse mesmo ano por sua “coragem” ao denunciar “a intolerância e o ódio” sulistas. Em 1964, a LBJ condecorou McGill com a Medalha Presidencial da Liberdade. “O anseio por dignidade pessoal e liberdade está nos genes de toda a humanidade”, declarou McGill durante a cerimônia solene. Mas aparentemente ele não se importava com os cubanos no campo de concentração de Fidel Castro.

Não havia uma mídia “alternativa” na época que pudesse fazer com que a mídia de esquerda se mantivesse honesta, mas o corajoso e pequeno semanário nacional *Human Events* tentou. Em 17 de agosto de 1957, o *Human Events* trazia um artigo profético que dizia: “Muitos têm começado a dizer ‘nós deveríamos nos preocupar mais com a ameaça comunista na América Latina, na nossa porta, do que com o comunismo no distante Oriente Médio’. O que realmente está por trás da revolta liderada por Fidel Castro contra o governo cubano, que o *New York Times* e a imprensa de esquerda classificam como uma simples rebelião contra uma ditadura, se torna mais claro a partir da seguinte afirmação, obtida com exclusividade pelo *Human Events*, do ex-embaixador americano em Cuba, Spruille Braden. Esse diplomata americano aposentado há muito tempo se qualificou como um especialista não apenas em Cuba, mas em América Latina; tendo servido em outras funções ao sul da fronteira, ele recentemente ganhou reconhecimento como observador crítico dos trabalhos do aparato comunista na América do Sul e no Caribe.

“O sr. Braden afirma com base em documentos que ele mesmo viu que Fidel Castro, líder da nascente revolta cubana, é um companheiro de viagem, senão um membro oficial, do Partido Comunista e o tem sido por muito tempo. Ele foi um líder naquela revolta em Bogotá, Colômbia, em abril de 1948, que ocorreu (e foi obviamente planejada pelo Kremlin) exatamente no momento em que a Conferência Pan-Americana acontecia nessa capital, com a presença de ninguém menos que o secretário de Estado americano George C. Marshall. O levante foi engendrado e colocado em prática por comunistas, e o governo e a imprensa colombianos logo publicaram provas documentais do papel de líder de Fidel Castro nos tumultos que quase destroçaram a capital colombiana. O aparecimento desse cubano como chefe

da recente revolta de seu próprio país a marca como mais uma parte do padrão comunista de subversão que se espalhava pela América Latina – embora um número de cubanos perfeitamente decentes e patrióticos tenha sido enganado para simpatizar, e por vezes apoiar, o movimento de Fidel Castro.”

Essa passagem também apareceu no livro de Earl E. T. Smith, *The Fourth Floor (O quarto andar, em tradução livre)*. Smith foi embaixador em Cuba de meados de 1957 até a tomada de poder de Fidel em janeiro de 1959. Escreveu o livro para contar a verdade sobre a pretensão de Fidel ao poder. Outro diplomata – e amigo – americano alertou Smith antes que ele fosse para Havana: “Tenha cuidado lá, Earl. Você está sendo mandado a Cuba para assistir à queda de Batista. A decisão de que Batista tem de sair já foi tomada”.

O departamento caribenho ficava no quarto andar do prédio do Departamento de Estado, daí o título do livro. Os burocratas do Departamento de Estado se opuseram em cada ponto a Smith, um republicano conservador, não apenas ignorando, mas zombando de seus alertas sobre o comunismo de Fidel. “Sinto que devo isso ao povo americano, tentar demonstrar que a revolução comunista de Fidel não precisaria ter existido”, disse Smith no prefácio de seu livro.<sup>93</sup> Ele escreveu que os terroristas cubanos planejaram assassiná-lo e ainda demonstra que os laços comunistas de Fidel vêm desde o fim dos anos 1940 e que este possuía uma ficha criminal de seu tempo na universidade que incluía vários assassinatos ao estilo gângster. Ele criticava o governo americano por ser ingênuo e impor um embargo a Batista para ajudar o comunista e sua *Revolución*. O embaixador americano que o precedeu em Cuba, Arthur Gardner, concordava com Smith sobre o regime de Fidel.

Ainda mais explosiva foi a revelação de que o chefe de assuntos caribenhos do Departamento de Estado – que iniciou o embargo contra o governo Batista – havia sido um membro do Partido Comunista cubano na década de 1930. Ele se chamava William Wieland, mas nos anos 1930 utilizava o nome Guillermo Arturo Montenegro e era ativo no Partido Comunista cubano.<sup>94</sup> Também era amigo de – adivinhe quem? – Herbert Matthews, do *New York Times*.

Agora, de volta ao trabalho sujo com Diaz Lanz. A prova perfeita de que ele era inocente da acusação de trabalhar no mercado negro é que *abandonou o cargo* no governo de Fidel. Como qualquer estudante sério sabe, em Cuba, o melhor lugar para enriquecer com mercado negro, seja ele de cocaína, seja de metralhadoras, é *dentro* do governo. Há mais sobre isso no próximo capítulo.

<sup>68</sup> Paul Bethel, *The Losers: The Definitive Report, by an Eyewitness, of the Communist Conquest of Cuba and the Soviet Penetration in Latin America*, Arlington House, 1969, página 209.

<sup>69</sup> Mario Lazo, *Dagger in the Heart: American Policy Failures in Cuba*, Funk & Wagnalls, 1968, página 177.

<sup>70</sup> *Ibid.*, página 193.

[71](#) Associated Press, 1º de janeiro de 2001.

[72](#) Lyman B. Kirkpatrick, Jr., *The Real CIA*, Macmillan, 1968.

[73](#) Mario Lazo, páginas 82-3.

[74](#) Spruille Braden, citado em Fulgencio Batista, *Cuba Betrayed*, Vantage Press, 1962.

[75](#) Nestor Carbonell, *And the Russians Stayed: The Sovietization of Cuba*, William Morrow & Co., 1989.

[76](#) Carlos Alberto Montaner, *Fidel Castro y La Revolución Cubana*, Transaction Publishers, 1984.

[77](#) The McLaughlin Group, 8 de abril de 2000.

[78](#) Christine Klein, “Always a Rerun: The Stars on the Issues”, *National Review*, 16 de maio de 2000.

[79](#) “End This Embargo Now: Glover Joins Goodwill Delegation to Cuba’s Castro”, *Village Voice*, 18 de janeiro de 1999.

[80](#) Jeff Jacoby, “Castro’s Cheerleaders”, *Boston Globe*, 8 de maio de 2003.

[81](#) Essa citação apareceu em dúzias de lugares, incluindo o artigo de Andrew Breitbart, “Mum’s the Word”, [www.opinionjournal.com](http://www.opinionjournal.com), 11 de abril de 2003. Usei a citação no meu artigo para a *NewsMax* intitulado “We Love You Fidel! Oh Yes We Do!”, em 18 de novembro de 2002, que provocou uma resposta de Spielberg, a qual levou a outro artigo da *NewsMax*, escrito pelo editor Carl Limbacher, chamado “Spielberg to *NewsMax*: Cuba Lied About What I Said”, de 9 de maio de 2003. “Nosso colunista Humberto Fontova, provocando os tietes americanos de Fidel, mencionou uma notória citação atribuída a Spielberg, que conhecer Fidel foram as ‘oito horas mais importantes da minha [sua] vida’. Assessores de Spielberg contataram nossa equipe para dizer que o diretor nunca fez tal afirmação e que a imprensa de Fidel, controlada pelo Estado, inventou tal frase. ‘Não acredite em tudo o que lê, especialmente na imprensa cubana!’, o escritório de Spielberg nos escreveu.” Que era *exatamente* o ponto central do meu artigo para a *NewsMax*.

[82](#) Don Feder, “Close Encounters”, 13 de janeiro de 2004, disponível em [www.frontpagemag.com](http://www.frontpagemag.com).

[83](#) Carta de Alice Walker ao presidente Clinton, 13 de março de 1996, disponível em [www.cubasolidarity.net](http://www.cubasolidarity.net).

[84](#) Associated Press, 16 de fevereiro de 2004.

[85](#) Associação Nacional para Desenvolvimento das Pessoas de Cor, na sigla em inglês. (N. do T.)

[86](#) “Hijacker Is Glad He’s Back in U.S., Rails Against Reds”, *Miami Herald*, 29 de outubro de 1980.

[87](#) Ibid.

[88](#) “Hijacker Detests Cuba”, *Washington Post*, 26 de abril de 1977.

[89](#) Ibid.

[90](#) Carlos Alberto Montaner, *Viaje al Corazón de Cuba*, Random House Español, 1999.

[91](#) Eduardo Ferrer, *Operación Puma: La Batalla Aérea de Bahía de Cochinos*, International Aviation Consultants, 1976.

[92](#) *New York Times*, 16 de julho de 1959.

[93](#) Earl E. T. Smith, *The Fourth Floor: An Account of the Castro Communist Revolution*, Random House, 1962.

[94](#) Nathaniel Weyl, *Red Star over Cuba: The Russian Assault on the Western Hemisphere*, Devin-Adair Company, 1960.



Caça MiG-21 cubano dentro de um hangar VF-45. O avião foi levado para Key West em 1993 por um piloto cubano desertor. MiGs como esse teriam sido usados no tráfico de drogas.

## **O TRAFICANTE MORA AO LADO**

Durante anos, Cuba recebeu subsídio anual de 5 bilhões de dólares dos soviéticos. No total, eles forneceram para Cuba algo em torno de 110 bilhões de dólares. É um belo montante de dinheiro, mais do que cinco Planos Marshall – e que foi dado não para um continente, como o europeu, devastado pela guerra, mas para uma ilha de 7 milhões de habitantes. Levando em conta apenas essa benevolência soviética, Cuba deveria ser rica. Mas seu povo tem cartões de racionamento governamental, e a fome que o assola faz o país estar em situação muito pior do que aquela vivida pelos escravos cubanos de 1842. Como isso foi possível?

Em primeiro lugar, esqueça a corrupção perpetrada pelos Batistas, Trujillos e Somozas. Se você quer conhecer verdadeiramente a corrupção latino-americana, Fidel Castro é o cara. Os desertores militares cubanos Rafael del Pino, Osvaldo Prendes, Juan Antonio Rodriguez e Norberto Fuentes, entre outros, contam as histórias, mas a grande mídia raramente diz alguma coisa a respeito.

Às vezes, no entanto, alguns casos judiciais ganham um pouco mais de atenção. Um deles foi o que começou em 1987, quando um advogado americano de Miami mandou para a cadeia 17 traficantes de drogas que usaram caças MiG e bases da Força Aérea cubana para mandar cocaína aos Estados Unidos. Na época, Raúl Castro administrava o Exército cubano.

Em 1993, o procurador americano em Miami elaborou um termo de acusação que apontava Raúl Castro como o líder de uma conspiração, de longa data, que mandava cocaína colombiana para os Estados Unidos usando Cuba como intermediária. O Ministério da Defesa de Cuba foi declarado uma “organização criminosa”.

Um desses contrabandistas, Reuben Ruiz, lembrou em um documentário da PBS: “Meu contato cubano me disse: ‘Não acontecerá nada com você. A Força Aérea cubana estará completamente a seu serviço amanhã’”.<sup>95</sup>

Nas palavras da dra. Rachel Ehrenfeld, autora dos livros *Evil Money* e *Narco-Terrorism*: “Os cubanos fornecem um porto seguro, combustível, passaportes e escolta [para o embarque da cocaína colombiana]. E são sempre muito bem pagos. Além disso, estavam recebendo comissão por cada embarque de droga que passava por Cuba [...]. Em contrapartida, os mesmos barcos usados pelos traficantes para transportar droga voltavam repletos de armas para os insurgentes – os insurgentes comunistas que os cubanos estavam apoiando na América Latina, nesse caso, especificamente o M-19 na Colômbia”. Outro exemplo do apoio que Fidel dava a insurgentes comunistas apareceu na CNN, em 1º de janeiro de 1999, quando uma citação do comandante Tiro-Fijo, das Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (Farc), foi ao ar: “Graças a Fidel Castro, agora somos um exército

poderoso, e não mais uma pequena guerrilha”.

As drogas são a fonte de dinheiro para os comunistas cubanos, que destruíram sua própria economia. Manuel de Beunza, desertor da inteligência cubana, disse no mesmo documentário da PBS: “Eu participei de uma reunião em que Fidel Castro em pessoa ordenou a criação de empresas para se envolver com o tráfico de drogas e o contrabando”.

Eis o que diz Rafael del Pino, que foi chefe das Forças Aéreas de Fidel até desertar em 1987: “Na parte ocidental de Cuba, temos 19 mísseis SAM, centenas de radares e uma grande quantidade de interceptadores MiG-23. Seria simplesmente impossível que um pequeno avião pudesse voar da Colômbia para os Estados Unidos sem o conhecimento e a permissão de Raúl ou de Fidel Castro”. Os aviões colombianos passavam por ali praticamente todos os dias.

Em julho de 2001, o Telecinco, da TV de Madri, transmitiu um programa chamado *Cuba e o Tráfico de Drogas*. Jornalistas espanhóis se infiltraram no mundo do tráfico com câmeras escondidas e filmaram negociações com os traficantes em Cuba. E quanto à segurança? Um traficante com base no país: “Não se preocupe. Eu pago pela segurança aqui em Cuba. Respondo apenas para o governo”.

“As evidências contra Fidel já são maiores do que as evidências que levaram às acusações contra Manuel Noriega em 1988”, disse um promotor federal ao *Miami Herald*, em julho de 1996. Um total de quatro grandes júris revelou o envolvimento de Cuba no tráfico de drogas.

Ainda assim, nada aconteceu. O Departamento de Justiça de Clinton – o mesmo pessoal que devolveu Elián González a Cuba – recusou-se a formalizar uma acusação. Na verdade, a administração Clinton fez o oposto: propôs um programa conjunto entre Estados Unidos e Cuba para interromper o fluxo de drogas no Caribe. Essa foi a ideia genial do general Barry McCaffrey, na época um verdadeiro czar das drogas na administração Clinton. Sob o programa proposto, um comando conjunto americano-cubano iria compartilhar inteligência e equipamentos de vigilância. McCaffrey resumiu sua visão em um discurso na Universidade de Georgetown: “Nossa atual política com relação a Cuba está errada. Precisamos engajá-los nessa questão”. Em 1995 e 1996, generais americanos, sob instruções do Departamento de Estado da administração Clinton, fizeram várias viagens a Cuba para se encontrar com Raúl Castro e estabelecer as bases para a implantação do brilhante plano de McCaffrey. No entanto, o plano nunca saiu do papel. McCaffrey, de forma ressentida, culpou a “pressão do Congresso” – que cresceu após Cuba derrubar os aviões da organização Brothers to the Rescue – pelo fracasso de sua grande aliança com os irmãos Castro.

Entretanto, o czar das drogas McCaffrey tentou firmar uma parceria similar com o México em 1997. McCaffrey aplaudiu de forma apaixonada a indicação do general Jesús Gutiérrez como czar das drogas mexicano. “Um homem de absoluta e inquestionável integridade”, bradou o general McCaffrey quando recebeu Gutiérrez

em visita a Washington.<sup>96</sup>

McCaffrey ordenou à Drug Enforcement Administration (DEA), a agência antidrogas dos Estados Unidos, que compartilhasse inteligência e tecnologia de vigilância americana com Gutiérrez – o qual, duas semanas mais tarde, foi preso pelo governo mexicano por constar na folha de pagamento de Amado Carrillo, também conhecido como “Senhor dos Céus” e chefe do tráfico mexicano. “Alguns dos agentes da DEA consideram Carrillo o traficante mais poderoso do mundo”, declarou o programa *Frontline*, da PBS.

Durante o julgamento do general Jesús Gutiérrez – no qual foi condenado a 77 anos de prisão –, veio à luz o fato de que o homem de absoluta e inquestionável integridade, como apontara McCaffrey, planejava entregar os segredos de inteligência da DEA e da CIA – além de sofisticados equipamentos eletrônicos – ao “traficante de drogas mais poderoso do mundo”. Sem contar que Carrillo tinha uma relação de longa data com Fidel e era um convidado assíduo do *resort* Cayo Lago, em Cuba.

“Cuba é uma ilha de resistência à ameaça das drogas”, declarou pouco depois o mesmo sábio e arrogante general McCaffrey em uma coletiva de imprensa, em Havana. “Os cubanos são grandes entusiastas da cooperação na luta contra as drogas [...] eles são sinceros [...] estou convencido de que essas pessoas não são e nem têm a intenção de representar uma ameaça à nossa segurança.”<sup>97</sup>

“Pobre Cuba”, lamentou o general McCaffrey em discurso na Universidade de Georgetown, pouco depois. “Sua localização a coloca na rota do tráfico internacional, mas não vejo nenhuma evidência concreta, atual ou na última década, da cumplicidade do governo cubano com o tráfico.” Destemido, em 1999 McCaffrey implantou uma linha de comunicação entre a Guarda Costeira dos Estados Unidos, em Key West, e a Guarda Costeira de Cuba.<sup>98</sup>

E, com curiosa coordenação, em 28 de agosto de 2001, o ministro da Justiça de Cuba expressou sua boa vontade de cooperar com a administração Bush em relação ao combate às drogas, enquanto o general McCaffrey proferia um discurso na Universidade de Georgetown que dava uma lição de moral sobre como a administração Bush deveria firmar uma parceria caribenha de combate às drogas que especificamente incluísse Cuba.

Mas, quando se trata de cooperação cubana, vale lembrar a dra. Rachel Ehrenfeld, que escreveu: “Cuba também forneceu serviços de rastreamento e interceptação dos barcos da Guarda Costeira cubana em troca de carregamentos de droga”. E eis o que diz o traficante Reuben Ruiz: “Sabe os grandes navios da Guarda Costeira americana, aqueles que estão equipados com radares e tudo o mais? Bem, Cuba também os possui e mapeava toda a área e nos apontava quando ela estava livre dos navios americanos [...] e nos dizia: ‘OK, a costa está livre por aqui. Vá por aqui, vá por ali’”.

Quando o deputado americano Lincoln Diaz-Balart, da Flórida, soube da proposta de parceria do general McCaffrey em Key West com um almirante da

Guarda Costeira americana e um comandante cubano dividindo o mesmo escritório, falou: “Por que não incluir um líder do cartel de Medellín também?”

E quem poderia se esquecer do famoso financiador de Clinton (na casa dos 20 mil dólares), Luis “El Gordito” Cabrera, ou de suas fotos na festa de Natal da Casa Branca em 1995, sorrindo com Hillary e dando tapinhas nas costas do vice-presidente Al Gore? Depois de ser preso por tráfico de drogas – exatamente duas semanas após a festa –, apareceram fotos de Cabrera sorrindo e dando tapinhas nas costas de Fidel.

Aquele carinho todo fazia sentido. Fidel havia autorizado a passagem dos carregamentos de cocaína de Cabrera por Cuba em troca de uma generosa participação nos lucros. Os detalhes surgiram no julgamento de Cabrera. Durante os anos Clinton, houve investigações bem documentadas que ligavam os contribuintes de Clinton à China comunista. As investigações finalmente forçaram o Comitê Nacional Democrata a devolver aproximadamente 3 milhões de dólares em contribuições. (Essas investigações também foram tema de diversos livros bem documentados, incluindo *Year of the Rat* e *Red Dragon Rising*, de Edward Timperlake e William C. Triplett II, e *Absolute Power*, de David Limbaugh). A Cuba comunista sempre teve ciúmes da China, e alguns dizem que Cabrera foi a tentativa de Fidel de ganhar sua própria influência na Casa Branca. Durante os anos Clinton, a China recebeu permissão para comprar tecnologia militar de ponta para seu programa de armas nucleares. Se Fidel não teve acesso à tecnologia nuclear americana, pelo menos chegou absurdamente perto de possuir a inteligência e a tecnologia da Agência Antidrogas dos Estados Unidos.

Durante seu julgamento, o traficante Cabrera estava disposto a falar de seus acordos com Fidel relacionados ao tráfico em troca de uma sentença mais branda. Mas seu advogado, Stephen Bronis, ficou chocado ao descobrir que o Departamento de Justiça de Janet Reno não queria saber do assunto. “Foi política pura e simples, e isso é nojento”, disse Bronis ao *Miami Herald*.<sup>99</sup>

De acordo com Bronis, Fidel disse a Cabrera: “Eu conheço seus amigos de Cali [o cartel de drogas colombiano]. Já me encontrei com eles. Sei que estão em Cuba. Gosto de fazer negócios com eles”. Mas não precisamos confiar nas palavras de Bronis. Sabemos por documentos oficiais do Departamento de Justiça que Fidel estava tão próximo dos barões da cocaína colombiana que, em 1984, o panamenho Manuel Noriega visitou Cuba, onde se ofereceu para mediar uma questão entre os senhores da cocaína colombiana e o ditador cubano. Essa informação consta na acusação contra Noriega, feita pelos Estados Unidos.

“Cuba era um paraíso para nós”, disse Alejandro Bernal, durante entrevista em dezembro de 2001. Bernal era o contato do chefe do tráfico mexicano Amado Carrillo com os colombianos. Ele foi entrevistado em uma prisão cinco estrelas na Colômbia pelo *El Nuevo Herald*, de Miami, quando aguardava a extradição para os Estados Unidos. “Vivíamos como reis em Cuba, *hombre*. Isso há muito tempo. Todos nós sabíamos. Você quer que ninguém encha sua paciência? Cinco milhões

de dólares para Fidel... é fácil assim. Ele garante que ninguém vai incomodá-lo.”

Mas, de acordo com Bernal, Carrillo pagou a Fidel muito mais do que 5 milhões de dólares. Bernal disse que Carrillo tinha casas e suítes em hotéis de Cuba, as quais usava para negócios do tráfico e noitadas com a amante. Isso confirma o que autoridades mexicanas relataram durante uma investigação em 1997, quando foi descoberto que Carrillo usava a Cuba de Fidel para praticar lavagem de dinheiro de milhões de dólares provenientes do tráfico. Essa investigação aconteceu pouco após a morte de Carrillo (ele morreu de complicações decorrentes de uma cirurgia plástica).

Hollywood continuamente recria o mito de que Fidel limpou a Cuba infestada dos gângsteres de Fulgencio Batista. O incrível disso tudo é que Fidel Castro é o próprio traficante que mora ao lado e é quem, de fato, administra o braço cubano do cartel de drogas colombiano. Engraçado como não ouvimos falar disso por aí.

[95](#) “Cuba and Cocaine”, *Frontline*, PBS, 5 de fevereiro de 2001.

[96](#) “Mexico Told U.S. Nothing of Probe Into Drug Czar”, *Los Angeles Times*, 2 de fevereiro de 1977.

[97](#) Marc Frank, “Former U.S. Drug Tsar Meets Castro in Cuba”, Reuters, 3 de março de 1977.

[98](#) Dr. Ernesto Betancourt, 23 de setembro de 2001, disponível em [www.martinoticias.com](http://www.martinoticias.com), seção Radio Martí.

[99](#) “Castro Drug Probe Collapses in Heap of Dead Ends, Lies”, *Miami Herald*, 24 de novembro de 1996.



Homens carregam sacos de batata em Havana (2006). O governo subsidia os alimentos básicos, mas os alimentos que os cubanos recebem não são suficientes para o mês inteiro, e o adicional tem de ser comprado. Em 2006, o salário mínimo em Cuba era de 225 pesos (menos de 20 reais).

## **IGUALDADE NA POBREZA**

Os hotéis de Havana estão fora do alcance da maior parte dos cubanos, especialmente dos cubanos negros. Cuba pratica segregação, mas aparentemente todos os esquerdistas que condenaram o *apartheid* na África do Sul apinham os hotéis segregados cubanos, abrem as cortinas e dizem: “Ah, dá uma olhada nessa praia!” Em seguida, pedem champanhe ao serviço de quarto, acendem um Cohiba e brindam ao *apartheid* turístico forçado.

Simpatizantes de Fidel – e as Nações Unidas – exigiram punições econômicas contra a África do Sul. A Assembleia Geral da ONU implementou uma resolução: “Exigimos total e imediato rompimento econômico com a África do Sul”. No entanto, a Assembleia Geral da ONU anualmente denuncia o “embargo” americano contra Cuba. E os americanos de esquerda fazem o mesmo.

“O embargo a Cuba é a lei mais estúpida já aprovada nos Estados Unidos”, disse Jimmy Carter, que, quando esteve na Casa Branca (lembremo-nos de sua política externa e de “direitos humanos”), impôs embargos a África do Sul, Rodésia, Paraguai, Uruguai, Argentina, Chile e Nicarágua.<sup>100</sup> (E, ao contrário desses países embargados, Cuba faz negócios com todos os países do mundo, sendo os Estados Unidos o sexto maior parceiro comercial cubano em 2003, apesar do “embargo”.)

Alguém me lembrou: qual foi a terrível ameaça apresentada pela Rodésia – que lutou ao lado dos Aliados nas duas guerras e se ofereceu para lutar ao lado dos americanos no Vietnã – aos Estados Unidos? Fidel Castro chamou os Estados Unidos de “abutre rapinando a humanidade”, mas o primeiro-ministro rodesiano Ian Smith (que voou em missões de combate ao lado dos americanos na Segunda Guerra Mundial) nunca o fez, nem jamais proporcionou refúgio a terroristas; na realidade, lutou contra terroristas e comunistas.

Alguém me lembrou: quando foi que pelotões de fuzilamento sul-africanos dos tempos do *apartheid* abateram hordas de cidadãos americanos, ou roubaram 1,8 bilhão de dólares dos cidadãos americanos, ou viajaram para o campo de prisioneiros de Cu Loc fora de Hanói para se juntar a torturas contra prisioneiros de guerra americanos até sua morte, da maneira como a Cuba de Fidel fez? Na verdade, a África do Sul tentou conter o comunismo que Cuba apoiava na África.

Na América Latina, alguém me lembrou: quando foi que o Uruguai, ou o Paraguai, ou o Chile de Augusto Pinochet, ou a Nicarágua de Anastasio Somoza apontaram mísseis contra nós?

Talvez sanções devessem ser aplicadas a fim de punir regimes por sua perversidade *interna*? Está bem, mas nem a Rodésia de Ian Smith, nem o *apartheid* da África do Sul, nem o Chile de Pinochet tiveram taxas de encarceramento por motivos políticos nem mesmo próximas daquelas apresentadas por Fidel, ou taxas de execução, ou taxas de roubo supervisionado pelo Estado a propriedades

privadas, ou a total negação de direitos humanos, ou qualquer coisa remotamente parecida com a repressão interna promovida pelo Estado policial cubano. Durante o apogeu do *apartheid*, africanos negros imigraram para a África do Sul; ninguém morreu de fome na Rodésia em função das fazendas administradas pelo Estado ou em função do racionamento (eles teriam de esperar por Robert Mugabe para que isso acontecesse); e o Chile comandado por Pinochet desfrutou um famoso restabelecimento econômico baseado no livre mercado. Os latino-americanos não estão batendo à porta de Cuba, esperando entrar em seu paraíso comunista; ninguém nada até Cuba esperando gozar de mais liberdade e de um padrão de vida mais elevado.

Considerem isto por um segundo, amigos: antes de Fidel, mais americanos viviam em Cuba do que cubanos nos Estados Unidos. Cuba deixou de ser a nação hemisférica ocidental com a *maior* taxa de imigrantes *per capita*<sup>101</sup> (sim, maior que a americana, incluindo os anos de Ellis Island) para se tornar uma nação em que 20% de sua população *fugiu* e provavelmente 80% procura fugir. Fugiram em aviões e barcos, amontoaram-se em porões de navios mercantes cheios de vapor, espremeram-se em jatos transatlânticos, pularam no mar em jangadas e câmaras de ar, sabendo que sua chance de desembarcar em terra firme seria de uma em três, aproximadamente. Assim, com sua fuga, rebelaram-se contra um lugar que Jack Nicholson declarou ser “um paraíso”. Assim, fugiram do trabalho manual imposto por um homem que Colin Powell nos assegurou “ter feito coisas boas por Cuba”.<sup>102</sup> Assim, desesperaram-se para escapar do lugar que Bonnie Raitt chamou de “pequena ilha feliz”. E esses foram apenas uma fração dos que estavam dispostos a fugir.

“Nós enfatizamos a importância da manutenção das sanções. As sanções foram impostas para nos ajudar a acabar com o sistema de *apartheid*. É bastante lógico que devamos continuar a aplicar essa forma de pressão contra o governo da África do Sul.”<sup>103</sup>

Assim falou Nelson Mandela, ao discursar no Parlamento canadense, em junho de 1990, agradecendo a imposição das sanções econômicas contra a África do Sul e a defesa delas. Devo mencionar que, por mais de 40 anos, o Canadá foi o parceiro comercial mais generoso de Fidel Castro? Devo mencionar como o Canadá condena repetidamente os Estados Unidos por sua “contraproducente” política de sanções contra Cuba?

“Sanções que punem Cuba são um anátema para a ordem internacional a que aspiramos.” Assim falou Nelson Mandela, em setembro de 1998, ao condecorar Fidel Castro com a Ordem da Boa Esperança, a mais alta distinção sul-africana. No entanto, provavelmente nenhuma figura global é tão associada com sanções econômicas quanto Mandela.

“Por muito tempo, nosso país permaneceu sozinho ao aplicar sanções contra a África do Sul. No fim das contas, estávamos no lado certo da história.” Assim fala o senador democrata Chris Dodd, aplaudindo as sanções. “As sanções americanas

contra Cuba só podem ser pensadas como táticas de intimidação promovidas pela mais poderosa potência mundial contra uma pequena nação.” Isso é o que diz o senador Chris Dodd, ao discursar no National Press Club, em setembro de 2002.

“Não há justificativa aceitável para o embargo comercial ou o isolamento diplomático de Cuba”, escreve o ex-senador George McGovern. “O boicote econômico a Cuba é um fracasso.” Faz 30 anos que ele trombeteia contra as sanções. Inclui, é claro, a rejeição obrigatória daqueles que fugiram da tirania de Fidel: “Eu não deixaria que um punhado de barulhentos exilados cubanos no sul da Flórida ditasse *nossas* políticas para Cuba” [grifo meu].<sup>104</sup>

A propósito, notem o uso que McGovern faz do termo “nossas”. Podem me chamar de excessivamente sensível, mas ele parece sugerir que “barulhentos exilados cubanos” (cidadãos americanos como eu) não são qualificados como americanos genuínos. Imaginem a repercussão, o escândalo promovido pela mídia e pelos democratas caso, eventualmente, Trent Lott ou Tom DeLay expressassem sentimentos similares sobre qualquer outro grupo étnico.

George McGovern – ganhador da Medalha Presidencial da Liberdade (entregue por Bill Clinton) – é fã de longa data do grande Fidel. McGovern diz que seu habitual anfitrião cubano é “muito tímido, sensível, espirituoso. [...] Eu francamente gosto dele”.<sup>105</sup> O Líder Máximo cubano hospedou seu admirador americano pela primeira vez em 1975. Em maio de 1977, o estupefato McGovern escreveu um diário de viagem sobre sua visita no – onde mais? – *New York Times*. Fidel levou McGovern a um passeio improvisado de jipe pelo interior cubano. Às vezes, paravam. “Em todo canto, éramos rodeados por crianças sorridentes que obviamente amavam Fidel Castro!”, escreveu o extasiado cavalheiro de Dakota do Sul.<sup>106</sup>

A visita também teve um propósito prático e humanitário. “No meu bolso”, escreveu McGovern, “carreguei uma carta do jogador do Boston Red Sox Luis Tiant, que pedia uma permissão para seus pais poderem deixar Havana e vê-lo jogar em Boston. [...] Castro me assegurou que isso poderia ser conseguido”, afirmou McGovern.<sup>107</sup>

Que tocante. Alguns podem se perguntar: “O que há de errado com isso? Por que um ‘presidente’ deveria decidir se os pais de Luis Tiant vão viajar para os Estados Unidos e ver seu filho jogar? E por que eu deveria aplaudi-lo?”

Hoje em dia, McGovern nos diz que sanções econômicas são “injustificáveis” e “sempre fracassam”. Certo, vamos retroceder a *seu próprio* histórico de votação no Congresso no final dos anos 1970, senador. Vamos nos deter nas suas visões sobre a Rodésia, o Chile e a Nicarágua. Muito interessante. Ocorre que o senhor esbravejou para que fossem impostas sanções contra os três países.

Verifica-se que os democratas de esquerda são bem parecidos com a esquerda de Hollywood (e da indústria musical) quando se trata de dois pesos e duas medidas sobre Cuba.

Carole King cantou com o coração leve em favor de John Kerry durante sua

campanha de 2004. Bonnie Raitt também o fez, depois que sua primeira escolha, Howard Dean, abandonou as primárias choramingando. Carole e Bonnie também orgulhosamente cantaram na Cuba de Fidel. Carole foi à ilha em fevereiro de 2002 e homenageou o Líder Máximo com um sincero “You’ve Got a Friend”. Bonnie Raitt fez uma visita ao local em março de 1999 e parou de hiperventilar apenas para compor uma música em homenagem a Fidel Castro, “Cuba Is Way Too Cool!” No meio da letra: “É apenas uma pequena ilha feliz” e “Lobo mau [somos nós, amigos, os Estados Unidos], você parece tolo”.<sup>108</sup>

Com Woody Harrelson girando ao seu redor, a oxidante cantora – com seus cabelos ruivos e suas famosas raízes grisalhas – entoou sua cantiga no Teatro Karl Marx de Havana. O evento ficou conhecido como Music Bridges Over Troubled Waters [“Pontes Musicais Sobre Águas Agitadas”], em março de 1999.

“Rock Contra a Liberdade” me soa melhor. Um radiante Jimmy Buffet veio depois de Bonnie. Em seguida, Joan Osborne; Peter Dinklage, do REM; e Andy Summers e Stuart Copeland, ex-Police. Entre cantar e tocar, todos esses espíritos livres recitaram seus *scripts* contra o “embargo”. (Como Jackson Browne perdeu isso?) Contrários à África do Sul uma década antes, obviamente, seus *scripts* pediam por um embargo. “Eu não tocarei em Sun City!”, tinha gritado a própria Bonnie Raitt, ao lado de Bruce Springsteen, Bono, Darryl Hall e dezenas de demais imbecis políticos no álbum de 1985 *Artists United against Apartheid* [*Artistas unidos contra o apartheid*].

Frank Sinatra, Rod Stewart e Julio Iglesias foram atormentados por seus colegas de indústria por terem se apresentado em um *resort* de Sun City, em 1984. O crime desses artistas foi ousar marchar em descompasso com as bufonarias e as hipocrisias dessas celebridades. Porque o fato é que esse show foi em um *resort* privado e *não segregado*. Mas era diferente: a África do Sul não era comunista, e as celebridades preferem comunistas.

Boa parte dos mais de 5 mil cubanos que aplaudiam na plateia era composta por membros do Partido Comunista e suas famílias. E, é claro, esses *pop stars* tocam alegremente no Teatro Karl Marx de Havana. Eles alegremente entretêm uma plateia dedicada à mais assassina ideologia de todos os tempos. De acordo com o pesquisador Armando Lago, vários dos que compunham o público para o qual Bonnie Raitt e Jimmy Buffet tocavam tiveram parte em muitos dos 110 mil assassinatos em Cuba por motivos políticos. Talvez esses *hipsters* musicais não soubessem disso nem de que a Cuba de Fidel possui as maiores taxas de emigração, encarceramento e suicídio de jovens de toda a face da Terra.

Quando a taxa de suicídios em Cuba chegou a 24 por mil em 1986, já era o *dobro* da média na América Latina e o triplo da Cuba pré-Fidel. As mulheres cubanas agora são *as mais suicidas do planeta*, fazendo com que a morte por suicídio seja *a primeira causa de morte entre cubanos com idade entre 15 e 48 anos*. As estatísticas se tornaram tão embaraçosas que o governo cubano parou de publicá-las; agora, elas passaram a ser segredo de Estado. Mas nós também sabemos que

Cuba possui a maior (ou terceira maior, dependendo da fonte) taxa de abortos no mundo. As taxas de suicídio e aborto comprovam a desesperança e o desespero.<sup>109</sup>

E enquanto Jimmy Buffet e Bonnie Raitt orgulhosamente cantam para o regime comunista, eu me pergunto se sabem que ter um disco dos Beatles ou dos Rolling Stones em Cuba é uma ofensa criminal, ou que o comportamento efeminado, o ato de usar calças jeans ou de ser um homem com cabelos compridos são motivos para que a polícia secreta jogue a pessoa em um campo de concentração com os dizeres “O TRABALHO O FARÁ HOMEM” em letras garrafais acima do portão, com metralhadoras nas torres de vigília. As iniciais desses campos eram Umap, e não *gulag*.<sup>110</sup> Mas as condições eram idênticas. Como em Margaritaville, há muito “definhamento” em Cuba, mas ele acontece atrás dos arames farpados, sob a forma de trabalho forçado, doenças, desnutrição, espancamento e tortura.

Após suas performances para os bajuladores de Castro, os roqueiros e os *hipsters* foram convocados para uma recepção privada, a fim de conhecer o próprio Fidel. Joelhos fraquejaram, queixos caíram, corações pulsaram, peles formigaram, e a incontinência espreitou. “Perdemos completamente a compostura”, exclamou a cantora inglesa Ruth Merry. “À medida que nos perfilávamos, um animado Andy Summers do Police parou ao meu lado com sua cópia de *A História me Absolverá*. Andy parecia receoso em pedir seu autógrafo... mas finalmente pediu! Lá estavam aqueles grandes astros, tremendo na base! Perdi qualquer tipo de compostura e passei o resto da noite rindo de nervoso!”<sup>111</sup>

Também estou perdendo minha compostura, queridinha Ruth.

“Castro foi muito amável”, disse um tal sr. Cripps, de um grupo chamado Combo Bravo. “Ele estava vestido com terno e gravata!” “Castro e o sr. Cripps conversaram por alguns minutos com a ajuda de um intérprete, e havia outro homem presente, que sabia tudo sobre nós. sr. Cripps achou esse detalhe da inteligência cubana um tanto pitoresco”, notou um dos repórteres. “Pitoresco”, sr. Cripps? Eu lhe garanto que, se *morasse* em Cuba, esse pequeno detalhe faria toda a diferença do mundo.

E sabe quando os roqueiros e os descolados usam aquelas fitas vermelhas, para mostrar o quanto se preocupam com a aids? Bem, a Cuba de Fidel também se preocupa. Seu regime expulsa pacientes para “sanatórios” no interior, onde são basicamente deixados sozinhos para morrer. “Deixados sozinhos” é o importante aqui. Pense sobre isso, nas palavras do próprio Kris Kristofferson, “A liberdade é apenas outra palavra para” *deixados sozinhos*.

Ou assim parecia a alguns dos assuntos de Fidel. A notícia se espalhou. “Você quer dizer que nenhuma polícia vai ficar me investigando? Você quer dizer que não preciso agitar uma estúpida bandeirinha por horas enquanto o Líder Máximo jorra suas idiotices? Você quer dizer que eu posso falar o que quiser? Ler o que quiser?” A aids de repente se tornava uma doença de escolha em Cuba.

Em um filme intitulado *Cursed Be Your Name, Liberty* [Maldito Seja Seu Nome, Liberdade], o exilado cubano Vladimir Ceballos expõe este triste e quase

inconcebível episódio. Na década de 1980, jovens cubanos que ouviam (ou tentavam ouvir) rock americano – Bonnie Raitt, Carole King e Jimmy Buffet – eram chamados de *roqueros* e se tornavam alvos especiais da polícia. Eles foram constantemente perseguidos, espancados e presos. O filme de Ceballos documenta como mais de cem desses *roqueros* deliberadamente injetaram o vírus da aids em si próprios.

Parece estúpido, louco e horrível, eu concordo. Mas, para essas pessoas, o banimento para os sanatórios tinha um gosto de liberdade. Uma cena mostra um *roquero* vítima da aids que segura uma pequena e amassada bandeira americana. Com as mãos trêmulas, ele a limpa e a coloca sobre seu peito magro. Esse homem preferiu morrer aos pouquinhos, uma persistente morte de feridas supuradas, dor constante e eventual demência, a viver sob o domínio do homem que Carole King saudou com “You’ve Got a Friend”. Ele preferiu a aids, porque ela lhe deu alguns anos de vida no equivalente a uma prisão federal americana. Na “pequena ilha feliz” de Bonnie Raitt, isso lhe soava como liberdade.

Talvez alguns desses *roqueros* sejam malucos, mas seriam eles tão diferentes das dezenas de milhares de pessoas que arriscam a vida ao remar em direção à Flórida em tubulações, pedaços de isopor e barris enferrujados? Eles sabem as chances: um a cada três encontra terra firme. Marés errantes, tempestades e tubarões-tigres os aguardam. E as crianças que se infiltram nos bagageiros de aviões sabem como eles voam, a altitude, a temperatura. Mas veem que as chances de sobrevivência, algo em torno de 30%, valem a pena.

Muito bacana, de fato, sra. Raitt. E, sra. King, a senhora tem um baita de um amigo.

100 “The Experts’ Opinion”, 1º de dezembro de 2002, disponível em [www.cubatraelusa.com](http://www.cubatraelusa.com).

101 Alberto Bustamante, “Notas y Estadísticas sobre los Grupos Étnicos en Cuba”, revista *Herencia*, volume 10, Herencia Cultural Cubana, 2004.

102 Christopher Ruddy, “Powell and Castro”, 14 de maio de 2001, disponível em [www.newsmax.com](http://www.newsmax.com).

103 “Nelson Mandela Addresses Canadian Parliament”, CBC News, 18 de junho de 1990.

104 “Senator George McGovern Addresses Police Foundation, Urges Normalization with Cuba”, *Marco Island Sun Times*, 5 de fevereiro de 2004.

105 Ibid.

106 Ibid.

107 Ibid.

108 David Corn, “A Cuban Frost”, *Jewish World Review*, 9 de abril de 1999.

109 Humberto Fontova, “Cuba Is Way Too Cool!”, 18 de maio de 2004, disponível em [www.newsmax.com](http://www.newsmax.com).

110 Entrevista com Emilio Izquierdo Jr., presidente da Asociación de Ex-confinados Políticos de la Umap.

111 Humberto Fontova, “Cuba is Way Too Cool!”.

# MÁQUINA CUBANA DE MATAR S.A.



O capitão rebelde Frank Fiorino, à direita, um americano convertido ao movimento cubano, posa sobre a vala comum em que foram enterradas as 71 pessoas executadas em 12 de janeiro de 1959, em Santiago de Cuba. Os executados foram condenados por um tribunal militar cubano.

Astros do rock, deputados democratas e a esquerda hollywoodiana e da mídia que vai a Cuba costumam deixar escapar alguns dos mais famosos Marcos revolucionários de seu anfitrião Fidel. O forte La Cabaña e seu antro de execuções tende a não constar no itinerário. Em janeiro de 1959, o valente Che Guevara imediatamente identificou o fosso ao redor do La Cabaña como um ótimo local para execuções. Porém, o local se mostrou inadequado para a prática de enterros, o que tornou o trabalho de carregar corpos massacrados por balas problemático e caótico.

Nada com que se preocupar! Novamente, a ingenuidade dos seguidores de Fidel veio à tona. Deixo a palavra, no caso, com uma testemunha: prisioneiro das masmorras de Fidel durante 15 anos, Gustavo Carmona conta que, “em meados dos anos 1960, quando alguns presos eram arrastados para fora e amarrados às estacas de execução, um saco pesado de náilon era posto à altura de seus joelhos. Suas camisetas estampavam um círculo preto com 20 centímetros de largura no peito. Após a saraivada de tiros, o saco era puxado acima da altura da cabeça do prisioneiro e amarrado firmemente para conter os fragmentos de cérebro, osso e sangue. E então eram transportados. Tudo muito limpinho”. Do mesmo jeito que as sacolas recicláveis que a esquerda ambientalista tanto apoia!

Em meados de 1961, amarrar e vendar os inimigos de Fidel e Che não era suficiente. Os pelotões de fuzilamento de Fidel exigiram que suas vítimas fossem também amordaçadas, porque os gritos dos heróis que assassinavam brutalmente os faziam tremer. “Seus berros, suas provocações foram uma grande inspiração”, recorda-se Hiram Gonzalez, que socava as grades de sua cela com ira desconsolada.<sup>112</sup>

Enquanto uns rezavam, e outros amaldiçoavam, os executores arrancavam os mártires das celas, dobravam seus braços para trás e amarravam suas mãos. Outros dois guardas então apareciam. Um pegava a vítima pelos cabelos, na tentativa de paralisá-la, e esta se debatia e puxava a cabeça para trás. O outro passava uma fita em sua boca.

Em 1961 (o “ano do *paredón*”, como os castristas diziam), um jovem de 20 anos chamado Tony Chao Flores se arrastou, por conta própria, de muletas, até a estaca de execução. Tony era um rapaz fotogênico, capa de revista, na verdade. Em janeiro de 1959, seu rosto sorridente apareceu na capa da revista cubana *Bohemia* (uma mistura de *Time*, *Newsweek* e *People*). Na foto, o cabelo comprido e loiro de Tony pendia sobre o rosto bronzeado, quase cobrindo os olhos verdes galegos. Sua marca registrada, o sorriso afetado, surgia logo abaixo. As *señoritas* todas desmaiavam por Tony.

Na verdade, Tony era um rebelde em sua época. Ele lutara contra Batista

também, mas o fez com um grupo de rebeldes diferente daquele que Fidel comandava. Contudo, mesmo tendo confiado na boa-fé de tais rebeldes, acabou se dando muito mal. Convenhamos, todos nós somos um pouco idealistas e um pouco ingênuos aos 18 anos.

Após a marcha rumo a Havana, as ações de Fidel começaram a se manifestar de forma diferente daquela que os inocentes idealistas esperavam: prisões em massa, roubos em massa e pelotões de fuzilamento. Os comunistas tomaram posse de todos os jornais, revistas, rádios e redes de televisão. Baniram as eleições, as greves, a propriedade privada e a liberdade de expressão. A cada manhã, de uma ponta à outra da ilha, os pelotões de fuzilamento de Fidel e Che empilhavam os corpos de todos aqueles que resistissem, até que 15 mil heróis foram enterrados.

Tony Chao não era de choramingar. Em pouco tempo, tornara-se um rebelde contra Fidel, um rebelde formidável, empunhando a mesma carabina M-1 que havia empunhado contra Batista. Infelizmente, os comunistas estavam infiltrados no grupo de Tony e capturaram alguns de seus compadres.

Empregando técnicas de interrogatório carinhosamente fornecidas por seus amigos do Leste alemão e pelos mentores da KGB, as forças de segurança finalmente localizaram seu esconderijo. Tony pressentia que os capangas de Fidel e Che estavam se aproximando. Sabia que viriam em grande número, fortemente munidos com armas soviéticas. “Aqueles filhos da puta nunca me pegarão vivo!”, Tony jurou a seus irmãos de luta pela liberdade.

Ao amanhecer, Tony viu os comunistas se aproximando de seu esconderijo e correu para o andar de cima. Pegou a carabina, uma pistola e um pouco de munição e ficou a postos na barricada. O tiroteio começou e logo se transformou numa furiosa batalha. Com o cano da arma chiando, Tony despedaçou muitos inimigos, fazendo tripas voarem. Trucidou dois dos cretinos de Che durante o ensurdecido tiroteio. Mas ele próprio havia levado 17 tiros de metralhadoras tchecas, principalmente nas pernas.

Os comunistas são sempre teatrais em julgamentos, portanto queriam Tony vivo. Queriam expô-lo como um troféu, para humilhá-lo diante da nação como um exemplo do que acontece aos inimigos de Fidel. E o levaram vivo. Tony sangrava muito e se contorcia de dor, mas não calava a boca. Praguejava com a mesma virulência com que sua arma atirava pouco antes. “Covardes!”, rosnava para os captores comunistas. “Imbecis!”, zombava. “Idiotas! Traidores! Escravos! Eunucos! Viados! Vendidos!”

Levaram Tony a um hospital, e os médicos cuidaram de seus ferimentos – não completamente, na verdade, apenas o suficiente para mantê-lo vivo até o dia do julgamento. Assim, ele foi colocado no calabouço de La Cabaña e alimentado apenas com o necessário para sobreviver. Depois de um mês, perpetraram a farsa de um julgamento, e o veredicto – naturalmente – era a pena de morte por fuzilamento.

No caminho para a estaca, naquele velho forte espanhol transformado em prisão e campo de extermínio, Tony foi forçado a descer escadas de paralelepípedo quando

mal conseguia ficar em pé. Novamente, Tony gritou maldições terríveis e afiadas. “Puxa-saco dos russos!”, Tony berrou quando foi arrastado para fora. “*Maricones!*”

Até que um guarda perdeu a paciência. “*Cabrón!*” Ele arrancou as muletas de Tony enquanto outro notável comunista chutou o combatente da liberdade por trás. Tony rolou escada abaixo até cair de costas sobre as pedras lá embaixo, contorcendo-se e fazendo caretas de dor. Uma das pernas de Tony havia sido amputada no hospital; a outra estava gangrenando e coberta de pus. Os guardas castristas gargalhavam enquanto se preparavam para tapar a boca de Tony com um pedaço de fita. Tony ficou observando-os se aproximarem e cerrou o punho da mão que ainda estava boa. Assim, quando o comunista se aproximou, pá, um direto no meio dos olhos. O castrista cambaleou para trás.

O outro castrista correu em direção a Tony, que conseguiu pegar a muleta e a usou para esmagar o rosto do comunista nojento. “*Cabrón!*”

“Nunca entendi como ele sobreviveu àquela surra”, disse a testemunha Hiram Gonzalez, que assistiu a tudo de sua janela no corredor da morte. O aleijado Tony quase foi morto com chutes, socos, coronhadas, mas finalmente seus algozes, ofegantes, pararam de bater nele, enquanto esfregavam os próprios arranhões e machucados. Eles conseguiram passar a fita em sua boca, mas Tony os empurrou antes que pudessem amarrar suas mãos. O comandante acenou, ordenando que se afastassem.

Então, Tony rastejou até a estaca de execução, já lascada e muito manchada de sangue, a 50 metros dali. Ele se arrastou com as mãos, enquanto sua perna deixava um rastro de sangue na grama. Quando estava próximo da estaca, parou e começou a bater no próprio peito. Os carrascos estavam perplexos. O garoto aleijado estava tentando dizer alguma coisa.

O olhar vivo e as caretas de Tony falavam por si. Mas ninguém conseguia entender o murmúrio do garoto. Tony fechou os olhos bem apertado por causa da agonia do esforço. Os carrascos hesitavam de forma nervosa, levantando e baixando os rifles. Eles olhavam para o comandante, que encolheu os ombros. Finalmente, Tony arrancou a fita da boca.

O guerreiro da liberdade de 20 anos de idade gritou para seus executores: “Atirem em mim aqui!” Sua voz estava estremeçada, e a cabeça balançava por causa do esforço de gritar. “Bem no peito!”, Tony gritava. “Como um homem!”. Tony abriu, então, a camisa, batendo no peito e fazendo caretas diante de seus executores boquiabertos e confusos. “Bem aqui!”, gritava.

Em seu último dia de vida, Tony recebeu uma carta da mãe. “Meu filho querido”, ela dizia, “quantas vezes pedi para que não se envolvesse com essas coisas? Mas eu sabia que meus pedidos seriam em vão. Você sempre exigiu sua liberdade, Tony, mesmo quando ainda era apenas um garoto. Portanto, eu sabia que nunca apoiaria o comunismo. Bem, Fidel e Che finalmente pegaram você. Filho, eu o amo do fundo do meu coração. Minha vida está despedaçada e nunca mais será a

mesma, mas tudo o que resta agora, Tony, é morrer como um homem.”<sup>113</sup>

“*Fuego!*”, gritou o comandante de Fidel, e as balas perfuraram o corpo aleijado de Tony assim que ele alcançou a estaca, se levantou e olhou resolutos para seus assassinos. Aquele Tony sem pernas era um alvo difícil, visto que muitas balas não o atingiram. Era hora, portanto, do golpe de misericórdia.

Normalmente, basta uma 45 milímetros para perfurar o crânio. Testemunhas disseram que, para Tony, foram necessárias três. Parece que as mãos dos carrascos estavam tremendo demais.

Compare agora a morte de Tony com a morte do suíno e covarde Che Guevara. “Não atirem!”, foi o que choramingou o maldito para seus capturadores. “Sou o Che! Eu valho mais para vocês vivo do que morto!”

Agora, faça uma pergunta a si mesmo: de quem é o rosto que aparece em camisetas usadas por jovens que se acham rebeldes, amantes da liberdade e corajosos? Pois é, lamentem a demência e a estupidez maligna da cultura popular de nossos tempos.

Fidel e Che estavam com seus 30 e poucos anos quando assassinaram Tony. Muitos (talvez a maioria) dos que eles mataram eram adolescentes ou adultos de 20 e poucos anos. Carlos Machado e seu irmão gêmeo Ramón tinham 15 anos de idade quando cuspiram no rosto de seus carrascos comunistas. Eles morreram cantando o Hino Nacional de Cuba e praguejando contra a Internationale de Guevara. O pai deles morreu com eles na saraivada de tiros.

Hiram Gonzalez foi finalmente libertado da masmorra de Castro 20 anos após a execução de Tony Chao Flores, e ele pôde, enfim, contar a história de Tony. O livro de Enrique Encinosa, *Unvanquished: Cuba's Resistance to Fidel Castro*, fala sobre a vontade e a agitação dos patriotas cubanos assassinados pelos castristas. Quando as pessoas de esquerda vão parar de bajular o líder da Máquina de Morte Cubana? Quando haverá um show chamado Rock for Cuba Libre? Quando a foto de Tony Chao Flores, em vez da foto de Che ou de Fidel, será um ícone? Quando será feito um filme em Hollywood sobre a história de Tony, ou sobre a de seus compatriotas igualmente heróis?

Ao contrário, em janeiro de 2004, o filme de Walter Salles sobre Che Guevara, *Diários de Motocicleta*, recebeu aplausos e foi ovacionado no Sundance Film Festival.<sup>114</sup> Disseram que foi o filme mais bem recebido do evento. Eu me pergunto quantos daqueles que aplaudiram o filme sobre Che Guevara se opõem à pena de morte, diferentemente do próprio Che, que a implantou contra pessoas como Tony Chao Flores? Há algum psiquiatra por aí que possa explicar que distúrbio é esse?

<sup>112</sup> Do documentário *Los Vi Partir*, Enrique Encinosa, 2002.

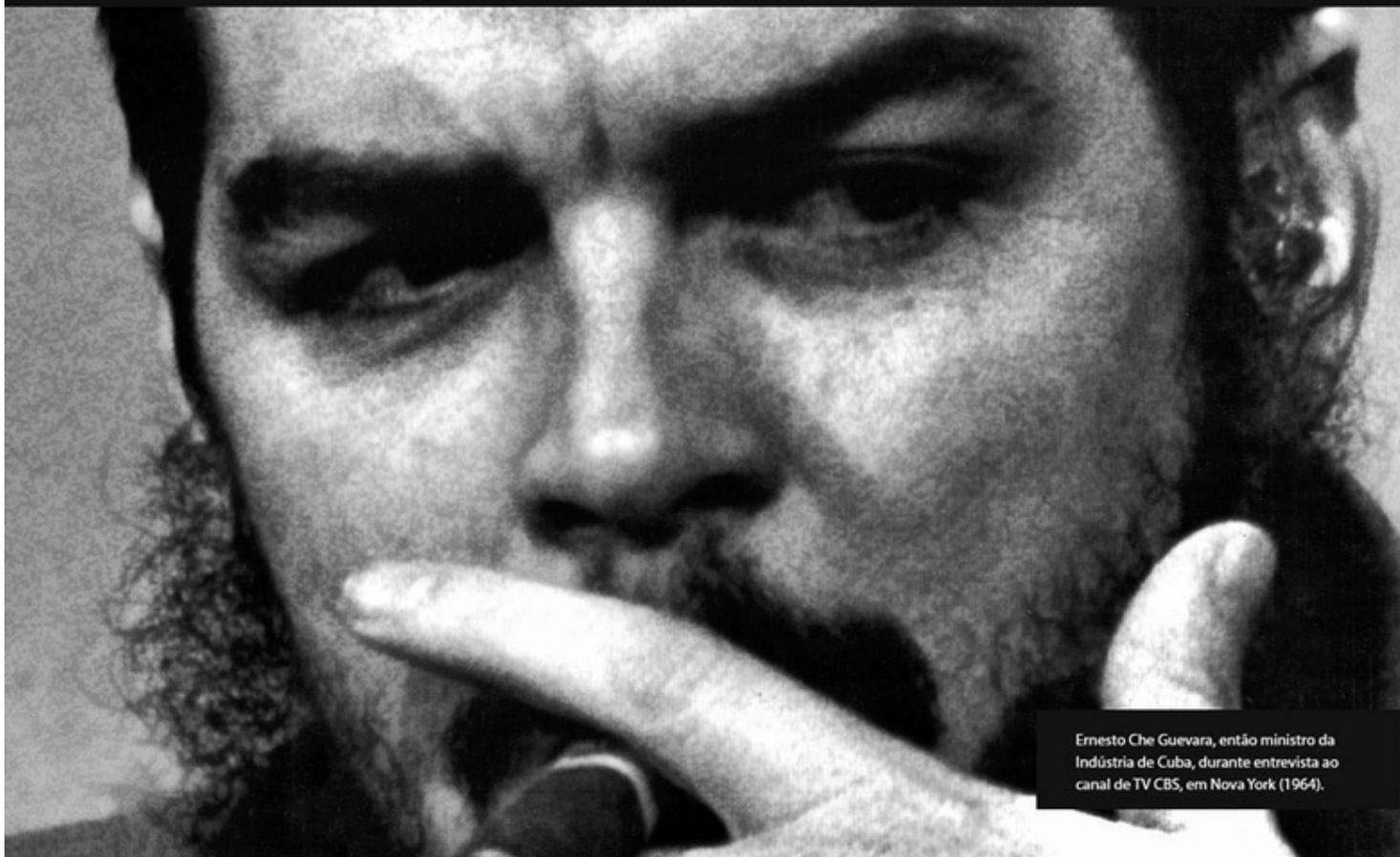
<sup>113</sup> Ibid.

<sup>114</sup> “Sundance Goes to Havana”, 26 de janeiro de 2004, disponível em [www.cbsnews.com](http://www.cbsnews.com).



# O COMPANHEIRO DE FIDEL

Che Guevara e seus diários de motocicleta



Ernesto Che Guevara, então ministro da Indústria de Cuba, durante entrevista ao canal de TV CBS, em Nova York (1964).

“Não, não!”, disse a Rainha. “A sentença primeiro, depois o veredicto.”

“Que bobagem!”, respondeu Alice em voz alta. “Não faz sentido a sentença vir primeiro!”

“Dobre sua língua!”, ordenou a Rainha, enrubescendo de raiva.

“Não dobro, não!”, disse Alice.

“Cortem a cabeça dela!”, gritou a Rainha o mais alto possível.<sup>115</sup>

Dizem que Lewis Carroll era um verdadeiro viciado em drogas, que estava com a mente completamente revirada pelo ópio quando criou o País das Maravilhas, um lugar onde a sentença vem primeiro e depois o veredicto. Se ao menos Carroll tivesse vivido o bastante para visitar Cuba em 1959...

“Para mandar homens para o pelotão de fuzilamento, provas judiciais são desnecessárias”, Carroll teria ouvido do comandante do pelotão, Che Guevara. “Esses procedimentos são detalhes burgueses arcaicos. Isto é uma revolução. E um revolucionário precisa se tornar uma máquina assassina brutal, motivada por puro ódio. Precisamos criar a pedagogia do *paredón*!”<sup>116</sup>

“Não precisamos de provas para executar um homem – precisamos apenas de provas de que é necessário executá-lo. Nossa missão não é providenciar garantias judiciais. Nossa missão é fazer uma revolução.”<sup>117</sup>

Durante o primeiro ano da gloriosa revolução de Fidel, o argentino Ernesto “Che” Guevara foi seu principal comandante de fuzilamento, tendo executado prisioneiros a um ritmo que deixaria qualquer comunista rival – ou nacional-socialista – orgulhoso.

A Alemanha nazista se tornou o modelo moderno de demônio político antes mesmo da Segunda Guerra Mundial. Ainda assim, em 1938, de acordo com William Shirer e John Toland, o regime nazista não teve mais do que 20 mil presos políticos. As execuções políticas até então alcançaram, se tanto, a marca de 2 mil, das quais muitas eram de nazistas desertores, mortos durante a Noite dos Longos Punhais. Outro episódio de assassinatos, a Kristallnacht (Noite dos Cristais), que horrorizou opiniões civilizadas ao redor de todo o mundo, gerou um total de 91 mortes. Isso numa nação de 70 milhões.

Cuba era uma nação de 6,5 milhões de pessoas em 1959. Em três meses de poder, Fidel e Che já tinham deixado para trás a taxa nazista pré-Guerra de encarceramentos e assassinatos. Um desertor alega que Che assinou 500 sentenças de morte, outro diz que foram mais de 600. O jornalista cubano Luis Ortega, que já conhecia Che desde 1954, escreveu em seu livro *Yo Soy el Che!* que Guevara mandou 1.897 homens para o pelotão de fuzilamento. Em seu livro *Che Guevara: A Biography*, Daniel James escreveu que o próprio Che admitiu ter encomendado

milhares de execuções durante os primeiros anos do regime Fidel. Certamente, os primeiros três meses da Revolução Cubana presenciaram 568 fuzilamentos – até o *New York Times* admite –, e os “julgamentos” precedentes chocaram e enojaram todos que os testemunharam. Foram farsas descaradas, charadas nauseantes.

Vingança – e muito menos justiça – não era o que motivava o método assassino de Che. Seus pelotões de fuzilamento eram um exercício perfeitamente racional, a sangue-frio, para decapitar – literal e figurativamente – os postos principais dos contras cubanos. Cinco anos antes, quando ainda era um mendigo comunista na Guatemala, Che viu os oficiais se erguerem contra o regime vermelho de Jacobo Arbenz, que fugiu para a Tchecoslováquia. Che não queria repetir a experiência em Cuba. Ele queria intimidar e aterrorizar o povo cubano contra a resistência à Revolução. Os julgamentos foram todos públicos. E as execuções, até o último estilhaço do crânio com tiros de uma 45 milímetros maciça, disparada a quatro metros do prisioneiro, eram públicas também. Como parte do procedimento, Guevara fazia seus homens enfileirarem os familiares e amigos do prisioneiro em frente ao *paredón* de sangue, ossos e cérebro esmigalhado.

O Terror Vermelho havia chegado a Cuba. “Nós faremos nossos corações cruéis, duros e irredutíveis [...]. Não vamos tremer diante do sangue inimigo. Sem misericórdia, sem poupá-los, mataremos nossos inimigos aos milhares; que se afoguem em seu próprio sangue. Que haja enchentes de sangue burguês [...] mais sangue, tanto quanto possível.” Assim falou Felix Dzerzhinsky, o fundador da Tcheca Soviética, em 1918.

O trecho a seguir é dos *Diários de Motocicleta*, da viagem de Che pela América do Sul, os mesmos diários que foram transformados num filme reconfortante por Walter Salles e Robert Redford: “Louco de fúria, mancharei meu rifle de vermelho enquanto trucido qualquer inimigo que cair em minhas mãos! Minhas narinas se dilatam enquanto saboreio o odor acre de pólvora e sangue. Com as mortes de meus inimigos, preparo meu ser para a luta sagrada e me uno ao proletariado triunfante, com um uivo bestial”. Parece que Walter Salles e Robert Redford omitiram essa porção inconveniente dos diários de Che em seu filme tocante.

O “odor acre de pólvora e sangue” nunca chegou às narinas de Guevara em combates de fato. Veio sempre de assassinatos à queima-roupa de homens amarrados, amordaçados e de olhos vendados. Ele era um verdadeiro chequista. “Sempre interroguem seus prisioneiros à noite”, Che instruía seus capangas. “O homem é mais suscetível à intimidação à noite; sua resistência mental está sempre mais baixa.”

Che especializou-se em psicologia da tortura. Muitos prisioneiros foram arrancados de suas celas, amarrados, vendados e colocados de pé contra a parede. O ponteiro dos segundos ressoava. Os condenados podiam ouvir o clique dos rifles sendo destravados e, finalmente, “*Fuego!*” Bam! Mas não havia balas.

Em seu livro *Tocayo*, o cubano combatente da liberdade Tony Navarro descreve como assistiu a um homem retornar a sua cela depois de tal agonia. O homem saíra havia pouco tempo, pálido, enquanto apertava a mão do colega condenado.

Retornou abalado e se encolheu num canto da cela esqualida, onde ficou por dias.<sup>118</sup>

Os modelos judiciais de Che eram Lênin, Dzerzhinsky e Stalin. Assim como estes usavam de terror e execuções em massa, Che também o fazia. Assim como conduziam julgamentos, ele também os conduzia.

Mas, em combates de fato, suas imbecilidades desafiavam a razão. Combatentes cubano-americanos que enfrentaram Che na baía dos Porcos e depois no Congo ainda riem dele. O plano de invasão à baía dos Porcos incluía uma emboscada, em que o esquadrão da CIA mandaria três barcos a remo à costa oeste de Cuba (a 550 quilômetros do verdadeiro local da invasão), carregados de fogos de artifício, foguetes caseiros, espelhos e uma gravação de áudio de sons de combate.

Che, astuto, imediatamente decifrou o esquema imperialista. Aquela pequena simulação a 500 quilômetros de distância da baía dos Porcos era uma clara emboscada! A verdadeira invasão estava a caminho dali, em Pinar del Río! Che se deslocou para Pinar del Río com milhares de tropas, assentou-se em meio a bloqueios, carregado, e aguardou o ataque “ianque/mercenário”. Seus homens se prepararam, confiantes, enquanto a performance de fogos, bombas de fumaça e espelhos acontecia na costa.

Três dias depois, o show de espelhos e fumaça (literal) se expandiu, e os homens de Che marcharam de volta para Havana. Previsivelmente, o guerreiro magistral conseguiu ferir a si mesmo na intensa batalha contra uma gravação de áudio. Uma bala perfurou seu queixo e saiu pela têmpora, quase atingindo o cérebro. A cicatriz é visível em todas as fotos do galante Che posteriores a abril de 1961.

O romancista cubano Guillermo Cabrera Infante, naquela época um fidelista, especula que o ferimento pode ter sido causado por uma tentativa frustrada de suicídio.<sup>119</sup> “Nunca!”, retrucam os hagiógrafos de Che, John Lee Anderson, Carlos Castañeda e Paco Taibo. Eles insistem que foi um acidente, que a própria arma de Che disparou sob seu rosto. Se não foi suicídio, foi inaptidão.

Mais tarde, muitos veteranos cubano-americanos da baía dos Porcos estavam loucos para voltar à luta contra os comunistas (mas agora com munição e cobertura aérea). A CIA então fez o favor de enviá-los ao Congo em 1965, com o ex-fuzileiro naval Rip Robertson. Lá, uniram-se aos lendários mercenários “Mad Mike” Hoare e seus Gansos Selvagens. Segue a opinião de Mike Hoare sobre as tropas cubano-americanas da CIA, depois de acompanhá-las em batalha: “Esses homens Cuba-CIA foram um dos grupos de soldados mais durões, dedicados e impetuosos que tive a honra de comandar. Seu líder [Rip Robertson] foi o soldado mais extraordinário e dedicado que já conheci”.<sup>120</sup>

Juntos, Mad Mike, Rip e os cubanos amantes da liberdade derrotaram com facilidade os chineses e os “Simbas” de Laurent Kabila, que, apoiados pelos soviéticos, assassinavam, estupravam e mastigavam (muitos eram canibais) os europeus indefesos que ainda restavam na então recentemente abandonada colônia belga.

Fidel, louco para se livrar de Che, mandou-o (sob o codinome Tatu) com um exército de rebeldes veteranos para ajudar os canibais congolese e os comunistas. O primeiro comando do magistral Tatu foi uma emboscada elaborada contra uma guarnição de guardas de uma hidrelétrica em Front Bendela, no rio Kimbi, no leste do Congo. O astuto Tatu liderou furtivamente seu exército até sua posição quando, de repente, ouviram tiros. Ops! Ei! Que raios...! Era a guarnição que Tatu achava que protegia a hidrelétrica para a qual havia preparado uma emboscada. Che perdeu metade de seus homens e quase não escapou com vida.<sup>121</sup>

O brilhante Tatu e seus comandantes tiveram uma segunda chance para lutar contra os cães do imperialismo num lugar chamado Fizi Baraka, no leste congolês, onde dominavam um terreno montanhoso elevado, posição de defesa perfeita, e com uma vantagem de dez para um quanto ao número de homens. Mad Mike e seus aliados da CIA avaliaram o local e atacaram. Num só dia, todo o poderoso exército de Che estava se dispersando em pânico, jogando fora as armas, correndo e gritando como velhas senhoras com ratos subindo pelas pernas. Não precisa confiar nas minhas palavras, confie nas de Che e principalmente nas da BBC: “A estadia de sete meses de Che Guevara em Fizi Baraka foi, como ele mesmo admite, um desastre completo”.<sup>122</sup>

Uma das farsas mais hilárias e duradouras do século 20 foi a “guerra” que o destemido Che e os rebeldes de Fidel lutaram contra Batista. Ouvi dizer que foi uma festa – uma maneira divertida de adolescentes atormentarem adultos, saquearem, fazerem barulho e brincarem de exército nos fins de semana, com armas verdadeiras, talvez até com a chance de disparar alguns tiros, em geral para o nada. Que garoto de 17 ou 18 anos poderia resistir? A delinquência mesquinha não foi interpretada apenas como altruísmo aqui, mas como heroísmo absoluto. Quantos arruaceiros conseguem tamanha glória? Normalmente, essas travessuras acabam em centros de detenção juvenis. Em Cuba, em 1958, resultavam em foto no *New York Times*.

Eis um relato privilegiado do “comandante” William Morgan sobre uma dessas tais “batalhas”, tal qual recontado por Paul Bethel, o assessor de imprensa da embaixada americana em Cuba em 1959. Bethel descreve como o “comandante” Morgan se recordou do ardil com “grande felicidade”. “Foi tudo uma tremenda jogada de marketing. [...] Nós transmitimos falsos comandos de batalha [usando um rádio de ondas curtas], dirigimos tropas falsas aqui e acolá, e nos divertimos bastante. [...] Para barulhos de fundo, usamos espingardas automáticas, rifles e pistolas. [...] Nós gritamos muito também.”<sup>123</sup>

Eis outro relato privilegiado da meticulosamente estudada obra de Bethel *The Losers: The Definitive Report, by an Eyewitness, of the Communist Conquest of Cuba and the Soviet Penetration in Latin America*. O livro mostra Che e sua “coluna” invencível em sua longa marcha pela província de Las Villas: “A coluna de Guevara se infiltrou bem no meio da estação de experimentação agrícola dos Estados Unidos, em Camagüey. Guevara pediu ao diretor Joe McGuire que

arrumasse um homem para levar um pacote ao comandante militar de Batista, na cidade. O pacote continha 100 mil dólares e um bilhete. Os homens de Guevara se movimentaram pela província quase sob o campo de visão das tropas desinteressadas de Batista”.<sup>124</sup>

Essa foi parte da famosa Batalha de Santa Clara, na qual Che ganhou sua fama eterna. O *New York Times* de 4 de janeiro de 1958 cobriu essa mesma “batalha” e relatou: “Mil mortos em cinco dias de violentas brigas de rua. [...] O comandante Che Guevara apelou às tropas de Batista por uma trégua para evitar acidentes nas ruas. [...] Guevara virou a maré nessa batalha sangrenta e acabou com um exército de 3 mil homens de Batista”.

Tudo abobrinha. Estatisticamente falando, uma caminhada noturna pelo Central Park representa mais perigo do que os rebeldes de Fidel diante do temível exército do bestial Fulgencio Batista. Segundo Bethel, a embaixada dos Estados Unidos estava um pouco cética quanto aos relatórios de derramamento de sangue em campo de batalha e quanto a rebeldes heroicos e resolveu investigar. Assim, exauriu toda e qualquer pista confiável e testemunho do que o *New York Times* chamou de uma “guerra civil sangrenta com milhares de mortos em batalhas individuais”. O relatório da embaixada descobriu que, no interior, nesses dois anos de batalhas “ferozes”, o total de baixas em ambos os lados na verdade totalizava 182.<sup>125</sup> Nova Orleans tem uma taxa de assassinatos duas vezes maior.

Mas, para lhes dar crédito, a maioria dos comandantes de Fidel sabia o que o *New York Times* aparentemente desconhecia: que a guerra de Batista tinha sido uma performance cafona de palhaços. Após a gloriosa vitória, eles ficaram contentes em encontrar e executar os poucos homens de Batista motivados o bastante para atirar de volta (a maioria vinha de ambiente humilde), acomodar-se nas mansões roubadas dos batistianos e aproveitar o restante da festa.

Mas o poder patológico de autoengano de Che não lhe permitiria fazer isso. E ele pagou o preço. Quando tentou pôr o dedo numa guerrilha que não era contra batistianos desmotivados, mas na África, onde pessoas de fato atiram de volta e tudo o mais, foi vencido a ponto de ficar com o rabo entre as pernas por meses. Depois, na Bolívia, ele e sua bandinha alegre foram traídos, cercados e rapidamente derrotados.

Eis um “herói de guerrilha” que, na vida real, nunca lutou numa guerrilha. Quando finalmente se colocou contra uma, foi mandado de volta. Um assassino a sangue-frio, que executou milhares, sem julgamento; que alegou serem as provas judiciais um “detalhe burguês desnecessário”; que pontuou que “revolucionários precisam ser máquinas assassinas brutais, motivadas por puro ódio”; que, numa época, ficava acordado por meses até o amanhecer assinando sentenças de morte para homens inocentes e honrados; cujo escritório em La Cabaña tinha uma janela de onde podia assistir às execuções – esse é hoje um herói para a esquerda universitária e para Hollywood.

Eis o primeiro “ministro das Indústrias” da Cuba comunista, cujo principal

*slogan*, em 1960, era “industrialização acelerada” e cujo sonho era converter Cuba (e mesmo o Ocidente) num grande formigueiro burocrático-industrial – e ele é o garoto do pôster para verdes e anarquistas que declamam contra a industrialização.

Eis um pequeno chorão metido, queridinho da professora, filhinho da mamãe (seus pais eram bolcheviques ricos), um abstêmio sem senso de humor, um burocrata fatigante, um notório estraga-prazeres e um completo retrógado. Em 1961, Che estabeleceu um campo de concentração especial em Guanacaibibes, no extremo oeste de Cuba, para “delinquentes” cuja “delinquência” envolvia bebidas, vadiagem, desrespeito às autoridades, preguiça e música alta – e, ainda assim, se vê camisetas com a foto dele nos programas da MTV.

A única habilidade que Che dominava era o assassinato em massa de homens indefesos. Assim como em 1940, quando os comissários de Stalin encurralaram e capturaram oficiais poloneses, levaram-nos para a floresta de Katyn e os submeteram a uma chacina, Che tentou localizar ex-oficiais cubanos – e qualquer um de cuja lealdade se suspeitasse – para assassiná-los. O verdadeiro legado de Che é mero terror e assassinato e é permeado por aquele temido bater à porta, à meia-noite; esposas e filhas gritando de medo e dor enquanto os capangas de Che arrastavam seus pais e maridos para fora de casa; mulheres desesperadas fora de La Cabaña enquanto os pelotões de fuzilamento de Che assassinavam seus pais e filhos lá dentro; milhares de heróis gritando para os pelotões de fuzilamento “*Viva Cuba libre!*” e “*Viva Cristo rey!*”; enterros em massa, túmulos secretos e por vezes caixas grosseiras com corpos crivados de balas, entregues aos rostos abatidos dos entes amados.

Quando as rodas da justiça finalmente engrenaram, e Che foi capturado na Bolívia, ele se mostrou indigno de se colocar no lugar de suas vítimas: “Não atirem! Sou o Che! Eu valho mais para vocês vivo do que morto!”<sup>126</sup> Ele não havia aprendido nada da coragem dos patriotas cubanos que havia assassinado. As rolhas de champanhe saltaram em casas cubano-americanas quando receberam a maravilhosa notícia da morte de Che, em outubro de 1967. Sim, nossos próprios compatriotas servindo orgulhosamente as Forças Especiais dos Estados Unidos haviam ajudado a localizar, na Bolívia, o pequeno rato assassino, covarde e epicamente estúpido que atendia por Che Guevara. A justiça nunca fora tão bem-feita.

Os escritos que ele deixou para trás são tagarelices inúteis, salientam somente que passou pela vida com uma rabugice perpétua. Comes e bebes, boas alegrias, farras noturnas e companheirismo: Guevara desviava disso como o Drácula de uma cruz. “Não tenho casa, mulher, pais, filhos ou irmãos. Meus amigos são amigos somente enquanto pensam politicamente como eu.”<sup>127</sup> Por um dever profissional, eu me torturei com os escritos de Che Guevara. Terminei de lê-los estupefato, atordoado, quase catatônico. Nada escrito por um graduando de primeiro ano de filosofia (ou um guru de gestão de qualidade total) poderia ser mais banal, movido a jargões, deprimente e idiota. Uma amostra: “O passado se faz sentir não só pela

consciência individual – em que o resíduo de uma educação sistematicamente orientada para o isolamento do indivíduo ainda tem grande peso –, mas através do próprio caráter desse período de transição, em que relações mercadológicas ainda persistem, embora isso ainda seja uma aspiração subjetiva, não muito sistematizada”.<sup>128</sup>

Volte um pouco à realidade, e continuemos: “Na medida em que alcançarmos sucessos concretos no plano teórico – ou, vice-versa, na medida em que chegarmos a conclusões teóricas de caráter amplo a partir das nossas pesquisas concretas –, teremos feito uma contribuição valiosa para o marxismo-leninismo e para as causas da humanidade”.

Tome um banho de água fria e fique aqui comigo mais um pouco: “Ainda é preciso aprofundar sua participação consciente, individual e coletiva, em todos os mecanismos de gestão e produção, para ligar isso à ideia de necessidade de uma educação técnica e ideológica, a fim de que possamos ver quão próximos esses processos interdependentes são e como o avanço deles é paralelo. Dessa forma, o indivíduo vai alcançar consciência total de seu ser social, que é equivalente à sua autopercepção completa como ser humano, uma vez que as correntes da alienação estarão quebradas”.

Ao longo de seus diários, Che choraminga sobre desertores de seus postos de “guerrilha” (adolescentes entediados, trapaceiros mesquinhos e bêbados brincando de exército nos fins de semana). Quem poderia culpá-los? Imagine dividir um acampamento com esse ioiô dando voltas e voltas sobre “aspirações subjetivas, ainda não sistematizadas” e “processos interdependentes próximos e consciência completa do ser social” – e que, além disso, fedia como um gambá (entre os costumes burgueses desprezados por Che, estava o banho).

Tais “desertores” desafortunados foram caçados como animais, atados e trazidos de volta para um Che desapegado, que apontou uma pistola para a cabeça deles e explodiu-lhes o crânio sem pensar duas vezes. Depois de passar dias escutando-o e sentindo seu cheiro, talvez isso significasse alívio. Quem poderia culpar Fidel por se encolher no canto mais próximo quando esse ioiô o convocava? Chame Fidel de tudo o que quiser (como eu fiz), mas não o chame de burro. O lero-lero vazio de Guevara deve tê-lo deixado louco. O único ponto pelo qual não posso culpar Fidel, o único ponto em relação ao qual eu de fato tenho empatia por ele é seu desejo de se livrar desse argentino imbecil e intolerável.

A missão boliviana de Che era obviamente suicida para qualquer um com meio cérebro. Fidel e Raúl não estavam prestes a se unir a ele lá, mas sim felizes por vê-lo ir embora. Dois meses depois, estava morto. Bingo! Fidel acertou na mosca novamente. Ele se livrou da inconveniência argentina, e sua revolução gloriosa agora tinha um lindo jovem mártir para a adulação de imbecis ao redor do mundo. Bom trabalho.

Che Guevara foi monumentalmente vaidoso e estúpido em proporções épicas. Foi superficial, grosseiro, cruel e covarde. Era cheio de si, uma fraude consumada, um

vácuo intelectual. Ele estava embriagado de uns poucos *slogans* insossos, falava em clichês e era um glutão por publicidade. Mas ele até saiu bem em algumas fotos, com suas maçãs do rosto altas e tudo o mais. E nós nos perguntando o porquê de ele ser um *hit* em Hollywood.

[115](#) Lewis Carroll, *Alice in Wonderland*, Signet, 2000, página 83.

[116](#) Humberto Fontova, “Che Guevara: Assassin and Bumbler”, 23 de fevereiro de 2004, disponível em [www.newsmax.com](http://www.newsmax.com).

[117](#) Víctor Llano, “El Carnicerito de La Cabaña”, *Libertad Digital*, 22 de novembro de 2004.

[118](#) Antonio Navarro, *Tocayo: A Cuban Resistance Leader’s True Story*, Sandown Books, 1981.

[119](#) Guillermo Cabrera Infante, *Mea Cuba*, Plaza/Janés Editores, 1992.

[120](#) Enrique Ros, *Cubanos Combatientes; Peleando en Distintos Frentes*. Ediciones Universal, 1998.

[121](#) Ibid.

[122](#) Mark Doyle, correspondente da BBC, 25 de novembro de 2004.

[123](#) Paul Bethel, *The Losers: The Definitive Report, by an Eyewitness, of the Communist Conquest of Cuba and the Soviet Penetration in Latin America*, Arlington House, 1969, página 51.

[124](#) Ibid., página 40.

[125](#) Ibid., página 51.

[126](#) Mario Lazo, *Dagger in the Heart; American Policy Failures in Cuba*, Funk & Wagnalls, 1968, página 243.

[127](#) Víctor Llano, “El Carnicerito de La Cabaña”.

[128](#) Ernesto “Che” Guevara, *Man and Socialism in Cuba*, Guairas, Book Institute, 1967.

# CUBA ANTES DE FIDEL



Vista aérea do centro de Havana com o recém-construído Capitólio, erguido ao custo de 22 milhões de dólares (1932).

Em 1955, um assassino e terrorista estava na prisão cubana. Deixarei que o próprio prisioneiro, Fidel Castro, descreva uma prisão da era Batista: “Eu me sinto como se estivesse de férias!” Ninguém nunca teve essa impressão das prisões de Fidel. E fica ainda melhor: “Hoje à noite, no jantar, teremos macarrão capellini com lula ao molho vermelho e alguns chocolates italianos, seguidos por um excelente charuto. Amanhã de manhã, permanecerei no pátio de novo, deitado numa cadeira, de shorts, sentindo a brisa marítima no meu rosto. Às vezes, acho que estou de férias”.<sup>129</sup>

Engraçado como a mídia de esquerda, que normalmente ignora o *gulag* de torturas e execuções do comunismo cubano, inventou um Batista que Fidel não reconheceria. “Batista assassinou milhares”, escreveu o incomparável Herbert Matthews, no *New York Times*, em 1957, “geralmente, após torturas.”

Jules Dubois, jornalista do *Chicago Tribune*, foi mais prosaico: “O ditador cubano [Batista] é um ególatra, um homem de ganância, um sádico. Ele destrói qualquer um que seja um obstáculo em seu caminho. Ordena a perseguição, tortura, assassinato e exílio de seus oponentes. Comanda o controle mental de toda a população e insiste no endeusamento de sua pessoa e de seus parentes. Instiga medo e submissão total entre seus subordinados. Está se livrando do poder judiciário para destruir a independência dos tribunais. Opera um Estado policial com censura em toda a mídia e com espões sem limites”.<sup>130</sup>

Então, o sagaz Dubois conclui: “Até Fidel Castro aparecer, o povo cubano não havia encontrado o líder para lutar por sua liberdade perdida”. Na verdade, foi quando Fidel Castro apareceu que tubos internos (para jangadas) e raquetes de pingue-pongue (para remos) se tornaram os itens mais procurados no mercado negro de Cuba – foi quando houve a necessidade de um mercado negro, inclusive. Foi o aparecimento de Fidel Castro que fez Cuba ter a maior taxa de emigração entre os países ocidentais durante o século 20 e tornou realidade o Estado policial descrito por Dubois.

Mas do *New York Times* ao *Los Angeles Times*, da CBS à CNN, de Harvard a Berkeley, eruditos e professores liberais afirmam que a Cuba pré-Fidel era um inferno repleto de pestes, pobreza, opressão e desesperança.

Colin Barraclough, do *Globe and Mail*, de Toronto, resume suas ideias imbecis: “Fulgencio Batista presidiu um dos mais sangrentos e corruptos – ainda assim, assustadoramente bem-sucedidos – regimes do século. Apoiado por um exército de brutamontes e torturadores, e auxiliado pelo mafioso americano Meyer Lansky, Batista construiu uma ilha da fantasia dedicada aos sete pecados capitais. Os brutamontes de Batista protegeram sua emenda com um prazer sádico – os corpos daqueles que se opunham à corrupção ou opulência eram encontrados com

frequência pendurados em postes de luz. No fim dos anos 1950, uma noite fora podia ser uma experiência perturbadora. Seu motorista podia virar em um semáforo e lhe mostrar fotos de corpos manchados de sangue, por conta de balas, e rostos jovens rasgados por torturas tão selvagens que os daiquiris, a doce carne de porco assada, o delicioso inhame, os excelentes Havanas, o sexo ardente, nada mais pareceria gostoso”. Barraclough escreveu isso em 2004. Não contente em denunciar a Cuba de Batista, o restante do artigo promove viagens e transações com a Cuba de Fidel.

Apenas um lembrete: a Cuba de Batista tinha a segunda renda *per capita* mais alta da América Latina (mais alta que a da Áustria ou do Japão), assim como a taxa de migração (em 1958, por exemplo, a embaixada cubana em Roma teve 12 mil aplicações para vistos de imigração).<sup>131</sup> A Cuba de Fidel, por outro lado, teve a mais alta taxa de encarceramento no globo (em 1995, 500 mil prisioneiros haviam passado pelo *gulag* de Fidel, de acordo com a organização de direitos humanos Freedom House).<sup>132</sup> Dada a população de Cuba, Fidel encarcerou, proporcionalmente, mais pessoas que Stalin, e é renegado até mesmo por refugiados haitianos. Mas o único porém da Cuba de Fidel, de acordo com o *Globe and Mail*, é que “todas as empresas de aluguel de carros pertencem ao Estado e suas taxas são exorbitantes”. É claro que o *Globe and Mail* critica o “embargo” comercial americano.

Esquerdistas amam como Fidel transformou Cuba, não importa o que isso tenha causado aos cubanos. Armando Valladares, que passou 22 anos nos calabouços de Fidel, antes que o presidente Ronald Reagan o indicasse para o cargo de embaixador dos Estados Unidos na Comissão de Direitos Humanos das Nações Unidas, escreveu: “O que mais me chocou quanto à política das Nações Unidas durante meu tempo lá foram esses ‘dois pesos, duas medidas’ de muitos governos. Um dos exemplos mais claros foi a atitude do governador espanhol sob a liderança do presidente socialista Felipe González. Enquanto eu estava em Genebra, amigos que estavam na Espanha me mandaram uma cópia de um relatório confidencial sobre a violação dos direitos humanos em Cuba, preparado em segredo pela própria chancelaria espanhola. Esse relatório documentava torturas sistemáticas, crimes e um tratamento cruel, desumano e degradante aos presos políticos cubanos, incluindo perseguições religiosas. Todavia, o documento oficial, do ministério espanhol dos Negócios Estrangeiros, foi concluído com a afirmação: ‘Mas, mesmo assim, não podemos condenar Fidel, pois isso seria provar que os Estados Unidos estão certos’.”

“Uma semana antes, esse relatório vazou na imprensa espanhola”, Valladares continua, “e a chancelaria espanhola emitiu um depoimento declarando que a Espanha não acreditava que Cuba tinha problemas de direitos humanos.”<sup>133</sup>

Aqui está, amigos. Fidel se safa com suas carnificinas em atacado, mentiras, repressão e terrorismo, pois já há meio século, sua figura barbada, disfarçada de militar, simboliza o antiamericanismo em sua forma mais virulenta – e, portanto,

pavorosa.

Mais alguns fatos: nos velhos tempos de Batista, tantas centenas de milhares de espanhóis procuraram imigrar para Cuba que oficiais cubanos afobados impuseram cotas para filtrar essa enchente de europeus que queriam morar no país. De 1910 a 1953, Cuba recebeu mais de 1 milhão de imigrantes espanhóis (junto com 65 mil imigrantes dos Estados Unidos) – e a população de Cuba em 1950 era de apenas 5,8 milhões.<sup>134</sup> Eis outro fato que explica tanta imigração: em 1958, a renda *per capita* de Cuba era quase o dobro daquela da Espanha. Um belo contraste para o paraíso de Fidel. E que tal esta: hoje, as duas maiores cadeias de varejo da Espanha pertencem a exilados cubanos (e foram fundadas por eles).

Além disso, quando o ditador espanhol de direita Francisco Franco morreu, em 1975, Fidel anunciou feriado nacional – em honra a Franco, não por inimizade. Algo que muitos esquerdistas não admitem é que Fidel se manteve fiel às suas raízes fascistas. A bem da verdade, esquerdistas como José “Pepe” Figueres, da Costa Rica, e Rómulo Betancourt, da Venezuela, foram os primeiros e mais amargos inimigos de Fidel na América Latina. Eram socialistas, mas socialistas pró-americanos e, portanto, adversários instantâneos. Franco, um fascista genuíno, com o sangue de dezenas de milhares de comunistas em suas mãos, foi um amigo instantâneo por conta do antiamericanismo espanhol.

Tudo isso não é uma apologia a Batista. A prosperidade de Cuba (renda *per capita* maior que a da Áustria ou da Irlanda, duas vezes maior que a do Japão), suas instituições civis (incluindo um sistema judiciário completamente independente) e sua imprensa livre, vibrante e atrevida existiam apesar de haver um bandido político no leme. Mas o mandato político batistiano foi benevolente se comparado ao mandato totalitário fidelista.

Cubano-americanos ouvem Batista ser comparado a Fidel em praticamente toda conversa sobre política: “Ei, ambos eram ditadores, certo? E Cuba era terrivelmente pobre e explorada naquela época, certo? Então, qual é o problema? Pelo menos agora as pessoas têm orgulho, saúde garantida, educação garantida...”

“Primeiro, eu queria arrancar os cabelos!” Este é Manuel Márquez-Sterling. Seu pai, Carlos, ajudou a escrever a Constituição de Cuba em 1940 e foi considerado por muitos cubanos e pelo embaixador dos Estados Unidos Earl Smith o vencedor da última eleição presidencial de Cuba, em novembro de 1958, quando o povo de Batista se apossou das células de voto e declarou este vencedor. A embaixada dos Estados Unidos realizou sua própria investigação e considerou Carlos Márquez-Sterling o vencedor legítimo. Assim também o fez Fidel Castro, que havia ameaçado Carlos de assassinato diversas vezes a não ser que tirasse seu nome da disputa (ele não tirou).

Fidel sabia muito bem que Márquez-Sterling iria ganhar e que isso arruinaria seu esquema para preencher o vácuo no poder político de Cuba como a única “alternativa viável a Batista”. (Essa fábula de Fidel ainda é quase onipresente entre “acadêmicos” cubanos.) Tendo falhado em intimidar Márquez-Sterling e fracassado

em duas tentativas de assassiná-lo, os capangas armados de Fidel simplesmente cercaram todas as urnas, com armas em punho, e queimaram-nas. “Aí está, Márquez-Sterling”, disseram os capangas. “Viu? Ganhamos, de qualquer forma.”

Márquez-Sterling foi o inimigo político mais conhecido e veemente de Batista em Cuba. Seu próprio filho, Manuel, foi agredido pela polícia de Batista. Ele se arrepiava com a equação Batista *versus* Fidel. “A comparação é absurda, risível e completamente idiota. Não é nem mesmo um caso de maçãs e laranjas. São uvas e melancias. Eu sou um professor universitário aposentado. Lidei com alguns dos americanos de melhor formação. E repetidamente escuto essa idiotice ultrajante.

“Olha”, eu disse por fim a meus alunos, docentes e grupo de amigos. “Procurem um país – não só na América Latina, mas em qualquer lugar – que, em seus primeiros cinquenta anos de independência, elevou em 10%, rumo ao topo, quase todo indicador socioeconômico, assim como Cuba o fez. Vão em frente, me mostrem um país.

“No fim dos anos 1950, Cuba teve um problema político, não um problema socioeconômico. No quadro geral, Cuba era rica e seu povo era saudável e bem-educado. O peso cubano estava sempre equiparado ao dólar americano. As reservas de ouro de Cuba cobriam suas reservas monetárias até o último centavo. Mas isso é apenas metade da história, pois as leis trabalhistas cubanas estavam entre as mais avançadas do mundo. O trabalho cubano apresentava um maior percentual de produto interno bruto do que a Suíça naquela época.

“E, em relação àquele renomado sistema de saúde de Fidel, de que tanto ouvimos falar e sobre o qual tanto lemos, a taxa de mortalidade infantil de Cuba em 1957 era a menor da América Latina e a décima terceira menor do mundo. Nesse departamento, Cuba estava à frente, no ranking, da França, Bélgica, Alemanha Ocidental, Israel, Japão, Áustria, Itália, Espanha e Portugal. Agora (usando os números inflados de Fidel), é a vigésima quarta taxa no mundo, com 60,4% das gestações terminando em aborto (o que diminui a taxa de mortalidade infantil). Em 1957, Cuba teve o dobro de médicos e professores do que os Estados Unidos. Estava em primeiro no ranking da América Latina quanto à renda nacional investida em educação, e sua taxa de alfabetização era de 80%. Em 1958, Cuba tinha até mais mulheres com ensino superior completo do que os Estados Unidos (proporcionalmente).

“Antes de Fidel, os cubanos já estavam entre as pessoas mais saudáveis e bem-educadas do mundo – e não foi preciso recorrer a execuções políticas do nível de Hitler ou a *gulags* do nível de Stalin. Nos anos 1960, meu pai, um intelectual cubano, figura política de renome, o homem que teria sido o presidente de Cuba com eleições honestas, escreveu um manuscrito procurando esclarecer tudo sobre a Revolução Cubana. Ali, ele frisou muito do que acabei de catalogar. Bem, nenhum editor americano sequer tocou no documento.

“Mas o presidente de uma das maiores e mais prestigiadas editoras americanas da época (um homem que nunca havia ido a Cuba, aliás) teve a cortesia de responder a meu pai com uma pequena carta de rejeição. ‘Sr. Márquez-Sterling’,

escreveu, ‘o senhor certamente tem noções peculiares sobre Cuba’.

“Então, aqui está: um americano que obteve todas as suas informações sobre Cuba de Herbert Matthews, do *New York Times*, de Jules Dubois, do *Chicago Tribune*, e de Jack Paar, respondendo dessa forma ao homem que viveu em Cuba a vida toda, cuja família esteve envolvida com a política cubana por dois séculos, que havia ajudado a elaborar a Constituição cubana de 1940, e que provavelmente ganhou as últimas eleições do país.

“Como eu disse, dada essa ignorância atacadista – sejamos educados e chamemos apenas de ignorância – sobre questões cubanas e dado o enorme sucesso da propaganda ofensiva de Fidel sobre essas questões, às vezes dá vontade de arrancar os cabelos!”

Bem colocado, sr. Márquez-Sterling. Entendo exatamente o que o senhor quer dizer. Isso me lembra meu antigo professor universitário de história, o dr. Stephen Ambrose: “Fidel jogou fora um FDP e libertou Cuba”. Libertou Cuba de quê? Não havia nenhum cartão de racionamento nem falta de comida sob o governo de Batista. Não havia controle totalitário da mídia.

Segue uma citação de um documento do Departamento de Estado dos Estados Unidos: “Não é exagero afirmar que, durante os anos 1950, o povo cubano estava entre os mais bem informados do mundo, vivendo um mercado midiático bastante vasto para um país tão pequeno. Os cubanos tinham a opção de 58 jornais diários no fim dos anos 1950, de acordo com o anuário estatístico das Nações Unidas”. É verdade que notícias de jornal eram ocasionalmente submetidas a mudanças sob o comando de Batista. Mais grave, como no caso de Manuel Márquez-Sterling, alguns dos jornalistas mais abusados eram ocasionalmente presos ou tratados com força física pelos capangas de Batista. Mas a censura de Batista ia e vinha.

Batista não controlava os que cubanos aprendiam na escola. Ele não decidia quem eles idolatravam, quanto ganhavam, para onde viajavam e migravam. Lembre-se do livro de Jeane Kirkpatrick, *Dictatorships and Double Standards*, em que ele distingue governos autoritários de totalitários: “Regimes autoritários não perturbam o ritmo habitual de trabalho e lazer, as moradias habituais nem os padrões habituais de relações familiares e pessoais [...]. Regimes totalitários exigem que o estado tenha jurisdição total sobre a sociedade – o que inclui religião, família e economia. O ponto crucial é que regimes totalitários exigem jurisdição total sobre a pessoa, sobre a sociedade, e eles não acreditam que devemos dar a César o que é de César e dar a Deus o que é de Deus. Eles acreditam que tudo é de César – que o governo deve conter e controlar tudo”.

Bem, Batista provavelmente nem sequer poderia ser qualificado como autoritário. Ele com certeza não era um Franco ou Pinochet, nem mesmo um Stroessner ou um Perón. (Fosse ele um desses, tivesse ele se livrado dos rebeldes de Fidel como um verdadeiro ditador, as jukeboxes de hoje, em Miami, tocariam mais Tanya Tucker do que Gloria Estefan.)

Os primeiros dois presidentes que mencionei acima (Franco e Pinochet) eram

militares profissionais. Dizem que Batista, ainda que um “general” (autodenominado), não gostava de estratégias militares. Ele se tornou sargento de forma legítima, um militar profissional, na Cuba pré-1933 e fez por merecer. Provavelmente, teria se tornado coronel, talvez até general, por mérito genuíno. Mas não era isso o que ele queria.

Batista ingressou no exército, assim como tantos outros homens da mesma humilde posição social em Cuba, como meio para subir na vida e conseguir uma boa educação e um emprego. Mas a verdadeira vocação de Batista era a política. “Acredito que vai achá-lo um indivíduo agradável, apesar do que os outros lhe dizem”, Eisenhower falou a Earl Smith, sobre sua nomeação a embaixador no verão de 1957.<sup>135</sup>

O primeiro golpe de Batista, em 1933, conhecido como Revolta dos Sargentos, dissolveu e desmoralizou os militares profissionais de Cuba, substituindo muitos dos oficiais por uma nova leva de autodenominados “coronéis” e “generais”. Essa trupe era muito mais bem versada em lábia política, corrupção e inimigos políticos do que em virtudes e questões básicas militares. Um militar profissional teria vindo a calhar em 1958, mas Cuba não tinha nenhum. O presidente Batista sempre se esgueirava para sair em fotos vestido como um civil, num contexto familiar. Ele escrupulosamente mantinha seu rude lado militar e suas operações políticas nos bastidores. “Batista nunca quis ser um soldado negro”, escreveu o jornalista cubano Gastón Baquero, ele próprio um negro, empregado do jornal mais antigo e aristocrático de Cuba, *El Diario de la Marina*. “Em vez disso, Batista sempre quis ser um *caballero* branco.”

O sargento-presidente mulato Fulgencio Batista sempre evitou cautelosamente a imagem de caudilho. Essa imagem servia para o presidente vizinho Trujillo, da República Dominicana, para o presidente Pérez Jiménez, da Venezuela, para o presidente Rojas Pinillas, da Colômbia, e todo o resto. Cuba era diferente do restante da América Latina. Cultural, comercial e – como Batista estava desesperado para comprovar – politicamente, Cuba era mais americana. Batista queria desenvolver a imagem de respeito e democracia.

Batista era, em grande parte, autodidata. Lia com voracidade e estava sempre estudando inglês intensamente. Mantinha um busto de Abraham Lincoln em seu escritório e uma casa na praia de Daytona. Quando lhe foi recusado exílio nos Estados Unidos, ficou magoado, mas, sendo um político sagaz e comedido, “entendeu o raciocínio”. Todos que conheciam Fulgencio Batista dizem que ele tinha uma vontade genuína de ser popular, um líder eleito democraticamente, o que de fato foi, de 1940 a 1944.

Batista, o governador-geral de Cuba depois de seu golpe em 1933, voluntariamente renunciou ao posto em 1940 e se apresentou como candidato nas eleições presidenciais de Cuba daquele ano. Ele venceu com folga o que os observadores americanos descreveram como eleições escrupulosamente limpas.

Outro fato interessante: em 1940, num período em que a população de Cuba era

quase 70% branca, o povo cubano elegeu um presidente negro, que teria vindo de uma família de ex-escravos, de um barraco de folhas de palmeira com piso de terra. A aristocracia de Cuba ainda desdenhava de Batista. Como presidente, lhe foi negada a entrada no exclusivo Havana Yacht Club.

Raça era um fator importante na Revolução Cubana. Quando os soldados de Batista capturaram alguns dos homens de Fidel que haviam tentado invadir Cuba através do México, em 1956, exclamaram “*Son blancos!*” (“São brancos!”) “Peguem eles!” Muitos – ou mesmo a maioria – dos soldados de Batista eram negros e praticamente todos os rebeldes de Fidel eram brancos.

“Você é da Geórgia? Que bom! Eu gosto muito da forma como você trata os negros aqui. Aqui, os negros são todos *marijuaneros* [maconheiros, drogados] ou batistianos.” Quem disse isso foi um membro do Movimento 26 de Julho (grupo de Fidel). Ele estava alistando um voluntário americano chamado Neil McCauley nas forças rebeldes de Fidel, em 1958.

O regime de Fidel tomou o lugar de um governo em que negros cubanos eram presidentes do Senado, ministros da Agricultura, chefes do Exército e do Estado.<sup>136</sup> Atualmente, a população carcerária de Cuba é 80% negra, e sua hierarquia governamental, 100% branca. Somente 10% do comitê central do Partido Comunista é negro (e o preso político mais proeminente de Cuba, Oscar Bicet, é negro). Em abril de 2003, três cubanos negros “sequestraram” uma balsa e tentaram escapar para a Flórida. Foram capturados, passaram por um julgamento sumário e foram executados pelos pelotões de fuzilamento. Fidel respondeu ao ultraje dos exilados cubanos perguntando: “Que estardalhaço é esse por eu ter atirado em três negrinhos?”<sup>137</sup>

“Não vi nenhum rosto negro em meu tour oficial de três dias por Cuba”, conta o apresentador de rádio e colunista Lowell Ponte. “Foi um tour de fachada em 1977. Eu era um jornalista visitante, representava o *Los Angeles Times*. Eles tentaram me impressionar – como impressionaram tantos outros, certo? O problema é que estavam passeando comigo apenas entre importantes oficiais do governo – e os comunistas simplesmente não conseguiram encontrar um que fosse negro.

“Mas eles por fim arrastaram um até mim. Era um diretor de uma escola na qual, depois da doutrina comunista, as criancinhas iam todas trabalhar numa fábrica de baterias, onde suas mãos e braços ficavam repetidamente expostos a ácido. [...] Tente fazer isso em qualquer outro país que você terá a Oprah, Katie, Eleanor Clift, Rosie, toda a trupe, em chamadas sobre ‘trabalho infantil, escravidão infantil’. Fidel, naturalmente, se safa disso.”

A corrupção e a brutalidade esporádica do regime de Batista deixaram as classes média e alta irritadas. “Nós não nos importávamos com quem derrubasse Batista”, disse o homem mais rico da Cuba pré-Castro, Julio Lobo. “Prefiro o caos completo ao governo de Batista.” Lobo era dono de 14 engenhos de açúcar, de vários bancos cubanos e do time de beisebol de Havana. Ele disse isso ao ser entrevistado pelo historiador britânico Hugh Thomas. No fim dos anos 1950, Lobo financiou o

Movimento 26 de Julho (talvez em parte com o dinheiro para proteção, para evitar que as “guerrilhas” de Fidel queimassem suas plantações de cana-de-açúcar e explodissem seus engenhos). Três meses após Batista ser derrubado, Lobo presenteou o governo de Fidel, numa cerimônia pública, com um cheque de 450 mil dólares, como um gesto de boa vontade (ou talvez como mais dinheiro para proteção contra o confisco que estava afetando muitos de seus concorrentes).

Exatamente um ano após esse gesto de boa vontade revolucionária, Lobo recebeu um pedido em papel timbrado do governo, do novo diretor do banco nacional de Cuba, o notável economista Che Guevara. O revolucionário lendário queria uma palavrinha com o administrador lendário. Numa reunião à meia-noite, Guevara ofereceu a Lobo um cargo político, de ministro da Agricultura. Como bônus, Lobo poderia manter um de seus 14 engenhos e até mesmo sua casa. “Está vendo?” Guevara sorriu com desdém. “Tantos rumores infundados sobre eu ser um rígido ideólogo marxista!”

Julio Lobo pediu um dia para pensar melhor. Fugiu de Cuba na noite seguinte, sem nem sequer colocar na mala uma escova de dente. As ofertas de Che e Fidel geralmente eram do tipo que não podiam ser recusadas.

“Sabemos que Fidel foi treinado como um comunista em 1946 e 1947 na embaixada russa, em Cuba”, disse Julio Lobo no exílio, ao fazer o discurso como patrono da turma de 1963 da Universidade Estadual da Louisiana (ele tinha sido aluno lá). “Sabemos que Fidel foi enviado a Bogotá para perturbar a Conferência de Primeiros-Ministros, em 1948, na qual sua participação foi sinistra, matando diversas pessoas com as próprias mãos. [...] Livros dão tantos detalhes sobre as atividades comunistas de Fidel durante esse período, e é incrível que ele não tenha sido impedido de tomar posse em Cuba, mas sim impelido a esse processo.

“É digno de nota como os trabalhadores e camponeses que Fidel pretendia salvar sempre mantinham uma indiferença pétrea frente às intimações de Fidel para greves gerais. Eram os intelectuais e idealistas burgueses a quem Kruschew chamava de ‘idiotas úteis’, que involuntariamente auxiliavam a posse comunista.”

A palestra de Lobo incluía vários estudantes exilados de Cuba, todos a par de seu histórico. A Universidade Estadual da Louisiana sempre deteve um contingente considerável de estudantes cubanos, que em geral estudavam engenharia química para fazer carreira nos engenhos de açúcar em Cuba. Um desses estudantes no evento era meu primo, que me contou que ele e seus colegas de exílio aplaudiram o discurso apenas por educação, pois todos sabiam que Lobo era um dos “idiotas úteis”.

Outro idiota útil foi José “Pepin” Bosch, dono da Bacardi, outra grande empresa cubana – até que Fidel tomou suas propriedades e os Bosch fugiram e refundaram a Bacardi em Porto Rico. Bosch tinha apoiado e financiado o movimento de Fidel ao longo do fim dos anos 1950 – possivelmente com mais lucro ainda do que o sagaz e astuto Julio Lobo.

No início da “rebelião” cubana, o governo dos Estados Unidos enviou uma missão “em busca de fatos” à província Oriente, chefiada pelo oficial (de

esquerda) da CIA Lyman Kirkpatrick. O embaixador dos Estados Unidos em Cuba, Arthur Gardner, havia relatado que Fidel tinha inclinações comunistas. Os Bosch, pró-Fidel, estavam ansiosos para convencer Kirkpatrick do contrário, então as pessoas da Bacardi serviram de anfitriões e guias para a “busca de fatos”. Elas tomaram os cuidados para que os homens de Kirkpatrick conhecessem as “pessoas certas”. Entre elas, estava uma jovem mulher elegante que falava um espanhol perfeito, Vilma Espin. “Nós só queremos”, ela disse aos astutos “caçadores de fatos” da CIA, “o que vocês americanos têm: política limpa e um sistema político limpo”.<sup>138</sup> Lyman Kirkpatrick pareceu bastante impressionado com as credenciais da mulher como uma democrata cubana. Infelizmente, Vilma Espin era um membro fanático (mas secreto) do Partido Comunista. Dois anos depois, ela se casou com o irmão do Máximo, Raúl Castro, um homem mais bestial e sedento por sangue do que seu irmão Fidel.

Durante o primeiro ano de Fidel no poder, José “Pepin” Bosch, da Bacardi, estava ainda tão apaixonado pela gloriosa *Revolución* que implorou por um assento no avião e acompanhou Fidel em seu tour triunfal de abril de 1959 pelos Estados Unidos. O termo “radical chique” não começou com a revelação sagaz de Tom Wolfe em 1970. Debutantes entediados e extrovertidos se jogaram para cima de Fidel e de seus “rebeldes”. Tome-se a própria Vilma Espin, mencionada há pouco, como exemplo. Ela era formada pela faculdade Bryn Mawr e pelo Instituto de Tecnologia de Massachusetts. Seu pai era um alto executivo da Bacardi e sua família nadava em dinheiro. A antiga aristocracia de Cuba amava Fidel até que eles se viram presos, vivendo sob seu sistema – o chique de ser radical desapareceu num *flash* e a maioria deles acabou no exílio.

Viver sob o governo de Fidel é difícil até mesmo para a maioria dos esquerdistas. Praticamente todos os partidários marxistas de Salvador Allende que encontraram refúgio em Cuba após o golpe de Pinochet fugiram do país desde então, em desespero – alguns para os Estados Unidos. Minha própria família tinha uma linha de ascendentes membros do Partido Comunista cubano. Eles moram hoje em Miami.

A vida na Castrolândia é bem difícil para ideólogos socialistas. No entanto, é simples para terroristas e gângsteres. Esses são os verdadeiros amigos e compadres de Fidel.

O mais incrível é que, depois de serem forçados a fugir de Fidel, cubano-americanos são condenados agora em Miami por pessoas de esquerda. É típico ouvi-los pronunciar as palavras “cubanos de Miami” como se estivessem sentindo o fedor de leite azedo, e eles inevitavelmente os identificam com batistianos. “A política de Cuba não foi definida em Washington”, Bill Press pontua. “Foi definida em Miami, por antigos apoiadores de Batista, que perderam a Revolução para Fidel em 1959 e pensam que ainda podem reverter a história.”<sup>139</sup> Ou, como disse meu falecido professor de história Stephen Ambrose, “aqueles cubanos ricos fugiram para Miami e começaram a atizar uma guerra para reclamar toda sua

propriedade injustamente tomada”. Mesmo em alguns círculos de esquerda de exilados cubanos (artistas, intelectuais), especialmente em Nova York ou na Espanha, criar caso contra os cubanos de Miami é a praxe, por uma questão de classe. Para eles, os “cubanos de Miami” representam o que a América vermelha significa para os esquerdistas americanos.

Antes de Fidel, Cuba abrigava uma vasta classe média – 36% da população, segundo as Nações Unidas. A maioria que fugiu do país de 1959 a 1966 era composta de profissionais administrativos da classe média. O livro *Miami: City of the Future* cita um estudo da Universidade de Miami segundo o qual, entre cubano-americanos da Flórida, a maioria é de trabalhadores que eram da classe operária em Cuba. Quase todos esses cubanos fugiram apenas com a roupa do corpo.

Em seu livro *The Spirit of Enterprise*, George Gilder intitulou um capítulo de “O Milagre Cubano”. Ele escreveu: “Nenhum outro grupo de imigrantes inundou tanto uma cidade e a transformou tão rápido e com sucesso, ao mesmo tempo que obteve tal variedade de progressos comerciais, como os quase 800 mil fugitivos do regime de Fidel que construíram suas casas em Miami depois de 1960”. De acordo com o Escritório de Censo dos Estados Unidos, em 1997, cubano-americanos eram donos de 125.300 empresas, com lucros anuais de 26,5 bilhões de dólares. O censo de 1998 apontou que a segunda geração de cubanos americanos tem uma melhor formação e melhores salários que os americanos em geral. E, claro, eles votam no Partido Republicano. Não é de espantar que os esquerdistas os odeiem.

[129](#) Jesus Hernandez Cuellar, “Crónica del Presidio Político en Cuba”, revista *Contacto*, dezembro de 2008.

[130](#) Jules Dubois, *Fidel Castro: Rebel, Liberator or Dictator?*, Bobbs-Merrill Company, 1959, página 2.

[131](#) Andres Suarez, *Cuba: Castroism and Communism, 1959–1966*, MIT Press, 1967.

[132](#) Trevor Armbrister, “Fawning over Fidel”, *Reader’s Digest*, May 1996.

[133](#) Armando Valladares, *Against All Hope*, San Francisco: Encounter Books, 2000.

[134](#) Alberto Bustamante, “Notas y Estadísticas sobre los Grupos Étnicos en Cuba,” revista *Herencia*, volume 10, Herencia Cultural Cubana, 2004.

[135](#) Mario Lazo, *Dagger in the Heart; American Policy Failures in Cuba*, Funk & Wagnalls, 1968, página 137.

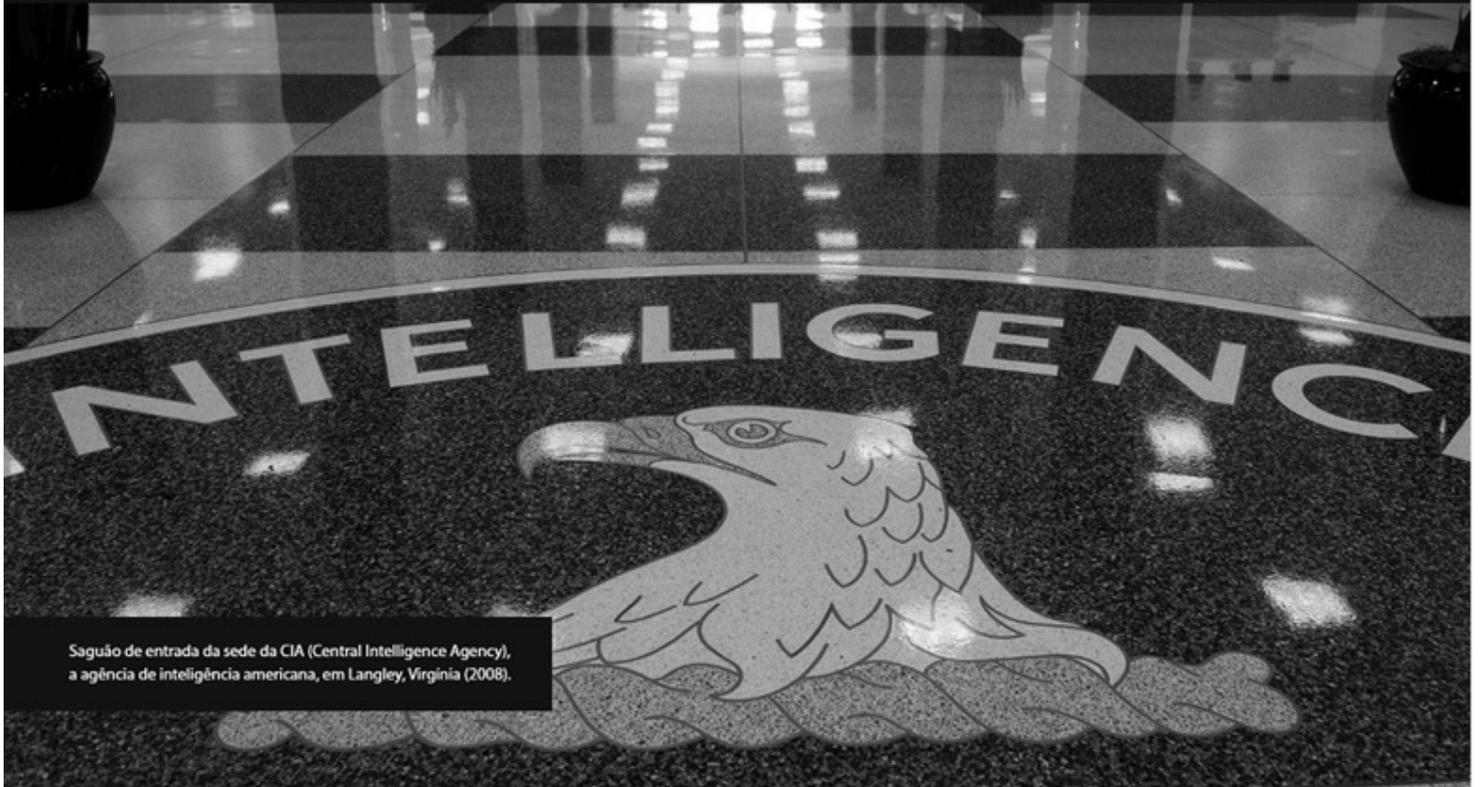
[136](#) Ibid.

[137](#) Agustín Blázquez e Jaums Sutton, “Three Little Blacks,” 23 de maio de 2003, disponível em [www.newsmax.com](http://www.newsmax.com).

[138](#) Aleksandr Fursenko e Timothy Naftali, *One Hell of a Gamble: Khrushchev, Castro, and Kennedy 1958–1964*, W. W. Norton & Co., 1997.



# A ESTUPIDEZ DA CIA



Saguão de entrada da sede da CIA (Central Intelligence Agency), a agência de inteligência americana, em Langley, Virginia (2008).

“Fidel não só não é um comunista, mas é um forte anticomunista.”<sup>140</sup> Isso foi o que o especialista da CIA em comunismo latino-americano, um gênio chamado Gerry Drecher (que trabalhava sob o pseudônimo de Frank Bender), disse após se encontrar com Fidel Castro em 1959. Ele ainda se aproximou de Rufo López-Fresquet, o primeiro-ministro da Economia de Fidel, que o acompanhava nessa viagem aos Estados Unidos, e se ofereceu para compartilhar sua inteligência com o ditador para a luta anticomunista.<sup>141</sup>

“Eu e minha equipe éramos todos fidelistas”, disse Robert Reynolds, especialista em Revolução Cubana do departamento caribenho da CIA de 1957 a 1960.<sup>142</sup>

“Eles eram todos pró-Fidel.” Isso foi dito por outro agente da CIA que atuava em Cuba na época, Robert Wiecha. “Todos... e também todos no Departamento de Estado, exceto pelo [republicano] Earl Smith.”<sup>143</sup> A CIA faz parte da burocracia do governo como qualquer outra instituição pública, com o mesmo viés à esquerda, como os cubano-americanos sabem muito bem. Muitos cubanos capazes e patrióticos se afastaram da CIA entre 1960 e 1962, assombrados, horrorizados e enojados com o fato de a agência procurar trabalhar apenas com cubanos socialistas. Ex-fidelistas eram os favoritos. Isso não era novo para a CIA. Desde o início da Guerra Fria, a agência foi uma mascote da esquerda democrática.

“Nós queremos para Cuba o que vocês querem para os Estados Unidos”, exclamou Rubio Padilla para Allen Dulles, diretor da Central de Inteligência. “Queremos livre iniciativa, um estado de direito, e não socialismo.”<sup>144</sup> Padilla era um médico, um proeminente líder católico secular e uma das figuras mais respeitadas na Cuba pré-Fidel. Estava isento de qualquer conexão com Batista. Na verdade, odiava-o e havia trabalhado contra ele ao longo de toda a vida. Padilla queria trabalhar com a CIA na luta anti-Fidel, mas, após ver o fanatismo esquerdista da agência, previu que seus esforços acabariam em desastre e se recusou a fazer parte daquilo. Trabalhou incansavelmente por décadas, ajudando exilados desamparados e buscando a libertação de sua terra natal. Mas não queria mais nada com a CIA.

Infelizmente, essa antipatia era muitas vezes mútua. “Lidei com uma amostra consideravelmente rica de exilados no passado”, disse o diretor da CIA Desmond Fitzgerald. “Mas nenhum se compara ao grupo cubano em genuína estupidez e militância infantil. Algumas vezes, tenho pena de Fidel... um escultor com massa de vidraceiro.”<sup>145</sup>

Desmond “Des” Fitzgerald era um homem de Kennedy, educado em Harvard e íntimo da família Kennedy. “Bobby Kennedy e Desmond Fitzgerald conduziam a maior parte de seus negócios conjuntos em festas de Washington, em vez de fazê-lo no escritório”, escreveu John Davis em seu livro *The Kennedys: Dynasty and*

*Disaster.*

“Des Fitzgerald nunca chamava o procurador-geral de Bobby de ‘senhor procurador-geral’ e era fotografado com tanta frequência em festas de Georgetown que seu disfarce da CIA provavelmente foi descoberto”, disse um colega da agência.<sup>146</sup>

Quando Desmond Fitzgerald fala em “genuína estupidez”, é preciso saber que ele foi o mentor de diversas conspirações engenhosas para assassinar Fidel. Uma delas consistia em usar uma concha do mar explosiva. Outra, em infectar o tanque de mergulho de Fidel com o bacilo da tuberculose. Outro plano era imergir seu traje de mergulho em agentes químicos mortais. Como sabemos, nenhuma dessas ideias foi posta em prática. Fitzgerald finalmente se decidiu por uma caneta-tinteiro com uma ponta hipodérmica venenosa, tão fina que Fidel não sentiria quando o assassino “acidentalmente” a esfregasse nele.

Muitos dos chamados estúpidos exilados cubanos – e muitos dos próprios agentes mais baixos da CIA (que em geral se davam muito bem com os exilados cubanos) – tentaram dissuadir Fitzgerald de seus planos mirabolantes. O que os preocupava mais do que o nível Austin Powers de inteligência desses esquemas era o homem a quem Fitzgerald confiaria o assassinato de Fidel. Ele se orgulhava imensamente de ter arquitetado um trabalho infiltrado ao recrutar um oficial cubano para a tarefa. Os exilados cubanos tentaram dizer a Fitzgerald que o homem que ele havia contratado para assassinar Fidel era um agente duplo.<sup>147</sup>

E era mesmo. Tratava-se de um amigo de Fidel chamado Rolando Cubela. Ele encontrava Fitzgerald ou seus subordinados no Brasil ou na França e então voltava para Havana e entregava relatórios sobre eles para o chefe, Fidel Castro.

“Você acha que Castro vai ficar sentado e não retaliar?”, bufou Frank Sturgis, agente que depois ficaria conhecido por participar do caso Watergate.<sup>148</sup>

Sturgis conhecia Fidel pessoalmente, por ter transportado armas para ele na época anti-Batista. A CIA empregou Sturgis como parte de sua força anti-Castro. Fidel respondeu à pergunta de Sturgis em 7 de setembro de 1963: “Nós estamos preparados para pagar na mesma moeda! Líderes americanos que planejem eliminar líderes cubanos não devem pensar que *eles mesmos* estão a salvo! [grifo meu]”.<sup>149</sup>

Lyndon Johnson concordou com Sturgis. “Vou contar algo que vai deixá-lo abalado”, disse em uma conversa não oficial com Howard K. Smith, após olhar documentos confidenciais. “Kennedy tentou pegar Fidel, mas Fidel pegou Kennedy antes. Tudo isso vai vazar um dia.”<sup>150</sup>

O general Alexander Haig também concordou com Sturgis. Haig serviu como conselheiro militar nos governos Kennedy e Johnson. “Enquanto lia o relatório secreto, tive a sensação de um choque físico, senti os pelos da minha nuca se arrepiarem”, escreveu Haig. Ele estava lendo um relatório confidencial um mês depois do assassinato de Kennedy. “Levei o relatório aos meus superiores e vi seus rostos ficarem pálidos.” Foi-lhe dito: “A partir desse momento, Al, você vai

esquecer que um dia leu esse pedaço de papel, ou que ele um dia existiu”.<sup>151</sup>

O relatório confidencial da inteligência que tanto perturbou Haig detalhava precisamente como, alguns dias antes do assassinato em Dallas, Lee Harvey Oswald, acompanhado por agentes da inteligência de Fidel, fora visto em Havana. Ele havia viajado para lá da Cidade do México.

O general Haig farejou essa suspeita muito antes que o relatório da Comissão Warren fosse publicado. Entre as poucas pessoas que sabiam que Oswald havia viajado para a Cidade do México e visitado a embaixada de Cuba, estavam exilados cubanos: Salvador Diaz-Verson, Carlos Prio e Emilio Nunez Portuondo. Este último recebeu as informações perturbadoras de um amigo que trabalhava na embaixada. No dia seguinte ao assassinato, o amigo de Portuondo, que odiava Fidel secretamente, reconheceu a foto de Lee Harvey Oswald.

“*Asesinos!*”, gritou Elena Garro, uma mexicana com amigos na embaixada cubana na Cidade do México. Logo após o assassinato, ela estava lá, apontando para o prédio da embaixada. “*Asesinos!*”, ela gritava, com soluços convulsivos. Também tinha reconhecido Lee Harvey Oswald. Ela o havia visto conversando com pessoas da embaixada cubana alguns dias antes. Um amigo de Garro, o agente da inteligência mexicana Manuel Cavillo, disse-lhe para tomar cuidado e até mesmo para deixar a cidade por um tempo, pois corria risco com os comunistas. O próprio Calvillo escondeu Elena Garro e sua filha.<sup>152</sup>

“Fidel sempre tinha os melhores membros de sua inteligência na Cidade do México”, diz um homem que diversas vezes os enfrentou, o militante pela liberdade cubana Raphael “Chi-Chi” Quintero, que hoje vive em Miami.

O já mencionado Portuondo, aliás, era bem conhecido nos círculos diplomáticos. Havia sido o embaixador cubano nas Nações Unidas em meados dos anos 1950 e construiu uma reputação notável quando atacou os soviéticos pelo massacre em Budapeste, em 1956, causando desconforto e engasgos entre os delegados presentes na Assembleia Geral.

Imediatamente após o assassinato de Kennedy, Portuondo disse à inteligência americana que Oswald havia estado na embaixada cubana no México, mas se recusou a divulgar sua fonte. Ironicamente, no dia exato do assassinato de Kennedy, o agente da CIA Des Fitzgerald se encontrava em Paris com o agente duplo Rolando Cubela, entregando-lhe a caneta-tinteiro envenenada.

A Agência Central de Inteligência tinha cuidado em excluir de sua luta anti-Castro qualquer um que tivesse experiência no combate a Fidel. O exército privado de Rolando Masferrer em Cuba, Los Tigres, se especializava em dar aos “rebeldes” castristas um gosto de seu próprio remédio durante a rebelião. “Alguém tinha de combater os castristas”, soltou Masferrer em uma entrevista anos depois. “O exército de Batista com certeza não iria fazê-lo.”

A CIA não desejava ter nenhuma relação com o exilado Masferrer. Na verdade, Masferrer foi preso na Flórida logo antes da invasão da baía dos Porcos. Repetidamente rejeitado pela CIA, esse empreendedor estava formando outro

exército particular e preparando-se para invadir ele próprio o país.

Tomemos um senhor cubano chamado Raphael Diaz-Balart. Seus dois filhos, Lincoln e Mario, estão entre os conservadores republicanos mais eficientes no Congresso hoje. Em maio de 1955, Batista ordenou pessoalmente a libertação de Fidel Castro como parte de uma anistia geral após este ter cumprido míseros 17 meses de sua sentença de 15 anos. O senador Raphael Diaz-Balart achou a anistia de Batista uma estupidez. Em um discurso no Senado, disse: “Fidel Castro e seu grupo declararam repetidamente de suas confortáveis celas que deixarão a prisão apenas para continuar planejando atos de violência e o que for preciso para alcançar o poder total que almejam”. O senador continuou: “Eles se recusaram a tomar parte em qualquer acordo pacífico, ameaçando tanto membros do governo quanto da oposição que defendem uma solução eleitoral para os problemas do país”.

“Eles não querem paz”, o senador Diaz-Balart reafirmou, “não querem uma solução nacional. Não querem democracia, nem eleições, nem fraternidade. Fidel Castro e seu grupo buscam apenas uma coisa: poder – e poder total, para ser mais preciso. E querem alcançá-lo através da violência, para que seu poder total lhes permita destruir quaisquer vestígios de lei em Cuba, para que instituem a mais cruel e bárbara tirania [...] um regime totalitário, um regime assassino e corrupto que seria difícil de derrubar pelos próximos 20 anos.” Diaz-Balart era um otimista. Já faz mais de 40 anos que Fidel vem brutalizando Cuba. Mas o senador estava certo sobre todo o resto.

Ele continuou: “Isso é porque Fidel Castro em si não é nada mais que um psicopata fascista. [...] Eu acredito que essa anistia – tão imprudentemente adotada – trará dias, muitos dias de luto, dor, sangue e miséria para o povo cubano. Pelo bem de Cuba, peço a Deus para que eu esteja errado”.<sup>153</sup>

Para começar, por que Fidel estava na prisão? Ele foi preso por planejar e liderar o ataque assassino aos quartéis militares de Moncada – um ataque que matou mais de cem pessoas em 26 de julho de 1953. Não que Fidel tenha *pessoalmente* participado do tiroteio, ele era sempre cuidadoso em evitar o combate quando o inimigo podia atirar de volta. “Corram!”, um ex-colega se lembra de ouvir Fidel gritar quando os soldados de Batista inesperadamente reagiram. “Cada um por si!”<sup>154</sup>

“Espere um minuto”, disse o colega, “e as garotas? Nós não podemos simplesmente...” (o Movimento 26 de Julho de Fidel era um grupo à esquerda, que colocava as mulheres para combater). “Não dá tempo de resgatar as garotas. Não há tempo para isso”,<sup>155</sup> disse Fidel ofegante, enquanto corria da zona de combate como uma gazela usando esteroides.

Infelizmente, muitos dos inconsequentes que Fidel e Raúl deixaram para trás encontraram morte e tortura nas mãos dos soldados de Batista. Essas tropas enraivecidas e indisciplinadas concederam a Fidel seu mais caro desejo: o Movimento 26 de Julho agora tinha o *status* de mártir, graças à imprensa então

livre de Cuba. Lamentavelmente, para o país, Batista havia extinguido a pena capital. E Cuba possuía um judiciário totalmente independente. Assim, Fidel recebeu uma sentença bastante leve por planejar, liderar e incitar um ato de violência armada que deixou mais de cem pessoas mortas. Na verdade, os juízes que sentenciaram Fidel a 15 anos de pena quase se desculparam por isso. Segundo Georgie Anne Geyer, Nieto Piñeiro-Osorio, o juiz que o sentenciou, “era amplamente simpático aos insurgentes de Fidel”. Alguns juízes, como Manuel Urrutia, votaram pela absolvição.<sup>156</sup>

Um julgamento completamente justo era possível sob o governo de Batista; na verdade, era a regra. Isso acabou em um minuto quando os “insurgentes” de Fidel tomaram o poder. Assim que Fidel entrou em Havana e instalou seu gabinete de imbecis, foi reinstaurada a pena de morte, abolido o *habeas corpus* e instituiu-se que suas leis revolucionárias seriam aplicadas *retroativamente*. Os “julgamentos” dos “criminosos de guerra de Batista” foram farsas vergonhosas, representações nojentas. O procurador-chefe, Che Guevara, disse melhor: “Prova é um detalhe arcaico e burguês”.

Você pode pensar que o senador Raphael Diaz-Balart já havia desmascarado Fidel em 1955. Bom, em 1960, Diaz-Balart, vivendo nos Estados Unidos como exilado, testemunhou diante de uma subcomissão do Senado americano. Essas audiências foram denominadas “Ameaça comunista aos Estados Unidos através do Caribe”.

“Como cubano, agradeço a hospitalidade oferecida a mim por esse país irmão e estou feliz em atender a convocação dessa distinta comissão”, começou Diaz-Balart.

**Senador Kenneth Keating:** Sr. Balart, o senhor se refere a Fidel Castro como o membro mais proeminente do movimento comunista no hemisfério ocidental, mas provavelmente não como um membro “de carteirinha”.

**Diaz-Balart:** Sim, isso mesmo. Desde 1945, quando entrou na Universidade de Havana, Fidel sempre esteve muito próximo dos comunistas conhecidos. Era o porta-voz perfeito para eles, até que começou a matar estudantes.

**Jay Sourwine [conselho geral]:** Sabe quem matou Leonel Gomez em 1947?

**Diaz-Balart:** Fidel Castro atirou em Leonel Gomez, pois acreditava que ele, sendo amigo do então presidente cubano Grau, seria um obstáculo a suas ambições.

**Sourwine:** Quem era Manolo Castro?

**Diaz-Balart:** Era o presidente da Federação de Estudantes Universitários da Universidade de Havana em 1947.

**Sourwine:** Ele está vivo?

**Diaz-Balart:** Não. Fidel Castro assassinou-o em 1947, pouco depois de ter tentado matar, sem êxito, Leonel Gomez.

**Sourwine:** Você conhecia Fernandez Caral?

**Diaz-Balart:** Sim, ele era um sargento da polícia da Universidade de Havana.

**Sourwine:** Ele ainda está vivo?

**Diaz-Balart:** Não. Fidel Castro assassinou-o porque ele estava pressionando a investigação a respeito do assassinato de Manolo Castro.

**Sourwine:** Você conhece Raúl Castro?

**Diaz-Balart:** Sim, senhor. Ele é o irmão de Fidel Castro.

**Sourwine:** Você sabe se ele é um comunista?

**Diaz-Balart:** Raúl Castro é um agente comunista muito bem treinado. Quando jovem, foi a Praga a fim de receber treinamento.

**Sourwine:** O senhor se lembra de nos ter dado os nomes de dois russos que diziam ter chegado a Cuba em 1959 para iniciar a agitação proletária na América Latina?

**Diaz-Balart:** Um era Eremev Timofei e o outro era Ivan Arapov.

E assim por diante. Eis um cubano que ama os Estados Unidos, que foi um distinto senador pré-Castro, que estava ciente de informações vitais a respeito da penetração soviética na América Latina e que sabia tudo sobre Fidel – um colaborador absolutamente ideal para a CIA, certo?

Errado. A CIA rejeitou repetidamente Diaz-Balart. Ele foi excluído do planejamento político da baía dos Porcos e até mesmo proibido de se juntar às forças invasoras como cidadão. Estava disposto a fazer qualquer coisa para participar, mas a CIA disse que não. Pior que isso: o Serviço de Imigração e Naturalização começou a assediá-lo a respeito de sua autorização para permanecer nos Estados Unidos.

“Você vai se divertir trabalhando com esses caras”, brincou um oficial da CIA com Howard Hunt, que era conhecido como o único conservador em seus grupos da CIA. “Esses cubanos são todos da esquerda, Howard, todos socialistas.”<sup>157</sup>

Antes da baía dos Porcos, Hunt foi instruído a moldar o governo de Cuba no exílio e escrever uma nova constituição, socialista, para a Cuba pós-Castro. Hunt, que se dava bem com centenas de exilados cubanos, sabia que Cuba já tinha uma constituição perfeitamente boa – a Constituição de 1940, que Batista violou, e Fidel aboliu. Mas Hunt se lamentou: “Todos os cubanos mandados para trabalhar comigo haviam previamente apoiado Fidel. Eu considerava a maior parte deles como pensadores superficiais”.<sup>158</sup>

Os ex-fidelistas socialistas eram um assunto delicado a ser tratado com exilados cubanos. Apenas alguns meses antes, em Cuba, fidelistas posando de antifidelistas renascidos haviam se infiltrado e traído a maior conspiração anti-Fidel montada até então, conhecida como conspiração de Trinidad ou Trujillo. Dezenas levaram tiros. Milhares foram presos.

Os traidores foram Eloy Gutiérrez Menoyo (atualmente líder de um grupo pró-combate, antiembargo e pró-democracia em Miami chamado Cambio Cubano) e um rebelde americano chamado William Morgan (que fugiu desajeitadamente de Fidel e um ano e meio depois foi executado pelo batalhão de fuzilamento do ditador). Em

1959, Menoyo e Morgan eram “comandantes” revolucionários que ocupavam mansões roubadas, dirigiam carros roubados e usavam empregados roubados.

Herbert Matthews escreveu o perfil de Morgan para o *New York Times*. Segundo o maior especialista em Cuba no maior jornal do mundo, o robusto nativo de Ohio de 32 anos, que agora servia como major revolucionário, era um herói da Segunda Guerra Mundial e um grande humanitário, um ex-paraquedista que havia lutado nas batalhas mais sangrentas do Pacífico. O *Toledo Blade*, jornal da cidade natal de Morgan, também adotou sua causa. O periódico relatou que a tropa do major Morgan contava com 5 mil homens quando a revolução começou – no entanto, o número de rebeldes anti-Batista em *toda a ilha* nunca excedeu algumas *centenas* até a última semana de “guerra”, quando rapidamente quintuplicou para algo em torno de 3 mil. Tal era a ferocidade da guerra anti-Batista, segundo o *Blade*, “que apenas 3 mil dos homens de Morgan sobreviveram à árdua luta”. Claro que nós sabemos que houve um total de 182 mortos durante os dois anos de “guerra”.

A imprensa estava errada ainda sobre outra coisa. William Morgan era um desertor que nunca havia servido nem por um único dia durante a Segunda Guerra Mundial e nunca havia vivido um minuto sequer de combate. Ele estivera no Japão muito depois da guerra e perdera a Guerra da Coreia porque fora jogado na cadeia. Antes, quando jovem na cidade de Toledo, Ohio, havia sido preso por roubo a mão armada. Após ter passado pela Corte Marcial e ter sido dispensado com desonra por ter escapado da cela e roubado a pistola de um guarda, Morgan cumpriu pena por roubo em dois presídios federais americanos.<sup>159</sup>

Também era bígamo, casou com uma garota cubana enquanto sua mulher, ainda vivendo em Ohio, perseguia-o atrás de pensão alimentícia para os dois filhos que ele havia abandonado. Em 1957, Cuba parecia um bom lugar para um cara como ele se esconder, o bando de Fidel era o disfarce ideal a se adotar, e o *New York Times*, a agência ideal para espalhar a mentira de Morgan.

De qualquer forma, Morgan e Menoyo, alegando que haviam recentemente se voltado contra Fidel, juntaram-se à conspiração Trujillo. O próprio Fidel ordenou isso, de forma a montar uma armadilha. A rebelião teve esse nome porque o presidente dominicano Rafael Trujillo estava ajudando os rebeldes anti-Castro com armas, e alguns deles buscaram exílio na República Dominicana. A rebelião deveria começar com dois aviões lotados de exilados cubanos armados voando da República Dominicana para a cidade de Trinidad, na costa sul de Cuba.

É interessante que o sempre amigável, cooperativo (e à esquerda) embaixador americano em Cuba, Phil Bonsal, assustou-se com a iminente revolta anti-Fidel e imediatamente alertou o governo deste último.<sup>160</sup> (Nenhum embaixador americano alertou o regime de Batista de conspirações sobre as quais a embaixada possuía informações; na verdade, muitos conspiradores anti-Batista até mesmo receberam refúgio na baía de Guantánamo.) O embaixador Bonsal acreditou que Morgan era *realmente* um opositor de Fidel. Bonsal temia que Fidel pudesse erroneamente meter a embaixada americana na trama porque Morgan era um americano.

Como veremos mais tarde, Morgan, apesar de ser o delinquente perene que era, no fim das contas se voltou contra Fidel e morreu bravamente – até mesmo de forma heroica – na frente de um pelotão de fuzilamento comunista. Mas, por causa da traição de Morgan e Menoyo, muitos cubanos anti-Castro pareciam desconfiar dos *arrepentidos* (pretensos ex-castristas) que a CIA parecia tão ansiosa em contratar.

Para sua invasão *militar* de Cuba, a CIA, em um primeiro momento, excluiu exilados cubanos com um passado *militar* porque Batista havia dominado o Exército. Mas, no final, oficiais como Erneido Oliva, Hugo Soeiro e muitos outros passaram pelo crivo após uma cuidadosa inspeção da agência e do Departamento de Estado. Os oficiais cubanos foram esplêndidos em combate e honrados em cativeiro. Alguns são soldados até hoje. Oliva é um general de brigada do Exército americano. Sueiro é um veterano do Vietnã altamente condecorado.

Depois que os exilados cubanos aprenderam, passaram a dar treinamentos sobre como passar nas inspeções. “A Junta Cubana”, afirmou McGeorge Bundy, conselheiro de segurança nacional de John F. Kennedy, para o governo pós-baía dos Porcos que vinha sendo construído pelos *melhores e mais brilhantes*, “terá forte orientação esquerdista”.<sup>161</sup>

Não é de espantar que Earl Smith diga que os homens da CIA estavam entre os mais obstinados e apaixonados fidelistas na equipe de sua embaixada. Ele mencionou isso tanto em seu testemunho ao Senado em 1960 quanto em *The Fourth Floor*, seu livro de 1962. Quase 30 anos depois, Tad Szulc confirmou a castrofilia da CIA em seu livro *Fidel: A Critical Portrait*. Szulc, ele mesmo um admirador de Fidel e – sim – repórter do *New York Times*, mostrou que o apoio da CIA a Fidel ia além da simpatia. Segundo Szulc, em 1958 o agente da CIA Robert Wiecha entregou 50 mil dólares a um representante do Movimento 26 de Julho.<sup>162</sup>

Nem todos na CIA eram pró-Fidel; só os oficiais mais altos, os engravatados. Os níveis mais baixos da agência, militares com o trabalho nas mãos – homens como Grayston Lynch, Rip Robertson, Pete Ray, Riley Shamburger, Leo Baker e Wade Gray –, são reverenciados entre cubano-americanos até hoje. Alguns têm seus nomes gravados em lugar de honra no monumento à baía dos Porcos em Miami. Caminhe pela Little Havana de Miami e vai encontrar ruas com seus nomes. Mencione o nome desses homens corajosos em qualquer reunião de cubano-americanos e então tampe os ouvidos porque os *vivas* podem estourar seus tímpanos. O solo cubano foi consagrado com o sangue dos dois povos.

Sem serem superados pelos esquerdistas estúpidos da CIA, havia também vários – surpresa! – esquerdistas estúpidos no Departamento de Estado. Em 1957, o embaixador americano em Cuba, Arthur Gardner (um republicano), cometeu o erro de avisar seus superiores: “Eu vi um manifesto que ele [Fidel] imprimiu no México, o qual marcava seus princípios, o que iria fazer. Ele tomaria todas as indústrias americanas, nacionalizaria tudo. Isso, para mim, significava apenas uma coisa: esse homem era um radical. Fidel fala e age como um comunista e não

deveria ser apoiado pelos Estados Unidos. Fidel não carrega uma carteirinha do Partido Comunista, mas seu irmão Raúl é um comunista, e todos sabem disso [...]. Sim, eles [os artigos do *New York Times*] o construíram como Robin Hood ou salvador da nação. Teve realmente um grande efeito”.<sup>163</sup>

Com seus comparsas do Departamento de Estado, o *New York Times* clamou pela substituição de Gardner em 1957. John Foster Dulles aquiesceu e o substituiu pelo republicano Earl T. Smith, que cometeu o mesmo erro. “Fidel é um marxista”, disse a seus superiores no Departamento de Estado, depois de alguns meses no posto. Na realidade, na sua primeira semana, Smith ouviu que o pessoal de Fidel ameaçava assassiná-lo. “Castro dá indicações de seu marxismo em sua escrita e em seus discursos. Não há dúvida de que os comunistas controlam seus movimentos. Se ele tomar o poder, não será para o bem dos Estados Unidos ou de Cuba.”<sup>164</sup>

Smith foi eliminado exatamente uma semana depois de Fidel ter tomado o poder. A imprensa de esquerda da própria Cuba teve um papel importante no corte de Smith. “Envergonhe-se, embaixador Smith”, escreveu Miguel Angel Quevedo na sua revista *Bohemia* em janeiro de 1959. “O embaixador Smith está distorcendo a realidade da tragédia para desorientar o Departamento de Estado. Agora que somos vitoriosos, ele deve partir e não voltar nunca.” A capa dessa edição de janeiro de 1959 mostrava o jovem e barbado Fidel com a legenda “Honra e glória para o herói nacional!”. Dez meses mais tarde, toda a estrutura da revista *Bohemia* foi confiscada pelos bandidos do herói nacional, e Quevedo correu para o exílio a fim de salvar sua vida. Seus jornalistas haviam batido em Batista por sete anos, agora esses sabichões estavam correndo também. Seis anos depois de sua revista ter sido confiscada e transformada em um órgão de propaganda comunista, Quevedo, vivendo no exílio em Caracas, Venezuela, encostou um revólver na cabeça e espalhou seus miolos por toda a sala de estar.

Apesar dos avisos de Gardner e Smith, o Departamento de Estado impôs um embargo ao comércio de armas com o governo de Batista (e se recusou a enviar armas que já haviam sido compradas e pagas). Então, Smith foi instruído a dizer a Batista: “Você já não conta com o apoio do governo americano”. Smith protestou contra essa ordem, mas encontrou-se com Batista e cumpriu o dever.

O Departamento de Estado na verdade deu reconhecimento ao novo governo de Fidel antes mesmo que ele houvesse entrado em Havana. “Nós colocamos Fidel no poder”, disse um Smith um tanto amargo, em testemunho ao Senado, dois anos depois.

<sup>140</sup> Georgie Ann Geyer, *Guerrilla Prince*, Little, Brown & Co., 1991, página 240.

<sup>141</sup> Rufo López-Fresquet, *My Fourteen Months with Castro*, World Publishing Company, 1966.

<sup>142</sup> Tim Weiner, “Bay of Pigs Enemies Finally Sit Down Together”, *New York Times*, 23 de março de 2001.

<sup>143</sup> Georgie Ann Geyer, página 190.

- [144](#) Juan Antonio Rubio Padilla, “A la Opinión Pública”, 27 de abril de 1961.
- [145](#) Gus Russo, *Live by the Sword: The Secret War Against Castro and the Death of JFK*, Bancroft Press, 1998, página 15.
- [146](#) John H. Davis, *The Kennedys: Dynasty and Disaster*, McGraw-Hill, 1984.
- [147](#) Gus Russo, páginas 242-44.
- [148](#) Ibid., página 248.
- [149](#) Carlos Bringuier, *Red Friday*, Chas Hallberg & Co., 1969, página 110.
- [150](#) Gus Russo, página 377.
- [151](#) Alexander M. Haig Jr., *Inner Circles; How America Changed the World*, Warner Books, 1992, página 116.
- [152](#) Gus Russo, página 344.
- [153](#) Raphael Diaz-Balart, “La Amnistia”, *La Rosa Blanca*.
- [154](#) Nathaniel Weyl, *Red Star over Cuba: The Russian Assault on the Western Hemisphere*, Devin-Adair Company, 1960, página 104.
- [155](#) Ibid.
- [156](#) Georgie Ann Geyer, página 126.
- [157](#) Howard E. Hunt, *Give us This Day*, Arlington House, 1973.
- [158](#) Ibid.
- [159](#) Nathaniel Weyl, página 104.
- [160](#) Enrique Encinosa, *Unvanquished: Cuba’s Resistance to Fidel Castro*, Pureplay Press, 2004, página 19.
- [161](#) Peter Kornbluh (org.), *Bay of Pigs Declassified: The Secret CIA Report on the Invasion of Cuba*, New Press, 1998.
- [162](#) Tad Szulc, *Fidel: A Critical Portrait*, William Morrow & Co., 1986.
- [163](#) Testemunho de Arthur Gardner, “Communist Threat to The United States through the Caribbean”, U.S. Senate Subcommittee, 27 de agosto de 1960.
- [164](#) Earl E. T. Smith, *The Fourth Floor: An Account of the Castro Communist Revolution*, Random House, 1962, páginas 30-52.

Líderes cubanos da Frente Nacional Escambray, a guerrilha anti-Fidel, se encontram nas montanhas para coordenar suas respectivas zonas militares de operação (abril de 1962).



**“NÓS LUTAMOS COM A FÚRIA DE FERAS ENCURRALADAS”**

Os rebeldes de Fidel compraram pequenas brigas por quase dois anos; seus rebeldes armados somavam apenas 400 no fim de 1958; e apenas 182 pessoas morreram na “guerra” de Fidel (no entanto, milhares morreram depois com os fuzilamentos comunistas).

Mas, por alguma razão, a maior parte das pessoas não sabe de uma guerra bem maior que durou seis anos (1960-1966), matou 6 mil homens do governo e, segundo estimativas do próprio Raúl Castro, envolveu 179 bandos de guerrilheiros *anticomunistas* e rebeldes, a maior parte vivendo na área rural. Tudo isso aconteceu na porta dos americanos, a uma distância de oito minutos de avião. Os cubanos a conhecem como a Revolta de Escambray.

Vejam, amigos, as poucas vitórias militares de Fidel Castro e Che Guevara não vieram de *suas* guerrilhas, mas *contra* guerrilhas, da forma mais brutal, covarde e nojenta de guerra *anti-insurgência* – ou verdadeiros massacres. Quem diria que uma das mais longas e brutais guerrilhas do hemisfério ocidental na verdade lutou *contra* Fidel e Che e era feita por camponeses mal armados e sem terra, provenientes das montanhas cubanas de Escambray? A coletivização não foi mais voluntária em Cuba do que na Ucrânia – mas os *kulaks* cubanos possuíam armas (pelo menos alguns, no início; o acordo entre Kennedy e Krushev retirou deles a ajuda americana) e vontade de lutar.

Para a Revolta de Escambray não existiam repórteres cubanos, apenas os propagandistas e eunucos de Fidel (lembro-me de Roberto Fuentes agora). E os repórteres internacionais que corriam atrás de Fidel nunca apareceram para cobrir essa guerra, embora ela tenha lhe custado seis anos, dezenas de milhares de soldados, pontos com os conselheiros russos, esquadrões de tanques, helicópteros, lança-chamas soviéticos e uma maciça campanha de “realocação” para enfim esmagar esses incrivelmente bravos e engenhosos defensores da liberdade. “Nós lutamos com a fúria de feras encurraladas”, diz um veterano de Miami.

“Unidades da milícia cubana comandadas por oficiais russos usaram lança-chamas para queimar mais de cem cabanas de sapé na beira dos pântanos de Zapata”, escreve Paul Bethel. “Seus ocupantes eram *guajiros* [caipiras] acusados pelo regime de alimentar e alojar contrarrevolucionários.”<sup>165</sup>

“Nunca vou me esquecer”, relembra Acelia Pacheco, que era uma menina na época e estava entre os “realocados”, “os comunistas apareciam e começavam simplesmente a apontar armas e arrancar todo mundo de casa, espremendo as pessoas em caminhões, carros e até mesmo mulas. Nunca vou me esquecer de ver crianças pequenas, bebês mesmo, completamente aturdidas, chorando e berrando, e de seus olhares em suas pequenas faces sujas e marcadas de lágrimas. Mães, irmãs, tias, avós – algumas chorando, algumas gritando coisas horríveis aos comunistas –,

todos nós fomos largados em campos de concentração a centenas de quilômetros de nossas casas, sem comida por dias. A maior parte dos homens foi levada para outro lugar, e nunca os vimos de novo... eu *vivi* tudo isso.”<sup>166</sup>

“Doze de nós, guerrilheiros, poderíamos nos encontrar cercados por 500 praças comunistas”, recorda o militante Guillermo Calzada. “Nós lutamos batalhas violentas todos os dias, contra todas as probabilidades, sem comida, água ou sono [...]. Eu fiquei 13 dias sem comer. Tinha oito homens comigo em uma batalha e acabei sendo o único sobrevivente. Estávamos sempre nos movimentando [...] helicópteros russos acima nos atacando [...]. O pior de tudo eram nossas armas: não tínhamos muitas. Em 1963, o guerrilheiro de Escambray que tivesse algumas balas para chamar de suas se considerava um homem de bastante sorte. Nós também fazíamos valer cada bala, atirando nos comunistas bem depois que conseguíamos ver o branco de seus olhos.”<sup>167</sup>

E por que esses homens (e meninos) lutavam? “Eu era um pobre homem simples do campo”, diz o herói de Escambray Agapito Rivera, que hoje vive em Miami. “Não tinha muito, mas tinha esperanças. Tinha ambições. Eu estaria acabado se fosse trabalhar como escravo em uma das fazendas estatais de Fidel e Che. Planejava trabalhar duro, mas para mim mesmo, conseguindo minha própria terra talvez. Então vi Fidel e os comunistas roubando tudo de todo mundo. Eles roubaram minhas esperanças, meus sonhos [...] eu não tive escolha.”<sup>168</sup>

Agapito Rivera tinha dois irmãos e nove primos que também pegaram em armas na luta contra Fidel. Foi o único sobrevivente.

“Um bando de covardes. Isso mesmo: covardes”, disse Michael Moore sobre esses homens em seu livro *Downsize This!* “Esses exilados cubanos, batendo no peito com seu terrorismo, são apenas um bando de covardes [...]. Eles juntaram suas coisas e foram para a Flórida [...]. Vieram para cá esperando que lutássemos a luta que era deles [...] esses bebês chorões cubanos.”<sup>169</sup>

“Eu não tinha nada que Fidel pudesse *hipoteticamente* roubar de mim”, ri Eusebio Piñalver, hoje em Miami. “Eu era um preto do campo. Sem fazenda. Sem mansão, sem engenho de açúcar, sem iate, sem nem mesmo um carro. Sem nada dessas coisas – mas, pelo amor de Deus, eu tinha minha *liberdade!* Meu *amor próprio!* Esses porcos comunistas queriam que eu me curvasse diante deles como meus tataravós que eram escravos!”

Peñalver respondeu a seus pretensos senhores de escravos com repetidos tiros de uma carabina M-1. Por quase dois anos, ele criou com essa carabina um perfeito inferno para os comunistas de Fidel. “Quando os números eram de dez para um, achávamos a batalha fácil”, ele recorda. “Aqueles idiotas de Fidel vinham para cima de nós em ondas, acho que aquilo correspondia a como seus mestres russos os treinavam. Nós, rebeldes de Escambray, atirávamos para fora de um cerco três ou quatro vezes por semana [...]. Mas não podíamos continuar, não sem abastecimento. Obviamente, achamos que receberíamos alguma coisa dos americanos. E de fato *recebemos*, bem no início da luta. Mas isso se esgotou. *Hombre*, nós não estávamos

pedindo para que eles sangrassem e morressem por nós [...]. Mas, droga, precisávamos de armas e munição. Tínhamos muitos homens querendo se juntar à nossa luta por liberdade. ‘Tem alguma arma?’, perguntávamos. ‘Não? Bom, então vamos esperar conseguir algumas’.”

A espera foi em vão. As probabilidades e o estrangulamento de recursos finalmente cobraram seu preço, e Peñalver foi capturado. Ele acabou passando mais tempo nas prisões de Fidel do que Nelson Mandela nas da África do Sul. Mas você alguma vez já viu Peñalver ganhar destaque na ONU ou no Partido Congressista Negro? Peñalver é o *preso político negro que esteve mais tempo encarcerado no século 20* – ainda assim, a nossa mídia adoradora de Fidel fez questão de que você nunca ouvisse falar dele.

Quando a Revolta de Escambray já durava mais ou menos um ano, quem aparece para comandar tropas do governo senão o poderoso Che Guevara em pessoa? “E não poderia ter sido em hora melhor”, relembra um rebelde. “Nós precisávamos desesperadamente de descanso, de uma pausa na batalha constante para nos reorganizar, tentar reabastecer.”

Com o poderoso Che comandando seus oponentes, os rebeldes conseguiram exatamente o que precisavam – e ainda *mais*. “No início, não podíamos acreditar”, relata o rebelde. “Os homens de Che simplesmente se alinhavam, ombro a ombro, assim, em campo aberto, e então varriam uma área que acreditavam esconder alguns rebeldes.”

Os homens de Andy Jackson nunca tiveram chance de apanhar tão facilmente os Vermelhos na Batalha de Nova Orleans. “Nós os massacramos”, continua o rebelde, “mesmo com esses números ultrajantes, prevalecemos por um tempo. E todos conseguimos novas armas e munição retirando-as de comunistas mortos. Foi ótimo.”

Mas isso durou pouco tempo. “Acredito que, até para os padrões russos, Che era um caso perdido e logo desapareceu do campo de batalha”, diz o rebelde. “Nós sempre ouvíamos que Fidel não suportava Che. Aquele estava sempre mandando este realizar pequenas tarefas – dar um de seus longos e chatos discursos na ONU, em alguma Conferência dos Países Não Alinhados na África, na Conferência da América Latina em Punta del Este, em qualquer lugar. O que Fidel queria era apenas se livrar do imbecil por um tempo. A personalidade de Che irritava muitos cubanos. Era o típico argentino arrogante, sem nada de real pelo que se sentir superior. Ele foi ótimo em massacrar homens indefesos em La Cabaña, mas só isso.”

Aqui, ele ri. “Alguns anos atrás, meu neto chegou em casa com um livro que deveria ler para uma matéria da faculdade. Seu título era *Che Guevara e a Tática de Guerrilha*. Eu só conseguia rir – e rir alto! Anos atrás, quando era mais novo, mais louco, eu poderia ter ido até a escola e expressado minha opinião para aquele professor, talvez dado uns tapas nele também. Hoje em dia, apenas rio com todas essas camisetas, relógios e filmes de Che. Apenas rio, rio, rio. Acho que é a melhor coisa.”

Muitas cabanas de camponeses foram incendiadas, vilas foram destruídas e seus moradores, sumariamente executados durante a Revolta de Escambray. Poderia o diretor e roteirista de *Platoon* oferecer algum *insight* sobre essas brutalidades? Ora, na verdade sim. Oliver Stone tem uma longa associação com o sanguinário. “[Fidel] é um homem muito caloroso e brilhante [...], muito determinado, um homem bastante moral. Ele se preocupa muito com seu país. Ele é altruísta dessa forma.”<sup>170</sup>

Margarito Lanza Flores foi outro cubano pobre e negro. Ele reagiu à reinstituição da escravidão em Cuba de forma parecida com a de seu irmão armado, Eusebio Peñalver, atirando nos escravizadores comunistas com uma metralhadora Thompson. Logo, Margarito comandava um bando de rebeldes de Escambray, ficando conhecido como capitão “El Negro” Tondique. Seu bando rebelde aparecia do nada, explosivamente, dizimando colunas comunistas, e então desaparecia na paisagem. “El Negro” Tondique enlouqueceu os comunistas.<sup>171</sup>

“Os castristas nos chamavam de bandidos”, diz Arcadio Peguero, companheiro de armas de Tondique, hoje em Miami. “Na verdade, sobrevivemos por contar com o apoio de milhares de pequenos fazendeiros em Escambray.”<sup>172</sup>

A famosa citação maoísta sobre como uma guerrilha é um peixe que nada e se esconde no mar – que é na verdade a população etc. – descreve perfeitamente essas guerrilhas anticomunistas.

Os comunistas sabiam muito bem desse fato. Foi isso que levou à brutal e maciça campanha de realocação, na qual arrancaram milhares de fazendeiros de suas terras em Escambray, mandando-os para campos de concentração a centenas de quilômetros de distância.

Isso tornou as coisas muito mais fáceis para os galantes Vermelhos. E uma noite, depois de um feroz tiroteio, o capitão Tondique se viu em uma plantação de cana-de-açúcar, completamente cercado por centenas de tropas armadas pelos russos. Naturalmente, os castristas tinham medo demais para ir atrás do lendário “El Negro”. Então, atearam fogo em todos os cantos da plantação e se afastaram. Tondique viu as chamas se aproximarem e sabia quantas centenas de comunistas estavam contra ele naquele dia, então começou a cavar o chão e se cobriu com terra enquanto as chamas passavam rugindo por ele. Ele sobreviveu, mas se queimou gravemente. Os Vermelhos apareceram aos montes após o incêndio, avistaram o terrivelmente ferido Tondique (seu rosto era uma massa de enormes bolhas negras e seu cabelo estava chamuscado e grudado em sua cabeça) e o arrancaram dali.

Eles o arrastaram para baixo de uma ponte próxima, o puseram de pé e prepararam um pelotão de fuzilamento. “*Fuego!*”, berrou o comandante comunista, e “El Negro” estava imediatamente no chão – mas fugindo! Ele conseguiu alcançar o chão no *exato instante* da descarga, e ela passou por cima dele. Tondique se jogou nos arbustos em volta e começou a escapar. “Peguem-no!”, berrou o aturdido comandante comunista Víctor Dreke. “Peguem-no! Não o deixem escapar!” Os comunistas cercaram Tondique, que mancava e se contorcia nos arbustos, e

esvaziaram vários pentes de suas metralhadoras tchecas em seu corpo destruído e carbonizado.<sup>173</sup>

Um interessante adendo é que, em 13 de novembro de 2002, o valoroso assassino de Tondique, Víctor Dreke – ele mesmo um negro, mas que havia conseguido trabalho na plantação comunista como guarda e supervisor –, visitou os Estados Unidos como convidado de honra da Universidade Internacional da Flórida. Veja bem, Dreke estava fazendo a turnê de seu livro. Ele havia acabado de escrever uma obra detalhando – entre outras de suas corajosas proezas comunistas – seu massacre dos camponeses de Escambray.

Zoila Aguila foi uma famosa guerrilheira na Revolta de Escambray (seu apelido era La Niña de Escambray). Após a fazenda de sua família ter sido roubada e vários membros da família terem sido assassinados, La Niña pegou uma Tommy, carregou-a e foi para as colinas. Por um ano, foi superior aos Vermelhos. Mas, encurralada e sem recursos, finalmente sucumbiu. Por décadas, La Niña sofreu horivelmente nas cadeias de Fidel, mas hoje vive em Miami. Parece-me que sua história trágica seria um material ideal para o programa da Oprah, para todas essas revistas femininas, para todas essas professorinhas masculinizadas de “estudos femininos”, para um papel que Susan Sarandon faria e para que Gloria Steinem, Dianne Feinstein e a própria Hillary a exaltassem. Mas quem já ouviu falar de La Niña?

Em vez de La Niña, temos Rigoberta Menchu, a guatemalteca feminista-marxista que escreveu o livro *Eu, Rigoberta Menchu*, autobiografia que relata o sofrimento de indígenas da Guatemala nas mãos do Exército do país – apoiado pelos Estados Unidos. A grandiloquente Menchu (que se parece com uma versão mais arrumada de Bella Abzug) foi afogada em doutorados honorários de diversas universidades, indicada como “embaixadora da Boa Vontade” na ONU e ganhadora do Nobel da Paz. Seu livro se tornou leitura obrigatória em praticamente todos os colégios e faculdades dos Estados Unidos.

Mas o livro acabou sendo um enorme amontoado de bobagens. Isso foi exposto pelo próprio *New York Times*. Um pesquisador, buscando verificar o relato do livro sobre o irmão de Menchu que teria morrido de desnutrição, acabou encontrando-o. Mas nada mudou para Menchu, nenhum prêmio ou honra lhe foi retirado. Ela continuou com seu Nobel da Paz.

Menchu era uma fraude. Mas, na Revolta de Escambray, milhares de genuínos guerrilheiros desapareceram em tumbas não identificadas, milhares de famílias camponesas foram arrancadas de suas casas sob a mira de armas e levadas para campos de concentração, e centenas de veteranos marcados pela batalha vivem hoje em Miami. Mas nenhum recebeu a atenção ou os prêmios derramados sobre Rigoberta Menchu – ou Fidel Castro.

Por que razão? Porque, como o historiador britânico Hugh Thomas escreveu, “em sua essência, a batalha de Fidel por Cuba foi uma campanha de relações públicas que se deu em Nova York e Washington”. (E Fidel ganhou com folga essa guerra.

Os textos da Associated Press sobre a “guerra” do ditador eram escritos pelo próprio agente de Fidel em Nova York, Mario Llerna. Ele admite isso em seu livro *The Unsuspected Revolution*. O famoso *cartoon* da *National Review* que mostrava um Fidel radiante dizendo “Eu consegui meu emprego pelo *New York Times!*” acertou em cheio.)

Os rebeldes de Escambray lutaram uma guerra de verdade contra um inimigo de verdade. Eles penduravam os cadáveres de Fidel junto de uma placa com os dizeres “Dois servos russos comunistas mortos para cada patriota cubano assassinado”. Quando capturados, zombavam e cuspiam nos castristas.

Um corajoso *guajiro* chamado Blas Ortega, com 21 anos na época, capturou um informante assassino castrista e amarrou a doninha amedrontada no alto de uma goiabeira. Semanas mais tarde, após ter usado sua última bala, Ortega foi capturado pelos comunistas. Deram-lhe um típico julgamento-espetáculo comunista. O juiz perguntou se era verdade que ele havia enforcado um “camarada” com uma corda.

Ortega respondeu de cabeça baixa: “Isso é verdade, meritíssimo. Mas agora, depois de ter tido tempo para refletir, eu me decidiria por uma abordagem diferente em circunstâncias diferentes”.

O corpulento juiz castrista se inclinou para a frente.

“Entendo.”

“Veja bem, meritíssimo”, Ortega resumiu. “Se eu conseguisse pôr minhas mãos em você, meritíssimo, eu teria usado um cabo. Nenhuma corda teria aguentado a sua bunda gorda!”<sup>174</sup>

Blas Ortega ainda ria quando, minutos mais tarde, encarou o pelotão de fuzilamento. Com ele estava outro jovem rebelde chamado Maro Borges. Os Vermelhos perguntaram a Borges se ele tinha algumas palavras finais.

“Ora, sim”, respondeu Borges. “Muito obrigado por permitirem que eu me expresse nestes meus últimos momentos de vida, caros *compañeros*. Sinto que devo tornar conhecidos meus sentimentos a respeito dessa triste guerra fratricida que tão horripelantemente desfigura nossa nobre nação. Então aqui está, *compañeros*: eu cago para sua revolução comunista covarde e ladra! E eu uso a cara de Fidel para limpar minha bunda!”

“*Fuego!*”, gritou o enraivecido comandante castrista. O afobado pelotão de fuzilamento rapidamente disparou. Os dois jovens defensores da liberdade morreram rindo.

Carlos Machado foi colocado em frente a um pelotão de fuzilamento em Las Villas durante a revolta. “Você vai amarelar?”, eles riam enquanto amarravam suas mãos.

“Covardes amarelam”, respondeu Carlos. “Homens morrem em pé.”

“Muito bem. *Fuego!*”

Carlos tinha 15 anos. Seu irmão gêmeo e seu pai foram mortos com ele.

Para mim, “noite da família” significa desconto em um restaurante. Na Revolta de Escambray, significava metade de sua família sendo assassinada pela esquadra da

morte de Fidel. A família Milian perdeu 12 homens na luta pela liberdade de Cuba. Quando o herói da Revolta de Escambray Blas Tardio caiu diante de um pelotão de fuzilamento de Fidel, em março de 1965, ele era o quinto de seis irmãos a morrer.<sup>175</sup>

Cuba estava pegando fogo de ponta a ponta naquele ano, e os fuziladores de Fidel faziam hora extra. Em certo ponto de 1961, um em cada 19 cubanos era preso político.<sup>176</sup> Você provavelmente não sabia disso. Mas a imprensa sempre ignorou as atrocidades de Fidel, mesmo quando estava acampada perto delas.

Os assassinatos em massa estiveram lá desde o início. O lugar era um campo nos arredores de Santiago. O dia era 12 de janeiro de 1959. Fidel tinha acabado de entrar em Havana, e os Estados Unidos já haviam abençoado seu regime com reconhecimento diplomático oficial.

Setenta e cinco homens, com as mãos amarradas firmemente nas costas, tropeçavam pelo campo no escuro, empurrados por baionetas. Mal conseguiam enxergar um ao outro – eram três e meia da madrugada, sem lua. A maioria deles xingava. Alguns rezavam. Após terem andado 90 metros na grama úmida, foram empurrados para perto de um grande veículo.

De repente, uma fila de caminhões do Exército ligou suas luzes, e o veículo atrás dos homens também. Era uma escavadeira. Os faróis também mostravam a vala que ela havia cavado – 45 metros de comprimento por um de profundidade, com um monte de terra fresca atrás. Cinco homens se separaram do grupo e correram, mas foram rapidamente alcançados, espancados com coronhas de armas e arrastados de volta. A maior parte dos homens olhava resolutamente para a frente.

Um grupo de mulheres perto dos caminhões chorava de forma convulsiva, soluçando e gritando, implorando, limpando as lágrimas nas saias. Muitas seguravam rosários. Soldados barbados as insultavam e as golpeavam com cabos de rifle, mantendo-as amontoadas.

“Mães cubanas”, Fidel Castro havia dito em frente a uma fileira de microfones no dia anterior, “deixem-me garantir a vocês que resolverei todos os problemas de Cuba sem derramar uma gota de sangue. Mães cubanas, deixem-me garantir isso a vocês; graças a mim, vocês nunca terão de chorar.”<sup>177</sup>

Mais cinco soldados barbados estavam na frente dos caminhões, remexendo-se nervosamente com suas metralhadoras. Seu comandante, bêbado, permanecia à esquerda, balançando-se, a cabeça voltando-se da escavadeira e do grupo de prisioneiros para seus atiradores e de volta para os prisioneiros. Finalmente, ele acenou com a cabeça e levantou o braço.

“*Viva Cuba libre!*”, o grito veio de perto da escavadeira, dos homens amarrados que olhavam para as luzes brilhantes. As mulheres irromperam em gritos angustiados. O espantado comandante balançou a cabeça, rosou algo e bateu com os pés.

“*Viva Cuba libre!*”, outros se juntaram. Um coro se formava em toda a fila, mesmo entre as mulheres. “*Viva Cuba...*”

“*Fuego!*”, o raivoso castrista bêbado abaixou o braço, e os fuzis abriram fogo, afogando os gritos dos condenados. Setenta e cinco corpos atingidos violentamente caíram na vala. Com os corpos ainda arfando e contorcendo-se e o sangue acumulando-se no fundo da vala, a escavadeira retumbou, chiando em posição, e começou a jogar terra sobre eles. Duas das mulheres desmaiaram. Outras romperam o cordão de soldados e correram histericamente para os corpos mutilados na vala, buscando um último olhar antes que a terra cobrisse seus filhos e seus maridos para sempre. Nenhum deles teve um julgamento.

Nesse mesmo dia, o jornal britânico *The Observer* relatou: “A figura jovem e barbada de Fidel se tornou um símbolo da rejeição latino-americana à brutalidade e à mentira. Todos os sinais indicam que ele rejeitará a tirania e a violência”.

Quando Fidel foi exaltado na Escola de Direito de Harvard em abril de 1959, seus pelotões de fuzilamento haviam matado 568 homens e meninos, alguns com apenas 15 anos.

Quando Norman Mailer (um opositor da pena capital) chamava Fidel de “o maior herói que já apareceu nas Américas”, seus fuziladores já haviam empilhado 400 cadáveres.

Em 1975, quando George McGovern (outro opositor da pena capital) dizia: “[Fidel] é muito tímido e sensível, eu sinceramente gostei dele”, os corpos atravessados de bala de 14 mil cubanos estavam em túmulos sem nome.<sup>178</sup>

Combine proporcionalmente esse banho de sangue com o aprisionamento de mais perseguidos políticos do que os de Stalin (mais, na verdade, do que qualquer nação na Terra), adicione as mortes pavorosas de 77 mil cubanos desesperados no estreito da Flórida, some 45 anos de opressão totalitária... e o que você tem?

Você tem a edição de dezembro de 2003 da *The Nation*, na qual Arthur Miller (um antigo adversário da pena de morte) descreve Fidel como “animador, uma pessoa que poderia provavelmente ter tido uma carreira nas telas e que sem dúvida ganharia uma eleição em seu país”.

“Fidel é o político mais honesto e corajoso que já encontrei! Viva Fidel!” Assim falava o exultante Jesse Jackson (que escreveu todo um livro sobre a pena de morte) de braço dado com Fidel em uma visita a Havana em 1984.<sup>179</sup>

No início da Revolução, nem todos estavam imediatamente de acordo com o programa de Fidel, mesmo dentro de sua equipe legal. Tome, por exemplo, um juiz chamado Felix Pena, apropriadamente barbado e vestido com o uniforme rebelde. Ele presidiu um famoso julgamento em março de 1959 dos pilotos da Força Aérea pré-revolucionária de Cuba. Eles eram acusados de “genocídio” em razão de algumas incursões contra os rebeldes de Fidel nas montanhas. Pena, o pobre tolo havia acreditado na conversa fiada de Fidel sobre a importância revolucionária e humanista de sua Revolução.

Então, ele aplicou os princípios de uma jurisprudência civilizada e achou a acusação de “genocídio” completamente absurda. Nenhuma evidência, nenhuma testemunha; nenhum desses pilotos havia bombardeado civis. Alguns poucos

havia mesmo bombardeado ou metralhado os *rebeldes*; e um terço dos homens em julgamento eram mecânicos de aviões. Os aviadores foram absolvidos.

Fidel foi à TV, buscando um novo julgamento para os “criminosos de guerra”, e convocou um novo time judicial com um novo juiz. (Quase 600 oficiais do Exército já haviam sido fuzilados sob acusações falsas, milhares de soldados cubanos estavam presos; agora era hora de lidar com a Aeronáutica). O novo juiz obedientemente considerou 45 dos aviadores (e até mesmo os mecânicos) culpados e sentenciou a maioria a 30 anos de trabalho forçado.

O juiz Felix Pena, aliás, foi encontrado após alguns dias em seu escritório com uma bala na cabeça; e, alguns meses depois, o juiz que havia condenado os aviadores à prisão (em vez do fuzilamento, como recomendado por Fidel) também foi encontrado morto.

Soa como justiça? Bem, em 1959, ano em que esse crime aconteceu, a Escola de Direito de Harvard acolheu Fidel, e os estudantes não foram decepcionados. “Visita triunfante de Fidel”, dizia a manchete do *Law School Forum*, em 30 de abril de 1959. “A plateia teve o que queria – uma chance de ver o herói cubano em pessoa.” A multidão adoradora lhe concedeu uma recepção ruidosa. Fidel Castro (o filho de um milionário espanhol branco formado pela Faculdade de Direito de Havana que tirou do poder um cortador de cana negro) foi aclamado como um homem do povo.

Aliás, esse humilde homem do povo havia tentado entrar na Escola de Direito de Harvard em 1948. Isso foi trazido à tona pelo reitor de Harvard na época, McGeorge Bundy. Deixando-se levar pela exuberância do evento, Bundy declarou que Harvard estava pronta para consertar seu erro de 1948. “Eu decidi admiti-lo”, ele declarou.<sup>180</sup>

A fala de Bundy foi o fim. Ele triunfalmente tomou o braço de um ditador cujo procurador-geral, Che Guevara, havia declarado: “Para executar um homem não é necessária prova de sua culpa. Só é necessária prova de que é preciso executá-lo”.

Um pedante no banquete de Harvard levantou a ficha de execuções e procedimentos legais questionáveis de Fidel. “Apenas os piores criminosos de guerra foram mortos”, respondeu Fidel, “e não se esqueça de que Cuba foi a única revolução majoritária a acontecer na América Latina nos últimos anos.”

O mesmo sabichão perguntou sobre o “novo julgamento” dos aviadores absolvidos. “Se o réu tem o direito de recorrer”, retorquiu Fidel, “então o povo também tem.”<sup>181</sup>

Fidel, cujas “cortes” declararam que “provas são secundárias. Nós executamos por convicção revolucionária!”, mal conseguia conciliar os convites das universidades mais prestigiadas do mundo. Ele já havia sido aclamado em Yale e em Princeton, onde exultantes homens da classe alta glorificaram o assassino em massa que aboliu o *habeas corpus*. “Uma recepção barulhenta”, cantou o jornal estudantil de Princeton. “Uma atmosfera louca e festiva, borbulhante de entusiasmo.” Ele havia recebido acolhidas semelhantes no National Press Club, no

Overseas Press Club, nas Nações Unidas e no Central Park.

Os verdadeiros defensores da liberdade em Cuba nunca receberam essa atenção.

165 Paul Bethel, *The Losers: The Definitive Report, by an Eyewitness, of the Communist Conquest of Cuba and the Soviet Penetration in Latin America*, Arlington House, 1969, página 372.

166 Enrique Encinosa, *Cuba en Guerra*, Endowment for Cuban American Studies, 1994, página 59.

167 Ibid.

168 Enrique Encinosa, *Al Filo Del Machete*, 2002.

169 Michael Moore, *Downsize This!*, HarperCollins, 1997, página 193.

170 Mona Charen, “Oliver Stone Gets the Axe”, 18 de abril de 2003, disponível em [www.townhall.com](http://www.townhall.com).

171 Ronald Bergan, *Francis Ford Coppola Close Up: The Making of His Movies*, Thunder’s Mouth Press, 1998, página 53.

172 Enrique Encinosa, *Cuba en Guerra*, página 59.

173 Ibid., página 128.

174 Ibid., página 180.

175 Ibid., página 127.

176 Grayston L. Lynch, *Decision for Disaster: Betrayal at the Bay of Pigs*, Brassey’s, 1998.

177 Humberto Fontova, “Cuban Mothers”, 15 de janeiro de 2004, disponível em [www.newsmax.com](http://www.newsmax.com).

178 Os apontamentos sobre o assassinato foram extraídos de *The Black Book of Communism; Crimes, Terror, Repression*, Harvard University Press, 1999.

179 “Hollywood Liberals’ Fantasy World”, 17 de abril de 2004, disponível em [www.worldnetdaily.com](http://www.worldnetdaily.com).

180 “Castro Visit Triumphant”, *Harvard Law Record*, 30 de abril de 1959.

181 Ibid.



Em abril de 1961, na baía dos Porcos, exilados cubanos tentaram invadir Cuba com o apoio dos Estados Unidos, sem sucesso. Na foto, os invasores são conduzidos à prisão.

**OPERAÇÃO LIBERDADE**

**CUBANA – OU NÃO!**

“Liberdade é a nossa meta”, gritou Pepe San Roman para os homens que comandava. “Cuba é a nossa causa. Deus está do nosso lado. Rumo à vitória!”<sup>182</sup>

Quinze mil homens se juntaram diante de San Roman naquele campo de treinamento na Guatemala. Eles embarcariam para um porto da Nicarágua e, no dia seguinte, para uma área de Cuba conhecida como Bahia de Cochinos – a baía dos Porcos. Seu grupo era conhecido como Brigada 2.506, e, ao ouvir o discurso de seu comandante, os homens bradavam.

Todos os homens da Brigada 2.506 eram voluntários. Vinham de todas as classes sociais e etnias de Cuba – desde plantadores e cortadores de cana-de-açúcar até aristocratas; alguns eram homens de família, outros, apenas adolescentes. Somente uma centena deles tinha algum tipo de treinamento militar, mas sua atitude impressionou seus treinadores americanos, veteranos de Omaha Beach, Bastogne, Corregidor, Inchon e Iwo Jima.

Dois dias depois, contudo, um desses veteranos, o chefe aéreo Reid Doster, ficou sabendo que a administração Kennedy tinha cancelado os ataques aéreos. “O quê? Eles estão loucos? Lá se vai a p\*\*\*\* da guerra!”<sup>183</sup>

Primeiro, o governo Kennedy vetou o plano original de chegada em Trinidad. Essa cidade costeira, a 320 quilômetros a leste da baía dos Porcos, foi originalmente escolhida pela CIA e por militares porque ali havia um forte sentimento anti-Castro. As rebeliões começaram no local três meses após a tomada do poder por Fidel, em janeiro de 1959. Além disso, as montanhas de Escambray, próximas dali, estavam repletas de guerrilhas anticomunistas que, ao final, se uniriam aos invasores e à milícia local, a qual, por sua vez, era conhecida por ser desleal com os comunistas. Um campo de concentração com 6 mil prisioneiros anticomunistas estava localizado próximo a Trinidad. O suprimento planejado para a invasão incluía armamento para eles. Não menos importante, vindo do norte, apenas duas rodovias principais levavam a Trinidad – portanto, quaisquer tropas de Fidel que passassem por ali seriam alvo fácil para as brigadas da Força Aérea.

Mas aterrissar em uma área populosa como Trinidad era certamente “muita exposição” para os homens das fronteiras. Eles estavam obcecados em esconder o dedo americano na invasão. Assim, retornaram à fase de planejamento – na qual ficou acordado que a área de aterrissagem seria a baía dos Porcos, um pântano desolado. Era um cenário pior do ponto de vista militar, mas que apresentava boas chances de sucesso – *dada a superioridade aérea e a possibilidade de eliminação completa da Força Aérea de Fidel*. Isso foi enfatizado pelos militares e pelo planejamento da CIA tanto quanto está sendo enfatizado aqui por mim.

Os magos civis de JFK, contudo, pediram que a invasão ocorresse durante a noite. (Assim, ninguém notaria, entende?) A área de planejamento concordou. Da

Operação Torch no norte da África à Normandia, passando por Saipan, Okinawa e Inchon: nada do tipo havia sido tentado antes. Todos esses ataques aconteceram pela manhã.

Tudo bem. Os Cavaleiros de Camelot haviam decidido.

Por incrível que pareça, a aterrissagem inicial ocorreu muito bem. A praça de armas e a pista de pouso foram ocupadas nas primeiras horas. Os soldados de Fidel estavam morrendo, muitos se entregando, e outros ainda virando a casaca. “Havia tantos soldados se entregando que comecei a ficar preocupado!”, disse meu primo Alberto “Pilo” Fontova. “Puxa, cara, tem uns cinco ou seis de nós vigiando cinco ou seis dezenas de soldados do Fidel. Eu ficava pensando, ‘E se eles resolverem se rebelar contra a gente?’”

Fidel e Che ficaram sabendo o que estava acontecendo e entraram em pânico. Fidel deu diversas ordens contraditórias e insanas. Primeiramente, foi até um moinho de açúcar perto do local da invasão, onde suas tropas estavam e onde suas ordens acabaram ficando ainda mais confusas, e então percorreu quase 500 quilômetros para leste até Pinar Del Río, onde assegurou a todos que a “verdadeira” invasão aconteceria. Ele podia apenas intuir, devido à grande frota concentrada no mar. Não estava acreditando naquele negócio de baía dos Porcos. Assim, ordenou que Che Guevara ficasse por ali com milhares de soldados e esperasse pelo ataque dos ianques.

“*Seguro, mi Comandante!*”, Che respondeu, e ali passaram três dias, a cerca de 500 quilômetros de distância da batalha, sem dar um único tiro. Perto dali, no mar, estavam alguns poucos barcos a remo cheios de velas de San Roman, foguetes de garrafa e fitas de áudio: a astúcia da CIA. Che e seus soldados deram sorte. Quase 15 mil de seus companheiros estavam sucumbindo como moscas em Giron. As colunas de tanques e a infantaria comunista estavam avariadas e escalonadas em virtude do poder de fogo da brigada. A fúria letal do ataque dos brigadistas fez os comunistas pensarem que estavam enfrentando de 20 a 30 mil “mercenários ianques”.

Seus inimigos eram, na verdade, um bando de voluntários civis – sobre os quais eles tinham uma vantagem proporcional de 40 homens para um – que contavam com o incrível Erneido Oliva como segundo homem do comando. Mas nem todo heroísmo do mundo daria conta daquilo sem algum tipo de cobertura aérea.

Então, alguns aviões passaram rugindo. Os brigadistas na praia acenavam e comemoravam, até que foram atingidos por uma pesada explosão atrás deles na baía. Um cogumelo gigante se levantou. “Caramba!”, alguém exclamou. “Fidel tem a bomba A também?” Não, ainda não. Mas eles têm foguetes a jato e estão atirando nos barcos carregados com uma quantidade enorme de munição. A brigada esperava que sua cobertura aérea fosse destruir a Força Aérea de Fidel. No entanto, a Força Aérea de Fidel é que estava destruindo os navios de suprimentos da brigada e seu centro de controle. Oitenta por cento do material previsto para ser jogado dos aviões da brigada vindos da Nicarágua foi cancelado na última hora por JFK. Esses ataques aéreos – você pode imaginar – “chamavam muita atenção”.

Os pesados B-26 da brigada eram alvo fácil para os jatos T-33 de Fidel, assim como as tropas e seu suprimento. Fidel tinha total controle dos céus: aquilo estava fácil para ele. Cinquenta mil homens das tropas comunistas estavam se preparando para o contra-ataque. Esquadrões de tanques soviéticos rugiam os motores sob as ordens de um comandante soviético.

Todas essas forças miravam os brigadistas abandonados, um total de 1.400 homens sem nenhuma esperança de reforço nem cobertura aérea. Grayston Lynch, da CIA, a essa altura já sabia do cancelamento dos ataques aéreos e concluiu que aqueles homens estavam condenados à morte. “Se as coisas realmente ficarem feias”, ele conversou por rádio com o comandante Pepe San Roman, “podemos evacuá-los.”

“Não sairemos daqui!”, San Roman gritou para Lynch. “Viemos para lutar! Deixe que isso termine aqui!”

Os brigadistas se reorganizaram, fizeram a contagem da munição disponível e tentaram cuidar dos ferimentos dos companheiros. As coisas não estavam nada bem. Mas o porta-aviões *Essex* estava estacionado a apenas 50 quilômetros de Cuba. Dezenas de jatos Skyhawk esperavam no convés, preparados para a ação. Seus pilotos batiam os punhos, chutavam os batentes e gritavam contra o massacre sofrido por seus irmãos de combate em nome da liberdade. Os pilotos sabiam que poderiam fazer uma faxina na Força Aérea de Fidel com alguns tiros, destruindo suas tropas com alguns bombardeios, provocando fuga generalizada, e ainda assim estariam de volta ao deque em tempo para o café da manhã.

Se a Força Aérea da brigada tivesse permissão para voar, poderia dar sequência aos ataques contra os tanques e a infantaria de Fidel, acabando com as únicas três rodovias em direção à praia. Essas rodovias ficavam acima dos pântanos e estavam completamente livres. Os B-26 da brigada estraçalhariam qualquer um que passasse por ali – seria a “estrada para a morte” de Fidel.

Após aquela missão, os aviões da brigada poderiam ser reabastecidos e recarregados para atacar com força total quaisquer tropas que viessem pela estrada central de Cuba diretamente de Havana. Mais derrotas, mais desertores. A maré iria virar. Cuba seria livre.

As informações chegaram ao almirante-chefe Arleigh Burke, em Washington, que as transmitiu ao comandante-chefe John F. Kennedy. O presidente vestia um smoking branco naquela noite de 18 de abril de 1961, chegando de uma grande festa de Beltway. Para o ato de encerramento daquela brilhante ocasião, Jackie e seu charmoso parceiro tinham dançado de forma estonteante, arrancando aplausos dos ilustres convidados. Em honra ao novo presidente, a banda tocou um grande sucesso da Broadway, “Mr. Wonderful”.

“Dois aviões, sr. presidente!”, exclamou o almirante Burke. Ele estava inquieto, implorando autorização para mandar apenas dois de seus jatos em direção à plataforma transportadora para ajudar os homens da brigada que estavam em apuros.

“Burke, nós não podemos nos envolver nisso”, respondeu o Sr. Maravilhoso.

“P\*\*\*\*, sr. presidente! Nós estamos envolvidos. Não há como esconder. Nós estamos envolvidos!”<sup>184</sup>

Interessante isso: de um lado, o homem que dizimou metade da frota imperial japonesa ao mandá-la para o fundo do Pacífico, na batalha do golfo de Leyte. Do outro, o homem que conseguiu ter sua lancha torpedeira dividida ao meio por um destróier japonês – uma façanha de engenhosidade náutica que ainda faz homens da Marinha coçarem a cabeça –, o que quase o fez ir a julgamento na Corte Marcial. Foi a pressão política que salvou o Sr. Maravilhoso em 1944. A política prevaleceu novamente naquela noite de abril de 1961. JFK se recusou a ajudar os combatentes pela liberdade, afinal as eleições já haviam passado.

Assim, todos aqueles foguetes e canhões, toda a artilharia, aqueles pilotos a postos esperando o sinal para entrar em ação – tudo aquilo foi suprimido por ordens estritas do comandante-chefe.

No segundo dia, quase metade dos bravos pilotos cubanos foi alvo dos jatos de Fidel. Aquilo era demais para seus enfurecidos treinadores americanos na Base Aérea da Nicarágua. “Estávamos tão envolvidos com o trabalho daqueles pilotos que sentíamos o peso da responsabilidade”, disse o coronel Joe Shannon. “Sentíamos uma forte adesão à causa. Era a hora de mostrar para nossos amigos quão forte nos sentíamos.”<sup>185</sup>

Quatro desses treinadores, Thomas “Pete” Ray, Riley Shamburger, Leo Baker e Wade Gray, prepararam suas armas e se juntaram à batalha. Eles não eram mauricinhos vindos das melhores universidades americanas. Eram oficiais da Força Aérea do Alabama, homens de visão arcaica quanto ao que se refere à lealdade e à honra. Sabiam das dificuldades que enfrentariam. E mesmo assim foram. Os quatro morreram naquela primeira missão. Algumas ruas na Little Havana receberam seus nomes em homenagem. Os restos mortais de um deles foram devolvidos pelos cubanos, e foi feito um enterro digno em Birmingham. Ninguém que trabalhava na administração Kennedy estava lá para confortar os familiares dos membros sobreviventes. Diversas famílias cubano-americanas, no entanto, estavam.

Incrivelmente, JFK acabou permitindo que alguns dos aviões do *Essex* sobrevoassem a praia na baía dos Porcos, mas apenas para “observar” o massacre; todo pedido de permissão para se envolver no combate foi negado. Peter Wyden, em seu livro *Bay of Pigs*, conta que aqueles pilotos ficaram chocados com o que viram. Eles ainda estavam bastante abalados quando aterrissaram no *Essex*; alguns jogaram os capacetes no chão e ficaram completamente transtornados. Mike Griffin, da Marinha, aterrissou seu jato no *Essex* e foi fazer o relatório com lágrimas escorrendo pelo rosto. “Ele estava tão bravo e triste que demorou alguns minutos até que lhe fosse possível dizer alguma coisa”, disse seu comandante.<sup>186</sup>

“Eu queria sair da Marinha”, falou o capitão Robert Crutchfield, o condecorado oficial naval que comandou a frota para fora da praia. Era ele quem retransmitia as

mensagens de Washington para os pilotos.<sup>187</sup>

Bem, o que eles faziam, então? Estavam lá para tirar fotos, parece ser a resposta. Foi isso que JFK autorizou. “E, cara”, relembra Juan Clark, que estava no meio do fogo cruzado, “você deveria ver a expressão dos comunistas quando aqueles jatos sobrevoavam! Eles paravam de atirar! Até a artilharia parava – aquilo foi legal!”

Quando os guardas das prisões cubanas ficaram sabendo da invasão ianque, começaram, de repente, a tratar bem os presos políticos. Mas isso acabou sendo apenas temporário – tudo era apenas um comportamento cínico dos cubanos, que não queriam ficar malvistas pela União Soviética.

Os presos políticos ficaram boquiabertos com os tanques de guerra que abriam cratera após cratera com dinamites, além de outros explosivos. Logo, os comunistas estariam cavando perto das prisões e enchendo-as de explosivos. “Tínhamos a impressão de que estávamos dormindo em cima de barris de pólvora”, recorda um prisioneiro. “Muitos homens não aguentaram a pressão das torturas e ficaram com sequelas permanentes [...] era horrível pensar que poderíamos morrer a qualquer momento por causa de uma explosão.”<sup>188</sup>

Na época, 10 mil prisioneiros foram levados para a prisão modelo nas ilhas de Pino. Fidel estava planejando explodi-los todos, caso a sorte se virasse contra ele. Lembre-se, Hitler fez a mesma coisa quando as coisas ficaram difíceis – algo que nunca se realizou porque o general Dietrich von Choltitz se recusou a cumprir a ordem.

Alguns dizem que Fidel *ainda* planeja fazer algo do tipo, um massacre em massa. “Fidel planeja um *götterdämmerung*.” Foi o que disse o coronel Álvaro Prendes, ex-vice chefe da Força Aérea cubana, após desertar em 1994. “O dia do ataque final tem o codinome de Lucero [Lúcifer]. Se esse regime for ameaçado por uma invasão ou uma revolta interna, dissidentes serão levados para túneis sob Havana e lá serão exterminados com gás venenoso.”<sup>189</sup> Não é à toa que Oliver Stone diz: “Fidel é um homem de muita moral, muito humano”.

Nós os chamamos de “homens”, mas o brigadista Felipe Rondon tinha apenas 16 anos quando pegou uma 57 milímetros e encarou um daqueles tanques Stalin de Fidel. A dez metros, atirou no estrépito daquela máquina, e ela explodiu, mas continuou se movendo e Felipe acabou sendo esmagado.

Gilberto Hernandez tinha 17 anos quando uma arma tcheca arrancou um de seus olhos. As tropas de Fidel avançavam, mas ele se manteve em seu posto, atirando corajosamente com seu rifle por mais de uma hora até que os comunistas o cercaram e o mataram com uma chuva de granadas.

Foi aí que os invasores perceberam que se encontravam sozinhos. A munição estava acabando. Dois dias seguidos de tiroteio sem descanso, sem comida e sem água os derrubaram. Muitos tinham alucinações. E foi aí que a artilharia soviética pesada de Fidel entrou em ação, com 122 milímetros gigantes com capacidade para quatro baterias de tiros. Ele atacou 2 mil vezes as fileiras das brigadas num período de quatro horas. “Parecia o som do fim do mundo”, alguém diria mais

tarde.

“Os Afrika Korps de Rommel executaram um bombardeio similar”, escreveu Haynes Johnson. Por ora, os invasores estavam confusos, delirantes por causa da sede, do cansaço e da fome, além de ensurdecidos pelos bombardeios até mesmo para ouvir ordens. O comandante tinha de gritar.

“Não vamos recuar, *carajo!*”, Erneido Oliva, número dois no comando, ordenou. “Lutaremos até o fim!” E assim fizeram. Logo após os ataques mortais de bombas soviéticas, mais tanques Stalin surgiram. Um garoto chamado Barberito foi até o primeiro deles e atirou insistentemente. O tanque pouco sofreu avarias, mas seus ocupantes saíram e se renderam. Na verdade, eles até insistiram para apertar as mãos de seu captor adolescente, que morreu uma hora depois com um tiro que atingiu seu pequeno coração.

Do outro lado do front, Grayston Lynch, da CIA, conversava com o comandante Pepe San Roman de seu posto. Lynch falou: “Aguenta aí, Pepe! Nós seguiremos com o combinado. Se for necessário, vamos evacuar vocês!”

“Não queremos que haja recuo!”, San Roman berrou. “Viemos aqui para lutar! Queremos mais munição! Queremos aviões! Para nós, a coisa termina aqui!”

Àquela altura, Fidel tinha 50 mil homens na área de combate. Oliva tinha um tanque manobrado pelo ainda adolescente Jorge Alvarez e outro por José Fajardo, que deixou a esposa e uma filha de 4 anos em Miami para lutar voluntariamente pela liberdade. A garotinha seria conhecida mais tarde como a cantora Gloria Estefan. Alvarez e Fajardo já tinham aniquilado diversos Stalins russos e T-34. Eles só tinham mais duas cargas de munição. O pai de Gloria ainda conseguiu abater outro tanque. E então seu próprio tanque foi explodido.

“Droga!”, pensou Erneido Oliva, tão logo viu a explosão e as chamas. Mas o pai de Gloria, de alguma forma, conseguiu abrir a escotilha e sair de lá, com as roupas em chamas. Olhou em volta, viu seu comandante e se apressou em receber novas ordens. “José sucumbiu vindo em minha direção”, recorda Oliva. “Ele estava seriamente ferido. Seu rosto e metade de seu corpo estavam cobertos de sangue – mas José *queria continuar lutando!* Essa é a história não contada sobre a baía dos Porcos!”, enfatiza Oliva. “O heroísmo de nossos homens, sua coragem e seu profissionalismo – eles que nada mais eram do que civis com menos de um mês de treinamento – demonstrados em combate. Eu era um militar profissional, mas eles, em sua maioria, não eram. Vou lhe dizer uma coisa, o heroísmo deles foi algo que me deixa sem palavras até hoje.”

Com os esquadrões de tanques Stalin e T-34 se aproximando, só restava um tanque para Oliva, manejado pelo jovem Jorge Alvarez. Ele habilmente neutralizou dois dos Stalins de Fidel. Mas não conseguia conter a inundação. Mais Stalins e T-34 se aproximavam. Então, Alvarez – sem armas, sem homens em quantidade suficiente e sem munição – não teve escolha. Acelerou seu tanque em direção ao inimigo.

Ele batia com o tanque contra o tanque inimigo. O piloto comunista estava estupefato, paralisado. Não conseguia se concentrar para usar a mira. E assim

Alvarez foi batendo várias vezes contra o tanque inimigo até que ele se partiu, forçando os inimigos ali dentro a se entregar. Esse tipo de coisa aconteceu ao longo de três dias.

A falta de munição das brigadas fez com que eles recuassem. “Não dá pra continuar...” O rádio de Lynch chiava – era San Roman novamente. “Milhões de comunistas estão se aproximando. Não temos com que lutar. Estamos sem munição. Sem comida. Sem água. Nenhum remédio para tratar os feridos. Nada... o equipamento danificado...” O rádio quebrou.

“Meus olhos se encheram de lágrimas”, escreveu Grayston Lynch. “Pela primeira vez em 37 anos, eu estava envergonhado do meu país.” Não eram lágrimas como as de Bill Clinton em uma foto. Lynch havia aterrissado na praia Omaha. Havia ajudado na caça aos homens de Hitler na Batalha de Bulge. Havia enfrentado ondas de ataque perpetradas por comunistas chineses no ápice da Guerra da Coreia. Agora, via oficiais americanos serem quase completamente dizimados, cedendo no âmbito emocional, enquanto assistiam, sem poder ajudar, ao abandono daqueles cubanos, que eles tinham treinado e com os quais tinham feito amizade, para serem subjugados pelas forças de Fidel.

Quando a fumaça se dissipou, mais de cem brigadistas estavam mortos, e muitas centenas deles estavam machucadas, com seus próprios morteiros e armas derretidos por causa do calor decorrente do fogo cruzado. Durante três dias, 1.400 brigadistas – sem artilharia naval nem suporte aéreo – lutaram bravamente contra 51 mil homens das tropas de Fidel, a Força Aérea completa de Cuba e os esquadrões de tanques soviéticos. De acordo com castristas dissidentes, a Brigada 2.506 derrubou seus inimigos na proporção de 20 para um contra os comunistas.

A batalha estava terminada, mas o heroísmo e o horror, não. O comandante dos paraquedistas, Alejandro Del Valle, estava sem munição, e as tropas comunistas vasculhavam a área em que ocorrera a batalha. Eles então pularam em um frágil veleiro com 22 brigadistas e os empurraram para fora. No primeiro dia em alto-mar, a raiva dos brigadistas fez que eles se esquecessem dos ferimentos, da sede e do sol escaldante. Eles gastaram suas energias praguejando contra a traição dos paraquedistas.

No oitavo dia, cinco homens já haviam morrido devido aos machucados ou de sede. Cerimônias fúnebres foram feitas em alto-mar pelos companheiros. No décimo dia, mais três sucumbiram. Quando um navio de carga finalmente os resgatou, no 18º dia, dez haviam morrido, incluindo Del Valle. Desidratado, com fome, terrivelmente queimado de sol e provavelmente delirante, ele pulou na água empunhando uma faca para lutar contra um tubarão gigante que os estava seguindo. Achava que a carne do tubarão serviria para alimentar seus homens, que lentamente morriam de fome. O tubarão escapou, e Del Valle foi trazido de volta para dentro do barco, onde deitou enquanto a noite caía. Na manhã seguinte, seus companheiros perceberam que estava morto.

No mesmo dia em que Alejandro Del Valle escapou, uma centena de seus

companheiros capturados foi colocada em um *trailer* para ser conduzida à prisão em Havana. “*No mas!*”, gritavam os homens desesperados de dentro do caminhão. Eles estavam encurralados por armas, baionetas, cuspes e falta de espaço. “Homens estão morrendo aqui! Eles estão sendo esmagados!”

“Ótimo!”, zombava o comandante de Fidel. “Isso nos fará economizar balas”, e esvaziou um cartucho de uma metralhadora tcheca em suas cabeças (os únicos tiros que aquele notável comandante deu durante toda a batalha).

Mais baionetas começaram a espetar, e mais 50 capturados foram perfurados. Eram 20 soldados de Fidel bufando, até que trancassem as portas e abafassem os gritos. Seria uma viagem de oito horas pelas estradas sob o escaldante sol tropical de Havana. Ouvimos histórias horríveis de prisioneiros sendo transportados em vagões de gado. Bem, esses homens ficariam felizes com um vagão de gado. Era como se estivessem dentro de um forno. Logo, os gritos deram lugar ao sufocamento. Não havia ventilação; apenas os buracos feitos pelas balas eram a porta de entrada de um mínimo de ar naquela verdadeira câmara de morte.

Os brigadistas batiam nas paredes inutilmente. Com as últimas reservas de forças, balançavam de um lado para outro, na tentativa de tombar o caminhão. Suor e excrementos os faziam patinar, mal conseguindo ficar parados em pé. Os mais fortes levantavam os mais fracos e machucados para que ficassem perto dos buracos das balas, a fim de respirar um pouco.

“O Inferno de Dante poderia ser pior?”, perguntou, anos mais tarde, um dos sobreviventes. Oito agonizantes horas depois, as portas do *trailer* se abriram na frente do campo de concentração. Então, todos saíram, mas ainda restavam dez naquele chão imundo. Estavam mortos.

O comandante que ordenou essa atrocidade foi Osmany Cienfuegos. Ele foi ministro do Turismo de Cuba até pouco tempo atrás.

O brigadista Fernando Marquet relembra sua captura: “Uns dias após a batalha, os comunistas concentraram todos nós em um velho moinho de açúcar. Certa manhã, lá estava eu, todo amarrado, quando começo a escutar algumas vozes – numa língua esquisita, para dizer a verdade. Era francês. Então, as portas do moinho se abrem, e eis que entra no recinto Che Guevara em pessoa, usando sua famosa boina”. A batalha terminara havia dias, então esse era o momento apropriado para o notável Che aparecer. “Che estava cercado por jornalistas franceses, ao que parece. E, como você pode imaginar, aqueles jornalistas franceses estavam todos bajulando Che, em especial duas jovens mulheres.

“Eu posso imaginar como Che estava se gabando daquilo tudo: dando os detalhes de sua gloriosa luta contra aqueles milionários, donos dos moinhos, todos velhos, ricos e brancos – puxa-sacos dos ianques – e que tinham voltado para reclamar suas posses – máquinas de plantio, iates, fábricas e fortunas, aterrissando na baía dos Porcos.

“Bem, eu estava muito perto da porta, portanto fui um dos primeiros prisioneiros que os repórteres franceses viram. Mas sou negro por parte de pai e tinha apenas 18 anos naquela época. Aqueles repórteres franceses aparentavam estar confusos, e

Che percebeu isso. ‘*Hay caramba!*’, era possível imaginá-lo pensando. ‘Eu aqui falando para os repórteres dos velhos milionários brancos que a gente combate, e a primeira coisa que eles veem é um garoto negro de 18 anos!’

“Assim sendo, Che imediatamente veio até mim. Primeiramente, me perguntou o que eu estava fazendo ali, como se alguém da minha idade e posição não devesse estar perambulando por ali. ‘Eu não gosto do comunismo’, falei prontamente. Então ele começou a falar do meu pai e do meu tio batistiano como se fossem criminosos, dado que meu tio era um congressista, e meu pai trabalhara para a alfândega antes da Revolução. ‘Eles não são criminosos, e nós não somos ricos!’, eu disse.

“‘E como você está sendo tratado, meu jovem?’, ele me perguntou com um sorriso cínico e de olho nos repórteres franceses.

“‘Bem, Che’, eu respondi. ‘Estas cordas estão apertadas demais’, choraminguei. ‘Acho que estão cortando a circulação das minhas mãos e pernas.’”

“‘Venham aqui’, Che convocou seus guardas. ‘Por favor, soltem um pouco as cordas deste rapaz!’”

“Che provavelmente não levou os repórteres para mostrar o prêmio maior obtido pelos comunistas: o comandante das brigadas, o homem que treinou e levou todos aqueles supostos invasores milionários e brancos, o cara que causou tanto embaraço e prejuízo para as forças de Fidel e que, quando capturado, falou para o general de Fidel, José Fernandez (que nasceu na Espanha): ‘A única razão pela qual *você* está apontando uma arma para *nós* agora, Fernandez, é porque estamos sem munição!’ Esse era o general Erneido Oliva – que também era negro!”

O galante Che ainda visitou outro grupo de prisioneiros, principalmente os feridos, incluindo um chamado Enrique Ruiz-Williams. Nenhum repórter francês foi com ele dessa vez. Ele entrou, olhou em volta e gritou: “Nós vamos atirar em cada um de vocês até que não sobre ninguém”. E, então, virou-se e saiu.

Dois dias depois da batalha, Fidel finalmente se viu em vantagem. Ele expunha seus prisioneiros da baía dos Porcos em frente às câmeras de TV como se fossem verdadeiros troféus. Interrogava-os como se fosse o apresentador de um *talk show* comunista.

Os prisioneiros eram meticulosamente interrogados com antecedência (a KGB havia ensinado para a polícia secreta de Fidel certas técnicas de interrogatório para ver quem iria falar, quem iria colaborar). O objetivo era fazer os prisioneiros da baía dos Porcos confessarem ser mercenários a serviço do governo americano.

Um dos prisioneiros era um negro cubano (mais tarde naturalizado americano e oficial do exército) chamado Tomas Cruz. Ele, Felipe Rivero, Waldo de Castroverde, Carlos de Verona e muitos outros deram a impressão de que iriam colaborar. Disseram que estavam dispostos a ir diante das câmeras para denunciar os Estados Unidos.

O cenário stalinista na arena de esportes em Havana estava montado, e as câmeras, preparadas. O vice-presidente de Castro, Carlos R. Rodriguez, fez a abertura da apresentação. Ele colocou o microfone diante de Felipe Rivero.

“Ninguém nos pagou para fazer porra nenhuma!”, Rivero repentinamente falou. A plateia fez um grande barulho.

“Nós viemos aqui para lutar contra o comunismo!”, Rivero continuou. “Homens de todas as idades e classes sociais se apresentaram como voluntários para vir aqui e lutar contra vocês!” Os lábios de Rodriguez tremiam. As câmeras não sabiam em quem dar o foco. “E outra coisa!”, Felipe gritou. “Nós fomos melhores que vocês!”

Rodriguez começou, com a voz hesitante, com aquele velho papo de comunista sobre “as massas” e “o povo”.

“O.k., muito bem!”, Carlos de Verona interrompeu. “Você vai dizer que tem o povo do seu lado? Então faça uma eleição! Isso vai tirar a prova, não vai?”

Pandemônio completo. Mesmo os comunistas convictos na plateia não conseguiam se conter. Che Guevara em pessoa riu sozinho. Risadas estrondosas, muitas palmas e uivos vinham de todos os lugares. Tudo isso em rede nacional. E Cuba – aquele povo pobre e esqualido do terceiro mundo –, vale lembrar, tinha mais TVs *per capita* que o Canadá ou a Alemanha.

Rodriguez estava frenético. Finalmente o Líder Máximo apareceu no estúdio. Somente ele poderia arrumar a casa, pois tinha uma carta embaixo da manga. Assim, abordou o paraquedista e prisioneiro negro Tomas Cruz. “Nós facilitamos as coisas para vocês, negros”, disse. “Assim sendo, que diabos vocês fazem com esses mercenários ianques?”

Cruz não hesitou. Olhou para Fidel diretamente nos olhos. “Eu não vim aqui para nadar. Vim para lutar contra o comunismo. Vim com meus irmãos de cada raça para libertar minha terra natal de você e de seus amiguinhos russos!”

Depois dessa, Fidel decidiu fazer seus julgamentos a portas fechadas.

Durante o “julgamento”, Cruz, Rivero, de Castroverde, de Verona e outros companheiros perceberam que tinham assinado suas sentenças de morte. Ainda assim, enfrentaram os psicopatas mais sanguinários que passaram pela Terra. Eles tinham causado avarias nas tropas comunistas, tinham explodido seus tanques e ainda tinham cuspidado na cara deles.

Um ano depois, Rivero foi resgatado por um JFK de consciência pesada. Mas foi Fidel quem quase riu por último. Em 1967, Felipe Rivero estava em uma prisão federal dos Estados Unidos. Seu crime? Tentar derrubar Fidel. Não dá para saber se é para rir ou para chorar. Você decide.

Rivero e os brigadistas capturados passaram 18 meses nos calabouços de Fidel, onde nenhum deles cedeu à tortura. Quando foram resgatados pelos Estados Unidos, reuniram-se no Orange Bowl, em Miami, em 29 de dezembro de 1962. Jackie Kennedy, com o pequeno John-John ao seu lado, falou para os homens.

“Meu filho ainda é muito novo para entender o que aconteceu aqui”, Jackie falou num espanhol impecável. “Mas eu certamente contarei a ele sobre a coragem de vocês quando ele crescer. Espero que, um dia, ele seja um homem que tenha, ao menos, a metade da coragem que vocês têm como membros da Brigada 2.506.”<sup>190</sup>

Mas a bravura desses homens não apenas foi esquecida pelas pessoas de

esquerda, como foi desonrada e caluniada pelo marido de Jackie Kennedy.

Durante o discurso da campanha de 1960, John Kennedy disse: “Os republicanos autorizaram que um ditador comunista se instalasse a oito minutos de nossas fronteiras. Nós devemos apoiar os homens anti-Castro. Desde então, aqueles defensores da liberdade nunca receberam nenhuma ajuda do nosso governo”.<sup>191</sup>

Duas semanas antes, Kennedy havia sido comunicado pela CIA (então sob a liderança de Ike) sobre os planos de invasão de Cuba (o que mais tarde ficaria conhecido como a invasão da baía dos Porcos). Kennedy sabia que os republicanos estavam ajudando os insurgentes cubanos contra o comunismo. Mas, já que os planos eram secretos, Kennedy sabia que Nixon não poderia refutá-los. Quatro meses depois, 1.500 daqueles cubanos que ouviram “nós devemos apoiá-los” foram abandonados por JFK.

“A ideia de invadir Cuba foi de Nixon”, escreveu Gus Russo.<sup>192</sup> “Nixon foi, em suas próprias palavras, o defensor mais resolutivo quanto à necessidade de agir contra o regime de Fidel. [...] Os Estados Unidos precisam fazer alguma coisa para remover esse câncer de nosso hemisfério e impedir que essa penetração soviética se alastre”, ele escreveria mais tarde na *Reader's Digest*.<sup>193</sup> De acordo com Howard Hunt, Richard Nixon era o cara de ação contra Cuba na Casa Branca. O assessor de segurança nacional, coronel Philip Corso, disse: “Nixon era um linhadura. Queria se livrar de Fidel. Queria atingi-lo em cheio. Ele era exigente”.<sup>194</sup>

“Era Nixon quem fazia a pressão na Casa Branca”, diz o coronel militar Robert Cushman, que foi assessor militar de Eisenhower em 1960.<sup>195</sup>

“Ajude os cubanos ao máximo”, disse o ex-presidente Eisenhower a JFK. “Não podemos permitir que aquele governo continue.”<sup>196</sup> “Nós deveríamos nos arriscar mais e ser mais agressivos. Os Estados Unidos não podem ser chutados assim.”<sup>197</sup> “Fidel é um louco. Se a Organização dos Estados Americanos não nos ajudar a removê-lo, nós devemos fazê-lo sozinhos.”<sup>198</sup> Eisenhower disse na frente de todos que estava disposto a defender os Estados Unidos contra Cuba. Ele se referia a Fidel como um “pesadelo”, e ajudar os cubanos a se livrar dele valeria o esforço.<sup>199</sup>

Depois do desastre da baía dos Porcos, Eisenhower foi duro com JFK, mas não publicamente. Ele chamou a condução do caso de “uma pavorosa falta de liderança, absoluta timidez e indecisão”.<sup>200</sup> Quando JFK falou para Eisenhower que se preocupava com a forma como a América Latina reagiria ao envolvimento dos Estados Unidos na baía dos Porcos, Eisenhower disparou: “Como você pode pensar que o mundo vai acreditar que não tivemos nada a ver com essa história? Como eles conseguiram as armas, os navios? Como você pode esconder do mundo que os Estados Unidos estavam ajudando na invasão? [...] Apenas uma coisa pode acontecer quando você se envolve em algo do tipo: o sucesso. [...] Essa derrota na baía dos Porcos vai encorajar os soviéticos.”<sup>201</sup>

Parece que JFK meditou seriamente a respeito dos conselhos de Eisenhower e de Nixon. Seu conselheiro para segurança, Walter Rostow, percebeu isso e disse-lhe:

“Se você está numa luta e é derrubado, a pior coisa a fazer é se levantar cambaleando”.<sup>202</sup> Bem, ele poderia, então, pensar: “Haverá muitas oportunidades para mostrar aos russos que nós não somos tão fracos quanto pode parecer: Berlim, *sudeste da Ásia* [grifo meu]”. Sendo assim, em vez de destroçar uma artilharia soviética a apenas 145 quilômetros de distância, Kennedy decidiu intervir a meio mundo dali, na floresta asiática, onde, no final, o Congresso democrata decidiu deixar os comunistas vencerem – sob os protestos de Nixon – ao se recusar a ajudar o Exército do Vietnã do Sul.

Se essa lógica lhe parece estranha, bem, então você não está entre os tais “melhores e mais brilhantes” que vão desde a administração de John F. Kennedy até o senador John F. Kerry. A coisa mais incrível sobre eles é sua absoluta arrogância, que beira o patológico. “Esses comunistas barbudos não podem fazer isso contra *você*”, bradou Robert Kennedy a seu irmão logo após o incidente da baía dos Porcos. Essa reação inspirou a criação do Projeto Mongoose (os programas de guerra psicológica destinados a desestabilizar Fidel) e as tentativas de assassinato do ditador cubano. Mas, veja, isso aconteceu somente porque Kennedy entendeu aquilo como algo *pessoal*. Para eles, não era tanto uma questão de segurança nacional, muito menos uma questão de liberdade para os cubanos, mas sim de deixar as coisas elas por elas; empatar o placar. “O orgulho precede a destruição, e a altivez do espírito precede a queda.”<sup>203</sup>

JFK foi cínico com os exilados cubanos durante toda sua administração. John McCone, então diretor da CIA, alegou em documentos tornados públicos em 1996 que Fidel havia concordado em devolver os prisioneiros da baía dos Porcos sete meses antes do dia em que foram de fato libertados.<sup>204</sup> Mas os irmãos Kennedy (tanto o presidente quanto o procurador-geral) temiam que o caso baía dos Porcos refletisse nas eleições de novembro de 1962 para o Congresso. Assim, os prisioneiros foram convenientemente libertados na noite de Natal de 1962. Alguns acabaram morrendo na prisão ao longo daqueles sete meses.

“Eu nunca deixarei Cuba à mercê do comunismo!” Isso era o que JFK dizia aos recém-libertados da brigada e a suas famílias no Orange Bowl, em Miami, no dia 29 de dezembro de 1962. “Prometo fazer que essa causa da brigada se concretize em uma Havana livre!”

“Mãos pra cima! Vocês estão presos!”, foi o que disse a Guarda Costeira americana (sob as ordens da administração Kennedy) para os combatentes da liberdade cubanos em Key Largo, os quais planejavam um ataque a Cuba no mês seguinte.

“Mãos pra cima! Vocês estão presos, caras!”, foi o que disse a Marinha britânica (depois da intervenção da administração Kennedy) para os combatentes da liberdade cubanos que se preparavam para lutar nas Bahamas.

“Ou vocês expulsam os exilados cubanos e fecham seus centros de treinamento, ou cortaremos a ajuda internacional a vocês!”, foi o que disseram as administrações de Kennedy e de Johnson para a República Dominicana e a Costa

Rica quando os combatentes da liberdade cubanos montaram suas bases naqueles países.

No engodo que terminou com a crise dos mísseis, a administração Kennedy prometeu que ninguém invadiria Cuba, nem mesmo os exilados cubanos. Aqui vai a parte mais nojenta da história toda: o pacto com Kruschev foi feito cerca de um mês antes do discurso em que Kennedy prometia a libertação no Orange Bowl. Ainda assim, ele falou diante daqueles homens, de suas famílias e de seus compatriotas com imensa cara de pau. Grayston Lynch escreveu: “Foi a primeira vez que nevou no Orange Bowl”.

A brigada havia conquistado mais respeito de seus inimigos do que de JFK: nove entre cada dez pilotos castristas que voaram naquela missão contra a brigada acabaram fugindo da Cuba de Fidel.<sup>205</sup> Conheciam Fidel melhor do que Kennedy.

<sup>182</sup> Victor Andres Triay, *Bay of Pigs: An Oral History of Brigade 2.506*, University Press of Florida, 2001.

<sup>183</sup> Peter Wyden, *Bay of Pigs: The Untold Story*, Simon & Schuster, 1979, página 202.

<sup>184</sup> Edward B. Ferrer, *Operation Puma: The Air Battle of the Bay of Pigs*, Trade Litho, 1982, página 210.

<sup>185</sup> *Ibid.*, página 213.

<sup>186</sup> Peter Wyden, página 240.

<sup>187</sup> *Ibid.*, página 298.

<sup>188</sup> Jesus Hernandez Cuellas, “Chronicle of an Unforgettable Agony: Cuba’s Political Prisons”, revista *Contacto*, setembro de 1996.

<sup>189</sup> Martin Arostegui, “Castro Weaponizes West Nile Virus”, revista *Insight*, 16 de setembro de 2002.

<sup>190</sup> Haynes Johnson, *The Bay of Pigs: The Leader’s Story of Brigade 2.506*. W. W. Norton & Co., 1964, página 345.

<sup>191</sup> Humberto Fontova, “Mr. Wonderful and the Bay of Pigs”, 14 de abril de 2004, disponível em [www.newsmax.com](http://www.newsmax.com).

<sup>192</sup> Gus Russo, *Live by the Sword: The Secret War Against Castro and the Death of JFK*, Sassaroli Press, 1998, página 8.

<sup>193</sup> *Ibid.*, página 9.

<sup>194</sup> *Ibid.*

<sup>195</sup> *Ibid.*

<sup>196</sup> Stephen Ambrose, *Eisenhower: Soldier and President*, Simon & Schuster, 1984, página 539.

[197](#) Ibid., página 533.

[198](#) Ibid., página 499.

[199](#) Néstor Carbonell Cortina, “Bahia de Cochinos: Lo Que No Dijo el Informe del Inspector de la CIA”, disponível em [www.autentico.org](http://www.autentico.org). Carbonell cita Eisenhower com texto extraído de *Foreign Policy*, volume VI, páginas 1057-60.

[200](#) Stephen Ambrose, página 554.

[201](#) Ibid.

[202](#) Michael Beschloss, *The Crisis Years; Kennedy & Kruschev 1960-1963*, HarperCollins, 1991, página 124.

[203](#) Provérbios, 16:18.

[204](#) Gus Russo, *Live by the Sword: The Secret War Against Castro and the Death of JFK*, Bancroft Press, 1998, página 170.

[205](#) Brigadeiro-general Rafael del Pino, 25 de abril de 2002, disponível em [www.cubapolidata.com](http://www.cubapolidata.com).

# FIDEL COMO PARCEIRO DE NEGÓCIOS



Resort cubano em Guardalavaca (2008).

Políticos que celebram as perspectivas de negócios com a Cuba castrista se esquecem de que Fidel não apenas fraudou os acionistas americanos e roubou milhões em bens dos Estados Unidos. Ele tomou para si quase *2 bilhões* de dólares das empresas americanas – para ser exato, 1,8 bilhão de dólares de um total de 5.911 empresas diferentes. Fidel organizou o maior desses assaltos e não fez questão de esconder o fato. Gabou-se disso alegremente e disse de forma ostensiva que nunca pagaria de volta – e não pagou mesmo, nenhum centavo.

Fidel tampouco paga suas dívidas. Em 2001, o relatório da Comissão Americana de Comércio Internacional disse: “Cuba interrompeu os pagamentos de todas as dívidas bilaterais ou geradas por comércio internacional a países não socialistas em 1986”. Em junho de 2001, a Reuters relatou: “As conversas a respeito da dívida entre Cuba e o Clube de Paris, das nações europeias credoras, estão suspensas [...]. Estavam em questão 3,8 bilhões de dólares em dívidas oficiais aos membros do Clube de Paris, parte de uma dívida muito maior que Cuba contraiu nos anos 1980, até que começou a omitir pagamentos e por fim parou de falar com seus credores”.

Lembre-se que, nessa época, Cuba ganhava 5 bilhões de dólares ao ano de seu papai soviético. Você pode se perguntar: “O que aconteceu com *essa* dívida?” Bem, Fidel igualmente a renegou, um valor em torno de 50 bilhões de dólares. “União Soviética?”, ele franze a testa. “Que União Soviética? Onde está a União Soviética? Não existe mais um país com esse nome, certo? Então como podemos dever dinheiro a ele? *No problema.*”

A África do Sul de Nelson Mandela veio oferecer ajuda ao camarada Fidel, e eis o resultado desse movimento sagaz: “Os esforços de Cuba para atrair mais investimentos da África do Sul foram frustrados pela deficiência da ilha em pagar uma dívida de 13 milhões de dólares. O ministério sul-africano do Comércio e Indústria prefere não se expor ao risco cubano até que a dívida seja acertada”.<sup>206</sup> O México também foi mordido. Em 2004, o mexicano Bancomex, tentando recuperar suas perdas assombrosas provenientes de negócios com Cuba, congelou bens cubanos em três países.

Mas algumas pessoas nunca aprendem. O *Houston Business Chronicle* chama a Cuba de Fidel de “um ótimo novo mercado”. Recentemente li um relatório do chefe da recém-criada delegação do Mississippi para comércio com Cuba. Ele disse que teve “a chance de conhecer a comunidade executiva de Cuba”. O problema é que a ilha não tem uma comunidade executiva – ela tem sido o governo desde que Fidel assumiu. Na verdade, nos últimos anos, o pequeno número de empresas privadas *diminuiu*. De acordo com a agência Moody’s Investor Service, em julho de 2002: “Ações recentes do governo cubano indicam que as atitudes na direção de uma reforma econômica podem ter sido deixadas de lado [...]. Um aumento dos

obstáculos às atividades do setor privado e restrições a investimentos estrangeiros diretos revelam uma elevada preocupação com a perda de controle político, que é inerente ao processo de reforma econômica”.

Mas, ainda assim, eles chegam. Tantos executivos americanos vão bater à porta de Cuba para mostrar seus produtos que Fidel finalmente deu-lhes uma festa. Em julho de 2002, o Partido Comunista cubano ofereceu uma exuberante festa de 4 de Julho no Teatro Karl Marx, em Havana. As festividades aconteceram “em honra do nobre povo americano, no aniversário de sua Independência”, proclamou o *Granma*, jornal do Partido Comunista cubano. O próprio Fidel ressaltou que “o legado cultural, espiritual e moral do povo americano é também uma herança de Cuba e do povo cubano!” E um coral cantou “Old Man River”.

Uau. O que aconteceu com os Estados Unidos que foram “um abutre que circunda a humanidade” (cerca de 1960), ou os Estados Unidos como “o câncer da humanidade” (por volta de 1968), ou “nós colocaremos a América de joelhos” (no Irã, em 2001), ou “pior do que a Alemanha de Hitler” (um bordão de Fidel nos últimos 40 anos)? Que diferença alguns anos – e ir à falência – fazem. O *sugar daddy* que era a União Soviética se foi, e o histórico de crédito de Cuba agora é inferior ao da Somália, segundo a Moody’s, e ao do Haiti, segundo a Dun & Bradstreet. Outro sinal do desespero cubano é que Havana recentemente passou Bangcoc como “capital do sexo infantil no mundo”.

Hoje, Fidel precisa pagar em dinheiro por produtos americanos. Mas ele e companhias americanas esperam se aproximar para que ele possa ganhar crédito – garantido pelos contribuintes americanos por meio do Banco de Importação-Exportação. Nenhum risco para Fidel ou para as empresas americanas, apenas para os americanos.

Enquanto isso, delegações de comércio visitam Havana para fazer amizade com os assassinos de vários americanos. Milhares de executivos compareceram à Exibição de Alimentos e Agronegócio no Palácio das Convenções de Havana, entre 26 e 30 de setembro de 2002. Entre os dignitários que eles conheceram, estava o ministro da Educação de Cuba, Fernando Vecino Alegret.

O livro *Honor Bound: American Prisoners of War in Southeast Asia 1961-1973* fornece alguns detalhes interessantes da biografia de Alegret. Durante a Guerra do Vietnã, os comunistas possuíam um Projeto Cuba no campo de prisioneiros de Cu Loc (também conhecido como “o zoológico”), no limite sudoeste de Hanói. O Projeto Cuba era um experimento ao estilo Josef Mengele conduzido por cubanos castristas para determinar quanta agonia física e psicológica um ser humano poderia suportar antes de desabar. Os norte-vietnamitas nunca pediram aos castristas orientação para o combate, apenas para a tortura.

Para seu experimento, os cubanos escolheram 20 campos de prisioneiros americanos – a maior parte pilotos da Marinha. Um morreu: o sargento-coronel Earl Cobil, piloto de F-105 da Marinha. Sua morte veio de forma lenta, em estados agonizantes, sob tortura. Seu torturador, apelidado de “Fidel”, foi identificado em interrogatórios do Exército (e pelo *Miami Herald*, em 1999) como sendo, com

grande probabilidade, o ministro da Educação de Cuba, Fernando Vecino Alegret.

“A diferença entre os vietnamitas e ‘Fidel’”, testemunhou o ex-capitão Ray Vohden, “era mais ou menos que, uma vez que os vietnamitas conseguiam o que queriam, afrouxavam, ao menos por um tempo. Não era assim com ‘Fidel’. [...] ‘Eu vou mostrar pra ele’, ‘Fidel’ me disse. ‘Vou fazê-lo [Cobeil] tão feliz em se curvar quando eu acabar com ele que ele vai vir para mim chorando, de joelhos, implorando para que o deixe se render.’” Vohden continua: “Quando vi ‘Fidel’ com uma correia de ventoinha, fiquei surpreso, porque até aquele momento eu ainda não tinha ouvido falar de alguém apanhando dessa forma. Tapas, socos, cintos, algemas, cordas, sim. Mas ‘Fidel’ ia mostrar um novo truque aos vietnamitas [...]. Earl Cobeil havia resistido a ‘Fidel’ até o limite. Agora, eu podia ouvir o ruído surdo da correia caindo no corpo de Cobeil repetidas vezes, enquanto ‘Fidel’ gritava: ‘Seu filho da puta, seu puto, você está me enganando, eu vou lhe mostrar. Eu vou lhe mostrar’. Eu continuava ouvindo o baque da correia no corpo de Cobeil, de novo e de novo. Quase vomitava a cada vez que ouvia a correia bater no corpo de Cobeil. Não achava que qualquer humano pudesse suportar aquilo. Os guardas em volta riam e gritavam em vietnamita. Foi muito mais fácil suportar os golpes em mim mesmo do que aguentar aquilo.

“Eles [os norte-vietnamitas] torturavam para obter informação militar ou uma declaração política, puniam-nos por quebrar suas regras [...] mas era raro torturarem indefinidamente, só por torturar. Em algum momento, eles sempre relaxavam [...]. No entanto, ‘Fidel’, sem misericórdia, batia em um homem doente, mentalmente indefeso, até a morte.”<sup>207</sup>

“Earl Cobeil estava um desastre quando o vimos”, testemunhou outro prisioneiro, o coronel Jack Bomar. “Ele havia sido torturado por dias e dias. Eu ia limpá-lo. Quando ‘Fidel’ nos arrastou até lá, disse: ‘Limpe-o; se qualquer coisa acontecer com este homem, você, Bomar, é o responsável’. Então bateu bem no rosto de Cobeil, nocauteando-o de novo. As mãos deste último estavam quase cortadas pelas algemas. Havia bambus em suas canelas. Todo tipo de vergões, para cima e para baixo, por todo o corpo; a face mostrava-se ensanguentada. Ele estava um caco. Eles o trouxeram para dentro do quarto, e, até onde pude perceber, o capitão Cobeil estava totalmente fora de si. Ele não sabia onde estava. Não acho que soubesse de onde vinha ou para onde estava indo. Apenas estava lá. Então, ‘Fidel’ começou a espancá-lo com a correia da ventoinha [...].

“Quando ele perdia a paciência, era um louco completo. Ficava com o rosto vermelho; explodia de raiva. Então, se você se recusava a ceder, como Cobeil fazia, seu temperamento saía do controle.”

Durante um mês, “Fidel” espancou outro prisioneiro americano chamado Jim Kasler naquilo que foi “uma das piores séries de tortura que um americano sofreu em Hanói”, segundo o *Honour Bound*. “Fidel” açoitou Kasler “até que suas nádegas, sua lombar e suas pernas estivessem em farrapos, e no final ele estava em um semicomá”.<sup>208</sup>

Fazer o outro se curvar – não apenas assassinar americanos, mas humilhá-los no processo – era uma mania dos castristas.

“Ajoelhe-se e implore por sua vida.” Eles escarneciam de William Morgan enquanto esse cidadão americano se colocava na frente de um pelotão de fuzilamento, em 11 de março de 1961. Tanto Fidel quanto Raúl estavam lá. Morgan apenas olhou ameaçadoramente para trás. Uma testemunha, John Martino, disse que Morgan andou para o local de execução cantando “As the caissons go marching”.

“Eu não me ajoelho para homem nenhum”, Morgan finalmente gritou de volta.

“Muito bem, mestre Morgan.” Seus executores miraram baixo, de propósito. “*Fuego!*”

A primeira saraivada destruiu os joelhos de Morgan. “Viu, mestre Morgan? Nós o fizemos se ajoelhar, não fizemos?”

Mais quatro balas acertaram Morgan, todas muito bem planejadas para evitar órgãos vitais. Elas acertaram seus ombros e pernas. Ele estremeceu a cada golpe. Longos minutos se passaram. Finalmente, um dos executores de Fidel avançou e esvaziou o pente de uma Tommy nas costas de Morgan.<sup>209</sup>

É com esse tipo de pessoa que os executivos americanos querem fazer negócio.

Jimmy Carter tentou a tática “seja legal com Fidel, e ele será legal de volta” ao revogar a proibição de viagens a Cuba em março de 1977. Fidel respondeu mandando milhares de tropas cubanas à África (onde usaram gás venenoso Sarin, para ser preciso). Também enviou milhares de psicopatas, assassinos e pervertidos para os Estados Unidos. Obrigado, Fidel!

Antes, em 1975, Gerald Ford (sob a influência de Kissinger) havia afrouxado o embargo. Ele permitiu que braços estrangeiros e subsidiárias dos Estados Unidos comercializassem livremente com Cuba e persuadiu a Organização dos Estados Americanos a abdicar de suas sanções. Fidel agradeceu começando sua invasão na África e tentando assassinar Ford.

Você leu certo. Em 19 de março de 1976, a manchete do *Los Angeles Times* dizia “Provado o elo cubano em trama de assassinato”. Os dois candidatos republicanos da época, o presidente Ford e Ronald Reagan, seriam eliminados durante a Convenção Nacional Republicana em San Francisco. A Unidade Emiliano Zapata, grupo terrorista radical de San Francisco, daria os golpes. Quando apanhado, um dos assassinos, Gregg Daniel Adornetto, soltou algo sobre a conexão cubana. Seu oficial de inteligência cubano era Andres Gomez. Adornetto o tinha conhecido anos antes, quando viajou a Cuba para um treinamento patrocinado como um membro do Weather Underground.

Até mesmo o presidente Ronald Reagan considerou um acordo com Fidel no início de seu primeiro mandato. Alexander Haig se encontrou pessoalmente com o vice-presidente de Cuba, Carlos R. Rodriguez, na Cidade do México. Então, o mago da diplomacia, general Vernon Walters, foi a Havana para uma reunião com o Líder Máximo em pessoa. A coisa não deu em nada, porque Walters sabia como era Fidel. Ele relatou que Fidel estava determinado a exportar a Revolução para

Granada e para a América Central. Reagan novamente impôs a proibição de viagens e dentro de um ano enxotou as tropas de Fidel de Granada. O apoio de Reagan a anticomunistas em El Salvador e na Nicarágua fez os aliados marxistas de Fidel retrocederem.

Mas o governo Clinton foi o momento de ser bonzinho novamente. Em 1993, Mobile, no Alabama, tornou-se uma “cidade-irmã” de Havana. Representantes das duas cidades encontraram maneiras de gastar dinheiro de impostos americanos em festas para “se conhecerem melhor”. Mas o oficial cubano que tanto havia encantado Mobile durante esses anos de “noivado” estava indisponível para comparecer à festa a fim de celebrar os dez anos das cidades-irmãs. O que aconteceu?

Bem, seu nome é Oscar Redondo, e ele foi delatado ao FBI e deportado por espionagem.<sup>210</sup> Ainda melhor, o desertor de Fidel, Juan Vives, contou-nos que a agência de inteligência de Cuba faz questão de filmar os “amigos” que visitam o país nesses intercâmbios culturais durante seus passeios noturnos. Vives diz que Gabriel García Márquez, Naomi Campbell, Kate Moss e Jack Nicholson estão entre os visitantes filmados até então.<sup>211</sup> Todos vocês que visitam delegações de comércio, tenham certeza de sorrir para os candelabros e os detectores de incêndio em seus sofisticados quartos de hotel em Havana.

A ideia de que os turistas americanos mostrarão às pobres e amontoadas massas de Cuba o que o capitalismo pode dar e o que lhes está sendo negado, bem como a ideia de que o “comprometimento”, as viagens e o comércio americano vão minar o regime de Fidel – é tudo mentira.

Vocês não acham que os cubanos sabem perfeitamente bem que são pobres e oprimidos? Dezenas de milhares falam com seus parentes americanos semanalmente e os visitam; quando enfrentam tempestades e tubarões-tigre em pedaços flutuantes de espuma de plástico, não o fazem pela emoção, como os *yuppies* – 77 mil cubanos morreram tentando.<sup>212</sup> Algo em torno de 1,3 milhão de turistas vindos de países livres visitaram Cuba em 2002. Milhões nos últimos dez anos. Isso fez a mínima diferença na política castrista? Melhorou algo para os cubanos comuns?

Como os turistas europeus e canadenses (e os 200 mil americanos que foram a Cuba em 2003), qualquer nova leva de turistas se hospedará em hotéis sofisticados, comerá em restaurantes sofisticados e raramente verá um cubano comum. Cada dólar que gastarem será em um negócio que pertence a um membro da família política de Fidel e é por ele dirigido.

É preciso repetir ainda mais: a Guerra Fria de Fidel não acabou. “Uma guerra muito maior contra os Estados Unidos é meu destino”, Fidel escreveu em 1958, logo antes de seus “rebeldes” sequestrarem 50 militares americanos em Guantánamo.

Em novembro de 2003, a United Press fez um relatório sobre o pupilo exemplar e atual tábuia de salvação de Fidel, o venezuelano Hugo Chávez. Ele foi pego

fornecendo recursos e passaportes falsos para agentes da Al-Qaeda. Uma semana mais tarde, a Fox News citou uma fala do mais alto desertor da Coreia do Norte sobre a presença de armas coreanas em Cuba.<sup>213</sup>

Os esquerdistas acusam os cubano-americanos de serem “cegados por suas emoções” e “incapazes de ouvir a razão” no que diz respeito a Fidel. Mas nossa postura é empírica – baseada em experiência própria com o Líder Máximo e em evidências. Nossa abordagem se baseia no que José Ortega y Gasset chamou de “a ciência do homem”, ou seja, a história.

“Comércio particular, profissionais autônomos, indústria privada ou qualquer coisa assim não terá *nenhum* futuro neste país!”, foi isso que Fidel gritou nos microfones, há 20 anos.<sup>214</sup>

“Nós não vamos mudar o sistema político ou econômico de Cuba! Nós não aceitaremos nenhuma condição para o comércio com os Estados Unidos!” Isso é o que disse Fidel em 2002.<sup>215</sup>

A Castrolândia tem a maior taxa de encarceramento e os menores índices de liberdade de imprensa e economia da Terra, ao lado de seu aliado, a Coreia do Norte. Os castristas são muito atentos a qualquer falha no sistema. O próprio Fidel avisou Gorbachev que seu flerte com a *perestroika* e a *glasnost* era uma loucura que condenaria tanto o socialismo quanto Gorbachev. Ele avisou Daniel Ortega de que permitir eleições na Nicarágua o derrubaria. Ele estava precisamente certo em ambos os casos.

As pessoas de esquerda adoram apontar para o dissidente cubano e oponente do embargo Osvaldo Paya. Mas nunca se lembram dos diversos dissidentes cubanos que *apoiam* o embargo e que na verdade querem que ele se acirre. Esses dissidentes (como Oscar Biscet e Marta Beatriz Roque) se encontram apodrecendo nas cadeias de Fidel. Denuncie o embargo (como Paya), e seus enunciados se espalharão pela imprensa do Ocidente. Você até terá permissão para viajar, receber prêmios e elogios. Apoie o embargo e encarará os cassetetes e porretes de Fidel.

Alcibiades Hidalgo foi o chefe de pessoal do ministro da Defesa de Cuba, Raúl Castro, por mais de uma década. Em 2001, ele desertou para os Estados Unidos. “Retirar a proibição de viagens seria um presente para Raúl e Fidel”, disse em entrevista ao *Washington Post*.

Fidel não merece nenhum presente nosso.

<sup>206</sup> Xinhua News Agency, 2004.

<sup>207</sup> Testemunho de um ex-prisioneiro de guerra americano sobre o Projeto Cuba, do Vietnã, Escritório de Informações Internacionais, Departamento de Estado americano.

<sup>208</sup> Juan Tamayo, “Torturers’ Aim Was Total Surrender, Savage Beatings Bent Captives to Will of Man Dubbed ‘Fidel’”, *Miami Herald*, 22 de agosto de 1999.

[209](#) Paul Bethel, *The Losers: The Definitive Report, by an Eyewitness, of the Communist Conquest of Cuba and the Soviet Penetration in Latin America*, Arlington House, 1969, página 192.

[210](#) George Talbot, “Cuba Conference Opens Amid Controversy”, *Mobile Register*, 13 de outubro de 2003.

[211](#) G. Fernández, Ediciones Periodísticas, 12 de março de 2001.

[212](#) Entrevista com Armando Lago, autor de *Cuba: The Human Cost of Social Revolution e The Politics of Psychiatry in Revolutionary Cuba*, Transaction Publishers, 1991.

[213](#) Entrevista de David Kay por George Stephanopoulos, ABC News, 5 de outubro de 2003.

[214](#) Hans de Salas-del Valle (org.), *Fidel Castro on the United States: Selected Statements, 1958-2003*, Center for a Free Cuba, 2003.

[215](#) Ibid.



Abrçado por Donato Dalrymple, Elián González é levado por agentes federais americanos, em 22 de abril de 2000. Sobrevivente de um naufrágio, o garoto estava dormindo quando os agentes invadiram a casa em Miami. Dalrymple é um dos dois pescadores que o resgataram no mar.

**O CASO**

**ELIÁN GONZÁLEZ**

Mesmo quando inocentes cubanos escapam para a Flórida – e para a liberdade –, por vezes os esquerdistas exigem que guardas armados os enviem de volta para a Castrolândia comunista. Eles não conseguem acreditar que alguém possa preferir Miami àquela “pequena ilha feliz” governada pelo bondoso Fidel.

Durante a controvérsia do caso Elián González, muita gente gritou: “Um filho pertence a seu pai. O estado de direito deve prevalecer”. Nenhum cubano-americano discordou.

A família de González em Miami nunca quis um circo da mídia. Queria apenas tomar conta de Elián e esperar que seu pai imigrasse para os Estados Unidos, *como ele originalmente pretendia*. Esse tipo de reunião acontece praticamente toda semana em Miami. O circo, a utilização do pequeno Elián como “bola de futebol política”, foi tudo coisa de Fidel.

As evidências, zelosamente evitadas pela grande mídia, eram esmagadoras. Mauricio Vincent, repórter do jornal madrilenho *El País*, escreveu que visitou a cidade natal de Elián, Cárdenas, e conversou com seu pai, Juan Miguel, e com outros membros da família e amigos. Todos confirmaram que Juan Miguel ansiava pela ida de Elián aos Estados Unidos.

Em uma ligação telefônica da parte cubana da família de Elián para a parte americana, os cubanos foram muito claros: por favor, tomem conta de Elián. Seu pai está a caminho.

Juan Miguel tinha até feito um pedido de visto americano. O Serviço de Imigração e Naturalização sabia disso, mas a informação se tornou pública apenas depois que a instituição Judicial Watch descobriu a evidência: um documento do serviço de imigração escrito pela advogada Rebeca Sanchez-Roig para a comissária Doris Meissner. “Se coerção puder ser aplicada”, lia-se, “então o serviço de imigração poderia aceitar o requerimento de asilo da criança e informar que não há limite de idade para o preenchimento da petição. Como tal, o asilo político deve ser procedente.”

O *Miami Herald* noticiou, em 26 de novembro de 1999, um dia depois que Elián foi resgatado, que Juan Miguel obtivera cópias autenticadas da certidão de nascimento de Elián e da certidão de casamento de sua falecida esposa, Elizabeth. Esses documentos são de primeira ordem para qualquer cubano que busque o visto americano. Favor observar a data – Juan Miguel fez tudo isso *antes* que Fidel interviesse no caso, o que aconteceu em 5 de dezembro de 1999. O tio de Elián em Miami, Lázaro, disse mais: “Eu sempre afirmei que entregaria Elián a seu pai”, declarou repetidas vezes. “Mas Juan Miguel deveria vir aqui e reivindicá-lo. Não era Juan Miguel solicitando Elián – era Fidel”.<sup>216</sup>

Por que Fidel interferiu? Pessoas, incluindo garotinhos, fogem de Cuba todas as

semanas. Qual é o motivo da obsessão de Fidel em ter só esse garoto de volta?

O romancista cubano exilado Guillermo Cabrera Infante explicou melhor, escrevendo no *Miami Herald*, no dia 17 de abril de 2000, dias antes do ataque que iria retirar Elián de seus parentes: “Todo ano, a *santeria*, religião de raízes africanas popularmente praticada em Cuba, publica um horóscopo. Os *santeros* ‘lançam as cascas de coco’ e preveem o futuro de acordo com o lado para o qual a casca cai. Os *santeros* amarraram o futuro do regime de Castro ao destino de Elián González, que é para eles a reencarnação de Elegua, uma espécie de Cristo criança. A posição dos cocos prenunciava males para a ‘tribo’ de Cuba e um destino ainda pior para o ‘chefe’ Fidel Castro.

“Assim que os *santeros* souberam do destino de Elián (o garoto fora resgatado no mar, salvo de tubarões pelo aparecimento de golfinhos e, após 48 horas sob um sol escaldante, não mostrava as típicas feridas e queimaduras dos resgatados do mar), declararam que ele era o divino Elegua e que, se permanecesse em Miami, Fidel Castro ‘iria cair’.”

Talvez assim se possa entender seu desespero. São tantos os cubanos nos dias de hoje – alguns dizem que Fidel também – que mexem com a *santeria* que a profecia de seus sacerdotes poderia ter seriamente abalado o controle de Fidel sobre a ilha.

Em 31 de janeiro de 2000, um pastor evangélico cristão da Índia, o reverendo Kilari Anan Paul, visitou Cuba. Ele seguia de perto a saga de Elián desde sua Índia natal e foi gravemente ofendido pelos exilados cubanos malucos e exaltados em Miami. O reverendo esteve ombro a ombro com Fidel nesse caso, plenamente a favor de os Estados Unidos devolverem Elián para Cuba e seu pai. Em nome desse nobre fim, tentou se reunir com Juan Miguel González em sua casa em Cárdenas – mas o encontrou sob prisão domiciliar.

Quanto ao infeliz Juan Miguel, vamos esquecer a idiota e bajuladora entrevista à CBS conduzida por Dan Rather, amigo de Fidel. Em vez disso, melhor ler o último capítulo do livro do comentarista político David Limbaugh, *Absolute Power: The Legacy of Corruption in the Clinton-Reno Justice Department*. Limbaugh viu através da farsa – e não me refiro apenas à violência que a procuradora-geral de Clinton, Janet Reno, praticou contra a família de Elián. Até mesmo muitos esquerdistas, incluindo os estudiosos Lawrence Tribe e Alan Dershowitz, reconheceram a manobra como uma atrocidade legal. Mas os documentos de Limbaugh mostram como os absurdos judiciais começaram *meses* antes.

Ele próprio um advogado, Limbaugh nos informa que diversos depoimentos judiciais comprovam os *desejos originais* de Juan Miguel para seu filho, antes de Fidel o espremer contra a parede. Estes foram fornecidos pelos primos de Juan. Um deles até jurou que Juan dissera repetidas vezes que desejava fugir para os Estados Unidos, mesmo que tivesse de “remar dentro de uma banheira”. Mais importante ainda, no dia 1º de dezembro de 1999, o Serviço de Imigração afirmou que o tio de Elián em Miami, Lázaro, era realmente o responsável legal pelo menino e que o tribunal de família da Flórida deveria ser o lugar ideal para se julgar questões adicionais.

Foi então que tudo mudou. Em 5 de dezembro de 1999, Fidel começou a exigir o retorno de Elián, e em 5 de janeiro o mesmo Serviço de Imigração decidiu que os tribunais estaduais não tinham competência para arbitrar sobre essas matérias, que nem Elián, nem Lázaro poderiam pedir asilo político, e que Elián deveria retornar a Cuba no dia 14 de janeiro.

A grande mídia cantou o que havia na partitura de Fidel. Mas Brit Hume, da Fox News, fez perguntas pertinentes: “Por que o advogado de Clinton, Greg Craig, tomou o partido de Juan Miguel (leia-se: de Fidel)? E, por falar nisso, quem estava pagando seus honorários? Um homem que trabalha como porteiro de hotel em Cuba poderia pagar alguém como Craig?”<sup>217</sup>

Hume fez perguntas que outros famosos repórteres investigativos não fizeram – e ele não desistiu. Apenas uma semana após a incursão de Janet Reno e antes de Elián ser deportado, Hume publicou uma reportagem especial: “Funcionários da alfândega no Aeroporto de Dulles acharam remédios com os médicos mandados de Cuba para ficar com Elián González. O *Miami Herald* informa que entre os medicamentos estavam o fenobarbital, um sedativo, e Miltown, um tranquilizante”.<sup>218</sup> Em seguida, vieram as fotos de um Elián calmo e sorridente nos braços do pai.

Que a mídia esquerdista é castrofilica, não temos dúvida. Mas por que o presidente Clinton sucateou os padrões legais americanos, reverteu uma política de refugiados que datava do princípio da Guerra Fria e se tornou cúmplice de Fidel no retorno de Elián ao comunismo? Alguns dizem que Fidel “tinha algo” com relação a Clinton. Outros afirmam que Fidel o ameaçou com outra fuga em massa de cubanos, como a do caso Mariel. Há ainda quem diga que Clinton quis, como parte de seu “legado”, uma abertura para Cuba. Eu creio que estes dois últimos fatores foram sua motivação para o sequestro de Elián.

A grande mídia fez sua parte ao retratar a Miami cubano-americana como sendo muito pior do que a Cuba comunista. No dia 2 de abril de 2000, Katie Couric, do *Today Show*, da NBC, leu em seus cartões: “Algumas pessoas sugeriram que é errado esperar que Elián González viva em um lugar que não tolera o dissenso ou a liberdade de expressão política. Eles estavam falando de Miami. Todos os olhos estão voltados para o sul da Flórida nesta manhã. Outro articulista a chamou de ‘uma república das bananas fora de controle dentro dos Estados Unidos’”.

Eu já mencionei a pérola da jornalista Eleanor Clift, mas vale a pena repetir: “Ser uma criança pobre em Cuba talvez seja melhor do que ser uma criança pobre nos Estados Unidos”. “A Cuba de Fidel Castro”, ela disse, “é um lugar onde Elián não precisa se preocupar com a possibilidade de ir à escola e tomar um tiro, onde as drogas não são um grande problema, onde ele tem acesso a um atendimento médico gratuito e onde a taxa de alfabetização é maior que a deste país, acredito.”

Os articulistas da *Newsweek* concordam: “Elián pode esperar uma vida bem nutrida em Cuba, protegida do crime e do colapso social que seria parte de seu crescimento em Miami”.

Enquanto entrevistava Tipper Gore (a mulher do vice-presidente Al Gore), Larry King se juntou ao rebanho: “Tipper, uma das coisas que o pai de Elián González disse e da qual, eu creio, seria difícil divergir é que o filho dele está mais seguro em uma escola de Havana do que em uma escola de Miami. Ele não levaria um tiro numa escola em Havana”.

Andrea Mitchell, da NBC, ao comentar sobre Fidel, disse que ele era “à moda antiga, cortês – até mesmo paternal”. Ninguém disse isso sobre cubano-americanos em Miami, que eram rotineiramente retratados como extremistas. David Limbaugh parece ser um dos poucos analistas que realmente estudaram a regulamentação do Serviço de Imigração. O próprio manual da instituição afirmava: “Oficiais de asilo não devem presumir que uma criança não pode ter uma reivindicação de asilo independentemente dos pais”. O manual oferece diretrizes para seus funcionários, incluindo pedidos de asilo feitos por crianças de 6 anos de idade. Em 22 de abril de 1999, esse mesmo Serviço de Imigração estava chutando a porta de Lázaro e arrancando um desesperado Elián de sua casa.

Limbaugh também nos lembra (ou informa) em seu livro de um depoimento da irmã Jeanne O’Laughlin. A irmã O’Laughlin era presidente da Barry University e amiga de Janet Reno, a procuradora-geral dos Estados Unidos. A boa irmã era uma gentil e inteligente pessoa que originalmente apoiou o retorno de Elián a Cuba por um bem-intencionado (porém ingênuo) motivo: um filho pertence a seu pai.

Bem, a irmã O’Laughlin, adepta do Partido Democrata ao longo de toda a vida, logo mudou de ideia ao observar os castristas trabalhando. Seu depoimento menciona que os capangas de Fidel vasculharam a casa dela antes de Elián ir até lá para encontrar as avós, que foram trazidas de Cuba para vê-lo. Também menciona que o presidente do Conselho Nacional de Igrejas confessou que “Castro estava ditando as negociações”. Mas foi o abjeto medo nos olhos das avós de Elián que convenceu a irmã O’Laughlin.

Ela confessou que rezou e chorou a noite toda após o encontro. Isso, mais uma vez, estava em seu depoimento, ignorado pela grande mídia, mas registrado no livro de David Limbaugh, que escreve: “Após o encontro, a irmã O’Laughlin mudou de ideia. Ela viu ‘medo’ nos olhos das avós de Elián – medo do regime de Fidel – e pensou que seria moralmente errado mandar o garoto de volta a Cuba. O’Laughlin estava tão triste que resolveu bancar a própria viagem a Capitol Hill para pedir a Reno que Elián ficasse nos Estados Unidos”.<sup>219</sup> Mas em quem a procuradora Janet Reno acreditaria, na irmã O’Laughlin ou em Fidel Castro?

Como o jornalista Dan Rather nos revelou, todo esse problema era culpa dos Estados Unidos. “A ironia de hoje”, ele disse em tom grave no dia 6 de abril de 2000, “é que, para chegar perto de seu filho, esse pai teve de viajar mais de 1.500 quilômetros para uma capital estrangeira e, mesmo assim, mesmo agora, ele deve aguardar o tão esperado encontro. Tais são as formas da política e das leis em uma sociedade livre.”<sup>220</sup>

Claro, Fidel afunda os barcos de cubanos fugitivos, prende os sujeitos que tentam

escapar e coloca o pai de Elián em prisão domiciliar – e tudo é culpa dos Estados Unidos.

Com a investigação sobre o serviço da Guarda Nacional do governo George W. Bush, Dan Rather, a CBS e a produção do *60 Minutes* finalmente levaram o troco, o que não poderia ter ocorrido a um grupo melhor. Uma investigação do programa *60 Minutes* com a entrevista feita com Juan Miguel em maio de 2000 talvez tivesse se mostrado mais chocante.

Pedro Porro é um cubano-americano que trabalhou para o Departamento do Tesouro americano em 2000. Ele foi o intérprete de Juan Miguel durante a famosa entrevista com Dan Rather. “Eu usava um fone de ouvido. As perguntas de Dan viriam por ele, e eu as traduziria para Juan Miguel”, Porro relembra. “Mesmo durante a entrevista, era óbvio que Gregory Craig [ex-advogado e amigo de Clinton], que agia como advogado de Juan Miguel [leia-se: de Fidel], estava encenando a coisa toda. As perguntas a Juan Miguel foram, na verdade, passadas a Dan Rather por Gregory Craig.”

“Após uma sessão de gravações, Craig chamaria Dan, daria algumas instruções e trocava alguns papéis com ele. Era óbvio que o jornalista e o advogado procediam em termos bastante amigáveis. [...] Craig também agia como diretor de cinema. Ele não gostou do jeito que a voz de Juan Miguel saía após a tradução para o inglês. ‘Sem dramaticidade suficiente’, disse Craig. Então saíram e buscaram um ator que pudesse dublar suas respostas. Era óbvio que Juan Miguel estava sob muito estresse. Era possível ver em seu rosto. Ele nunca se mostrava tranquilo. Nunca estava sozinho, sempre acompanhado por pessoas que chamavam de ‘guarda-costas’ ou pelo próprio Gregory Craig. Meu pai era um jornalista em Cuba. Então a coisa toda, a trapaça elaborada desse programa, chocou-me tremendamente quando o vi em sua forma final.”

Jim Avila, da NBC, contribuiu para a trapaça da mídia: “Por que ela [a mãe de Elián] fez isso? Do que ela estava escapando? Para todos os efeitos, essa mulher jovem, calma, séria, que adorava dançar salsa, *tinha uma vida boa* [...]. Uma família inteira destruída pela decisão de uma mãe de começar vida nova em um novo país, uma decisão que deixa um garotinho afastado do pai e para sempre separado da própria mãe [grifo meu]”.<sup>221</sup>

Bem, pelo menos ele não culpou os Estados Unidos. Não, Avila culpou a mãe de Elián, que deu sua vida para que o filho pudesse viver em liberdade.

Byron Pitts, da CBS, voltou aos vilões mais conhecidos. “Seis semanas atrás, essa comunidade [dos cubanos de Miami] abraçou um menino que viu sua mãe morrer no mar. Hoje, há temor de que esse abraço tenha virado um estrangulamento.”<sup>222</sup>

John Quinones, da rede ABC, seguiu Pitts: “Parece uma contradição que os cubanos, que professam o amor à família e respeitam a ligação entre pai e filho, estejam tão dispostos a separar Elián de seu pai [...]. É uma comunidade com pouquíssima tolerância àqueles que talvez discordem de suas posições”.<sup>223</sup>

Bryant Gumbel mostrou o *verdadeiro* inimigo: “Os cubano-americanos foram rápidos em apontar o dedo contra Fidel por sua exploração do garotinho. Mas suas ações seriam menos condenáveis?” Ele se referiu ao apoio da deputada republicana Ileana Ros-Lehtinen para que Elián permanecesse nos Estados Unidos como “muito desagradável”.<sup>224</sup>

Tim Padgett, da revista *Time*, invocou o estereótipo clássico: aqueles cubanos de Miami eram “uma elite privilegiada que se colocava como um povo tão sofrido quanto os negros escravos e os judeus do Holocausto, sempre prontos para saltar em caras lanchas e reivindicar suas imensas terras no momento em que o velho ditador comunista parar de respirar”.<sup>225</sup>

Alexander Cockburn publicou uma pérola no *New York Press*, escrevendo: “Há uma causa a ser defendida, a de que se deveria jogar uma bomba nuclear na parte cubana de Miami. A ação seria aplaudida vivamente pela maioria dos americanos. Infelizmente, a Operação Já Vai Tarde iria requerer um tipo de coragem política tristemente em falta em Washington”. O.k., o.k., o stalinista Cockburn estava gracejando. Mas você consegue imaginá-lo escrevendo algo com conteúdo similar sobre, digamos, o leste de Los Angeles ou o Harlem?

O incomparável Thomas Friedman, do *New York Times*, não seria superado: “Penso que o público americano teve um vislumbre do modo como Elián, na minha visão, foi sequestrado por essas pessoas [cubanos de Miami], mas a política americana em Cuba foi sequestrada por uma minoria muito ativa e vociferante”. Esse fervoroso libertário animou-se: “Sim, tenho de confessar, aquela famosa foto em que um agente da polícia aponta uma arma automática para Donato Dalrymple e ordena, em nome do governo americano, que lhe entregue Elián González aqueceu meu coração”.<sup>226</sup>

Por que os agentes da procuradora-geral Janet Reno agiram com armas, derrubando pessoas ao chão? O pessoal de Clinton agiu aconselhando Fidel, que por sua vez conferiu à administração Clinton uma inteligência vital. Seus agentes em Miami descreveram a casa de Lázaro González como um verdadeiro depósito de armas.<sup>227</sup> Como a mídia de esquerda, a administração de Clinton confiou mais nos espiões comunistas de Fidel do que nos cidadãos cubanos que moravam nos Estados Unidos. Para mim, um Departamento de Justiça que se baseia em informações de Fidel Castro é cem vezes mais perigoso e estúpido do que os oficiais da lei que ocasionalmente descem à brutalidade.

“É brutal, é monstruoso, é mais insano ou maldoso do que qualquer um pode ouvir dizer.” Foi assim que G. K. Chesterton definiu o comunismo em 1919. Chesterton, como de costume, estava certo. O comunismo começou como um monstro e cresceu até virar uma fera homicida. E o presidente Clinton e Janet Reno entregaram a essa besta uma criança indefesa como brinquedo.

[217](#) Tim Graham, “Back to the ‘Peaceable’ Paradise: Media Soldiers for the Seizure of Elián”, *Media Research Center Special Report*, 23 de maio de 2000.

[218](#) Cyber Alert, “Drugs for Elián?” *Media Research Center*, 3 de maio de 2000.

[219](#) David Limbaugh, *Absolute Power: The Legacy of Corruption in the Clinton-Reno Justice Department*, Regnery, 2001, página 315.

[220](#) Tim Graham, “Back to the ‘Peaceable’ Paradise: Media Soldiers for the Seizure of Elián”.

[221](#) Ibid.

[222](#) Ibid.

[223](#) Ibid.

[224](#) Ibid.

[225](#) Ibid.

[226](#) Ibid.

[227](#) Entrevista com Enrique Encinosa.

# OS IDIOTAS ÚTEIS DE FIDEL



O cineasta americano Michael Moore chega à cerimónia do Oscar, em Hollywood, Califórnia (2012).

As idiotices e as gafes da elite ocidental a respeito de Fidel e de Cuba desafiarão a razão, não fossem tão previsíveis. Tomemos a atriz Vanessa Redgrave como exemplo. Alguns anos atrás, numa entrevista, ela comentou que Fidel e o lendário poeta e patriota cubano José Martí eram “grandes amigos”. O único detalhe é que Martí morreu numa batalha contra a Espanha em 1895.

Agora, tomemos como exemplos o diretor Sydney Pollack e o ator Robert Redford. Em seu filme *Havana*, escolheram um ator que parecia um empresário americano para interpretar Fulgencio Batista, com olhos e cabelo da mesma cor que Redford. Guillermo Cabrera Infante, exilado cubano, romancista e vencedor do Prêmio Cervantes, esbarrou com o famoso diretor hollywoodiano, que enrubesceu de choque e vergonha quando Cabrera, jocoso, informou-lhe que Batista era negro.<sup>228</sup>

Tanto Pollack quanto Francis Ford Coppola (trilogia *O Poderoso Chefão*) gastaram milhões para conseguir criar um retrato realístico e preciso do ano-novo de Havana, em 1958, quando Batista deixou o país, e os rebeldes de Fidel tomaram o poder. Para mostrar o tumulto, o frenesi, a multidão em chamas, o caos completo, contrataram mais figurantes que Mel Gibson em *Coração Valente* e Ridley Scott em *Gladiador*. No entanto, Havana estava sob um *silêncio mortal* naquela noite, as ruas estavam *vazias*. Nenhum crítico nem nenhum grande jornalista apontaram essas gafes.

Parte do problema é a “ignorância furiosa”, como Cabrera Infante chama, a respeito de uma nação que vem ocupando as manchetes há mais de 40 anos. Outra parte do problema são os “dois pesos, duas medidas” – como quando o governo espanhol honrou Fidel Castro com o título de cidadão honorário na exata semana em que promoveu acusações de assassinato contra Augusto Pinochet.

Por que não acusar Fidel? Fidel tramou assassinatos covardes durante toda a vida. Ainda no Ensino Médio, entrou numa briga por causa de uma dívida (ele sempre foi caloteiro) com um colega de escola chamado Ramon Mestre, que o acertou com um gongo. Fidel jogou a toalha e se esgueirou da briga, choramingando que iria buscar o dinheiro que devia a Mestre. Em vez disso, voltou com uma pistola carregada, esperando surpreender Mestre desarmado e assassiná-lo. Mas Mestre já tinha ido embora para casa. Pouco tempo depois, apontaram Fidel como responsável por dois assassinatos enquanto estudava na Universidade de Havana. Em ambos os casos, a vítima levou um tiro nas costas, numa emboscada. Logo após chegar a Havana, em 6 de janeiro de 1959, ele mandou seus capangas prenderem Ramon Mestre, com quem já não tinha contato havia 15 anos. Mestre acabou passando 20 anos em calabouços horrendos.<sup>229</sup>

Procure fotos antigas de Fidel como guerrilheiro em Sierra Maestra e você notará

que sua arma favorita era um rifle com escopo. Ele nunca teve de chegar *perto* de um soldado de Batista; na verdade, começava cada “batalha” (pequenos conflitos pueris) com um tiro a distância. Então, deixava a “luta” de fato para seus guerrilheiros (geralmente assassinando soldados desavisados em seus beliches, aterrorizando camponeses desarmados e causando transtornos). Enquanto seus homens empenhavam-se em assassinatos e bandidagens, Fidel escapava para o acampamento para falar com jornalistas.

Um ex-camarada guerrilheiro, Huber Matos (que mais tarde passou 25 anos nos calabouços de Fidel em virtude do crime de levar a tolíce “democrática” e “humanística” do ditador a sério), contou como o Líder Máximo era em “combate”. “Fidel e eu estávamos num morro em Sierra Maestra quando, de repente, apareceu um avião de Batista – mas bem longe, um ponto no céu. O avião mergulhou e começou a metralhar algo abaixo dele. Estava tão longe e atirando tão pouco que não me importei”, relembra Matos. “Então, continuei falando enquanto observava o avião. Bem, eu já estava falando havia bastante tempo, enquanto Fidel não proferia uma palavra – o que é bem estranho. Então, olhei ao meu redor. [...] Que diabos?”

“Fidel não estava por perto. Daí, voltei à caverna que nos servia de acampamento na época – e lá estava ele, encolhido num canto, tentando tomar café com suas mãos tremendo como castanholas.”<sup>230</sup>

Esse é o verdadeiro Fidel, mas os idiotas úteis seguem fazendo fila para louvá-lo. Observemos a ode ofegante de Norman Mailer a Fidel, por exemplo: “Você é o primeiro e maior herói a aparecer no mundo desde a Segunda Guerra Mundial. É como se o fantasma de Cortez tivesse aparecido no nosso século, montado no cavalo branco de Zapata”.<sup>231</sup>

Outro exemplo é a carta de amor perfumada de Frank Mankiewicz, diretor de campanha de George McGovern: “Um dos homens mais encantadores que já conheci! A figura de Fidel se destaca. É muito mais que carisma. Fidel permanece sendo uma das poucas personalidades verdadeiramente eletrizantes num mundo em que seus colegas de profissão são entediantes”.<sup>232</sup>

Temos ainda o professor esquerdista Saul Landau como exemplo: “Quando Fidel falava, eu sentia algo peculiar em sua presença. Era como se estivesse me encontrando com uma nova força da natureza. Um homem tão cheio de energia é quase de uma espécie diferente. O poder irradia dele”.<sup>233</sup>

Fidel, o assassino covarde – o verdadeiro Fidel –, transmite esse espírito a suas forças militares. Quando foram enviados a Angola, igualaram-se a Che Guevara no que se refere a desastre e fracasso em sua luta contra rebeldes angolanos da União Nacional para a Independência Total de Angola (Unita – pró-Occidente) e sul-africanos (em sua maioria tropas negras). Fidel mandou 50 mil praças a Angola e foi afugentado pelos sul-africanos, que não totalizavam 4 mil. Segundo Rafael del Pino, desertor da Força Aérea de Fidel, os MiGs cubanos na verdade receberam ordens para *evitar* confrontos aéreos, para irem embora a velocidade máxima, isso meramente por *avistarem* um Mirage sul-africano. O papel dos MiGs se resumia

apenas a apoio em terra, o que, diga-se de passagem, consistia em metralhar e bombardear vilas indefesas. Ao exercer qualquer outro papel, foram destruídos no céu como num jogo de tiro ao alvo.<sup>234</sup>

Há uma história no livro *Castro: Subversión y Terrorismo en África*, do desertor cubano Juan Benemelis, que é uma pérola. Algumas semanas antes de chegar a Angola, o general cubano Raul Diaz Arguelles posicionou-se sobre seu coldre com uma carranca à la general Patton e montou num veículo blindado com alguns colegas oficiais. Haviam chegado para arrebentar os inimigos. E queriam mostrar a genialidade tática dos oficiais de Fidel aos membros da Unita de Jonas Savimbi e aos sul-africanos. Com uma bazuca bem apontada, lá se foram os poderosos Arguelles e seus bajuladores, voando pelos ares como os homens-bala que vemos no circo. Os comandantes de Fidel sempre foram mais palhaços do que soldados. Eles fazem com que o Groucho Marx de *O Diabo a Quatro* pareça mais com Hannibal.

As poucas vitórias de Fidel em Angola se deram graças a barragens de artilharia e foguetes soviéticos contra camponeses mal armados, e, em alguns casos, os homens de Fidel usaram até gases tóxicos. Como *Evans & Novak* relataram, em 1988, citando Aubin Heyndrickx, consultor sênior de armas químicas das Nações Unidas: “Não há dúvidas: os cubanos usaram gases neurotóxicos contra as tropas em Angola”.

Em 1936, Benito Mussolini usou gases contra etíopes e transtornou a Liga das Nações. Fidel faz o mesmo – estima-se meio milhão de vítimas angolanas –, e o sucessor da Liga o indica para um cargo em sua Comissão de Direitos Humanos!

Fora das Nações Unidas, da mídia e dos bastiões progressistas, os homens de Fidel sempre perdem. Na Nicarágua, um punhado de Contras, com alguns poucos americanos, afugentou os homens de Fidel de volta para casa. Em Granada, fuzileiros navais e oficiais dos Estados Unidos varreram o solo. E a lista de derrotas segue. Três mil tropas de Fidel serviram na guerra do Yom Kippur, junto aos sírios, 500 deles dirigindo tanques T-55 pelas colinas de Golã. Ainda assim, em apenas uma semana de ataque-surpresa em Israel para se apoderar da capital, o governo sírio estava tumultuado, evacuando a capital Damasco. As forças israelenses (uma pequena fração do tamanho das forças sírio-cubanas) contra-atacaram, explodiram os tanques de Fidel e fizeram deles uma pilha de sucata.

O que justifica essa imbecilidade ímpar? Como alguém pode explicar tanta tolice causada por uns tantos asnos, como essa que infesta as forças militares de Fidel? Como *nenhum* comandante competente emergiu? Estatisticamente, deveria haver pelo menos alguns.

Em primeiro lugar, as tropas de Fidel são formadas por recrutas infelizes que provavelmente detestam o regime tanto quanto qualquer um em Miami. Eles não têm chance em guerras. Mas, acima de tudo, a megalomania e a paranoia descontroladas de seu comandante explicam as falhas e as burrices militares impressionantes de Cuba. Exércitos comunistas, em geral, e exércitos de Fidel, em particular, não

promovem oficiais por mérito em campo de batalha, e sim por estrita confiabilidade política, ou seja, promovem lacaios e covardes.

Alguns dizem que Arnaldo Ochoa foi uma exceção. Ele teria sido um comandante “brilhante” em Angola, mas, nas forças militares de Fidel, “brilhante” na verdade significa “não ser um idiota completo”. Houve indícios de que era corajoso e conseguia raciocinar por conta própria. Em 1989, esses boatos alarmantes chegaram ao ouvido de Fidel, e ele logo entrou em ação. Criou acusações fraudulentas de tráfico e de assassinato contra Ochoa e o aniquilou num pelotão de fuzilamento.

Essa política comunista de promoção serve de filtro infalível contra coragem, cérebro e ousadia – justamente as características de valor em exércitos de nações livres. O Exército de Saddam Hussein fez o mesmo.

Mas Fidel ensinou ao mundo que a realidade não importa. Assassine, empobreça e tire o povo de um país por sua conta e risco, mas proclame-se um comunista, e as pessoas de esquerda pelo mundo afora vão amá-lo.

Assim fará a autoproclamada “liderança negra” dos Estados Unidos, que, de alguma forma, sabe mais sobre Cuba do que todos os seus vizinhos haitianos, que se empilham em barcos, amontoados, na esperança de chegar não a Cuba, mas à Flórida – onde, se sobreviverem à jornada, talvez façam a vida esfregando gordura congelada e massa queimada de panelas por um salário mínimo.

Será que esses haitianos não percebem que o paraíso está numa ilha a meros cem quilômetros de sua costa oeste? Será que não escutaram Jesse Jackson cantando em louvor ao Líder Máximo? Eles devem estar distraídos em relação à TransAfrica de Randall Robinson: “Cuba possibilita acesso universal a uma boa saúde e a uma boa educação e tem uma taxa de mortalidade infantil duas vezes menor que a de Washington”.<sup>235</sup> Eles provavelmente perderam Robinson proclamando: “Qualquer tipo de problema racial que ainda exista em Cuba não chega aos pés do problema racial que precisamos discutir nos Estados Unidos”.

Será que esses haitianos não ouviram o pastor Calvin Butts dar as boas-vindas a Fidel na Igreja Batista Abissínia do Harlem, dizendo: “Faz parte da nossa tradição dar as boas-vindas a visionários, a revolucionários e àqueles que buscam a libertação de todos os povos. Deus o abençoe, Fidel!”

Quanto à demonstração de amor da igreja do Harlem, citarei diretamente o jornal *People's Weekly World*: “A principal plateia afro-americana, que inclui Charles Rangel e Nydia Velasquez, representantes nova-iorquinos do Partido Democrata, saudou o líder comunista efusivamente com uma ovação de dez minutos. Cantos de ‘Cuba si! Embargo no!’ ressoavam na multidão e mandavam uma forte mensagem de protesto ao prefeito de Nova York, Rudolph Giuliani”.

Então o piso tremeu ao som dos urros: “Fidel! Viva Fidel!” Bem, Elombe Brath, chefe da Coalizão Patrice Lumumba e presidente da reunião, perguntou à plateia: “Quem vocês preferem ver no Harlem? Fidel ou Giuliani?”

“Fidel!”, responderam, inflamados. “Fidel! Viva Fidel!” (Engraçado como, a

julgar pela emigração, haitianos negros e pobres parecem preferir Giuliani.)

Maxine Waters e Charlie Rangel podem ser idiotas úteis para Fidel, mas, em 1959, o representante do Harlem no Congresso, Adam Clayton Powell Jr., já sabia que não era bem assim. Ele aconselhou o Departamento de Estado dos Estados Unidos: “Se fosse um empresário americano, eu me afastaria o mais rápido possível. [...] Aqueles que acham que Che Guevara é um mero bom rapaz estão muito enganados. É um comunista, definitivamente. [...] E ele e Fidel já estão planejando invadir países vizinhos, como a República Dominicana”.<sup>236</sup> O congressista Powell havia acabado de retornar de uma visita a Cuba e relatava suas preocupações ao Departamento do Estado.

As informações sobre Cuba se acumulam, mas também se acumulam as bobagens sobre ela. Começando em 2002, com a campanha Levante o Embargo a todo vapor, as missões americanas “em busca de informações” começaram a surgir em Havana e aconteciam quase semanalmente. O governador Jesse Ventura, o senador Chris Dodd, o ex-presidente Jimmy Carter e muitos outros reuniram informações e descobertas valiosas, promoveram reuniões esclarecedoras e concluíram que levantar o embargo invariavelmente condenaria Fidel à perdição.

No verão de 2002, o Centro de Política Internacional organizou uma excursão em busca de informações, para satisfação dos congressistas Ed Pastor (democrata, Arizona), Lois Capps (democrata, Califórnia), Cal Dooley (democrata, Califórnia) e do ex-secretário da Agricultura (do governo Clinton) Dan Glickman. Eis alguns dos fatos encontrados.

“A viagem em busca de informações nos proporcionou uma visão mais ampla da situação em Cuba. Fidel ainda é uma figura carismática e marcante aos 77 anos de idade. Ele foi receptivo e curioso. [...] Cuba ofereceu-se para ajudar os Estados Unidos a barrar o tráfico de drogas e apresentou avanços importantes na pesquisa em biotecnologia que podem beneficiar os americanos. [...] O atendimento de saúde e a educação universais são marcas da sociedade cubana.” Nossa! Consigo ver daqui Fidel em seu abrigo, fazendo uma barricada.

Na verdade, o Líder Máximo ainda convalescia, por causa do duro ataque que sofreu do governador de Illinois, o republicano George Ryan, que fora numa missão anterior em busca de informações. Michael Sneed, jornalista do *Chicago Sun-Times*, assim interpretou aquele encontro: “Fidel fazia piadas, os dois homens provocavam-se alegremente, enquanto o restante do grupo assistia a tudo boquiaberto, na mesa de jantar”.

O presidente Fidel teve de se reerguer mais uma vez depois da impiedosa agressão do senador Arlen Specter (republicano, Pensilvânia) e de seu companheiro, o advogado Michael Smerconish. Os dois partiram numa missão “em busca de informações” um mês após Ryan. “A conversa foi fascinante”, elogiou Smerconish. “Fidel estava vibrante, animado e cortês. Sua risada preenchia o ambiente. Ele estava completamente envolvido. Era o oposto dos políticos engomados, de frases feitas, que há hoje. Nenhum assunto era problema.”

Mas, ops!, uma das “buscas por informações” falhou e levantou uma questão delicada.

“Tortura?”, Fidel franziu a testa. E então sorriu. “Há alguma prova de tortura em Cuba? Não temos muito dinheiro, mas lhe daremos tudo o que temos se você conseguir provar que alguma pessoa foi torturada aqui nos últimos 45 anos. Não há pessoas desaparecidas em Cuba.” Todos deram risada, e o assunto foi logo deixado de lado.

Steven Spielberg visitou Havana no outono de 2002. Ele chamou seu encontro com o “presidente” Fidel de “as oito horas mais importantes da minha vida”. Foi inevitável rir da reportagem na mídia sobre essa reunião. Disseram que Spielberg se encontrou com judeus cubanos, “que haviam minguado de 15 mil, antes da Revolução, para 1.300 depois”. *Minguado* – como não amar essa palavra tão inócua? A maioria desses judeus minguou entre 1959 e 1962. Não acham que teve algo a ver com o comunismo?

Enquanto Spielberg aproveitava “as oito horas mais importantes” de sua vida, um dissidente cubano, pacifista, chamado Juan Carlos González Leiva, teve uma experiência diferente: “Um oficial se sentou sobre meu peito, envolveu minha cabeça com um suéter e começou a bater na minha testa com um instrumento grosseiro, causando um ferimento pelo qual tive de levar cinco pontos”. González é cego, é preciso dizer.

Assim como é a maioria das buscas por informações americanas. O Conselho de Relações Internacionais dos Estados Unidos patrocinou uma excursão “em busca de informações” no verão de 2002. O chefe, intrépido, desvelou a seguinte pérola: “Fiquei impressionado com o compromisso de Cuba com alfabetização e saúde”.

Então aí está. Fidel Castro toma um país de Primeiro Mundo e o coloca em má situação financeira, transformando-o em uma nação de Quarto Mundo, e é celebrado por seu compromisso com a alfabetização e a saúde!

Tortura presos políticos negros, e os líderes negros e a Associação Nacional para o Desenvolvimento de Pessoas de Cor cantam em seu louvor!

Expulsa a mesma porcentagem de judeus de Cuba que Hafez Assad expulsou da Síria, e tem os judeus americanos de esquerda “babando” por ele!

Passa quatro décadas executando e prendendo jornalistas dissidentes e faz das ondas sonoras e da imprensa uma máquina de propaganda similar à soviética. Mesmo assim, recebe bajulações, beijos e declarações de amor da mídia de Washington!

Seus pelotões de fuzilamento acumulam milhares de súplicas – “*Viva Cristo rey!*” – e o Conselho Nacional de Igrejas tenta agradá-lo nos Estados Unidos!

Toma o poder num golpe armado, prende e executa todos os oponentes políticos, bane eleições e é um herói das Nações Unidas!

Para as pessoas de esquerda, não há erro com Fidel. Ele é o Super Fidel.

[229](#) José D. Cabús, *Castro ante la Historia*, Editores Mexicanos Unidos, 1963, página 24. Ver también Servando González, *The Secret Fidel Castro: Deconstructing the Symbol*, InteliBooks, 2002.

[230](#) Entrevista com Ernesto Betancourt, que é amigo de Huber Matos. O incidente também é mencionado no livro de Matos, *Cómo Llegó La Noche*, Tusquets, 2002.

[231](#) Paul Hollander, *Political Pilgrims: Travels of Western Intellectuals to the Soviet Union, China and Cuba*, Oxford University Press, 1981.

[232](#) Ibid.

[233](#) Ibid.

[234](#) Rafael del Pino, *Proa a la Libertad*, Editorial Planeta Mexicana, 1991.

[235](#) Randall Robinson, “Why Black Cuba Is Suffering”, *Essence*, julho de 1999.

[236](#) Adam Clayton Powell (congressista), William A. Wieland, Robert A. Stevenson, Registro de conversa, Washington, 12 de março de 1959, disponível em [www.latinamericanstudies.org](http://www.latinamericanstudies.org).

# EPÍLOGO

Indo para os Estados Unidos

Quando os cubanos aterrissaram aos milhares no colo dos Estados Unidos, era latente a possibilidade de haver problemas. Eles desembarcaram no sul do país como estranhos excitáveis, faladores de língua estrangeira e comedores de polvo. Candidataram-se a empregos, trabalharam e algumas vezes passaram a morar bem ao lado. Além disso, lotaram os bancos das igrejas católicas.

Minha família desembarcou em Nova Orleans – no mais negro e vingativo dos estados vermelhos sulistas. Naquela época, a cidade sediava um gigante projeto da Nasa que atraía trabalhadores braçais dos estados vizinhos: Texas, Alabama e Mississippi.

Sabemos o que os esquerdistas pensam dessas pessoas: que são os intolerantes cheios de ódio que atiraram em Peter Fonda no filme *Sem Destino* e armaram o plano para assassinar o presidente no absurdo longa *JFK – A Pergunta que Não Quer Calar*, de Oliver Stone. Os esquerdistas gostam de pensar que o Sul é um lugar racista.

Meu pai era prisioneiro político nos calabouços de La Cabaña quando chegamos à Louisiana. Toda manhã, ele ouvia os destemidos pelotões de fuzilamento de Che, cogitando quando chegaria sua vez. Minha mãe também cogitava. Eles tinham dois sobrinhos – veteranos da baía dos Porcos – que estavam sob sentença de morte. Mas minha mãe não precisava cair em desespero (a maioria dos residentes de Little Havana pode contar histórias dez vezes mais horripilantes e de partir o coração). Ela estava sozinha em um país estrangeiro, sem dinheiro ou amigos, e tinha três filhos para tomar conta, alimentar e educar de alguma maneira.

Naqueles dias, quando nos acomodamos em nosso apartamento, uma batida à porta não era exatamente reconfortante. Mas a batida veio da sra. Jeffrey, nossa nova vizinha. Ela tinha um *bouffant* loiro platinado e um sorriso amplo e estava carregando um balde de frango frito. O sr. Jeffrey também estava lá. Ele se ofereceu para ajudar na tradução de um pedido de emprego para minha mãe.

Os Jeffreys eram originalmente do Texas. Fizeram tudo o que puderam para nos ajudar. Poucos dias depois, a sra. Jeffrey levou minha mãe às compras. No dia seguinte, consolou minha mãe quando esta se pôs a chorar. O sr. Jeffrey era veterano da Segunda Guerra Mundial e da Guerra da Coreia. Ele sabia um pouco de espanhol e nunca vou me esquecer de quando ele se sentou perto do meu avô. Com seu forte sotaque texano, ele *pediu desculpas* pelo que aconteceu na baía dos Porcos – como se o ato tivesse sido *seu*, como se já não tivesse feito o bastante pela paz dos outros.

No dia seguinte, outra batida à porta. Eram nossos vizinhos de cima, sr. e sra. Simpson. Eles nos convidaram para entrar – em seu inglês pausado com sotaque sulista que achávamos hilário – e compartilhar aquela montanha de frangos e

hambúrgueres que assavam na churrasqueira. Os Simpsons tinham vindo de Birmingham, Alabama. Para Hollywood e a PBS, essa é a terra de Bull Connor e das mangueiras de incêndio, nada mais. Mas, no dia seguinte, a sra. Simpson bateu novamente e se ofereceu para nos levar à escola (todos falávamos espanhol, mas aprendemos inglês em dois meses, pois não havia educação bilíngue naqueles tempos). Ela também trazia para nós uma sacola cheia de roupas que não serviam mais em seus filhos.

No dia seguinte, veio a sra. Boudreaux, do outro lado da rua. Ela era nativa da Louisiana e constantemente animada. Trouxe uma grande tigela de *gumbo* e o telefone de um amigo que talvez tivesse um trabalho para nosso avô e – *gracias a Dios!* – falava um pouco de espanhol.

Aqui estávamos nós, no meio da garganta dos “intolerantes” e “cheios de ódio” sulistas, porém nossos vizinhos sulistas apareciam todo dia para nos ajudar. Posteriormente, quando nos mudamos para o subúrbio, outra família se tornou ainda mais especial. Anos antes, a senhora da casa havia trabalhado rebitando os cascos dos famosos barcos Higgins. Eisenhower os chamou de “os barcos que venceram a Segunda Guerra Mundial”. Um desses barcos levou seu noivo à costa de Casablanca, outro o levou a Salerno, e ainda outro o levou a Omaha Beach, onde tiros de uma metralhadora alemã atingiram suas pernas. Quase 40 anos depois, eu o vi mancando no corredor, fazendo caretas a cada passo. Até o momento em que abriu um grande sorriso ao me entregar a mão de sua filha.

Sendo membro de uma família que quase foi sufocada por sua generosidade, estou aqui para dizer que os braços desses sulistas se abriram largamente para esses estrangeiros. Minha família pousou no Sul, mas eu ouvi compatriotas relatarem histórias similares por toda a América.

Naquela época, ninguém chamava os americanos que nos receberam de “a grande geração”, mas milhares de cubanos desamparados os conheciam (e ainda se lembram deles) como “*el pueblo que nos abrió los brazos*” (o povo que nos abriu os braços). Nós amamos os Estados Unidos e aguardamos pelo dia em que os cubanos poderão aproveitar a liberdade que encontramos de Miami a Nova Orleans, de Los Angeles a Nova York. *Viva America! Viva Cuba libre!*

# AGRADECIMENTOS

Muitas pessoas me ajudaram com este livro, mas deixe-me começar com a lenda do rádio nova-iorquino Barry Farber. “Você tem de escrever esse livro, Humberto!” (isso começou quase cinco anos atrás). “Os Estados Unidos *precisam* ouvir essas coisas! – e eles precisam ouvir em inglês e especialmente no *seu* inglês! Melhor ainda, eles *querem* ouvir essas coisas. Eu ouço a resposta excitada deles quando discutimos esses assuntos no programa de rádio. As pessoas ficam *fascinadas*. Isso é *notícia*! A história pode ser uma bobagem, como disse Henry Ford, mas a história de Cuba sob o reinado assassino de Fidel, suas ameaças à nossa nação – tudo isso não é realmente ‘história’ para a maioria dos cidadãos americanos. Eles nunca ouviram isso antes. Nossa mídia evita tudo isso. Então, soa como uma história nova!”

E não se pode dizer que Barry seja um desentendido nesses assuntos. Em janeiro de 1959, quando Fidel esmagou Havana de cima de um tanque (que nunca havia disparado um tiro, aliás) declarando “Eu sou um democrata! Eu sou um humanista! Eu sou um cristão! Eu *odeio* o comunismo! Eu *odeio* ditaduras! Povo cubano, vocês têm minha palavra *solene*!”, Barry estava em Havana como repórter para a rádio NBC. Ele foi o primeiro homem da imprensa americana a entrevistar Che Guevara.

Barry insistiu: “Humberto! Se algum dia esta expressão superutilizada, a ‘história não contada’, já coube em um livro, é o livro que *você* escreveria sobre a Revolução Cubana – as coisas que discutimos no meu programa –, e agora nós temos todas essas coisas do Che Guevara, filmes, relógios, camisetas, pelo amor de Deus! Comece a trabalhar, sim?”

Bom, aqui está o livro. As informações e as análises destas páginas não surgiram sozinhas na minha cabeça. A notícia se espalhou, e uma multidão de amigos, parentes e conhecidos – alguns são verdadeiros acadêmicos, muitos outros participantes com experiência direta do drama cubano – correram para me ajudar. Um dilúvio de informações, histórias, lembranças e entendimentos veio a mim.

Depois de cada sessão, a fonte em geral tinha um amigo, primo ou sogro com mais do mesmo, muito mais do que eu poderia colocar no livro. “*Pues claro, chico!* Fulano ficaria feliz em ajudar! Ele conheceu (Fidel, Che, Raúl, Vilma, Celia, Cubela, Camilo, Batista, Pedraza ou Masferrer) pessoalmente. Ele estava (na Sierra, em Moncada, na prisão na ilha da Juventude, na praia Giron, em Escambray, no palácio presidencial ou em Angola).” Então meu anfitrião olha no relógio. “Ah! Fulano está provavelmente fazendo a *siesta* agora, mas aqui está seu telefone! Ligue para ele hoje à noite! Ele adoraria conversar!” Então, o *mesmo* processo com Fulano. (Se soa como se eu estivesse reclamando, por favor, destrua essa ideia. Eu realmente aprendi muito e de forma bastante proveitosa.)

A coisa continuou crescendo. Cada pedaço dessa enchente de informações me

surpreendia, fascinava, enraivecia, emocionava – eu simplesmente *precisava* escrever tudo aquilo. Embora tenha me especializado em Cuba durante um mestrado em estudos latino-americanos na Universidade de Tulane, não tinha a menor intenção de escrever um livro didático. A maior parte das informações que chegavam era deliciosa demais para caber no formato soporífico de um livro didático.

De qualquer forma, aqui está uma (provavelmente parcial) lista dos que me ajudaram neste projeto. Além de liberar ele mesmo um monte de informações úteis, Miguel Uría, que esteve presente em muitas reuniões entre Fidel e Che no início, que mergulhou na luta anti-Castro na primeira semana, que lutou na baía dos Porcos, que foi um preso político de Fidel e que hoje em dia edita as soberbas revistas eletrônicas *Guaracabuya* e *Amigos del Pays*, esse homem *muito* ocupado também assumiu o papel de meu guia de caça, apontando, aqui e ali, as melhores fontes nesse vasto e emaranhado campo.

Carlos Bringuier era porta-voz do Directorio Revolucionario Estudiantil no início dos anos 1960, um grupo chamado por um analista da CIA de “o mais militante e profundamente motivado de todos os grupos de exilados cubanos que buscam destituir Fidel”. Carlos também foi o homem que expulsou Lee Harvard Oswald (e quase foi deportado de volta para a Cuba de Fidel por causa de sua inconveniência) em agosto de 1963 (observe essa data atentamente). Carlos Bringuier tinha seus dois livros, *Red Friday* e *Operación Judas*, para me oferecer e então forneceu duas vezes mais informações e *insights* em entrevistas.

Tentar manter nossos impostos baixos, nossa nação forte e segura e nossos suados dólares longe das patas de Fidel parece suficiente para os senadores republicanos Lincoln e Mario Diaz-Balart. Bem, eles ainda arranjaram tempo para me ajudar – mas sempre no tempo *deles, não no de seus contribuintes*, veja bem!

Eles me colocaram em contato com o pai deles, o ex-senador cubano Raphael Diaz-Balart. O velho Diaz-Balart, enquanto me contava sobre sua relação com o jovem Fidel Castro e suas lutas com o Departamento de Estado americano e os magos e profetas da CIA, me deixou arrebatado e fascinado – e exultante de alegria. Como seria bom se, quando septuagenários, todos pudéssemos ser tão saudáveis, afiados e francamente exuberantes quanto o senhor Diaz-Balart. Na verdade, Diaz-Balart contrasta dramaticamente com seu ex-cunhado Fidel Castro nesses departamentos.

Pelo seu bem, caro leitor, e pelo meu, fiz o possível para evitar acadêmicos profissionais neste livro. Quando um aparecia, os braços cheios de páginas de bobagem pretensiosa e sempre ilegível, a boca aberta para soltar o habitual gêiser de idiotices, eu me escondia nos arbustos mais próximos. Corria para um banheiro ou subia em cima do assento de um reservado. Se me procurava em casa, fingia estar com uma doença contagiosa.

Vocês podem imaginar meu choque quando fiquei sabendo que Victor Triay, Juan Clark, Marta Pelaez, Manuel Márquez-Sterling e Armando Lago eram todos professores universitários, e que ainda assim falavam em língua normal, atraíam o

ouvinte e usavam exemplos de situações do dia a dia e de pessoas comuns! Ainda mais estranho: eles riam! Pior ainda: faziam o *ouvinte* rir! Mais estranho *ainda*: seu conhecimento é vasto e penetrante – e evitavam a banalidade idiota e o stupidificante politicamente correto que define sua profissão. De alguma maneira, o treinamento profissional e o trabalho diário desses cubano-americanos não atrofiaram suas faculdades críticas e intelectuais (*nem mesmo* seu senso de humor). Todos contribuíram com material importante para o livro.

Se alguém já escreveu mais exaustivamente ou com mais autoridade sobre a resistência armada do povo cubano ao comunismo e a Fidel do que Enrique Encinosa, eu de alguma forma o perdi, assim como a maioria dos cubano-americanos. A ajuda de Enrique para este projeto, com seus livros, filmes e análises, foi enorme. Devo muito a ele (e não apenas em serviços postais).

Enrique Ros é a maior fonte na luta anti-Castro na Flórida e fez mais furos no balão de ar de Camelot do que qualquer um. A filha do *señor* Ros, a representante republicana Ileana Ros-Lehtinen, continua a luta pela liberdade cubana e pela segurança americana (não se esqueçam, são duas faces da mesma moeda) no Congresso atualmente.

Para entender – para *realmente* chegar ao fundo – as besteiras recentes de Fidel, você apenas precisa ler a coluna do dr. Ernesto Betancourt no *El Nuevo Herald*. O dr. Betancourt trabalhou por um período breve no primeiro governo de Fidel. Hoje, é um pesquisador e a voz na Radio Martí. O dr. Betancourt tornou disponível para mim *toda* a sua pesquisa, *todas* suas análises e *todas* suas especulações bem fundamentadas. Ele foi uma tremenda ajuda neste projeto.

Néstor Carbonnel poderia ter me iluminado suficientemente com seu soberbo livro *And the Russians Stayed: The Sovietization of Cuba*. Mas não; ele continuou me ajudando ao responder todas as minhas questões sobre os primeiros anos do conflito entre Fidel e os Estados Unidos no que se refere a motivos, estratégias, personalidades, manobras e desonestidade dos bastidores. O sr. Carbonnel esteve envolvido em pessoa e compartilhou sua experiência e suas percepções generosamente. Ele foi um presente para este trabalho.

Na Rússia de Stalin, era *gulag*. Na Cuba de Fidel, Umap significava a mesma coisa. Emilio Izquierdo pode lhe contar sobre eles. Aos 18 anos, foi recolhido sob a mira de uma metralhadora russa e arrastado para os campos cercados de arame farpado. Seu crime? “Ativo em associações católicas”, dizia o documento de Fidel. Hoje, Emilio é o chefe da associação de ex-prisioneiros da Umap em Miami. Tive a sorte de ter Emilio como fonte e inspiração neste livro.

Eusebio Peñalver, Angel de Fana, Ernesto Díaz Rodriguez e Mario Chanes de Armas, todos passaram mais tempo na Umap de Fidel do que Solzhenitsyn sofreu com Stalin. Na verdade, ficaram presos pelo triplo do tempo. Esses homens representam os presos políticos que permaneceram mais tempo em cativeiro no século. Poderiam facilmente ter escapado desse longo sofrimento jogando o joguinho de Fidel, aceitando aulas de “reabilitação”, usando o uniforme de

prisioneiros comuns. Fidel fez a oferta várias vezes.

Fidel teve sua resposta de forma tão clara e rápida quanto o comandante alemão que cercou Bastogne teve a sua. “Parece estranho, mas nenhum homem em Cuba é livre como um preso político em sua rebelião”, diz Francisco Chappi, por muito tempo um preso político de Fidel. “Nós fomos torturados, passamos fome. Mas vivíamos um desafio total.”

“Dentro de nossas almas, éramos livres”, diz outro ex-presos político chamado Sergio Carillo, paraquedista na baía dos Porcos em 1961 e hoje padre católico nos Estados Unidos. “Nós nos *recusamos* a cometer suicídio espiritual”, sublinha o padre Carillo.

Por um segundo, vamos conter nossa raiva da mídia de esquerda e de Hollywood por ignorar pomposamente esses homens e em vez disso louvar Fidel, seu carcereiro. Hoje, esses ex-presos políticos conduzem uma organização em Miami chamada Plantados Hasta la Libertad en Cuba. Eles também me ajudaram com este livro, com suas memórias, é claro, mas ainda mais com o exemplo de sua coragem e sua força de espírito. Amigos, sempre que pensarem estar em um dia ruim, deem uma palavrinha com esses homens.

Em 18 de abril de 1961, as forças de Fidel, treinadas e comandadas pelos soviéticos, estavam sendo tão esmagadas por homens completamente abandonados, em número 40 vezes menor, que pelo menos duas fontes afirmam que um desesperado Fidel Castro chegou a sujar as calças em público de tanto pânico. O homem responsável pelo desconforto malcheiroso de Fidel naquele dia era um militar pré-Castro, hoje general aposentado pelo Exército americano, Erneido Oliva. Quando seus homens traídos, dizimados, sedentos e sem munição finalmente foram superados (mas não derrotados) pelos vagabundos de Fidel na baía dos Porcos, Oliva rosou para o eunuco sem cérebro que era seu oponente, José Fernandez (um espanhol, tecnicamente): “A única razão pela qual *você* está apontando uma arma para *nós* agora, Fernandez, é porque estamos sem munição”.

Durante quase dois anos nas prisões de Fidel, Oliva e seus homens viveram sob uma sentença de morte diária. Escapar dela teria sido fácil: era preciso apenas assinar uma pequena confissão (comunistas *simplesmente amam* papelada mentirosa!) dizendo que eram “mercenários dos ianques imperialistas”.

Nem Oliva, nem nenhum de seus homens assinaram o documento. Suas centenas de homens permaneceram firmes com seu comandante. “Morreremos com dignidade!”, disse Oliva para um furioso Fernandez várias e várias vezes. Para um castrista, essa atitude não apenas irrita, mas desconcerta. É uma honra incluir o nome do general Erneido Oliva entre aqueles que me ajudaram neste projeto.

Entre os muitos veteranos da baía dos Porcos que ajudaram estão Alerto “Pilo” Fontova, Fernando Marquet e Esteban Bovo – partes de uma lista longa demais para mencionar. A estrela do rádio Ninoska Perez-Castellon também esteve disponível, informando-me, dirigindo e divertindo. A *señora* Ela Manero me poupou de muitas idas à biblioteca com sua meticulosa pesquisa.

Considerando o assunto, este livro poderia ter sido bastante maçante. Eu gosto de

pensar que contornei isso e o fiz com a imensurável ajuda dos meus colaboradores. Então, amigos e amigas: *muchísimas gracias!*

Mais uma coisa: na reta final deste livro, com minha língua pendurada, a multidão gritando, a linha de chegada à vista, quase perdi a vida em um acidente horrível em 11 de setembro de 2004.

Fui jogado da minha bicicleta e mergulhei do alto de uma ponte, ricochetei em afiadas vigas de aço na descida e finalmente aterrissei, cabeça e rosto primeiro, 20 metros abaixo, em pedras afiadas. Fiquei lá, inconsciente e sangrando abundantemente por meia hora, até que um passante correu para me resgatar.

O resultado: uma fratura no crânio, hematomas subdérmicos, olho e órbita destruídos, um corte de 20 centímetros na testa com o crânio rachado exposto, perna e quadril quebrados em seis lugares, cinco costelas quebradas junto com mão e braço e diversos ferimentos internos. Nos primeiros dias de UTI, minha sobrevivência era uma especulação. Isso foi resolvido. Então, veio a especulação sobre paralisias, vida em uma cadeira de rodas (eu sou maníaco pelo ar livre, não era uma perspectiva animadora). Resolvemos isso também. Então, especulou-se sobre dano cerebral grave como consequência do terrível trauma na cabeça (eu escrevo e falo para ganhar a vida; de novo, não era uma perspectiva animadora).

Bem, para terminar essa história deprimente, neste último Natal, por um processo que não pode ser facilmente explicado pelas ótimas pessoas que retiraram orações das escolas e presépios dos tribunais, eu me encontrei não apenas celebrando alegremente as festas e o término deste livro, mas também o aniversário de 78 anos do meu pai, meu 26º aniversário de casamento, 55 anos de casados dos meus pais e o noivado da minha filha – além de *dançar* nas mais variadas e animadas festas! E estou falando de tudo, de *hustle and bump* até *bootie-scootin boogie* e chá-chá-chá. Eu estava usando muletas e um tapa-olho – então, tudo bem, eu não era exatamente o John Travolta, mas, ainda assim!

Isso cobre a recuperação física, mas e quanto ao dano cerebral? Bem, essas festividades alegres me encontraram envolvente, espirituoso, erudito, reluzente, falante, tempestuoso... Ah, oi, querida (minha querida esposa frequentemente lê por cima do meu ombro, fazendo sugestões úteis).

“Isso foi um pouco prolixo, Humberto. Apenas escreva ‘do modo desagradável de sempre’.”

“Obrigado, querida!” Você entendeu, amigo. Graças a um coro de orações, graças a uma positiva e sufocante avalanche de apoio moral (e físico) da minha família e a uma multidão de – de forma alguma oportunistas – amigos (liderados por Chris e Cindy Keys, com a família Raymond), me encontro firme e de volta na sela. Este livro é o resultado do processo.

# BIBLIOGRAFIA

## Livros em espanhol

ALFONSO, Pablo. *Cuba, Castro y los Católicos*. Hispamerican Books, 1985.

ARTIME, Manuel F. *Traición! Gritan 20,000 Tumbas Cubanas*. Editorial Jus, 1960.

BARQUÍN, Ramón M. *El Día que Fidel Castro se Apoderó de Cuba: 72 Horas Trágicas para la Libertad en Las Américas*. Editorial Rambar, 1978.

BATISTA, Fulgencio. *Paradojas*. Ediciones Botas, 1963.

\_\_\_\_\_. *Piedras y Leyes*. Ediciones Botas, 1961.

\_\_\_\_\_. *Respuesta*. Manuel León Sánchez S.C.L., 1960.

BENEMELIS, Juan. *Castro, Subversión y Terrorismo en África*. Editorial San Martín, 1984.

\_\_\_\_\_. *Las Guerras Secretas de Fidel Castro*. Fundación Elena Mederos, 2002.

BOZA MASVIDAL, Eduardo. *Voz en el destierro*. Revista *Ideal*, 1997.

BERUVIDES, Esteban. *Cuba: Anuario Histórico 1960*. 2 vols. Colonial Press International, 1998.

\_\_\_\_\_. *Cuba: Anuario Histórico 1961*. 2 vols. Colonial Press International, 1998-2000.

\_\_\_\_\_. *Cuba: Anuario Histórico 1959-63: Índices Onomásticos*. Colonial Press International, 2000.

\_\_\_\_\_. *Cuba: Anuario Histórico 1962*. 12th Ave. Graphics, 1995.

\_\_\_\_\_. *Cuba: Anuario Histórico 1963*. 12th Ave. Graphics, 1995.

\_\_\_\_\_. *Cuba: Anuario Histórico 1964*. 2 vols. Colonial Press International, 2000.

\_\_\_\_\_. *Cuba: Anuario Histórico 1965*. 2 vols. Colonial Press International, 2001-02.

\_\_\_\_\_. *Cuba: Anuario Histórico 1990*. 12th Ave. Graphics, 1994.

\_\_\_\_\_. *Cuba: Anuario Histórico 1991*. AD Ventures International, 1992.

\_\_\_\_\_. *Cuba: Anuario Histórico 1994 Septiembre-Diciembre*. Colonial Press International, 2001.

\_\_\_\_\_. *Cuba: Los Crímenes Impunes de Fidel Castro*. Colonial Press International, 1999.

\_\_\_\_\_. *Cuba: Microbiografía de Fiscales y Miembros de los Tribunales Revolucionarios*. Colonial Press International, 2003.

\_\_\_\_\_. *Cuba y Su Presidio Político*. 12th Ave. Graphics, 1992.

- \_\_\_\_\_. *Cuba y Sus Mártires*. 12th Ave. Graphics, 1993.
- CALATAYUD, Antonio. *El Testamento de los Desheredados*. Editorial Ponce, 1981.
- CASTRO, Fidel. *Pensamiento Político, Económico y Social de Fidel Castro*. Editorial Lex, 1959.
- \_\_\_\_\_. *Por el Camino Correcto*. Editora Política, 1987.
- CLARK, Juan. *Cuba: Mito y Realidad: Testimonios de un Pueblo*. Saeta Ediciones, 1992.
- CLARK, Juan; FANA, Ángel de; SÁNCHEZ, Amaya. *Human Rights in Cuba: An Experiential Perspective*. Research Institute for Cuba Studies, 1991.
- COMISIÓN DE JURISTAS DEL COLEGIO DE ABOGADOS DE LA HABANA, EN EL EXILIO. *El Caso de Cuba ante el Derecho Internacional*. AIP, 1967.
- II CONGRESO DEL PARTIDO COMUNISTA DE CUBA. *Informe Central: Presentado por el Compañero Fidel Castro Ruz, Primer Secretario del Comité Central del Partido Comunista de Cuba*. Editora Política, 1980.
- CONTE, Agüero Luis. *Los Dos Rostros de Fidel Castro*. Editorial Jus, 1960.
- \_\_\_\_\_. *Paredón!* Colonial Press, 1962.
- CRESPO FRANCISCO, Julio. *Bandidismo en el Escambray: 1960-1965*. Editorial de Ciencias Sociales, 1986.
- DEL PINO, Rafael. *Proa a la Libertad*. Editorial Planeta Mexicana, 1991.
- DIAZ VERNON, Salvador. *Canibales del Siglo XX*. Editoria Libertad, 1962.
- \_\_\_\_\_. *Cuando la Razón se Vuelve Inútil*. Ediciones Botas, 1962.
- \_\_\_\_\_. *Ya el Mundo Oscurece*. Ediciones Botas, 1961.
- ENCINOSA, Enrique. *Cuba en Guerra: Historia de la Oposición Anti-Castrista 1959-1993*. The Endowment for Cuba American Studies, 1994.
- \_\_\_\_\_. *Escambray: La Guerra Olvidada*. Editorial Sibi, 1989.
- FERNÁNDEZ, Alina. *Alina: Memorias de la Hija Rebelde de Fidel Castro*. Plaza/ Janés Editores, 1997.
- FRANQUI, Carlos. *Vida, Aventuras y Desastres de un Hombre Llamado Castro*. Fasciculos Planeta, 1989.
- FUENTES, Norberto. *Cazabandido*. Arca Editorial, 1970.
- HOLLANDER, Paul. *Los Peregrinos de la Habana*. Playor, 1981.
- MATOS, Huber. *Cómo Llegó la Noche*. Tusquets Editores, 2002.
- MEDRANO, Humberto. *Sin Patria pero Sin Amo*. Service Offset Printers, 1963.
- MONTANER, Carlos Alberto. *Cuba: Un Siglo de Doloroso Aprendizaje*. Brickell Communications Group, 2002.
- \_\_\_\_\_. *Fidel Castro y La Revolución Cubana*. Transaction Publishers, 1984.
- \_\_\_\_\_. *Informe Secreto Sobre la Revolución Cubana*. Ediciones Sedmay, 1976.
- \_\_\_\_\_. *Viaje al Corazón de Cuba*. Random House Español, 1999.
- ORTEGA, Luis. *Yo Soy El Che!* Ediciones Monroy-Padilla, 1970.

- PARDO LLADA, José. *El "Che" que Yo Conocí*. Editorial Bedoubt, 1973.
- PENABAZ, Manuel. *La Trampa*. Zoom Publishing, Inc., 1983.
- PORTELL-VILÁ, Herminio. *Nueva Historia de la República de Cuba: 1898-1979*. Editora Corripio, 1986.
- POSADA CARRILES, Luis. *Los Caminos del Guerrero*. [s.n.], 1994.
- RODRIGUEZ CRUZ, Juan Carlos. *Hombres del Escambray*. Editorial Capitán San Luis, 1990.
- RUIZ, Leovigildo. *Diario de una Traición, Anuario Político Cubano*. Editorial Lorie, 1965.
- \_\_\_\_\_. *Diario de una Traición (Cuba 1959)*. Editorial Lorie, 1965.
- SANTOVENIA, Emeterio S. *Cuba y Su Historia*, 4 vols. Cuba Corporation Inc., 1966.
- Suárez, Andrés. *Cuba: Castroism and Communism, 1959-1966*. M.I.T. Press, 1967.
- SUÁREZ NUÑEZ, José. *El Gran Culpable: ¿Cómo 12 Guerrilleros Aniquilaron a 45.000 Soldados?* [s.n.], 1963.
- TAIBO II, Paco Ignacio. *La Batalla del Che*. Fasciculos Planeta, 1989.
- VALLADARES, Armando. *Contra Toda Esperanza*. Plaza/ Janés Editores, S.A., 1985.
- VIVÉS, Juan. *Los Amos de Cuba*. Buenos Aires: Emecé Editores, 1982.

### **Livros publicados pela Ediciones Universal, Miami, Flórida**

- AGUIRRE, Rafael. *Amanecer (Historias del Clandestinaje/ La Lucha de la Resistencia contra Castro Dentro de Cuba)*, 1996.
- ARENAS, Reinaldo. *Necesidad de Libertad*, 2001.
- ASOCIACIÓN NACIONAL DE EDUCADORES CUBANO-AMERICANOS Y HERENCIA CULTURAL CUBANA. *Cuba: Exilio y Cultura. Memoria del Congreso del Milenio*, 2002-03.
- BETANCOURT, Ernesto F. *De la Patria de Uno a la Patria de Todos*, 2001.
- BRINGUIER, Carlos. *Operación Judas*, 1994.
- CARRILLO, Justo. *A Cuba le Tocó Perder*, 1993.
- CASTROVERDE, Waldo de. *Que la Patria se Sienta Orgullosa (Memorias de Una Lucha sin Fin)*, 1999.
- CÓRDOVA, Efrén. *Clase Trabajadora y Movimiento Sindical en Cuba I 1819-1959*, 1995.
- CÓRDOVA, Efrén (org.). *40 Años de Revolución Cubana: El Legado de Castro*, 1999.
- CORTINA, Néstor Carbonell. *Por la Libertad de Cuba*, 1996.
- DAUSÁ, José Enrique. *Luchas y Combates Inconclusos por Cuba: Memorias*, 2001.
- FUENTES, Norberto. *La Autobiografía de Fidel Castro*, 2003.

- \_\_\_\_\_. *Narcotráfico y Tareas Revolucionarias: El Concepto Cubano*, 2002.
- GUERRA, Felicia; ÁLVAREZ-DETRELL, Tamara. *Balseros: Historia Oral del Éxodo Cubano del '94*, 1997.
- GUTIÉRREZ DE LA SOLANA, Alberto. *Apuntes Documentados de la Lucha por la Libertad de Cuba*, 1998.
- HOROWITZ, Irving L. *El Comunismo Cubano 1959-1979*, 1980.
- LAGO, Carmelo Mesa. *Dialéctica de la Revolución Cubana*, 1980.
- LEANTE, César. *Revive Historia: Anatomía del Castrismo*, 2003.
- LEÓN, Luis Aguilar. *Cuba, Conciencia y Revolución*, 1972.
- \_\_\_\_\_. *Reflexiones Sobre Cuba y Su Futuro*, 2001.
- MARRERO, Levi. *Cuba: Economía y Sociedad*, 1992.
- MARTÍN, Américo. *América y Fidel Castro*, 2001.
- MONTANER, Carlos Alberto. *Cuba Hoy (La Lenta Muerte del Castrismo)*, 1996.
- OROPESA, José Duarte. *Historiología Cubana*, 2002.
- ROS, Enrique. *Años Críticos*, 1996.
- \_\_\_\_\_. *Castro y las Guerrillas en Latinoamérica*, 2001.
- \_\_\_\_\_. *Cubanos Combatientes: Peleando en Distintos Frentes*, 1998.
- \_\_\_\_\_. *Ernesto Che Guevara: Mito y Realidad*, 2002.
- \_\_\_\_\_. *De Girón a la Crisis de los Cohetes: la Segunda Derrota*, 1995.
- \_\_\_\_\_. *Playa Girón, la Verdadera Historia*, 1994.
- \_\_\_\_\_. *La Umap: El Gulag Castrista*, 2003.
- RUIZ, Leovigildo. *Diario de una Traición, Anuario Político Cubano*, s.d.
- \_\_\_\_\_. *Diario de una Traición (Cuba 1960)*, s.d.
- \_\_\_\_\_. *Diario de una Traición (Cuba 1961)*, s.d.
- SONEIRA, Teresa Fernández. *Con la Estrella y la Cruz – Historia de la Federación de las Juventudes de Acción Católica Cubana*, 2002.
- TALLEDA, Miguel L. *Alpha 66 y su Histórica Tarea*, 1995.

## Sites em espanhol

- [www.aguadadepasajeros.bravepages.com/](http://www.aguadadepasajeros.bravepages.com/)
- [www.camcocuba.org/](http://www.camcocuba.org/)
- [www.canf.org/](http://www.canf.org/) (Cuban American National Foundation)
- [www.contactomagazine.com/](http://www.contactomagazine.com/)
- [www.cubacenter.org/](http://www.cubacenter.org/)
- [www.cubafreepress.org/art/cubap990609d.html](http://www.cubafreepress.org/art/cubap990609d.html)
- [www.cubancenter.org/](http://www.cubancenter.org/)
- [www.cubanet.org/](http://www.cubanet.org/)
- [www.cuban-exile.com/](http://www.cuban-exile.com/)
- [www.cubapolidata.com/cafr/news/1998.html](http://www.cubapolidata.com/cafr/news/1998.html)
- [www.diarionoticubainternacional.com/cubamundo](http://www.diarionoticubainternacional.com/cubamundo)

[www.elveraz.com/](http://www.elveraz.com/)  
[www.fiu.edu/](http://www.fiu.edu/) (Florida International University)  
[www.futurodecuba.org/](http://www.futurodecuba.org/)  
[www.lanuevacuba.com/master.htm](http://www.lanuevacuba.com/master.htm)  
[www.latinamericanstudies.org/](http://www.latinamericanstudies.org/)  
[www.martinoticias.com/](http://www.martinoticias.com/)  
[www.members.aol.com/Guanabacoa](http://www.members.aol.com/Guanabacoa)  
[www.neoliberalismo.com/interterr.htm](http://www.neoliberalismo.com/interterr.htm)  
[www.netforcuba.org/](http://www.netforcuba.org/)  
[www.nocastro.com/](http://www.nocastro.com/)  
[www.penhacubana.com/](http://www.penhacubana.com/)

## Livros em inglês

- ABEL, Elie. *The Missile Crisis*. Bantam Books, s.d.
- ANDERSON, Jon Lee. *Che Guevara: A Revolutionary Life*. Grove Press, 1997.
- ARENAS, Reinaldo. *Before Night Falls: A Memoir*. Viking, 1993.
- AYERS, Bradley Earl. *The War That Never Was: An Insider's Account of CIA Covert Operations against Cuba*. The Bobbs-Merrill Company, 1976.
- AZICRI, Max. *Cuba: Politics, Economics and Society*. Pinter Publishers, 1988.
- BATISTA, Fulgencio. *Cuba Betrayed*. Vantage Press, 1962.
- \_\_\_\_\_. *The Growth and Decline of the Cuban Republic*. The Devin-Adair Company, 1964.
- BESCHLOSS, Michael. *The Crisis Years: Kennedy and Khrushchev, 1960-1963*. HarperCollins, 1992.
- BETHEL, Paul. *The Losers: The Definitive Report, by an Eyewitness, of the Communist Conquest of Cuba and the Soviet Penetration in Latin America*. Arlington House, 1969.
- BLASIER, Cole; MESO-LAGO Carmelo (orgs.). *Cuba in the World*. University of Pittsburgh Press, 1979.
- BLIGHT, James G.; WELCH, David A. *On the Brink: Americans and Soviets Reexamine the Cuban Missile Crisis*. Hill and Wang, 1989.
- BLIGHT, James G.; KORNBLUH, Peter. (orgs.). *Politics of Illusion: The Bay of Pigs Invasion Reexamined*. Lynne Rienner Publishers, 1998.
- BONACHEA, Ramón L.; MARTÍN, Marta San. *The Cuban Insurrection: 1952-1959*. Transaction Books, 1974.
- BONACHEA, Ramon; VALDES, Nelson P. *Cuba in Revolution*. Anchor Books, 1972.
- BONSAL, Philip W. *Cuba, Castro, and the United States*. University of Pittsburgh Press, 1972.
- BOURNE, Peter G. *Fidel: A Biography of Fidel Castro*. Dodd, Mead & Company, 1986.

- BREUER, William B. *Vendetta!: Fidel Castro and the Kennedy Brothers*. John Wiley & Sons, 1998.
- BRIGADA 2.506. *La Sentencia: Brigada de Asalto 2506*. [s.n.], s.d.
- BROWN, Charles L.; LAGO, Armando M. *The Politics of Psychiatry in Revolutionary Cuba*. Transaction Publishers, 1991.
- BRUGIONI, Dino A. *Eyeball to Eyeball: The Inside Story of the Cuban Missile Crisis*. Random House, 1991.
- CALZON, Frank. *Castro's Gulag: The Politics of Terror*. Council for Inter-American Security, 1979.
- CANTOR, Jay. *The Death of Che Guevara*. Vintage Books, 1983.
- CARBONELL, Nestor. *And the Russians Stayed: The Sovietization of Cuba*. William Morrow and Co., 1989.
- CASTRO, Fidel. *History Will Absolve Me*. Jonathan Cape, 1968.  
\_\_\_\_\_. *My Early Years*. Ocean Press, 1998.
- CASUSO, Teresa. *Cuba and Castro*. Random House, 1961.
- CENTRAL INTELLIGENCE AGENCY. *The Secret Cuban Missile Crisis Documents*. Brassey's, 1994
- CHESTER, Edmund A. *A Sergeant Named Batista*. Henry Holt and Co., 1954.
- CIA Targets Fidel: Secret 1967 CIA Inspector General's Report on Plots to Assassinate Fidel Castro*. Ocean Press, 1996.
- COLTMAN, Leycester. *The Real Fidel Castro*. Yale University Press, 2003.
- CONDE, Yvonne M. *Operation Pedro Pan: The Untold Exodus of 14,048 Cuban Children*. Routledge, 1999.
- DANIEL, James; HUBBELL, John G. *Strike in the West: The Complete Story of the Cuban Crisis*. Holt, Rinehart and Winston, 1963.
- DEBRAY, Régis. *Che's Guerrilla War*. Penguin Books, 1975.  
\_\_\_\_\_. *Revolution in the Revolution? Armed Struggle and Political Struggle in Latin America*. Grove Press, 1967.
- DEUTSCHMANN, David (org.). *Che Guevara Reader: Writings on Guerrilla Strategy, Politics & Revolution*. Ocean Press, 1997.
- DIDION, Joan. *Miami*. Pocket Books, 1987.
- DOMÍNGUEZ, Jorge I. *Cuba: Order and Revolution*. Belknap Press, 1978.  
\_\_\_\_\_. *To Make a World Safe for Revolution: Cuba's Foreign Policy*. Harvard University Press, 1989.
- DORSCHNER, John; FABRICIO, Roberto. *The Winds of December: The Cuban Revolution, 1958*. Macmillan London Limited, 1980.
- DRAPER, Theodore. *Castroism: Theory and Practice*. Frederick A. Praeger, 1965.  
\_\_\_\_\_. *Castro's Revolution: Myths and Realities*. Frederick A. Praeger, 1962.
- DREKE, Victor. *From the Escambray to the Congo*. Pathfinder, 2002.
- DUBOIS, Jules. *Fidel Castro: Rebel, Liberator or Dictator?* Bobbs-Merrill, 1959.
- DUMONT, René. *Cuba: Socialism and Development*. Grove Press, 1970.

- \_\_\_\_\_. *Is Cuba Socialist?* Andre Deutsch, 1974.
- EIRE, Carlos. *Waiting for Snow in Havana: Confessions of a Cuban Boy*. The Free Press, 2003.
- ENCINOSA, Enrique. *Cuba: The Unfinished Revolution*. Eakin Press, 1988.
- \_\_\_\_\_. *Unvanquished: Cuba's Resistance to Fidel Castro*. Pureplay Press, 2004.
- ESCALANTE, Fabián. *The Secret War: CIA Covert Operations against Cuba, 1959-62*. Ocean Press, 1995.
- FALCOFF, Mark. *The Cuban Revolution and the United States: A History in Documents 1958-1960*. U.S. Cuba Press, 2001.
- FAURIOL, Georges; LOSER, Eva. *Cuba: The International Dimension*. Transaction Publishers, 1990.
- FERNANDEZ, Alina. *Castro's Daughter: An Exile's Memoir of Cuba*. St. Martin's Griffin, 1998.
- FERRER, Edward B. *Operation Puma: The Air Battle of the Bay of Pigs*. Trade Litho, 1982.
- FONTAINE, Roger W. *Terrorism: The Cuban Connection*. Crane Russak & Company, 1988.
- FRANQUI, Carlos. *Diary of the Cuban Revolution*. The Viking Press, 1976.
- \_\_\_\_\_. *Family Portrait with Fidel: A Memoir*. Vintage Books, 1985.
- FURSENKO, Aleksandr; NAFTALI Timothy. *"One Hell of a Gamble": Kruschchev, Castro, and Kennedy, 1958-1964*. W. W. Norton & Co., 1997.
- General Del Pino Speaks: An Insight into Elite Corruption and Military Dissension in Castro's Cuba*. Cuban American National Foundation, 1987.
- GEYER, Georgie Anne. *Guerrilla Prince: The Untold Story of Fidel Castro*. Little, Brown & Co., 1991.
- GUEVARA, Ernesto. *The Diary of Che Guevara*. Bantam Books, 1968.
- \_\_\_\_\_. *Guerrilla Warfare*. Vintage Books, 1969.
- \_\_\_\_\_. *Man & Socialism in Cuba*. Book Institute, 1967.
- \_\_\_\_\_. *Reminiscences of the Cuban Revolutionary War*. Monthly Review Press, 1968.
- HAIG, Jr., Alexander M. *Inner Circles; How America Changed the World*. Warner Books, 1992.
- HALPERIN, Maurice. *The Taming of Fidel Castro*. University of California Press, 1981.
- HIGGINS, Trumbull. *The Perfect Failure: Kennedy, Eisenhower, and the CIA at the Bay of Pigs*. W. W. Norton & Co., 1989.
- HINCKLE, Warren; TURNER, William. *The Fish Is Red: The Story of the Secret War against Castro*. Harper & Row, 1981.
- HOLLANDER, Paul. *Political Pilgrims; Travels of Western Intellectuals to the Soviet Union, China and Cuba*. Oxford University Press, 1981.
- HUNT, Howard, E. *Give us This Day*. Arlington House, 1973.
- \_\_\_\_\_. *Undercover: Memoirs of an American Secret Agent*. Putnam, 1974.

- INFANTE, Guillermo Cabrera. *Mea Cuba*. Plaza/ Janés Editores, 1992.
- JAMES, Daniel. *Che Guevara: A Biography*. Stein and Day/ Publishers, 1969.
- JOHNSON, Haynes. *The Bay of Pigs: The Leaders' Story of Brigade 2.506*. W. W. Norton & Co., 1964.
- KENNEDY, Robert F. *Thirteen Days: A Memoir of the Cuban Missile Crisis*. W. W. Norton & Co., 1969.
- KORNBLUH, Peter (org.). *Bay of Pigs Declassified: The Secret CIA Report on the Invasion of Cuba*. The New Press, 1998.
- LAZO, Mario. *Dagger in the Heart: American Policy Failures in Cuba*. Funk & Wagnalls, 1968.
- LEVINE, Robert M. *Secret Missions to Cuba: Fidel Castro, Bernardo Benes, and Cuban Miami*. Macmillan, 2001.
- LLERENA, Mario. *The Unsuspected Revolution: The Birth and Rise of Castroism*. Cornell University Press, 1978.
- LLOVIO-MENÉNDEZ, José Luis. *Insider: My Hidden Life as a Revolutionary in Cuba*. Bantam Books, 1988.
- LOCKWOOD, Lee. *Castro's Cuba, Cuba's Fidel: An American Journalist's Inside Look at Today's Cuba, in Text and Picture*. Vintage Books, 1969.
- LÓPEZ-FRESQUET, Rufo. *My Fourteen Months with Castro*. The World Publishing Company, 1966.
- LORENZO, Orestes. *Wings of the Morning: The Flights of Orestes Lorenzo*. St. Martin's Press, 1994.
- LYNCH, Grayston L. *Decision for Disaster: Betrayal at the Bay of Pigs*. Brassey's, 1998.
- MACAULAY, Neill. *A Rebel in Cuba: An American's Memoir*. Quadrangle Books, 1970.
- MALLIN, Jay. *Covering Castro: Rise and Decline of Cuba's Communist Dictator*. U.S.-Cuba Institute Press, 1994.
- \_\_\_\_\_. *Fortress Cuba: Russia's American Base*. Henry Regnery Company, 1965.
- MANKIEWICZ, Frank; KIRBY, Jones. *With Fidel: A Portrait of Castro and Cuba*. Playboy Press, 1975.
- MANRARA, Luis V. *Betrayal Opened the Door to Russian Missiles in Red Cuba*. The Truth about Cuba Committee, Inc., 1968.
- MÁRQUEZ-STERLING, Manuel. *Historia de la Isla de Cuba*. Regents Publishing Company, 1975.
- MARTINO, John. *I Was Castro's Prisoner: An American Tells His Story*. Devin-Adair Company, 1963.
- MATTHEWS, Herbert L. *The Cuban Story*. George Braziller, 1961.
- \_\_\_\_\_. *Fidel Castro*. Simon and Schuster, 1969.
- \_\_\_\_\_. *Revolution in Cuba: An Essay in Understanding*. Charles Scribner's Sons, 1975.
- MEYER, Karl E.; SZULC, Tad. *The Cuban Invasion: The Chronicle of a Disaster*.

- Frederick A. Praeger, 1962.
- MICHENER, James; KING, A. *Six Days in Havana*. University of Texas Press, 1989.
- MILLER, Tom. *Trading with the Enemy: A Yankee Travels Through Castro's Cuba*. Atheneum, 1992.
- MONTANER, Carlos Alberto. *Cuba, Castro and the Caribbean*. Transaction Books, 1985.
- NAVARRO, Antonio. *Tocayo: A Cuban Resistance Leader's True Story*. Sandown Books, 1981.
- Operation Zapata: The "Ultrasensitive" Report and Testimony of the Board of Inquiry on the Bay of Pigs*. Aletheia Books, 1981.
- OPPENHEIMER, Andres. *Castro's Final Hour: The Secret Story Behind the Coming Downfall of Communist Cuba*. Simon and Schuster, 1992.
- PATTERSON, Thomas G. *Contesting Castro: The United States and the Triumph of the Cuban Revolution*. Oxford University Press, 1994.
- PÉREZ-STABLE, Marifeli. *The Cuban Revolution: Origins, Course, and Legacy*. Oxford University Press, 1993.
- PERSONS, Albert C. *Bay of Pigs: A Firsthand Account of the Mission by a U.S. Pilot in Support of the Cuban Invasion Force in 1961*. McFarland & Co., 1990.
- PHILLIPS, Ruby Hart. *The Cuba Dilemma*. Ivan Obolensky, Inc., 1962.
- QUIRK, Robert E. *Fidel Castro*. W. W. Norton & Co., 1993.
- RATLIFF, William. *The Selling of Fidel Castro: The Media and the Cuban Revolution*. Transaction Books, 1987.
- RIEFF, David. *The Exile: Cuba in the Heart of Miami*. Simon & Schuster, 1993.
- RODRIGUEZ, Ana; GARVIN, Glenn. *Diary of a Survivor: Nineteen Years in a Cuban Women's Prison*. St. Martin's Press, 1995.
- RODRIGUEZ, Felix I.; WEISMAN, John. *Shadow Warrior: The CIA Hero of a Hundred Unknown Battles*. Simon & Schuster, 1989.
- RUSSO, Gus. *Live by the Sword; The Secret War against Castro and the Death of JFK*. Bancroft Press, 1998.
- SCHLESINGER, Arthur. *A Thousand Days*. Houghton Mifflin Company, 1980.
- SMITH, Earl E. T. *The Fourth Floor: An Account of the Castro Communist Revolution*. Random House, 1962.
- SUHLICKI, Jaime. *Cuba: From Columbus to Castro*. Pergamon-Brassey's, 1987.
- \_\_\_\_\_. *The Cuban Military under Castro*. University of Miami Press, 1989.
- SWEIG, Julia. *Inside the Cuban Revolution: Fidel Castro and the Urban Underground*. Harvard College, 2002.
- SZULC, Tad. *Fidel: A Critical Portrait*. William Morrow, 1986.
- TABER, Robert. *M-26: The Biography of a Revolution*. Lyle Stuart, 1961.
- THOMAS, Hugh. *Cuba: The Pursuit of Freedom*. Harper & Row, 1971.
- THOMPSON, Robert Smith. *The Missiles of October*. Simon & Schuster, 1992.
- TIMERMAN, Jacobo. *Cuba: A Journey*. Vintage Books, 1992.

- TRIAY, Victor Andres. *Bay of Pigs: An Oral History of Brigade 2.506*. University Press of Florida, 2001.
- TULLY, Andrew. *White Tie and Dagger*. Pocket Books, 1968.
- URRUTIA, Manuel. *Fidel Castro & Company*. Frederick Praeger, s.d.
- WEYL, Nathaniel. *Red Star over Cuba: The Russian Assault on the Western Hemisphere*. The Devin-Adair Company, 1960.
- WHITE, Mark J. *The Kennedys and Cuba: The Declassified Documentary History*. Ivan R. Dee, 1999.
- \_\_\_\_\_. *Missiles in Cuba: Kennedy, Kruschev, Castro and the 1962 Crisis*. Ivan R. Dee, 1997.
- WYDEN, Peter. *Bay of Pigs: The Untold Story*. Simon & Schuster, 1979.
- YOUNG, Allen. *Gays under the Cuban Revolution*. Grey Fox Press, 1981.

### **Fontes oficiais do governo americano**

- Office of Research & Policy. Radio Martí Program and Voice of America United States Information Agency. *Cuba Annual Report: 1990*. New Brunswick, N.J., 1991.
- U.S. Department of State. *Foreign Relations of the United States, 1958-1960, Vol. VI: Cuba*. Washington: U.S. Government Printing Office, 1991.
- U.S. Department of State. *Foreign Relations of the United States, 1961-1963: American Republics, Vol. XII*. Washington: U.S. Government Printing Office, 1996.
- U.S. Department of State. *Foreign Relations of the United States, 1961-1963: Kennedy-Kruschev Exchanges, Vol. VI*. Washington: U. S. Government Printing Office, 1996.
- U.S. House of Representatives, Committee on Foreign Affairs. *U.S. Response to Cuban Government Involvement in Narcotics Trafficking and Review of Worldwide Illicit Narcotics Situation*, 21 e 24 fev. 1984. Washington: U.S. Government Printing Office, 1984.
- U.S. House of Representatives, Committee on Foreign Affairs. *Castro-Communist Subversion in the Western Hemisphere*, fev./ mar. 1963. Washington: U.S. Government Printing Office, 1963.
- U.S. House of Representatives, Committee on Foreign Affairs. *Impact of Cuban-Soviet Ties in the Western Hemisphere*, 25 e 26 abr. 1979. Washington: U.S. Government Printing Office, 1979.
- U.S. House of Representatives, Committee on Foreign Affairs. *Cuban Involvement in International Narcotics Trafficking*, 26 e 27 jul. 1989. Washington: U.S. Government Printing Office, 1989.
- U.S. House of Representatives, Committee on International Relations. *U.S. Trade Embargo of Cuba*, maio/set. 1975. Washington: U.S. Government Printing Office, 1976.

- U.S. House of Representatives, Committee on the Judiciary. *Soviet, East German and Cuban Involvement in Fomenting Terrorism in Southern Africa*, nov. 1982. Washington: U.S. Government Printing Office, 1982.
- U.S. House of Representatives, Committee on the Judiciary. *The Role of Cuba in International Terrorism and Subversion*, 26 fev., 4, 11 e 12 mar. 1982. Washington: U.S. Government Printing Office, 1982.
- U.S. House of Representatives, Committee on the Judiciary. *Mariel Cuban Detainees: Events Preceding and Following the November 1987 Riots*, 4 fev. 1988, Serial no 97. Washington: U.S. Government Printing Office, 1989.
- U.S. House of Representatives, Committee on Ways and Means. H.R. 2229, Free Trade with Cuba Act, 17 mar. 1994. Washington: U.S. Government Printing Office, 1994.
- U.S. Senate, Committee on the Judiciary. *Cuba as a Base for Subversion in America*, 8 fev. 1963. Washington: U.S. Government Printing Office, 1963.
- U.S. Senate, Committee on the Judiciary. *The Tricontinental Conference of African, Asian, and Latin American Peoples, 1966*. Washington: U.S. Government Printing Office, 1966.